



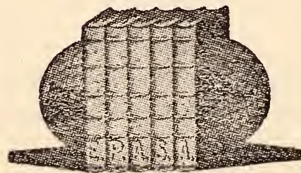
AGOSTINHO

HUBERTO ROHDEN



AGOSTINHO

(UM DRAMA DE HUMANA MISÉRIA
E DIVINA MISERICÓRDIA)



EDITORA PAN AMERICANA S.A.
Avenida Rio Branco, 25 — Rio

NIHIL OBSTAT

Santa Maria, 3 de julho de 1942

P. FREDERICO DIDONET, censor

IMPRIMATUR

Santa Maria, 4 de julho de 1942

† ANTONIO REIS, Bispo de Santa Maria

Composto e impresso, em 1942, no Est. Gráf. J. Borsoi Jr. (Rio)
para a Editora Pan-Americana S. A.

QUE DIZEM DESTE LIVRO OS COMPETENTES

"Acabo de ler, de um só fôlego, o grandioso livro AGOSTINHO.

Estou simplesmente encantado! E' um livro que se lê como um romance, e ao mesmo tempo enche a alma de intensa satisfação e proveito espiritual.

Vai revolucionar o Brasil!

E' um livro que fará converter muitos pecadores, católicos e não católicos.

Muitos dos modernos terão em Agostinho o "seu santo" a imitar — e um santo que "pode" ser imitado.

Abençoada seja a mão que tais páginas escreveu!

Quanta filosofia, quanta psicologia neste livro!

Será o precioso companheiro de todo o homem ilustrado.

Por este livro há de entrar a redenção para muitos intelectuais do nosso país

Vai, pois, livro, vai por este Brasil em fora, dar esperança aos desiludidos, luz aos que tacteiam nas trevas!"

(Do prefácio escrito para este livro por Monsenhor Ricardo Liberali, Vigário Geral da Diocese de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, em 4 de maio de 1942).

REALIDADES ESPIRITUAIS

Quando, ha pouco, publiquei o meu livro "Paulo de Tarso", não tinha a intenção de tecer o panegirico do grande bandeirante do Evangelho; queria antes cantar a apoteose daquele por amor do qual viveu, lutou e morreu o convertido de Damasco.

Hoje, lançando á publicidade esta obra "Agostinho", tambem não pretendo propriamente exaltar o eximio luzeiro do Cristianismo, mas antes enaltecer o poder daquele que do abismo o chamou ás alturas.

Celebrar os primores da luz solar não é senão exaltar o grande astro que tamanhas maravilhas produziu.

Paulo, ferrenho defensor do formalismo ritual da lei mosaica, Agostinho, apaixonado cultor do materialismo sensual — se esses preclaros espiritos e autenticos representantes da sua escola encontraram no Cristianismo o supremo ideal da sua vida, a força unica nas suas lutas, a serena consolação na morte, prova é de que vive no Cristianismo uma estupenda realidade espiritual. Realidade superior a todas as potencias, superior a toda a sedução da carne e do sangue. Pois não ha poder maior que o fanatismo religioso e o sensualismo carnal.

Se Paulo imolou o seu ardente farisaismo sobre a ara sagrada da cruz do Golgota; se Agostinho ofereceu sobre o altar do Evangelho da pureza o holocausto das suas paixões impuras — então nenhum homem tem o direito de

pensar ou dizer que o Cristianismo seja apenas uma bela teoria, uma mumia inerte, um fóssil de tempos pre-historicos, ou uma religião para um pequeno grupo de almas piedosas e segregadas da vida real. Não, não tem esse direito! O Cristianismo, assim como brotou dos labios e da alma de Cristo, é a mais estupenda realidade espiritual, não só no primeiro seculo, mas em todos os seculos da historia — tambem no século vinte...

Paulo e Agostinho juraram bandeira ao Evangelho precisamente no apogeu de sua pujança fisica e intelectual, entre 30 e 40 anos de idade...

Mas essa força divina que vive e palpita no Cristianismo só atua na alma humana quando ele é tomado na sua plenitude, tal qual existe nas paginas lapidares do Evangelho, escrito por Mateus, Marcos, Lucas e João.

O Cristianismo total, o Cristianismo a 100 porcento, o Cristianismo virgem, o Cristianismo de Cristo e de sua Igreja — só este é que tem o poder de criar herois de sobrehumana grandeza; só este encerra a divina energia de arrasar todas as potencias adversas e fazer despontar dentro da alma um novo universo de realidades espirituais.

E no centro deste cosmos está, como foco de luz e de energias, o "mandamento maximo" do divino Mestre: o amor de Deus manifestado em humana caridade. Todo e qualquer outro Cristianismo, que desloque do centro e passe para a periferia este sol do sistema planetario evangelico, provoca funestos cataclismos no universo cristão, porque desequilibra as forças cosmicas e perturba a harmonia sideral do Cristianismo.

Se jamais a cristandade pecou contra o Cristianismo, então o seu pecado consiste em lhe ter arrancado a alma, em ter tirado do centro a grande, a sublime, a suprema lei do amor de Deus e do proximo. E este pecado

dos pecados não é compensado por nenhuma outra "virtude", por nenhum tentame de transferir, da periferia para o centro, algum outro preceito, por mais importante, sublime e divino que pareça. Ou aceitamos o Cristianismo tal qual ele brotou da alma do divino Mestre — ou não professamos o Cristianismo de Cristo. Podemos, sim, engendrar um cristianismo ao nosso gosto e talante, um cristianismo *ad usum Delphini*, um cristianismo "condicionado", um cristianismo do oriente ou do ocidente, um cristianismo antigo, medieval ou moderno — mas, se assim fizermos, tenhamos ao menos a sinceridade de dizer aos homens que esta nossa descoberta, se é cristianismo, não é O CRISTIANISMO, e não cometamos a detestavel perfidia, o abominavel sacrilegio de querer impingir ao mundo o nosso cristianismo subjetivo, como sendo o CRISTIANISMO DE CRISTO.

Se algo existe pelo qual possa o homem viver e trabalhar, lutar e sofrer, satisfeito e feliz, então é o Evangelho da redenção e do amor, que o divino Mestre espargiu pelas terras da Palestina e mandou levar até aos confins do universo, sob a vigilancia da competente. autoridade.

Depois do homem-Deus, nunca mais existiu homem que em si personificasse integralmente a alma do Cristianismo. Mas, graças a Deus, nunca faltaram cristãos, nesses quase vinte seculos, que atingissem elevado grau daquele espirito que vive e palpita nas páginas lapidares do Evangelho.

Paulo de Tarso, depois de ver em ruinas o seu mosaismo farisaico, podia, de conciencia tranquila, afirmar: "Já não vivo eu — Cristo é que vive em mim... A minha vida é Cristo, e morrer me é lucro... Em face do inexcedivel conhecimento de meu Senhor Jesus Cristo, considero como lixo todas as grandezas do mundo".

Agostinho, após a derrocada do seu orgulhoso paganismo e o fastio dos seus amores sensuais, arranca das profundezas d'alma este grito de naufrago lançado á praia: "Quão tarde te amei, ó antiga e sempre nova Formosura, quão tarde te amei!... fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração até que em ti descanse".

Paulo e Agostinho, ainda que de indole completamente diversa, envidaram esforços supremos para concretizar em sua vida real a luminosa essencia do Cristianismo. E nós, seus irmãos de fé e de ideal, fazemos bem em lhes seguir os vestigios, na jornada ascensional da nossa quotidiana cristianização.

O filho de Monica é discipulo espiritual do grande Tarsense, tanto assim que uma epistola paulina lhe deu o ultimo impulso para a conversão definitiva, e durante toda a vida foi Agostinho devotado amigo do intrepido bandeirante do Evangelho. Mas, tanto na conversão como em sua subsequente atividade apostolica, dificil seria encontrar pontos de contacto entre ele e a pessoa de Paulo. Um e outro, o asiata e o africano, o ex-israelita e o ex-gentio, ambos levaram a serio, muitissimo a serio, o Cristianismo; por ele viveram, por ele lutaram e morreram. Mas em cada um desses cristais se reflete diversamente a "luz do mundo que ilumina todo o homem que vem ao mundo". Não deixa o vermelho de ser luz genuina pelo fato de não ser verde ou azul, uma vez que é filha do mesmo raio solar, branco, incolor, sintese e plenitude de todas as cores da irisante faixa septicolor. Todo o cristão sincero é um reflexo autentico do grande foco divino que despontou sobre a humanidade; mas cada cristão representa necessariamente o sol do Cristianismo através do prisma particular do seu carater, do seu genio, da sua educação, do ambiente em que viveu, das ideologias que lhe plasmaram a inteligencia e o coração e o colocaram numa determinada perspectiva para contemplar o sol da revelação cristã. Só Cris-

to é o sol, a luz integral. O conjunto de todas as cores e cambiantes esparsos pelas almas cristãs é que representa a luz solar completa, o "corpo mistico" do Redentor, a Igreja milenar.

Contemplar, estudar, analisar o cristianismo deste ou daquele discipulo sincero do Nazareno contribue grandemente para formar idéia mais perfeita do próprio Cristo.

O Cristianismo é um organismo espiritual ao mesmo tempo *rijo* e *elastico*. A sua rijeza lhe garante, á luz da providência e da autoridade divinamente constituida, resistencia vitoriosa contra todas as impugnações das hostes adversas. A sua elasticidade lhe assegura perfeita adaptabilidade a todo e qualquer ambiente historico e ideologico, sem sacrificio do cunho característico do seu espirito.

Se faltasse ao Cristianismo a necessaria rijeza, correria perigo — humanamente falando — de ser destruido.

Se lhe faltasse a devida elasticidade, acabaria por se isolar como um quisto inerte no meio dum mundo vivo e em continua evolução; deixaria de ser uma religião viva e actual, desaparecendo no museu dos fósseis ou da arqueologia.

Dificil seria encontrar na história do Cristianismo primitivo homem que tão perfeitamente como Agostinho tenha simbolizado em sua pessoa essa rijeza elastica da religião cristã. Mesmo Paulo de Tarso não representa tão harmonicamente essa admiravel sintonização de dois elementos, á primeira vista antagonicos e inconciliaveis. No apostolo Paulo prevalece o primeiro elemento sobre o segundo, devido á sua educação israelita e ás circunstancias em que se desenrola a sua vida.

Todo o organismo sadio e dotado de suficiente vitalidade assimila, das substancias que recebe, apenas aque-

les elementos que harmonizam com a indole peculiar do seu principio vital especifico, repelindo ou eliminando ao mesmo tempo as substancias heterogeneas e inaptas para servirem de material de construção.

Organismo doentio ou decrepito isola-se, recusa-se a receber elementos estranhos, porque não se sente com forças suficientes para incorporá-los no seu proprio Eu. E assim vai enfraquecendo, perdendo a primitiva elasticidade e acabando por se petrificar na inercia da sua rigidez fossilizada.

Todos os periodos de intolerante repulsão de idéias alheias teem sido tempos de estagnação ou decadencia espiritual — ao passo que todas as epocas assinaladas por uma intrepida e corajosa assimilação de elementos novos e bons teem sido tempos de expansão e fecunda prosperidade.

Os regimes politico-sociais de quase todos os paises do globo convenceram-se, nesta primeira metade do seculo vinte, de que sua vida e prosperidade dependem da assimilação de idéias novas, idéias que em vão procurariamos nas legislações dos seculos transatos. Quem teria pensado em 1900 que, dentro de poucos decenios, os paises mais acentuadamente tradicionais e capitalistas criassem leis em que palpita elevada dose de espirito socialista? Foi o proprio instinto de conservação que tal modificação produziu, porquanto essa criteriosa socialização de antigos regimes capitalistas e ultra-capitalistas era a unica possibilidade de preservar do comunismo destruidor a propria sociedade. É o evolucionismo no terreno social. Ou adaptar-se — ou perecer. Ou assimilar o assimilavel — ou definhar por falta de intuscepção organica. A injeção de um socialismo sensato e construtor era o unico meio de vacinar eficazmente o organismo social e imunizá-lo contra o virus letal de um comunismo destruidor, como se vê

á luz das enciclicas "Rerum Novarum" de Leão XIII e "Quadragesimo anno", de Pio XI.

Muitas vezes, as lições que recebemos na escola dos nossos inimigos nos são mais proveitosas do que as que nos ministram os amigos. O inimigo conhece, geralmente, melhor as nossas fraquezas, e, sobretudo, tem a sinceridade para dizê-las com o verdadeiro nome. Sempre é preferivel a verdade austera á mentira blandiciosa.

Ora, o que o mundo politico-social está realizando, com inteligente previdencia, não o poderiamos realizar tambem, dentro das devidas normas, no seio da nossa vida religioso-espiritual? Não seria possivel harmonizar a tradição com a evolução, como aliás, em muitos pontos se está fazendo?

Porque não poderia o católico do seculo 20 aceitar a ideologia do maior luminar da igreja do 4.º e 5.º seculo? Porque não revestiriamos de trajos novos as verdades antigas? não dizia isto mesmo o divino Mestre? Porque proporiamos aos intelectuais da hodierna sociedade as verdades do Cristianismo como se eles fossem crianças de catecismo, ingenuas, sem nenhuma autonomia espiritual?

Mas, o fato de nos aproveitarmos da ideologia dos nossos inimigos e com ela enriquecermos as nossas proprias idéias, já supõe notavel elasticidade de espirito e grande plenitude de personalidade. O espirito fraco, tacanho, mal-seguro de si mesmo, procura a salvação da suas idéias em fanaticas e intolerantes afirmações, num absoluto e incondicional repudio de toda e qualquer mentalidade que delas pareça destoar ou a elas repugnar.

O espirito largo e sensato é inclusivista — o espirito acanhado e tolo é exclusivista. Este só enxerga erros e absurdos para além das fronteiras da propria verdade — aquele procura "a verdade dentro do proprio erro".

Esta frase caracteriza admiravelmente o espirito de santo Agostinho.

É rara a verdade integral — como raro é tambem o erro total. Verdade a 100% — só em Deus mesmo e na igreja assistida pelo seu espirito. Erro a 100% — só lá onde expira a ultima centelha da divindade. Mas onde seria isto? Quem teria a temeridade de traçar categoricamente linha divisoria entre a verdade integral e o erro absoluto?

Em face disto se compreende a serena tolerancia e carinhosa indulgencia de todos os espiritos superiores. Sabem eles, com Paulo de Tarso, que "imperfeito é o nosso conhecer, imperfeito o nosso profetizar". Sabem que o nosso atual saber não é luz meridiana nem treva de meia-noite, mas uma semi-luz crepuscular.

Agostinho, depois de abraçar sinceramente o Cristianismo, nunca deixou de se aproveitar de todos os elementos assimilaveis que o paganismo e a dissidencia lhe forneciam.

Nem se arreceiava de descer ás profundezas do universo e arrancar das trevas do incognito idéias novas e, por vezes, desconcertantes. Quase 15 seculos antes de aparecer Darwin e sua escola, já defendia Agostinho o Evolucionismo e expunha essas idéias geniais nas suas obras. Fala dum "universo em germe". Afirma afoitamente que o texto biblico: "Deus criou tudo de uma vez" significa que "naquele unico ato estava encerrado tudo quanto existe no universo, não sómente o céu, com o sol, a lua e as estrelas; não sómente a terra e os abismos, mas tambem tudo quanto se ocultava na força germinadora dos elementos, antes que, no decurso dos periodos cosmicos, se desenvolvesse, assim como está visivel diante de nós. Por conseguinte, a *obra dos seis dias* (hexaemeron) não significa uma *sucessão cronologica,* mas uma *disposição logica.* Tambem o homem faz parte daquela criação em germe. Deus o *criou* assim como criou a erva antes que ela existisse" (De Genesi ad litteram).

Criar um ser antes que ele exista é criá-lo implicitamente, em germe, antes que exista explicitamente, em forma definitiva. Isto é puro evolucionismo. Professar idéias tão avançadas, na obscuridade do 4.º e 5.º seculo, no meio do ambiente teologico que de tal jamais cogitara, é prova de inaudita coragem e liberdade de espirito. Não terá o velho e sisudo São Jeronimo, lá na sua caverna de Belem, meneado a cabeça, ao ler tão estratosfericas ideologias de seu colega africano?

Ha quem considere os tres decenios de paganismo e maniqueismo de Agostinho como simples produto do seu veemente sensualismo, e, de fato, quem leu apenas a sua auto-biografia juvenil "Confessiones", facilmente fica com esta idéia imperfeita e unilateral. Entretanto, quem estuda com atenção as dezenas de obras do grande pensador; quem habitua os olhos do espirito á meia-luz das entrelinhas e das reticencias; quem consegue entre-ouvir os quase imperceptiveis ecos de certos pensamentos apenas indigitados — acaba por se convencer de que a mais renhida luta de Agostinho não foi a do espirito contra a carne, mas, sim, o doloroso conflito entre *autonomia* e *autoridade*. E é tambem esta a ultima e mais angustiosa de todas as tragedias espirituais que converte num horroroso campo de batalha a vida intima de muitos grandes pensadores da humanidade.

Quanto mais o homem pensa, tanto mais se acentua a autonomia da sua personalidade, tanto mais precisa e nitidamente se destaca dos contornos a efigie do seu proprio Eu, tanto mais se cristaliza em faces rigorosamente definidas o prisma do seu ser especificamente humano. O homem obtuso, o homem mediocre, que mais vegeta que vive, que antes sente que pensa, esse homem é, por assim dizer, um semi-Eu, um ser apenas semi-conciente da sua propria personalidade; e porisso mesmo não tem a con-

ciencia integral da sua liberdade e autonomia espiritual. Mas o homem habituado a projetar o holofote concentrado da sua inteligencia nos abismos do macrocosmo circunjacente e do microcosmo interior, esse homem se torna aos poucos um pleni-Eu, um Ser pleni-conciente da sua personalidade e do valor real dessa personalidade. Atinge, por isso mesmo, o apogeu da autonomia personal.

A autoridade, porém, exige obediencia, sujeição, não a razões conhecidas, mas simplesmente a uma ordem recebida. Pode esta ordem coincidir com a razão conhecida, mas pode tambem não coincidir, pode até, pelo menos aparentemente, contradizer á mesma. Neste ultimo caso, arma-se um conflito entre autonomia e autoridade. O triunfo desta é necessariamente a derrota daquela, e viceversa.

Agostinho, dono duma poderosa inteligencia e dotado de forte senso de personalidade, não podia deixar de sentir em si uma intensa autonomia personal. E foi precisamente este anseio de liberdade intelectual, dentro do ambiente cristão, que o levou a abraçar o maniqueismo, cristianismo racionalista, no qual viveu nove anos.

E, no entanto, encontramo-lo, mais tarde, estrenuo defensor da autoridade, e não apenas defensor teorico, senão tambem cumpridor real de mandatos superiores.

Como se harmonizam nele a autonomia e a autoridade? e, antes de tudo, que foi que o levou a admitir o que parecia destruir a sua autonomia personal? Será que um homem tão personal como Agostinho se despersonalizou? que imolou sobre a ara da autoridade a sua liberdade e independencia espiritual?

É precisamente aqui, no supremo zenite da sua intensidade, que o drama dessa grande alma atinge o mais profundo nadir da sua angustia espiritual. Quem não segue a Agostinho para a meia-noite dessa agonia interior não conhecerá jamais o verdadeiro autor de "Confessiones" e "De Civitate Dei". Quem soube coadunar numa grande

síntese essas duas anti-teses — autonomia e autoridade — e sobre ela construir a tese do seu cristianismo total, devia possuir dentro do Eu poderosas energias construtoras.

Se o homem fosse apenas inteligencia, razão pura, talvez faria alto na sublime eminencia dessa excelsitude, no supremo pinaculo e ultimo alcantil da sua ascensão racional, independente, autonoma, onde o rochedo desce em linha vertical para um abismo sem fundo. Lucifer, inteligencia pura, parece ter seguido esta filosofia autonomista.

Mas... o homem é, antes de tudo, um faminto de amor, um sequioso de felicidade, um Ser totalitario que não descansa numa realização parcial, mas suspira pela realização completa, integral, definitiva da sua personalidade.

E o centro da sua personalidade diz beatitude.

E o talisman desta beatitude se chama amor.

Se a autonomia, potencializada ao infinito, pudesse dar essa beatitude do amor, seria Agostinho, certamente, o maior revolucionario e o mais violento demolidor da autoridade. Mas ele era por demais inteligente para não perceber que o desejo de desenfreada autonomia acabaria fatalmente por levá-lo a gelidas alturas, aos solitarios glaciares duma orgulhosa liberdade pessoal, porém nunca ao ardor suave duma comunhão de almas, a uma assembléia de espiritos, a uma igreja de filhos de Deus...

Nem só de idéias vive o homem — mas tambem de ideais...

Nem só da inteligencia — mas tambem do coração...

E Agostinho, sempre mais platonico que aristotelico, sob o impulso do coração, subordinou a autonomia á autoridade. Não sacrificou o seu Eu, não abdicou da personalidade, mas disciplinou-a, pô-la ao serviço da comunidade. Associou o *Eu* a um *Tu*, e assim, em comunhão de idéias e ideais, seguiu as diretivas de um *Ele* — e origi-

nou-se a grande sinfonia do *Nós*... "Onde quer que dois ou tres estiverem reunidos em meu nome, alí estarei eu no meio deles"...

Assim foi que Agostinho, depois de renunciar ao amor humano e puramente natural, apaixonou-se por um outro amor, sobrehumano; e, como ao primeiro amor, feminino, consagrara as energias da sua ardente mocidade, assim dedicou ao ultimo amor, divino, todas as potencias da sua luminosa personalidade.

Depois das "Confessiones" não se percebe mais, nas obras do grande africano, a revolta da carne contra o espirito; mas continuam, através de todos os seus escritos, até ao ocaso da vida (76 anos), os gemidos da inteligencia, mantida em prudente sujeição pela vontade. E estes gemidos só expiraram no dia e na hora em que a autonomia e a autoridade se fundiram na grande e eterna sinfonia da Divindade.

Toda fecundidade espiritual, todo o enriquecimento interior, nasce invariavelmente de um problema, de uma problematica, de um conflito de contrastes que reclamam harmonização. É por isto que todos os grandes feitos do espirito são filhos duma profunda e dolorosa tragicidade. E os grandes homens são quase sempre martires da sua propria missão. As almas estaticas, planas, calmas, sem tenebrosos abismos nem luminosas alturas, sem dinamica, nem paixões, essas almas são, geralmente, infecundas, estereis porque são almas sem alta-tensão, sem potencialidade, sem a necessaria voltagem para provocar grandes movimentos no cosmos dos espiritos ou da sociedade, e muitas vezes servem de entrave aos espiritos superiores em suas grandes realizações.

Com a extinção do fator "problema" estaria estancada a fonte perene das energias vitais da humanidade.

Da força centripeta da atração, contrabalançada pela força centrifuga da repulsão, nasce a harmonia do universo. A grande sinfonia cosmica é filha de duas energias contrarias sabiamente harmonizadas. Semelhantemente, da potencia centripeta do egoismo autonomista e da potencia centrifuga do altruismo da obediencia nasce a beleza espiritual, sintonização de contrastes interiores.

*

*   *

Milhares de apologias do Cristianismo teem sido escritas desde que, no 2.º seculo, Justino Martir e Quadrato exibiram ao imperador Hadriano a defesa dos Evangelhos; mas nenhuma dessas apologias verbais equivale á apologia real que, segundo os Atos dos Apostolos, era a caridade fraterna dos cristãos do primeiro seculo.

Agostinho, como cristão sincero, não podia deixar de colocar no centro da sua vida a alma do Cristianismo, a *caridade*.

"Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos tenho amado... por isto ha de o mundo conhecer que sois discipulos meus: em vos amardes uns aos outros".

"Se eu falasse a lingua dos homens e dos anjos, mas não tivesse a caridade, não passaria dum metal sonoro e duma campainha a tinir. E se eu possuisse dom da profecia, se penetrasse todos os misterios, se tivesse todos os conhecimentos, se possuisse uma fé capaz de transportar montanhas, mas não tivesse a caridade — nada seria. Se distribuisse aos pobres todos os meus haveres, se entregasse o meu corpo á fogueira, mas não tivesse a caridade — de nada me aproveitaria isto. A caridade é paciente, a caridade é benigna, a caridade não é ciumenta, não é ambiciosa, não é enfatuada, não é orgulhosa, não é interesseira, não se irrita, não guarda rancor, não folga

com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre — a caridade não acaba jamais... Por ora ficam a fé, a esperança e a caridade, estas tres — a maior delas, porém, é a caridade"...

É por estas palavras do divino Mestre e de seus grandes discipulos que o verdadeiro cristão orienta a sua vida.

Agostinho, o "doutor da graça", como é chamado, bem podia apelidar-se "doutor da caridade". Uma vez que abraçara o Cristianismo, queria, antes de tudo, abraçar a alma do Cristianismo. Pois de que lhe serviria um Cristianismo sem alma? um Cristianismo-cadaver? um Cristianismo-esqueleto? um Cristianismo-fossil? um Cristianismo-mumia?... Cristianismo ao qual faltasse o "mandamento maximo", o "novo mandamento" do divino Mestre, o seu testamento, a sua ultima vontade — esse Cristianismo não passaria de semi-cristianismo, ou antes pseudo-cristianismo. Por demais pesado tinha sido o sacrificio que Agostinho fizera, para não receber em troco apenas um cristianismo parcial. Só um cristianismo integral é que lhe encheria o vacuo imenso que na alma lhe deixara a completa e definitiva renuncia ás satisfações da sua vida pagã e sensual.

O que Agostinho escreveu sobre o amor de Deus manifestado em humana caridade é o que ha de mais belo, profundo e sublime em toda a literatura cristã, depois da palavra divina das Escrituras. E ele vivia as suas idéias. E como poderia um homem viver o amor de Deus sem viver a caridade do proximo? como se poderia amar a Deus em pessoa sem amá-lo tambem em efigie? "Façamos o homem á nossa imagem e semelhança!"...

A verdadeira caridade é a mais dificil de todas as virtudes. É a virtude dos herois, das almas perfeitas, o "vinculo da perfeição", no dizer de São Paulo. Entrarão na "vida eterna" — diz Jesus — tão sómente os filhos da caridade, e irão para o "suplicio eterno" todos os

filhos da descaridade. A caridade ou descaridade que fizermos ao "menor de seus irmãos", a ele mesmo é que a faremos. A ele em pessoa. Famintos, sequiosos, nús, presos, doentes, homens sem patria nem lar, vitimas dos tormentos do corpo e dos martirios do espirito — são estes os "menores" dentre os irmãos de Jesus. É, pois, necessario amar a suprema perfeição divina na infima imperfeição humana. E' necessario divisar através da mais abjeta escoria da humanidade os mais puros fulgores da Divindade. De tamanho heroismo só será capaz o homem integralmente cristão, o homem que, divinizado pelo Evangelho, incinerou o proprio Eu na pira sagrada do amor de Deus, o homem que fez de si mesmo voluntario e irrevogavel holocausto á Divindade.

Agostinho, que, de experiencia propria, sabia o que era amar humanamente, sabia tambem amar cristãmente. Nas paredes do seu refeitorio em Hipona mandou gravar, em caracteres enormes, uma legenda que a todo e qualquer hospede proibia severamente a menor alusão descaridosa a pessoas ausentes.

Na encarniçada luta contra maniqueus, donatistas, pelagianos e arianos, nunca deixou de se guiar pelo classico lema: "Guerrear os erros e amar os errantes."

A sua celebre divisa "descobrir a verdade mesmo no erro" nascia do sincero desejo de poupar o mais possivel o adversario e crer na sua boa fé, enquanto fosse possivel.

Se é possivel, em nossos dias, uma recristianização do individuo e da sociedade, só será possivel sobre a base da caridade.

"Agora permanecem a fé, a esperança, a caridade, essas tres — a maior delas, porém, é a caridade" (1 Cr. 13,13).

Rio de Janeiro — Caixa Postal 831

O AUTOR.

PRIMEIRA PARTE

LUTAS E VITORIAS DE AGOSTINHO

1. — REVOLUCIONARIO DA CARNE E DO ESPIRITO

Distanciado de nós por nada menos de 15 seculos, é Agostinho um dos mais modernos luminares do Cristianismo.

E' um dos santos mais "humanos". É bem "nosso".

Ambrosio, talvez, arrebatasse com os fulgores da sua eloquencia o espirito do genial esteta de Tagaste, mas não atingiu a alma do pagão sensual de Cartago.

Tomás d'Aquino, sereno intelectualista, coração castamente afetivo, se fôra contemporaneo de Agostinho, teria sido para a carne rebelde e a psique revolucionaria do filho de Monica uma grandiosa esfinge, um fenomeno que se admira, estupefacto, mas que não se compreende e do qual não se espera solução para os intimos e dolorosos problemas da vida.

Grande é a afinidade do espirito de Agostinho com o de milhares de homens do presente seculo, tão grande que lhe dá uma perene modernidade.

Agostinho tem isto de peculiar: 1) é um homem dotado de extraordinaria agudeza de espirito e intensa vibração psiquica, 2) esse homem é duma veemente sensualidade, 3) e este mesmo homem, inteligente e sensual, é eminentemente espiritual, metafisico, mistico.

Tantos paradoxos — num só Eu...

Ha homens, e muitissimos, que não conseguem libertar-se do demonio da luxuria, mas não são de forma alguma sibaritas vulgares, profanos gozadores, incréus do mundo espiritual e divino. Antes pelo contrario, em virtude de não sei que estranho principio de polarização psiquica, quanto mais certos homens sentem a tirania da carne, tanto mais se lhes acende na alma a nostalgia dum mundo de pureza e espiritualidade.

Quanto mais se degradam a zagais de imundos suinos, desejando "encher o estomago com as vagens dos porcos", tanto mais vívido lhes surge na alma o pensamento da casa paterna...

Parece que este fenomeno se repete todas as vezes que o ardor da carne vai de mãos dadas com o fulgor da inteligencia.

E' possivel que um homem simplesmente carnal, um homem-animal, um homem-corpo seja pelo sorvedouro da luxuria arrastado ás tenebrosas regiões do materialismo ateu; que não sinta mais na conciencia embrutecida o delicado heliotropismo da luz divina, as saudades do espirito, porque lhe falta a necessaria claridade intelectual para iluminar o vasto sub-solo da sua infima animalidade.

Com o homem inteligente, porém, se dá, em geral, outro fenomeno; quanto mais goza, mais infeliz se sente. É um filho prodigo que, cercado de imundas manadas a fartar-se gostosamente do grosseiro bagaço dos seus apetites, não consegue fazer-se suino tambem; não se joga ao meio dos brutos; não lhes arrebata o sordido repasto para com ele saciar os seus apetites, *ut impleret ventrem suum*, como diz tão enfaticamente o texto sacro.

Bem podia esse desditoso pegureiro nivelar-se aos irracionais, fartar os seus desejos do mesmo modo que eles e viver em paz, na pacifica narcose dum total embrutecimento.

Mas... anda por aí estranho misterio, que lhe veda essa infeliz felicidade.

A sua inteligencia, luminosa centelha da Divindade, opõe invencivel barreira a esse definitivo afundamento no charco. Defende-se a celeste fagulha da melancolica extinção no putrido lamaçal da carne pecadora. Recusa ao homem a satisfação da sua fome sensual...

É esta a gloriosa tragedia do homem: não poder ser bruto integral.

Não poder matar com o repasto dos irracionais a fome do espirito.

Ter de sentir a fome do desejo e o fastio do gozo.

Suportar dentro do mesmo Eu o doloroso drama de dois Eus...

Não poder narcotizar a nostalgia da alma com o entorpecente da luxuria...

Ser um eterno Tantalo suspenso entre dois mundos, o mundo da materia e o mundo do espirito...

O que talvez possa o homem boçal não o consegue o espirito inteligente.

Brada a carne com despotica veemencia o imperativo dos seus instintos: goza! goza! goza!...

Ergue o espirito o facho da inteligencia e ilumina as ignotas regiões da verdade, onde brilha a legenda: Pensa! pensa! pensa!...

Ah! se o homem fosse simples animal, encontraria paz e sossego no gozo dos prazeres sensitivos.

Se o homem fosse puro espirito, encontraria definitiva quietação na fruição das puras delicias da verdade.

Mas, como ele é um ser mixto, uma ponte entre dois mundos, suspenso entre o céu e a terra, anjo e animal — sente-se este pobre Tantalo sempre atraido e sempre repelido, sempre arrastado á terra pela carne e sempre arrebatado ao céu pelo espirito...

Daí o seu estado de eterna insatisfação, a sua dilacerante inquietude, a soluçante nostalgia de sua alma. Daí a possibilidade de ser o homem, hoje um satan de abjeta luxuria, e amanhã um serafim de excelsa espiritualidade. Daí este paradoxo dos paradoxos, de poder o homem ser, de alguma forma, um anjo e um demonio — um "serafico satan" e um "satanico serafim", se assim se pode dizer.

O homem — "esse desconhecido"...

As naturezas pacatas, sem paixões violentas nem aspirações extremas, esses eunucos ou semi-eunucos do corpo ou do espirito, não compreendem esses revolucionarios e detestam-nos como homens sem religião nem moral — quando muitos desses "seraficos satans", dilacerados de pungentes desharmonias, podem possuir mais religião do que certas "almas piedosas" que nunca sentiram em si as tempestades da carne nem os relampagos do espirito...

Quando, certo dia, o inteligente e castissimo Rabi da Galiléia, se encontrou, em casa do fariseu Simão, com duas almas, uma, calma como a monotonia de arenosa planicie, e outra, inquieta como um mundo rasgado de terremotos e negros precipicios — então simpatizou o espirito do Nazareno com a inquietude dinamica da pecadora de Magdala, e antipatizou com a quietude estatica do doutor da lei.

*

* *

Deste entrechoque da carne e do espirito, desta eterna luta dos abismos de Satan e das excelsitudes de Deus, nasce então, no homem pensante, um quê de tristeza, um estado psiquico de carater indefinivel, estado que poetas e filosofos baldadamente teem tentado vasar em formulas concretas.

"Infeliz de mim! — exclamava um desses grandes lutadores — quem me libertará deste corpo mortifero?"...

O homem sente...

O homem pensa...

E deste sentir e pensar brota uma especie de querer, de amar, que por toda a parte esbarra com as estreitas paredes da propria insuficiencia.

Sente-se o homem convidado pelo sol da liberdade ás serenas alturas da pureza — e a cada tentativa fere as asas nas grades ferreas da sua prisão material...

E, com as asas da alma em chaga viva, recai á triste penumbra do seu impotente querer...

Sente-se esse homem como que exilado duma patria que nunca viu, abandonado de um amor que nunca viveu, atraido para um centro e ao mesmo tempo repelido para uma periferia, dilacerado por duas forças antagonicas que na arena de sua alma se degladiam em pavorosa peleja de vida e de morte...

Nenhum espirito pensante se sente feliz na lama — ainda povoada de sereias.

E surge então este inconcebivel absurdo: um homem profundamente sensual pode ao mesmo tempo ser um homem altamente mistico. A' luz da inteligencia, converteu-se-lhe a fisica em metafisica... Aos ardores do coração culminou a sua erotica em meta-erotica...

O profano, o leigo nesses misterios da vida humana me chamará irreverente, hereje, blasfemo, sacrilego — e tem razão, lá do seu ponto de vista.

E, no entanto, ha maior verdade nestes paradoxos do que em certas teses classicas da humana sabedoria.

Agostinho é o representante tipico do homem-carne e do homem-espirito.

E porque em nossos dias — como, aliás, em todos os seculos — ha muitos Agostinhos, por isso é que o estudante pagão de Cartago, o iluminado de Milão e o mistico

de Hipona atua sobre os homens como um conhecido, um amigo, um colega de lutas e sofrimentos, e quiçá de triunfos e vitorias.

Nunca talvez tenha existido um pecador tão saudoso de Deus como esse africano.

Nunca talvez um escravo da luxuria sentiu tão intensamente o anseio das coisas do espirito como esse gentio.

Ha entre os chamados "homens mundanos" muito maior numero de espiritos sinceros que procuram a Deus e sentem atração por Cristo do que os inexperientes querem admitir.

Ha quem admire apenas o Agostinho de Milão e Hipona — o cristão, o santo.

Não falta mesmo quem censure os autores que desenvolvem amplamente os tres decenios da vida pecadora desse pagão e resumem a atividade do cristão e do bispo.

Sou de parecer que o periodo que vai de Tagaste a Milão é tão cheio de lições para a alma como o que medeia entre Milão e Hipona.

Tanto me comovem as quedas e os surtos dum heroico lutador, quanto as vitorias dum glorioso vencedor.

O que mais tarde desenvolveu o cristão, nas paginas imortais das "Confessiones" e da "Civitas Dei", isto, é certo, já pre-existia em germe na alma do menino de Tagaste, do estudante de Madaura, do academico de Cartago.

Ninguem se torna o que não é, pelo menos em potência — e a graça de Deus não falta a ninguem.

Nenhum homem é no fim da sua evolução o que não era já, virtualmente, no inicio dessa metamorfose.

O germe só pode dar a plenitude que lhe dormia no seio, latente, porém real. E quanto maior é o destino do homem, tanto mais fiel deve ele ser a si mesmo, tanto mais firmemente deve manter o intimo quê da sua perso-

nalidade, a despeito de todas as agressões e adulterantes tentativas do ambiente.

O Eu do homem mediocre é como a argila — o Eu do homem superior é como o cristal. A argila não tem forma definida. Assume todas as formas do meio, todas as modalidades do recipiente. O cristal, porém, mesmo antes de aparecer em sua forma geometrica, já é o que vai ser: um ente de faces rigorosamente circunscritas, uma figura com tais arestas, tais faces, de tal côr — numa palavra: o corpo futuro do cristal já está pre-determinado pela alma presente nos seus atomos. Cada atomo de argila é argila, e, por isso mesmo, um ser amorfo, indefinido, sem caracter, sem alma, sem "personalidade" — ao passo que cada atomo do futuro cristal já é cristalino, preexistente virtualmente; tem carater, forma, alma, "personalidade".

A substancia da argila é susceptivel de toda e qualquer adulteração — a substancia do cristal é de absoluta fidelidade a si mesma; prefere não ser a ser o que não deve ser; prefere não se cristalizar de forma alguma a cristalizar-se em contradição consigo mesma.

Todo o homem mediocre é como a argila — todo homem superior é como o cristal.

Aquele é simples individuo — este, poderosa personalidade.

O maior serviço que o homem superior pode prestar á sociedade e á religião é ter a coragem de ser explicitamente o que é implicitamente — ainda que essa fidelidade ao proprio Eu seja quase sempre um "desastre" para o mundo em que vive, porque este homem é fatalmente um revolucionario, uma exceção da regra, uma anomalia — e o mundo das mediocridades dominantes não tolera semelhante injuria á sua rotina tradicional. O homem superior não se adapta a esses clichés, não quebra as suas proprias arestas cristalinas por amor á argila amoldavel;

não arredonda as suas faces; não adultera o seu Eu — outros tantos crimes em face duma sociedade de moluscos e invertebrados...

O homem-cristal dificilmente consegue ser um legitimo "ornamento da sociedade", porque é incapaz de entreter agradavelmente, por uma hora que seja, um grupo de homens-argila, divertir um salão de distintas damas e elegantes cavalheiros. As suas arestas destoam das banalidades convencionais. O seu carater rectilineo não se amolda ás curvilineas hipocrisias e bajulações sem as quais não subsiste a sociedade.

Entretanto, esse homem-cristal, pavoroso "desastre" para a sociedade, é o grande fator capaz de levar o mundo ao encontro de dias melhores.

O maior homem-cristal que já apareceu á face da terra foi pelos homens-argila declarado hereje e revoluto perigoso e inadaptavel. "Fora com ele! crucifica-o!"...

E tudo isto era pura verdade. Nunca existiu á face deste planeta maior "hereje", nem espirito mais revolucionario, nem homem mais inadaptavel às mentirosas convenções sociais do que aquele rabi de Nazaré.

E desde aquele dia, está o caminho dos homens-cristal margeado de forcas e fogueiras, de carceres e de cruzes...

Por mais inverosimil que pareça, é fato que Agostinho, depois daquelas vozes misteriosas em Milão, não deixou de ser o que era e o que sempre fôra: um homem empolgado por uma grande paixão. E, se assim não fosse, o presente seculo não conheceria sequer o nome do filho de Monica; porque todo o homem sem grande paixão é um homem votado ao esquecimento e á obscuridade, um homem nulo. Paixão é energia, é potencialidade. Maquina sem fogo — que pode ela prestar? Compete ao espirito-condutor lançar essa poderosa maquina sobre os devidos trilhos.

Mais nos interessa e aproveita presenciar a turbulenta e dramatica evolução duma grande personalidade do que assistir á calma placidez do termo final a que chegou.

Já se foi, graças a Deus, o tempo em que as biografias dos santos eram peças asceticas feitas para "edificação do piedoso leitor", excogitadas com o fim de exibir aos olhos do publico um santo caido do céu, em toda a sua plenitude e perfeição. Esses livros *ad usum Delphini* andam ainda nas mãos de certa classe de leitores de piedade dulçurosa e ficticia. Mas o homem da vida real não abre essas edificantes manufaturas asceticas, ou então fecha o volume no fim do primeiro capitulo, para nunca mais o abrir. Hoje em dia, já existem hagiografias que apresentam o heroi com todas as luzes e sombras, com todas as virtudes e vicios, um verdadeiro individuo humano no caminho ascensional da sua autentica personalidade.

Mais me interessa saber como um profano gozador se tornou um decidido espiritualista do que ouvir que nasceu santo e realizou tantas e tantas centenas de milagres.

Mais aproveito para a minha ascensão espiritual ao presenciar a fermentação dinamica dum caracter em vias de cristalização do que ao contemplar a tranquila estatica de um cristal já perfeitamente formado e de faces nitidamente definidas.

*

* *

Palpita em cada um de nós um Agostinho — um gentio e um cristão, um pecador e um santo, um sensual e um mistico.

Agostinho não é apenas um homem extraordinario. Ele é o simbolo da humanidade — dessa humanidade sem o Cristo, e dessa humanidade aos pés do Cristo.

Nele sintetizaram a natureza e a graça a historia do genero humano — e a historia intima de quase todos nós.

Agostinho é um paradigma para todos os homens de todos os tempos.

Mas é tambem um veemente apelo para as alturas.

A sua vida é a mais estupenda apoteose do poder da graça.

Esta mesma graça que do fero perseguidor de Damasco fez o intrepido apostolo Paulo, fez tambem do desbragado gozador de Cartago o iluminado mistico de Hipona.

Para um e outro vale o mesmo lema: "Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo nome de Cristo"...

É na escola do sofrimento que se formam os grandes arautos da Divindade.

Os herois do espirito.

Os homens seculares.

2. — AGONIA DUM GRANDE IMPERIO — UM LAR DESHARMONIZADO

Incide a vida de Agostinho num periodo historico estranhamente caotico sob todos os pontos de vista.

Baixavam sobre o Imperio Romano as primeiras sombras do crepusculo.

Ventos outonais arrebatavam da gigantesca arvore folhas amarelas, murchas, dispersando-as por todas as latitudes e longitudes do universo.

Todos os organismos, quer individuais, quer sociais, teem o seu nascimento, a sua evolução, atingem o apogeu da sua vigorosa vitalidade — e vão decaindo, decaindo, em virtude de leis inerentes á sua propria natureza, até desaparecerem da face da terra e cederem lugar a novos fenomenos.

Roma esgotava-se em orgias e bacanais.

Degladiavam-se em sangrentas guerras civis os chefes do Imperio.

Roia a medula da nação a gangrena da mais vergonhosa luxuria.

A aristocracia romana apodrecia, moral e fisicamente, nas salas de banquete e nos lupanares.

O povo explorado e gemendo sob o peso de tributos cada vez mais onerosos, esperava, impaciente, por uma ocasião para sacudir o jugo e vingar-se da tirania dos poderosos opressores.

Pelas vastas fronteiras do Imperio espreitavam Godos, Vandalos e Hunos, povos selvagens, semi-barbaros, porém cheios de audacia juvenil, porque repletos de natural sanidade; ansiosos, aguardavam o momento para pilhar os grandes centros do Imperio e arrasar uma civilização de longos seculos.

O mais funesto dos males, porém, era o paulatino estancamento dos mananciais da vida. Milhares de familias romanas eram desertos estereis, lares sem filhos, lindos recantos com todo o luxo e conforto da epoca, mas sem o alegre sorriso duma vozinha infantil — e que futuro pode esperar uma nação em cujo seio é maior o *deficit* da morte que o saldo da vida?...

Suicidava-se lentamente o gigantesco Imperio dos Cesares...

Tres seculos havia que o divino fermento do Evangelho se achava empenhado numa luta titanica com as potencias adversas, que procuravam sustar-lhe a marcha e realizar o sacrilego vaticinio de Diocleciano: *Christiano nomine deleto* — extinto o nome cristão! Verdade é que, já nesse tempo, haviam cessado as carnificinas de Nero; mas a propria corrupção interna provou-se muito mais funesta ao espirito do Evangelho do que todas as violencias externas. O Cristianismo estava rasgado de discordias. Tão abundantes e poderosas pululavam as heresias que o grande São Jeronimo, contemporaneo de Agostinho, chegou a ponto de afirmar que, um dia, despertou o orbe terraqueo — e viu que era ariano...

Pelo decreto de Milão (313) abolira Constantino Magno, oficialmente, o paganismo. Abolido por um decreto, na imaculada alvura do papel, continuava ainda, em milhares de almas e por longos seculos, o "divino prestigio" de Jupiter e Marte, de Venus e Diana, de todo o Panteon olimpico de mitos e fabulas e de vicios endeusados.

Pomposamente mascaradas de filosofia, pululavam por toda a parte as mais estranhas ideologias, taumaturgias espectaculares; descontrolado intelectualismo empolgava os mais preclaros espiritos da epoca.

Sobre a tetrica vacuidade deste abismo soluçava tristes elegias e eterna e inextinguivel nostalgia dos corações, na sua dolorosa odisséia das trevas á luz, confundindo as incertas fosforescencias de crendices humanas com a luz serena da revelação divina.

*

* *

No meio desta atmosfera pressaga de "fim de seculo" nasce, na provincia romana da Numidia, ao norte da Africa, uma criança de debil constituição — e nasce num lar que era bem o reflexo e a miniatura do triste estado mundial.

Era chefe da familia um homem por nome Patricio, pagão, espirito mediocre, cuja principal aspiração se cifrava na posse de bens materiais e no brilho das glorias mundanas. Descendente, talvez, dum antigo legionario romano, herdara dos seus maiores uma modesta propriedade na cidade de Tagaste e ocupava cargo na Prefeitura local.

Sua esposa, Monica, era bem o avesso de Patricio. Se jamais existiu "incompatibilidade de genio", então foi nesse matrimonio, tão profundamente heterogeneo. Nesses tempos era o noivo escolhido pelos pais e impingido á pobre jovem, que não tinha voz ativa nesta importante decisão da sua vida.

Monica, de estirpe punica, filha talvez de distinta familia cartaginesa, era cristã, e revela-se-nos, através de tudo que dela sabemos pelos escritos do grande filho, inteligencia lucida, alma de forte sensibilidade, coração dotado de ilimitada potencia afetiva.

Parece que a esposa de Patricio não encontrou na vida conjugal o necessario desafogo para a extraordinaria potencialidade de sua alma feminina. Insatisfeita como mulher, tornou-se ela sublime como mãe. Procurou no amor materno um substituto do amor conjugal deficiente. Concentra num de seus filhos toda a afetividade — que não encontrara no coração do marido.

Sabemos de dois filhos e uma filha deste casal. Navigius parece ter sido o mais velho dos tres. Porque concentrou Monica o seu amor precisamente no segundo filho, e não em Navigius ou na filha?

Insondaveis misterios da afinidade, ou, se preferirem, da polarização dos espiritos. Não sabemos quais os elementos que se atraem, e quais os que se repelem, no mundo psiquico. Será como na eletricidade, onde polos iguais se repelem e polos desiguais se atraem? Neste caso, a chamada "afinidade" teria precisamente por base a diferença, a heterogeneidade dos caracteres, que se uniriam como complemento um do outro.

Tem se dito — e muitos casos historicos o confirmam — que os grandes genios da humanidade são, geralmente, filhos de lares profundamente desharmonizados.

No caso que assim seja, compreende-se o porquê deste fenomeno.

O curso suave e placido da vida familiar embala a criança, o jovem, na tepida atmosfera dum bem-estar, deixando de ferir certas cordas que dormitam nas profundezas da psique humana — ao passo que as dolorosas tempestades provocadas pela desharmonia doméstica sacodem, abalam, agitam com tal furor o espirito do homem em formação que lhe arrancam das intimas profundidades toda sas potencias dormentes, jogando a pobre vitima desse terremoto espiritual ao meio do rude campo de batalha que chamamos vida humana.

A alma juvenil que acorda num lar infeliz volta-se desde cedo para as realidades circunjacentes, em busca dum paraiso que a sorte adversa lhe negou no seio da familia. E' uma plantinha que, em vez de medrar pacificamente na pura e tepida atmosfera dum jardim cuidadosamente cercado e cuidado, é obrigada a lutar, á beira da estrada, com impiedosos vendavais e suportar as intemperies da natureza — clima esse propicio á evolução dos grandes herois da humanidade — e tambem dos grandes celerados da historia...

Genio do bem — ou genio do mal...

Sol vivificante — ou incendio arrasador...

Num ambiente assim nasceria um dos homens mais humanos e mais "divinos" que a historia conhece.

3. — UM RECANTO DA NUMIDIA. — AMIGO DE BRINQUEDOS E INIMIGO DOS LIVROS

Murmuram discretamente as limpidas aguas do rio Bagradas, e, cada vez mais volumosas, vão em demanda do golfo azul que hoje tem o nome de Tunis.

Espelham-se na vasta superficie do salso elemento as casas maciças de Cartago, um dia poderosa rival de Roma, e, nesse tempo, apenas um emporio comercial do Imperio. De ingentes lutas parece falar o solene mutismo das ruinas em derredor: do sangrento encontro de Cipião e Anibal, do passo cadenciado das legiões dos Cesares, do drama secular de dois povos a degladiar-se pela hegemonia do mundo.

No ano 146 antes da era cristã rendera-se ao invicto conquistador a historica metropole da Africa, romantico cenario dos tragicos amores de Dido e Enéas. Reconstruida pelos Romanos, apresentava Cartago aspecto mais moderno; faltava-lhe, porém, aquele venerando misticismo pre-historico, que parecia dormitar ainda sob o verde musgo que cobria os imensos blocos de granito dispersos pelas encostas das montanhas circunvizinhas.

Tombara a capital da Africa sob o furor das catapultas e dos arietes romanos; mas as vastas regiões da Numidia resistiram com inaudita tenacidade ao tiranico invasor.

Só um seculo mais tarde (46 a. Cr.), após a batalha de Tapsus, conseguiram os Cesares ocupar definitivamente a provincia da Numidia (hoje Constantine, na Argelia francesa).

Quebrado o principal centro de resistencia, poucos anos depois, em 34 a. Cr., dominaram as aguias do Capitolio todo o norte do continente, zona então chamada Mauritania (hoje Marrocos).

Decorreram seculos de intenso labor cultural.

A' medida que o genio construtor de Roma organizava essas regiões riquissimas, semeando em campos adubados de sangue e de lagrimas os germes da civilização ocidental, percorriam os arautos do Nazareno, sem armas nem dinheiro, as cidades e aldeias do vasto continente, espalhando idéias em flagrante contraste com o espirito da epoca e escandalosamente adversas ás centenas de religiões tradicionais.

No seu curso superior, banha o rio Bagradas (hoje Oned Medjerda) uma cidadezinha que os habitantes punicos e os conquistadores europeus chamavam Tagaste, e os nativos de hoje e seus senhores gauleses apelidam de Souk-Ahras.

Do importante porto setentrional Hippo-Regius partia uma estrada geral, rumo sul, para Teveste, onde começava o incognito misterio do deserto.

Os tempos modernos lançaram pelo leito desta antiga estrada de rodagem as paralelas duma via-ferrea, que vai de Bône (a Hippo-Regius dos Romanos, e nossa Hipona) á atual Tebessa (Teveste), cortando, na sua primeira metade, a aldeia de Souk-Ahras (Tagaste), onde uma ponte de ferro lhe faculta passagem sobre o Oned Medjerda (Bagradas).

Quantas vezes não terá este rio levado sobre o seu dorso vacilante as frageis barquinhas de cortiça que uma criança não menos fragil fabricava e lançava ás ondas,

contemplando-as na sua celere viagem a ignotas regiões!...

No topo duma das colinas arredondadas que circundam o planalto de Tagaste, verdejava farto vinhedo, por detrás do qual alvejavam os muros duma casa modesta, onde residia o casal Patricio-Monica.

*

* *

No dia 13 de novembro de 354 achava-se em festa o lar no alto do outeiro. Aparecera mais um nenêzinho. Era o segundo pimpolho de Monica, a qual contava apenas 22 anos de idade.

Após alguma discussão, foi dado ao recem-nascido o nome latino Aurelius Augustinus, nome em que parece vibrar uma discreta saudade de Patricio, descendente de algum antigo legionario dos Cesares. Marcus Aurelius, Caesar Augustus — dois nomes gloriosos e queridos ao coração de todo o militar romano orgulhoso do imperador-filosofo e do imperador-soldado. Porque não podia um nome ilustre ser pressagio de futura celebridade?... não é que a fé num excelso ideal costuma ser o berço duma grande realidade?...

Com estranheza ouvirá o piedoso leitor que o menino não foi batizado, ele, filho de "santa Monica"... Mais tarde, chegado ao uso da razão, resolveria Agostinho por si mesmo se queria abraçar o diluido paganismo do pai ou o nitido cristianismo da mãe.

Tão forte é a sugestão do ambiente, tão grande o poder de tradições seculares.

Monica, porém, mui dentro de sua alma, estava convencida de que seu filho acabaria por abraçar espontaneamente o Evangelho de Cristo. Uma voz intima dizia-lhe que a alma de seu Agostinho era "naturalmente cristã", como dissera o seu grande patricio Tertuliano.

Na igreja cristã da Africa, como em muitas outras partes, vigorava a praxe de conferir o sacramento da regeneração espiritual aos adultos, ainda que não fosse recusado ás crianças.

Jesus, que tão carinhosamente abraçou as criancinhas da Palestina, não terá olhado com amor tambem para o filhinho pagão de Monica, no qual antevia um dos seus grandes apostolos?...

Por então, só foi traçado na fronte de Agostinho o sinal da cruz — e fazia parte do numero dos "catecumenos".

E catecumeno ficaria por mais de trinta anos...

*

* *

Nas suas "Confessiones" refere-se o autor á primeira quadra da sua vida, e ele, o profundo filosofo e preclaro metafisico, sabe descrever episodios da sua infancia com tão ingenua simplicidade e ternura como uma mãe a contar os primeiros passos de seu rico nenêzinho.

"Era eu uma criança de peito — diz — que se conserva quieta, quando se sente bem, e chora quando lhe doi alguma coisa. Depois, comecei a sorrir, primeiro em sono, depois, acordado. Com o tempo, cheguei a dar conta de mim, sabia onde estava. Para manifestar os meus desejos, agitava as pernas e as mãosinhas e gritava a valer".

Não lhe despertara ainda a razão, confessa Agostinho, e já ouvira inumeras vezes, dos labios de sua mãe, o adoravel nome de nosso divino Salvador.

Traçado assim em carta branca, não podia o nome de Jesus apagar-se jamais da alma do ardente africano, embora viesse, mais tarde, a obliterar-se por longos anos, ofuscado pelas paixões e pelos fogos fatuos das glorias mundanas.

E' esta uma das mais tristes e tambem das mais consoladoras leis da psicologia: chegará a vingar um dia o que foi semeado na terra virgem da alma humana, mesmo antes do uso da razão. Nada se perde. Parece que estas primeiras sementes lançadas á alma ainda incolor, amorfa e vacua, formam nela um como que substratum, uma subconciente estratificação moral, uma vasta camada de energias latentes, potencias dormentes que, passado o periodo de hibernação, aparecem como forças atualizadas, como vida positiva, como valores reais em estado conciente e vigil.

Pode o despertar dessas energias dormentes ser para o homem um cataclismo destruidor — e pode ser tambem uma epopéia construtora de inauditas maravilhas. Tudo depende da natureza dessas energias.

Em principios do nosso seculo, foi um cientista ao Egito desenterrar o sarcofago duma mumia. E encontrou ao lado do cadaver mumificado grãosinhos de cereais, que nesse ambiente recluso haviam dormido milhares de anos. Plantou-os — e eis que os grãosinhos brotaram, com imensa surpresa de todos, e deram em resultado viridentes folhas e elegantes hastes de trigo egipcio.

Misterios da vida latente!

Fato analogo se dá muitas vezes com os germes de idéias lançadas ao seio de almas dormentes, mesmo em sarcofagos de almas mumificadas...

A palavra de Deus possue essa misteriosa vitalidade intrinseca, que não inere a nenhuma palavra humana, por mais bela e profunda que seja. A palavra de Deus, dada a sua origem, atua, por assim dizer, *ex opere operato,* por virtude intrinseca do seu ser quando encontra terreno propicio. Se certos cristãos de hoje estivessem convencidos desta verdade, certamente dariam maior importancia ao conhecimento da palavra de Deus do que ás piedosas formulas dos seus devocionarios.

Nenhum cientista, por mais sabio, pode criar em seu laboratorio uma sementinha dotada de vida organica — e nenhum homem, por mais santo, pode em seus escritos dar-nos o que temos nas paginas venerandas dos livros divinamente inspirados.

Ainda criança, adoeceu Agostinho. Oscilou por diversos dias entre a vida e a morte. Lembrou alguem que o menino, antes de morrer, devia ser batizado. Por um tris, recebera o filho de Monica, nessa ocasião, o sacramento da regeneração em Cristo. Entretanto, mal passou o perigo, e novamente foi adiado o batismo.

"Dizia-se — escreve Agostinho nas "Confessiones" — que eu, mais tarde, fatalmente, me mancharia com pecados, enquanto me durasse a vida, e que seria maior e mais funesta a minha culpa se, depois de purificado pelo lavacro batismal, tornasse a cair no lodaçal do pecado".

"*Dilata est mundatio mea, quasi necesse esset ut adhuc sordidarer, si viverem*".

Esta ideologia era, como se vê, o extremo oposto á outra, muito comum em nossos dias, e não menos funesta do que aquela dos cristãos dos primeiros seculos. Hoje em dia, inumeros cristãos, que julgam fazer profissão de virtude e piedade, bebem o pecado como agua, não empregam nenhum esforço serio por evitar as quedas e recaidas, como se a graça de Deus, sem a leal cooperação do homem, salvasse alguem do abismo das suas miserias morais. Pecam temerariamente, consolando-se com a perspectiva da proxima confissão...

Aqueles, dos primeiros seculos, tinham pelo menos uma grande idéia da vida cristã, ao passo que estes moluscos recidivos dos nossos tempos pecam precisamente porque se lhes afigura facilimo obter perdão das suas faltas. Esquecem-se, esses infelizes obcecados, de que com a extinção da culpa moral não se anula o desequilibrio

psiquico. Pois é certo que cada recaida voluntaria no pecado reforça o venenoso sub-solo dos nossos maus habitos, dificultando cada vez mais os habitos bons, que constituem a virtude.

*

* *

Tagaste era, nesse tempo, um dos mais notaveis centros comerciais do interior da Numidia, zona riquissima em madeiras de lei, em cereais, otimos vinhos e outros produtos agricolas. Alí, no vasto mercado á margem do Bagradas, confluiam os negociantes das provincias limitrofes. Os pastores de Aurés com seus nedios rebanhos de gado; os fabricantes de artigos de couro e de palha; os vendedores de tamaras do Sahara, marmores de Simitthu e toros da preciosa cidreira, materia-prima para mesas de luxo — tudo isto era exposto á venda no emporio de Tagaste.

A cidade natal de Agostinho não era talvez uma "cidade maravilhosa" segundo o nosso modo de ver hodierno; mas possuia algumas vias publicas que faziam jus ao titulo de avenidas ou alamedas. Nem lhe faltava, parece, uma esplendida galeria ou colunata. Na vizinha cidade de Tubursicum foram excavados restos de um teatro, dum forum e dum "Gymnasium" (estadio para exercicios fisicos) — e porque não teria Tagaste possuido semelhantes melhoramentos?

*

* *

Cada idade da vida humana tem o seu "centro de interesses".

Na infancia e adolescencia prevalecem os fatores que se referem ao desenvolvimento do organismo e dos sen-

tidos. Comer e brincar — são os valores maximos da ante-primavera da vida.

Mais tarde, terminada mais ou menos a fase construtora do Eu, aparece nos horizontes da vida um Tu. Começa o periodo social. Sente o jovem a sua solidão. Sonha a donzela com um amigo que a compreenda e ampare. Desperta o amor, baseado na fisiologia dos sexos.

Fundada a familia, faz-se mister garantir-lhe a subsistencia e prosperidade — e prepondera então na vida humana o elemento economico. O homem, chefe de familia, torna-se cada vez mais negociante.

Nesta altura da vida, em plena posse do Eu e do Tu; na posse dos elementos que garantem a vida e seus possiveis encantos, começa o homem pensante a sentir quase sempre, com crescente nitidez e veemencia, o clamor dos magnos problemas da vida espiritual, as dolorosas esfinges da metafisica e as profundas revoluções do proprio Eu.

A maior parte das grandes conversões da história incidem neste terceiro periodo.

Agostinho, em Tagaste, achava-se ainda na primeira fase. Dormitava ainda a sua alma infantil no paraiso da deliciosa ignorancia dos campos de batalha que, bem cedo, o arrastariam ao insano fragor de tremendas lutas interiores.

Brincar, jogar, correr, divertir-se, ver coisas bonitas e novas, cenas movimentadas, de forte colorido, aventuras sensacionais — tudo isto é o eldorado da criança sadia e normal. E' o preludio do trabalho fisico, intelectual e moral que aguarda o homem futuro — é, a bem dizer, esse mesmo trabalho em forma embrionaria. Querer proibir á criança esse ambiente infantil, seria tão absurdo e irracional como vedar ao jovem o amor, ou interditar ao homem maduro a atividade intelectual e comercial.

Em casa de Monica, felizmente, reinava a inteligencia e o bom-senso.

Agostinho foi uma criança, em todo o sentido da palavra.

*

* *

Aos seis anos transpôs Agostinho o limiar do primeiro santuario do humano saber.

E — para consolo de muitas celebridades — revelou-se pessimo aluno de escola primaria.

Coisa estranha! a maior inteligencia filosofica do seculo foi o desespero do mestre-escola de Tagaste.

Entretanto, luminosa lição teria sido para os mestres esse fracasso escolar do pequeno Aurelius Augustinus, se eles tivessem tido o necessario criterio para compreender a lição do aluno — e a sua propria insensatez...

A alma da escola de Tagaste era a vara, o terror, o espantalho do castigo.

Desde o dia em que o cachopinho transpôs pela primeira vez os umbrais da escola e defrontou com o seu primeiro mestre, encheu-se-lhe a alma sensivel de tanta repugnancia aos livros que jurou guerra de morte a esses emissarios papiraceos de Satanaz — ele, que, mais tarde, escreveria uma verdadeira biblioteca de obras imortais.

"*Unum et unum duo, duo et duo quatuor* — *odiosa cantio mihi erat; et dulcissimum spectaculum vanitatis equus ligneus plenus armatis, et Trojae incendium, atque ipsius umbra Creusae* — um mais um igual a dois, dois mais dois igual a quatro — que odiosa cantilena me era isto! e que dulcissimo espetaculo de vaidade aquele cavalo de madeira, repleto de gente armada, aquele incendio de Troia, e a propria sombra de Creusa".

A bola de jogo, a corda de pular, os barquinhos de cortiça ou de papel, as corridas pelas montanhas, a caça aos passarinhos, as artes dos prestidigitadores, a natação no rio Bagradas — isto, sim, era vida para ser vivida! Finalmente, porém, aprendeu a ler, escrever e contar sofrivelmente — sabe Deus com quantas lagrimas e á custa de quantas marcas lividas deixadas pela vara pedagogica nas carnes do fragil corpinho.

"Apanhei muito" — confessa Agostinho na sua autobiografia, rememorando este periodo. Quando via o professor empunhando o ominoso instrumento de suplicio, tremia o menino em todo o corpo, e, como diz ingenuamente, punha as mãosinhas em oração e todos os dias pedia a Deus que o preservasse do castigo. "Livrai-nos do mal" — estas palavras com que a mãe terminava, todas as noites, a oração dominical, fazia surgir aos olhos da debil criança o maior dos males que ele conhecia de ciencia propria — a vara ou a correia de couro do mestre-escola.

"*Puer, coepi rogare te, Domine, auxilium et refugium meum... rogabam te parvus, non parvo affectu, ne in schola vapularer* — ainda menino comecei a rogar-te, Senhor, auxilio e refugio meu... rogava-te, em pequeno, com não pequeno afeto, para que não apanhasse na escola" (Conf. IX, 14).

Foi nesse tempo, parece, se formou na alma de Agostinho um estranho "complexo" — como diriam os psicanalistas — complexo que, mais tarde, quando moço, o levou a desprezar soberanamente todo e qualquer vinculo de ordem e disciplina como injustiça e tirania. Se a vara do professor era a incarnação da crueldade e da injustiça, como á criança dizia uma instintiva intuição humana, porque não taxaria o jovem de prolongamento dessa mesma tirania a proibição materna de gozar o que se lhe afigurava deleitoso? um atentado aos sagrados direitos da personalidade!...

A coação externa, sem a competente motivação interna, pode ser para o educando, como para todo o homem, ocasião de funesta ruina; pode dar em terra com todo o edificio dos valores eticos da sua vida. Em ultima analise, a unica norma dos nossos atos é a conciencia — a voz de Deus dentro do homem — suprema instancia nesse perene litigio entre o licito e ilicito, entre pecado e virtude, entre o bem e o mal. A formação da conciência é o primeiro e ultimo postulado de toda a pedagogia que tal nome mereça.

Do que Agostinho nos diz em suas "Confessiones" depreende-se que não se sabia ainda na escola de Tagaste o que fosse ensino e educação individual. Todos os alunos eram tratados da mesma forma, passados pelo mesmo chavão, aferidos pela mesma bitola, como se as almas e inteligencias fossem mercadorias em serie.

"*Non deerat, Domine, memoria vel ingenium, quae non habere voluisti pro illa aetate satis; sed delectabat ludere; et vindicabatur in nos ab eis qui talia utique agebant. Sed majorum nugae negotia vocantur; puerorum autem talia cum sint, puniuntur a majoribus* — não me faltava, Senhor, memoria ou engenho que, para aquela idade, te aprouvera dar-me suficiente; mas era deleitavel brincar; e eu era castigado por aqueles que não deixavam de fazer outro tanto. Mas, as farsas dos adultos chamam-se negocios, ao passo que os meninos, quando se entregam ás mesmas, apanham dos adultos" (Conf. IX, 15).

Possuimos numerosos paineis sobre santo Agostinho — e nenhum sobre o pequeno Agostinho, aluno da escola elementar de Tagaste, ou, como ele lhe chama, sua "penitenciaria".

Seria interessante representar uma escola africana do quarto seculo: meninos bronzeados, cabelo de azeviche, sentados em tamboretes, ou acocorados em esteiras e tapetes, como ainda hoje se vê em certas escolas da Ara-

bia e Turquia. Qualquer casa, barraca ou paiol servia de ondigno local para instalação desses primitivos templos do humano saber.

Mais tarde, quando na alma do pequeno númida despertou o patriotismo afro-latino, gostava ele de tomar parte em certos jogos e certames que a meninada de Tagaste e de outras cidades organizava, brincando de romanos e cartagineses, de gregos e troianos, de Anibal e Cipião, de Aquiles e Heitor, etc. Muitos desses entretenimentos eram brutais, degenerando, não raro, em verdadeiras brigas e lutas fisicas, travadas com projeteis de paus e pedras.

Em casa, estava a educação de Agostinho ao cargo exclusivo de Monica. Patricio não se interessava por semelhantes coisas. Contanto que o filho conseguisse galgar, um dia, elevada posição social, conquistasse honras e glorias — e todo o resto lhe era indiferente. O pai tinha ilimitada confiança nos dotes naturais e na ambição do pequeno.

Eram realmente notaveis esses dotes. Com extraordinaria facilidade e presteza apreendia o menino qualquer pensamento, quando não ameaçado pelo fantasma do castigo fisico. Compreendia mais em virtude duma tal ou qual intuição imediata do que pelo processo lento e complicado do silogismo. As suas idéias lembravam intensos lampejos de genio, e não tranquilas lampadas de homem simplesmente talentoso.

Já nesse tempo, como se vê, era Agostinho mais platonico do que aristotelico.

Nenhum homem se torna o que não é. O que desde o inicio não está dentro do homem, em germe e virtualmente, não se pode nele manifestar em evolução e plenitude. Todo homem já é em potencia o que mais tarde será em ato.

O pequeno Agostinho sentia tambem nas veias um quê de aventureiro. Gostava de reunir em torno de si um bando de garotos da sua idade e chefiá-los para a pilhagem de alguma horta repleta de sedutoras arvores frutiferas. Quanto maior o perigo, mais interessante a aventura. Invadia a dispensa da casa paterna e distribuia previamente gulodices aos camaradas, afim de estimulá-los á coragem e intrepidez. "Viver perigosamente", diria Nietzsche.

Se outro fôra o destino, outro o ambiente de Agostinho, quem sabe se, em vez dum luminar do Cristianismo, não teria dado um famoso caudilho de bandidos, tipo Lampeão, ou então um segundo Anibal...

*

* *

Inteligente e perspicaz, não deixava o menino de perceber a lamentavel discordia que separava as almas de seus progenitores. Todos os bons conselhos que Monica lhe dava, todas as piedosas recomendações tendentes a fazê-lo amar as virtudes cristãs, eram varridas do espirito do filho pelo exemplo pagão de Patricio.

Assim atingiu Agostinho o 12.° ano de vida, com o espirito atulhado dum caos de conhecimentos desconexos, e a alma repleta duma babel de conceitos morais em conflito uns com os outros.

E, ainda por cima, estava o rapazinho disposto a desdenhar radicalmente tudo quanto se chamasse ciencia e virtude.

Nem o pai nem a mãe valeram mostrar-lhe o caminho da vida — Agostinho ia descobrir por si mesmo essa maravilha que tão promissora lhe sorria.

E lá se foi, mar em fora, a fragil barquinha, sem bussola nem leme!...

4. — MADAURA. — PRELUDIOS DO AMOR

Seguindo a otima estrada estrategica Hippo-Tagaste-Teveste, chegava o viandante do 4.º seculo, poucas horas depois de deixar Tagaste, a uma cidade situada num vasto descampado, da qual restam apenas umas escassas ruinas — fragmentos de mausoléus, pedras dispersas duma fortaleza bizantina, e pouco mais.

E' o berço e o tumulo de Madaura.

Foi alí que Agostinho cursou Ginasio, se assim se pode dizer. E foi tambem alí que principiou, propriamente, a dolorosa odisséia desse arrojado e inquieto bandeirante da verdade.

Tagaste era um idilio de luzes e sombras, um mixto de escalvadas cupolas de montanhas e luxuriantes vargedos.

Madaura tinha um quê de epico e de tragico ao mesmo tempo. Aquela atmosfera parecia prenhe de metafisica e de misterio... A extraordinaria abundancia de luz solar; o longinquo anfiteatro rochoso do Aurasius cingindo imensas planicies de precaria vegetação; para o léste, as estranhas silhuetas duma cordilheira a recortar as linhas do horizonte; para o sul, uma desordenada sucessão de colinas lembrando piramides, monstros pre-historicos ou gigantescos tubos de órgão, em que os ventos do deserto soluçavam as suas tristes elegias — tudo isto era de molde a encher a alma de meditação, de silencio, de nostalgia, de eternidade...

Tagaste parecia um sorridente presepio para crianças inocentes — Madaura era uma esfinge cujos olhos hirtos interrogavam o Infinito...

Neste cenario africano, feito de espaços e de luzes, despertou a alma de Agostinho do sono hibernal da infancia para a vigilia da doce e amarga realidade.

A psique vibratil do genial adolescente soube amar quase com a mesma paixão os sempre antigos e sempre novos encantos da Natureza com que, pouco depois, o jovem estudante de Cartago se enamoraria de voluptuosos corpos femininos, e, mais tarde, o metafisico de Milão e Hipona abraçaria a imortal formosura da intangivel Divindade...

"Se as coisas sensiveis não tivessem alma — escreve ele, no apogeu da sua espiritualidade — não as poderiamos amar tanto assim".

Paulo de Tarso, desde que contemplou as belezas do céu, na pessoa de Cristo redivivo, esqueceu-se de quase todos os encantos da terra; a sua teologia é arida, abstrata, longinqua, super-terrena, nada poetica; empalideceram-lhe todas as auroras do mundo aos fulgores meridianos de Cristo, rei imortal dos seculos...

Bem diverso é o genio de Agostinho; nunca deixou de ser poeta no meio das suas especulações filosoficas e misticas; jamais conseguiu a inteligencia, por mais poderosa, asfixiar-lhe o coração. As suas obras estão repletas de imagens, cenas, episodios colhidos na sorridente e nostalgica natureza da patria. Neste particular, parece-se o poeta-filosofo da Numidia mais com o divino Rabi da Galiléia do que o apostolo-teologo da Cilicia.

O Evangelho do Nazareno é, quase todo ele, uma epopéia de maravilhas poeticas. Mais numerosas que os anos da sua vida são as imortais parabolas que lhe brotaram dos labios. Vão para diversas centenas as lindas

alegorias que, quais centelhas de luz, saltaram da sua preclara inteligencia e vivaz imaginação.

De modo analogo, Agostinho. As suas obras são sempre modernas, porque tecidas das luzes da inteligencia, das cores da fantasia e dos perfumes do coração.

Agostinho é, antes de tudo, o cantor da luz, o poeta da claridade solar. Ninguem como ele soube descobrir nas ondas luminosas, que vibram no universo, tão belas e verdadeiras analogias com a eterna e incriada luz da Divindade.

"Deus é luz, e não ha trevas nele" — escreve o apostolo da caridade.

O que os olhos de Agostinho bebiam avidamente, na taça imensa daquela tepida atmosfera da Numidia, ainda não era dado, então, á sua alma sedenta de verdade, mas ainda sepulta nas trevas do erro e do pecado. Só daí a uns decenios seria o veemente heliotropismo dessa "alma naturalmente cristã" satisfeito definitivamente.

*

* *

Pela primeira vez, lá entre os 12 e 13 anos, começou Agostinho a gostar dos livros. Reconciliou-se com esses seus inimigos mortais da escola primaria de Tagaste. Descobriu a alma do livro — e tornou-se um grande amigo do livro.

Despertou-lhe em Madaura a inteligencia, porque lhe despertara o coração.

Agostinho é o tipo classico do intelectualista afetivo. Melhor do que ninguem compreendeu ele, porque profundamente o sentiu, que não se pode compreender integralmente o que não se ama ardentemente. As verdades mais evidentes continuam obscuras e paradoxais quando não simpaticas ao coração, e digamos cruamente — á carne e ao sangue. Por outro lado, pode uma doutrina ser um

aborto de estupidez e de contrassenso, quando lisonjeia ao coração e á carne, é abraçada por milhares de homens e proclamada como sendo suprema conquista da humana sabedoria.

*

* *

O que se lecionava no Ginasio de Madaura era, de preferencia, literatura e retorica.

Homero e Virgilio, esses corifeus da poesia helenica e latina, eram os autores favoritos desses estudantes africanos romanizados.

Agostinho não conhecia a lingua grega, e nunca chegou a apreendê-la com perfeição. Faltava-lhe a necessaria perseverança para decorar verbos irregulares e essas mil e uma graciosas particularidades de que é riquissimo o idioma da Iliada. De mais a mais, um romano ás direitas, como ele se sentia, pouco simpatizava com o genio da Hélade. O filho do Imperio Romano — esse imperio que abrangia a Europa, a Asia e a Africa — considerava o mundo como sua patria, e não compreendia o espirito domestico e bairrista do grego, que girava com maternal carinho e solicitude em torno duma pequena nesga de terra do orbe terraqueo, apensa ao sul do continente europeu, nesga a que chamava seu torrão natal. Muito menos compreendia o autentico romano aquela pedantesca meticulosidade com que certos escritores helenos esmiuçavam pachorrentamente ocurrencias de interesse exclusivamente local. Essas teias e filigranas da poesia regionalista de Atenas não harmonizavam com o caracter universalista de Roma. O autor latino escrevia para o mundo, para os habitantes de todos os meridianos, longitudes e latitudes do maior imperio que já existiu sobre a face da terra.

Assim foi que Agostinho deixou quase de parte as obras do imortal Homero e seus colegas, e apaixonou-se

literalmente pelo autor da Eneida, pelo cantor dos amores infelizes da rainha Dido e das mirabolantes façanhas de Enéas.

Tambem, como podia um filho da África deixar de simpatizar com uma obra classica em que aparecia, aureolada de todos os fulgores do romantismo, a lendaria fundadora de Cartago, soberba metropole do vasto continente?

Acabava Agostinho de dar o ultimo adeus á infancia, e dispunha-se a entrar no mundo incognito da adolescencia, rumo aos mares deliciosamente revoltos da puberdade. Estava no limiar daquele periodo de transição em que o jovem se sente tomado de ruidosa alegria e de inexplicaveis saudades...

Mundos de indefiniveis contornos, sentimentos de amor sem objeto, nostalgias sem motivo, anseios imponderaveis, vigilias de lagrimas inconcientes, imensa necessidade de amizade, de compreensão, sonhos tecidos de feitos cavalheirescos, incertos desejos de aventuras a serviço dum ideal ignoto — tudo isto se agitava, fervia e turbilhonava na alma virgem do adolescente de Madaura...

O coração de Agostinho era como uma dessas gavinhas das trepadeiras que tacteiam no ar, incertas, ansiosas, á procura de algo a que se possam agarrar...

Nas paginas da Eneida encontrou o filho de Monica a definição conciente daquilo que, obscura e crepuscularmente, lhe fervia no subconciente.

Enamorou-se, apaixonou-se delirantemente pela obra imortal do poeta mantuano, porque descobrira o proprio Eu na obra de Virgilio.

E quem descobre o Eu descobre a chave para todos os universos...

Amou, chorou, sofreu, profunda e intensamente com a rainha de Cartago.

Graças á sua extraordinaria capacidade de adaptação e identificava psiquica, reviveu Agostinho, na mais palpavel realidade e com todo o ardor da sua natureza tropical, os episodios descritos pelo grande poeta.

Entrou, com Aquiles, no cavalo ligneo...

Assistiu, apavorado, ao incendio de Troia...

Presenciou a fragorosa derrocada do reino de Príamo...

Fugiu com o impavido Enéas...

Errou com ele por terras e mares...

Com ele aportou ao litoral da Africa, exhausto, heroico...

Viu emergir por entre as brumas do misterio o gracioso perfil da princesa fenicia...

Sentiu as chamas do amor apoderarem-se de duas almas...

Viu Enéas alimentar no coração do Dido o incendio voraz da paixão...

O jovem estudante de Madaura apaixonou-se, na pessoa do fugitivo de Troia, pela sedutora cartaginesa...

Cingiu-a nos braços...

Ardeu no fogo infernal da mais intensa volupia...

Sofreu com Dido a dor imensa da despedida...

Sentiu arquejar o peito sob as ansias do desespero...

Viu o aventureiro sumir-se ao longe, na vastidão do Mediterraneo...

Viu, nos olhos da tresloucada amante, o fogo da revolta contra o Destino...

Viu reluzir o punhal mortifero nas mãos da suicida...

Viu tombar aquele corpo feminino, banhado numa onda rubra...

E a alma de Agostinho tombou com a de Dido, aniquilado de dor, de amor, de revolta...

Tornou-se Agostinho um classico da lingua de Virgilio, porque classicamente amou a obra de seu autor predileto.

Vai esta nota caracteristica por toda a vida e obras do grande africano, ainda que, mais tarde, fossem as "Didos" as do livro e as da vida real — substituidas por outros alvos afetivos: Agostinho soube sempre compreender integralmente e viver fulgurantemente o que intensamente amava.

O coração foi para ele o chaveiro da inteligencia e da vida.

*

* *

Entretanto, não era a poesia o conteudo unico do programa escolar de Madaura. Era cultivada tambem, e com grande esmero, a arte oratoria. Exprimir em forma graciosa os seus pensamentos, e por meio deles arrebatar o publico, passava por um ideal digno dos melhores esforços.

Em sua auto-biografia caracteriza Agostinho, não sem ironia, um desses mestres de eloquencia, pondo-lhe na boca as seguintes palavras:

"Aqui aprendem-se palavras! aqui se adquire a arte de falar, arte indispensavel quando se trata de violentar a verdade e adulterar o sentido dos conceitos!"

Uma vez saboreado o doce veneno do amor e da paixão sensual, atirou-se o estudante imberbe a todas as obras latinas em que o amor e o gozo são apregoados como a suprema razão-de-ser da vida humana. Embora não o satisfizessem, talvez, nesse periodo pre-púbere, as desbragadas comedias de Plauto e Terencio, que glorificam os mais vergonhosos excessos do humano carnalismo, certamente devorou com delicias as elegias, tragedias e epopéias clasicas que exaltam o estonteante martirio do "amor

alexandrino". Agostinho leu e viveu as obras de Catulo, Propercio, Tibulo, Ovidio, etc.

Á leitura de "Ariadne" deflagrou novamente a labareda do amor sensual e contaminou talvez mais a alma do jovem do que fizera a Eneida, porque nessa obra nenhum arrependimento redime a criminosa ilusão do amor.

*

* *

Nesse tempo não atingira Agostinho ainda o periodo da puberdade propriamente dito. O seu amor era ainda, por assim dizer, intransitivo, impessoal. Não amava em concreto nenhuma das sedutoras beldades de Madaura que diariamente lhe cruzavam os caminhos e com olhos famintos pediam aquilo que lhe prometiam. O estudante amava-as todas em globo, mas o seu amor era ainda neutro, incolor, disperso; ainda não se cristalizara na irresistivel veemencia duma paixão definida, personificado numa determinada Circe ou Beatriz.

Entretanto, esse preludio da primavera do coração; esse delicioso adivinhar de coisas que ainda não se conhecem de ciencia propria; essa ansiosa expectativa dum mundo por descobrir; esse amor em germe, intransitivo, imanente, aljofrado ainda da suave ignorancia matinal — é talvez esta a parte mais bela e inebriante de toda essa epopéia afetiva, cuja poesia sucumbe tantas vezes ao prosaico realismo da vida.

Agostinho vivia, nesse tempo, o periodo dos sonhos felizes.

Se este homem, mais tarde, fala em amor e gozo, fala "de cadeira", fala de ciencia propria. E se ele, no auge da sua virilidade e no apogeu da sua vida intelectual e afetiva, encontrou algo ainda mais digno de ser amado, apaixonadamente procurado e ditosamente pos-

suido do que as maiores amabilidades da terra — então podemos ter plena fé em sua sinceridade, porque deve ser realmente precioso o objeto do amor dum coração que tão humanamente amou como talvez jamais homem algum soube amar.

5. — FERIAS EM TAGASTE

Contava Agostinho entre 15 e 16 anos, quando terminou as "Humanidades" em Madaura.

Os pais, orgulhosos da peregrina inteligencia do adolescente, resolveram facultar-lhe estudos academicos em Cartago. Mas... esses estudos exigiam dinheiro, muito dinheiro, e as finanças da familia não andavam muito folgadas.

Por isso, teve Agostinho de voltar á casa paterna e fazer ferias até que houvesse recursos para poder iniciar os estudos superiores na metropole do país.

Fôra a Madaura um menino, pagão mais ou menos inconciente — voltou de Madaura um rapaz, pagão pleniconciente.

O ano de ferias e de expectativa que Agostinho passou em Tagaste pode ser qualificado como o periodo mais mundano, mais tolo e vazio de toda a sua existencia. Nada fez ele que valesse alguma coisa sob o ponto de vista intelectual, cultural, cientifico — para não falar do terreno espiritual. Foi um tempo negativo, infeliz, humanamente indigno — tão vazio como a vida de milhares de rapazes das cidades, praças, praias e salões do seculo vinte. Felizmente, dormitava sob as cinzas e o pedregulho dessa aparente nulidade um vulcão de estupendo potencial — o que nem sempre acontece com os nossos "Agostinhos" de hoje...

Estava o inteligente literato e *rhétor* de Madaura a pique de dar um eximio vagabundo, quando não um perigoso caudilho de bandidos e anarquistas. Ria-se abertamente das advertencias de Monica.

Patricio, esse deixava-o perfeitamente em paz, embora mostrasse umas veleidades de Cristianismo, tanto assim que se fizera inscrever no rol dos catecumenos da igreja de Tagaste. E porque não ser candidato ao batismo, quando, já nesse tempo, quase toda a cidade era cristã, e a religião de Nazareno dava melhores esperanças para uma boa colocação do que o paganismo decadente?

Em todos os tempos tem havido homens que da religião faziam trampolim para a satisfação das suas ambições e de interesses pessoais.

Agostinho aparecia em casa apenas para as refeições e de noite, altas horas da noite — se é que aparecia. Sem trabalho, passava os dias e grande parte da noite nas ruas, nas tabernas, em cavalgadas, jogos, reuniões de amigos e amigas.

Uma vez dado o primeiro passo nesse plano inclinado, não era possivel parar a meio caminho. Pois é da intima natureza de toda a paixão sediada na esfera organica, ser totalitaria, extremista, tiranica; não se contenta com meias-medidas — ou tudo, ou nada. E principia então este conhecido e funesto circulo vicioso: o desejo leva ao gozo; o gozo, passado o primeiro periodo de fastio, gera novo desejo, e desejo tanto mais intenso quanto mais voluptuoso foi o gozo. E assim é que o desejo potencializa o gozo, e o gozo intensifica o desejo, numa progressão indefinida, até levar o pobre escravo da carne a um completo descontrole de si mesmo, a um descalabro moral, acabando num perigo social e, não raro, em pavorosa ruina organica.

Se o instinto não fosse uma potencia essencialmente irracional e privada de liberdade, seria facil canalizá-lo,

assim como no animal aparece cirscunscrito a certos limites e discretamente orientado pela própria natureza organica. No homem, porém, ocupam a inteligencia e a vontade o lugar desse instinto regulador. Mas, como nem sempre o homem sabe ser bastante homem para entregar as redeas do governo ás faculdades especificamente humanas — inteligencia e vontade — resulta daí essa repugnante caricatura, essa deshumana, infra-humana e anti-humana monstruosidade que é o homem tiranizado por uma potencia organica que devia ser obediente e bem disciplinada servidora da personalidade integral.

Todas as vezes que uma força ou faculdade da nossa natureza se afirma a favor de uma *parte* e em detrimento do *todo*, degradamos a nós mesmos e provocamos desordem e desequilibrio na monarquia espiritual do nosso Eu.

Toda a potencia e faculdade do homem deve enquadrar-se harmonicamente no panorama do conjunto da personalidade. Nada se deve totalmente extirpar, matar, suprimir, eliminar, — tudo se deve treinar, disciplinar, canalizar, sublimar, pôr a serviço da totalidade, da perfeição da personalidade integral.

Um dia, foram Agostinho e seu pai tomar banho nas termas de Tagaste. Ainda não se inventara esse precario palminho de civilização que se chama calção de banho. Ao sairem da piscina, Patricio, bom pagão que era, correu, cheio de alegria, a contar á esposa que o filho deixara de ser menino, e já era homem. Já se via o pai ditoso avô cercado dum bando gárrulo de esperançosos netinhos...

Monica, em vez de participar da ruidósa expansão do marido, quedou-se, pensativa, tomada de solicitudes e apreensões. Conhecia o carater do filho e os perigos que o ameaçavam. Chamou o jovem e, entre lágrimas, lhe pediu e suplicou não se entregasse á dissolução, que pelo menos guardasse medida no gozo dos prazeres, que não

envenenasse o sangue com meretrizes e respeitasse a esposa do próximo.

Quem está habituado a ouvir falar em "santa Monica", estranha deveras essa atitude da mãe de Agostinho. Porque não insistiu com o filho que procurasse uma noiva decente e casasse quanto antes? Muitos africanos da sua epoca, a exemplo dos muçulmanos de hoje, casavam aos 15 ou 16 anos.

Monica não era, nesse tempo, tão cristã que pusesse de parte considerações subalternas e pensasse exclusivamente no "unico necessario", a salvação da alma de seu Agostinho. Um casamento prematuro cortaria cerce a brilhante carreira que ela augurava ao filho. Monica era bastante mãe, e não era assás cristã para admitir semelhante hipotese. Agostinho tinha de ser, antes de tudo, um homem celebre, um grande orador, uma gloria para a familia — e Deus providenciaria por que não se perdesse sua alma. Ela, a mãe, rezaria muito, choraria muitissimo, para que o filho querido pedisse, um dia, o batismo e, depois de alcançada a sonhada celebridade, seguisse os ditames do divino Mestre.

Nutria Monica esta firme confiança. Tinha fé ilimitada na misericordia de Deus.

Era tambem esta a opinião de Patricio, que, certamente, não deixou de influir no espirito da esposa.

O amor feminino de Monica, como dissemos, não encontrara satisfação cabal no matrimonio. Ela, esposa de Patricio e mãe de diversos filhos, era afetivamente virgem. Estava intata a poderosa reserva de amor que lhe enchia o coração. Não conseguira derramar na alma do esposo — desse homem que lhe haviam dado por marido — as ondas represadas da sua poderosa afetividade feminina. E, por uma inextinguivel lei natural, toda a potencia que deixa de encontrar a sua natural atualização

procura manifestar-se de outra forma, realizando em outro terreno o que lhe foi vedado em sua esfera normal.

Monica, insatisfeita no seu amor de mulher, ama duplamente como mãe, e, por uma misteriosa afinidade psiquica, centralizou todo o seu amor na pessoa do filho mais inteligente e afetivo.

Afetivo? Sim, Agostinho era profundamente afetivo, embora não correspondesse ainda a esse intenso amor materno. Bastante clarividente era a alma de Monica e dotada de suficiente estesia psiquica para pressentir ou adivinhar que, um dia, os brados do seu amor despertariam eco e correspondencia onde, por ora, só encontravam desertos surdos e rochedos durissimos...

Em seu classico livro "Confessiones" escreve Agostinho os desvarios da sua mocidade. Descreve-os em cores tão vivas e, não raro, tão carregadas, acusando-se de tamanhas maldades, que o leitor sereno e imparcial chega a desconfiar do valor historico de certas passagens e tem vontade de defender Agostinho contra santo Agostinho. Com efeito, quem escreve aquela auto-biografia não é o homem, é o cristão, é o santo. Seja embora real o fundo de tudo quanto expõe, é fora de duvida que, nesse livro, o santo traiu muitas vezes o historiador. Depois de convertido, contemplou Agostinho todos os pecados da sua juventude pelo prisma do seu acendrado cristianismo, e sente em si o desejo, talvez inconciente, de se reduzir ao ultimo abismo da depravação moral, afim de exaltar tanto mais o poder da graça divina, que de tão longe o foi buscar ao seio do Evangelho.

Papini, no seu conhecido livro sobre santo Agostinho, não considerou devidamente este caracter das "Confessiones". Chega mesmo ao ponto de querer reduzir o filho de Monica a um vulgar pederasta e sodomita, afim

de poder, ao depois, com mais intenso brilho, cingir-lhe a fronte com a auréola de santo.

Nada encontramos nas "Confessiones" do genial africano que justifique esta opinião. Agostinho era um jovem de profunda e ardente sensualidade, que não punha freio aos instintos organicos. Mas a sua sensualidade era por demais natural para não descambar ao vicio desnatural do homossexualismo. O sodomita adultera a propria natureza. Se é homem, se é varão, — porque é que deixa de ser o que é para ser o que não é? Tenha ao menos a sinceridade sexual, a lealdade fisiologica, o brio de ser o que é — e não cometa a repugnante mentira organica, o monstruoso paradoxo sexual de adulterar a sua virilidade e inverter os imperativos categoricos da propria natureza...

A Biblia considera o pecado do homossexualismo como um dos mais horrorosos delitos contra a lei natural e positiva. Foi em castigo deste pecado que Deus destruiu Sodoma, Gomorra, e mais outras cidades — "porque toda a carne corrompera o seu caminho."

Dificilmente, o homem pervertido e contaminado no profundo manancial das suas energias vitais e das suas potencias criadoras chegará a construir algo de grande e notavel para a humanidade — seja no campo intelectual, seja no terreno social, seja na esfera espiritual.

Como levantar edificio solido sobre ruinas e pantanais?...

Pode o homem sensual prestar grandes feitos, porque a sensualidade não é, em ultima analise, senão excesso de energias organicas. A sensualidade é uma formidavel potencia, que pode e deve ser canalizada e disciplinada para efeitos salutares á personalidade integral — e impulsionará mundos de estupenda grandeza a sublimidade.

Não é necessario ser freudista para compreender uma verdade tão antiga como a propria humanidade.

O sodomita, porém, envenena a propria fonte dessas energias construtoras, neutralizando assim a mais poderosa torrente do seu ser, quando a devia dirigir e aproveitar para grandes maravilhas.

Seria injusto nivelar o celebre numida com esses invertidos sexuais e caricaturas da humanidade.

Assás poderosa aparece a graça de Deus, que do abismo da luxuria ergueu um pagão que deste abismo não queria sair.

6. — "CARTHAGO VENERIS"

O brasileiro provinciano que, da solidão dos pampas, dos sertões do *hinterland*, das florestas do norte, ou de outro ponto qualquer do interior, visita pela primeira vez o Rio de Janeiro, queda-se, boquiaberto, estupefacto, ante as magnificencias que a natureza e a arte doaram á "cidade maravilhosa".

Sente-se então mais brasileiro do que nunca.

Adora a sua patria e sua esplendida metropole.

Aprova em genero, numero e caso tudo quanto Afonso Celso escreveu, tão patriotica e esteticamente, nas paginas de seu livro "Porque me ufano do meu país". Estas, mais ou menos, devem ter sido as impressões que se apoderaram da alma do jovem Agostinho quando, aos 16 ou 17 anos, fez a sua primeira visita a Cartago.

Trinta anos mais tarde, é verdade, detesta o convertido de Milão os anos pecaminosos que passou na "cidade de Venus". Não deixa, porém, o leitor de perceber entrelinhas de todas as obras de Agostinho a sincera admiração que dedicava á opulentissima capital, docemente embalada nas aguas do golfo de Tunis. Inumeras vezes, quando bispo de Hipona, visitou ele a encantadora "princesa da Africa", que lhe fascinava o espirito culto e o coração enamorado de beleza.

Quem consegue arrancar do coração o que uma vez amou sinceramente?

O universalismo afetivo de Agostinho abrangia tudo que era belo, harmonico, esteticamente perfeito. O seu amor masculino é apenas um aspeto de sua alma essencialmente afetiva. Soube tão bem amar a natureza tropical da sua patria, como os lindos corpos morenos das cartaginesas — e mais de tudo soube amar as eternas e intangiveis realidades do mundo espiritual.

Cartago foi sempre um dos grandes amores do celebre numida gentio e do cristão.

Cartago era, nesse tempo, uma das cinco grandes metropoles do Imperio Romano: Roma, Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Cartago. Das cidades maritimas era de todas a mais importante. Se o gigantesco emporio de Cartago deixasse de exportar cereais para a Italia — adeus, Roma! Morreria de fome a famosa *urbs*.

Residia em Cartago um celebre argentario natural de Tagaste, por nome Romanianus, humanitario mecenas de muito estudante pobre ,e amigo da familia de Patricio e Monica.

Interessou-se Romanianus vivamente pelo talentoso conterraneo e facultou-lhe pelo menos parte dos meios necessarios para o prosseguimento dos seus estudos. Possivelmente, ofereceu-lhe tambem generosa hospedagem em sua casa.

Dest'arte, estavam garantidos os estudos e a subsistencia de Agostinho.

Para sua alma, porém, não se encontrou mecenas. Nem o jovem queria saber de tutor ou mentor. Queria viver, viver á vontade, viver em toda a plenitude, viver sem entrave nem freio de especie alguma.

Grande era a sua fome de saber — maior ainda a sua sêde de amar.

Agostinho não sabia ainda, propriamente, o que era amar.

Não se sabe o que não se viveu — o que não se sofreu...

O que ele gozara nos ultimos anos era primitivo sensualismo. Não era propriamente amor.

Para amar, deve-se ser mais homem que animal. O animal não ama.

O corpo goza — a alma ama.

"Amar, e ser amado" — diz ele em sua auto-biografia, isto lhe parecia o supremo ideal da vida, a razão-de-ser da existencia.

Agostinho não conhecia ainda o amor, mas já estava, como diz, "enamorado do amor".

Veni Carthaginem; et circumstrepebat me undique sartago flagitiosorum amorum. Nondum amabam, et amare amabam... Quaerebam quod amarem, amans amare, et oderam securitatem et viam sine muscipulis... Amare et amari dulce mihi erat; magis, si et amantis corpore fruerer... Et tamen, foedus et inhonestus, elegans et urbanus esse gestiebam abundanti vanitate. Rui etiam in amorem quo cupiebam capi — cheguei a Cartago; e espumejava em torno de mim, qual caldeira em ebulição, a infamia de vergonhosos amores. Eu ainda não amava, mas ansiava por amar... Procurava o que amar pudesse, desejoso de amor; detestava a segurança e o caminho sem perigos... Amar e ser amado, me era suave; mais ainda quando gozava do corpo do ente amado... E, com ser tão feio e deshonesto, eu, no excesso da minha vaidade, fazia questão de aparecer elegante e urbano" (Conf. III, I).

"*Nondum amabam, sed amare amabam... Amans amare...*"

Não ha poeta gentio que com tanta paixão tenha cantado o delirio do amor, esse martirio dulcissimo do coração.

O amor de Agostinho não é esse *dilettantismo* amoroso dos nossos romanticos.

Não é essa suavidade languorosa e anemica de certos poetas dos nossos dias.

Não. O amor de Agostinho tem algo de tragico e de epico. Lembra a sinistra veemencia dos elementos, das forças da natureza. Faz pensar no vendaval, no relampago, no terremoto — na propria morte.

Amar é viver — não amar é morrer...

E, não raro, amar é morrer...

Existe um amor mortifero...

O homem, empolgado pela invisivel e invencivel veemencia duma força natural, não sabe se desse titanico amplexo vai sair vivo ou morto; não sabe se o ciclone raptor o arremessará ao seio de Deus ou á gehena de Satanás...

O amor é como o Destino de que falam as tragedias de Sofocles.

Agostinho não ama apenas com o coração, com o espirito, com os nervos; ama com todo o seu ser, ama com toda a plenitude da sua personalidade; ama com todas as potencias do Eu, com todas as energias da virilidade, com todas as tempestades da juventude — e com todas as profundezas de sua alma essencialmente metafisica.

Agostinho crê que o homem nasceu para amar. Crê que o homem que não ama errou o seu destino.

E nesta convicção viveu e morreu o grande pensador, embora compreendesse, mais tarde, que uma potencia tão sublime, vasta e profunda como é o amor necessita de um alvo igualmente grande e sublime para poder encontrar sossego e definitiva quietação; pois uma grande potencia não pode ser atualizada por uma realidade mesquinha e mediocre.

Aos olhos do jovem provinciano espraiava-se a sorridente metropole, com todos os deslumbramentos da sua cultura, com toda a sedução da sua estonteante luxuria —

Carthago Veneris, como a apelidavam acertadamente os contemporaneos — a Cartago de Venus...

Quando Agostinho, da gigantesca plataforma do templo de Esculapio, situado no topo da acropole, contemplava a cidade, tinha a seus pés todo aquele imenso taboleiro de edificios, de arruamento quase geometrico, cortado de jardins e pomares, de praças e alamedas, de soberbos monumentos e refrigerantes repuxos. Á esquerda ruborejavam aos clarões do poente as aguas placidas do golfo de Tunis, lembrando uma sonhadora laguna veneziana dos nossos dias. Para a direita, o vasto porto coalhado de navios a panejar ás tepidas brisas o variegado colorido de seu velame. Para trás, os azulados pincaros do Atlas. Á frente, a planicie liquida do Mediterraneo a confundir com a linha do horizonte o misterio das suas aguas, para além das quais se adivinhavam os litorais da Sicilia.

Oh! como és bela Cartago, rainha da Africa!...

A atmosfera da cidade era, geralmente, tepida, amenizada pelas brisas maritimas, voluptuosas caricias a embalarem corpo e alma naquele doce languor que tanto predispõe ao amor e aos gozos sensitivos...

Tudo quanto se via, ouvia e sentia em Cartago era de molde a inebriar o coração e diluir com subtil veneno a vontade e o carater do homem que não fosse precisamente de bronze e granito.

Por outro lado, não faltavam á metropole africana notaveis padrões de cultura. Orgulhavam-se os poderosos senhores de Roma de terem feito da sua antiga rival uma das mais belas e confortaveis cidades do mundo.

O anfiteatro de Cartago era do mesmo tamanho que o de Roma. Um aqueduto de 24 quilometros de comprimento canalizava as fontes do Zaghonan e abastecia a cidade. As termas de Antonio, de Maximio, de Gargilio gozavam de fama mundial. Numerosos teatros, ginasios,

academias e centros de arte e diversão proporcionavam ao povo cultura e grato passa-tempo.

No campo religioso deparava-se ao jovem numida a mais triste babel que imaginar se possa. Adeptos de todas as crenças e crendices, de todos os cultos cristãos e gentios, alardeavam os seus sistemas, degladiando-se encarniçadamente e forcejando por conquistar proselitos.

Os escritores da epoca falam em 14 igrejas cristãs em Cartago.

Terá Agostinho frequentado alguma delas?

Frequentou-as, sim, como confessa — para ver moças bonitas e convidá-las a um *rendez-vous*...

Os usos e costumes, como se vê, não mudaram muito, do 4.º ao 20.º seculo.

Afirmavam o campo os cristãos donatistas, chefiados pelo bispo Parmenianus. Ufanavam-se de "catolicos genuinos", ao passo que consideravam "bastardos" aos catolicos romanos, guiados pelo bispo Genetlius, difamando-os por toda a parte como adventicios e intrusos na verdadeira igreja de Cristo.

No periodo em que Agostinho estudava em Cartago, abjurou o Donatismo o bispo Rogatus, de Tenis, o que provocou grande sensação. Mas, ao mesmo tempo, Tycónius, prestigioso orador e escritor, defendia vitoriosamente a doutrina cristã segundo o espirito de Donatus.

Que partido tomaria Agostinho? se cada uma dessas facções afirmava e provava ser a unica e verdadeira igreja de Jesus Cristo?...

Para cumulo da confusão, surgiu no meio desse caos religioso mais uma seita cristã, sob a bandeira de Manes (ou Mani), religião denominada Maniqueismo.

Milhares de homens, maximé das classes cultas, aderiram prontamente a esse novo movimento.

Agostinho assistia aos dircursos e lia as dissertações dos protagonistas de todas essas correntes religio-

sas, mas sem abraçar nenhuma delas. Se os mais eruditos chefes se degladiavam e contradiziam uns aos outros, como podia um jovem de 18 anos decidir entre a verdade e o erro? Não seria melhor ficar á margem de todas as religiões e professar uma especie de religião universal, e, no mais, gozar a vida quanto possivel?...

Independencia do espirito, independencia da carne — eis o lema do estudante de Cartago!

Com estas idéias jogou-se Agostinho ao sorvedouro da *Carthago Veneris*.

7. — DELICIOSA AMARGURA

No meio de seus estudos e amores em Cartago, recebeu Agostinho a noticia da morte do pai.

Nas "Confessiones", menciona com poucas palavras, como que de passagem, este fato, que não lhe parece ter abalado a alma.

Quão diferente não viria a ser, mais tarde, a impressão que lhe causaria o falecimento da mãe!

Ainda que, material e economicamente, muito devesse o estudante a seu pai, pouca afinidade existia entre os dois homens no terreno espiritual e psiquico.

Morrera Patricio — e que seria dos estudos de Agostinho?

Monica era bastante "homem" para não permitir sofresse prejuizo a formação de seu filho querido. Desde logo, iniciou um sistema de intensa atividade e estreita economia para conseguir os recursos necessários á decente manutenção da familia e para facultar ao estudante a permanencia na capital.

De Navigius, o filho mais velho, nada ou quase nada sabemos. Os fulgores de Agostinho, parece, eclipsavam as fosforescencias de outro astro qualquer.

Felizmente, lá estava tambem Romanianus, o generoso amigo, que não se esquecia do protegido, em cuja cres-

cente celebridade adorava o poderoso mecenas o proprio Eu.

*

* *

Agostinho, ainda que empolgado pelo torvelinho duma vida de amores e aventuras, soube contudo manter sobre si mesmo o necessario *controle* para não comprometer a sua carreira. Grande era a sua sêde de amores, mas igualmente poderosa a ambição de glorias que lhe devorava o coração. Se cedesse aos instintos, se esbanjasse em orgias a saude precaria, que seria do seu futuro? Da sonhada celebridade de *rhetor,* de jurista, de magistrado?...

Veio, pois, uma paixão em socorro de outra paixão...

Compeliu o lucifer do orgulho ao demonio da luxuria...

Lançaram os abismos de Sodoma ás alturas uma torre de Babel...

*

* *

Por esse tempo, cristalizaram-se os desordenados e intransitivos amores de Agostinho em um determinado amor transitivo. Fixou a sua paixão amorosa em uma criatura determinada.

Amou uma jovem, e sentiu integralmente retribuida a sua afeição.

Inefavel delicia inundou a alma do estudante cartaginês. Por algum tempo ameaçavam as torrentes do amor arrasar todos os diques e represas e dar novo rumo ao inquieto aventureiro, lançando-o ás praias tranquilas dum lar feliz e bem constituido.

"Precipitei-me ao amor — escreve — e por ele me deixei algemar".

Entretanto, não tardou a alma de Agostinho de experimentar o que antes e depois dele verificaram milha-

res e milhões de outros homens: por mais que fosse amado, não se sentia amado bastante. E' que todo o amor é por sua natureza insaciavel, ilimitado, infinito. Nunca diz: basta.

Agostinho queria ser amado com infinita veemencia, com paixão, com delirio, com um potencial que ultrapassasse todas as raias do possivel e atingisse os mais longinquos horizontes que idear pudesse a imaginação no vasto circulo das suas divagações.

E aquela jovem cartaginesa, embora integralmente mulher, possuia, como todas as mulheres, apenas uma potencia afetiva finita. Era ardente, sincera, dedicada, apaixonada. Dava ao amante todos os encantos do corpo e da alma feminina — mas era humanamente limitada a sua paixão. Era como as amantes de todos os amigos e colegas de Agostinho — e ele queria que fosse algo de unico, de original, de inédito, de imensamente profundo e sublime...

Tivesse o filho de Monica encontrado no mundo feminino o que procurava, nunca talvez saisse desse mundo; mas só encontrava sossego e quietação no infinito. A caridosa crueldade do amor finito devia ser para ele uma ponte para a austera verdade do amor infinito.

Agostinho queria gozar, mas gozar como nunca homem algum gozara.

Queria encher mais a taça do que a taça comportava...

Queria um ato maior que sua potencia...

Queria um efeito superior superior à sua causa...

Começou então a sofrer no meio do gozo.

E descobriu este surpreendente paradoxo: que o homem pode sofrer o gozo e gozar o sofrimento.

Desvendou o inefavel misterio da doce amargura, da amarga doçura...

Verificou, com imensa estupefação, que o gozo, elevado ao supremo zenite da possibilidade, acaba no mais profundo nadir do tormento — e que este mesmo tormento, quando intensificado ao extremo da sua capacidade, gera uma delicia tão grande que ultrapassa todas as alturas do primitivo zenite, e atinge tão inefavel veemencia que arrebata os seus confessores e martires a um como que delirio de amor, a um indescritivel paroxismo de paixão...

A dor engendrada pelo amor age então como a cocaina, criando mundos fantásticos, que eclipsam todas as maravilhas do universo real...

Através da "espada flamejante" reconquista o heroi do amor e "paraiso perdido" defendido pelo fero querubim...

Agostinho, numa instintiva previsão desses mundos ignotos, inventou o dulcissimo martirio dos ciumes.

"Precisamente por que era amado — escreve o fino psicologo e romancista — é que gostava de me precipitar ao labirinto dos sofrimentos, afim de ser dilacerado pelos açoites igneos dos ciumes, flagelado de suspeitas, de apreensões, de colera, de irritações".

Por toda a escala das sensações eroticas passou a indomita paixão de Agostinho.

Assim só podia amar um jovem em cujas veias rolasse o sangue tropical (1) da Africa, em cuja alma se agitasse caoticamente a lava candente da literatura romantica que sorvera a largos haustos.

O que se acumulara no espirito do estudante da Madaura, á leitura da Eneida, ao sofrer com Enéas e Dido a inebriante acerbidade da loucura amorosa, isto irrom-

---

(1) O termo "tropical", que por vezes ocorre neste livro não é tomado em sentido geografico, mas simplesmente simbólico.

pia agora irresistivel, feito carne e sangue, do profundo vulcão da alma do academico cartaginês.

*

* *

Numa dessas tépidas noites que embalavam o golfo de Tunis e a cidade voluptuosa, foi concebida aquela criança a que Agostinho, mais tarde, chamaria "filho do seu pecado", e á qual pôs eufemisticamente o nome suave de "Adeodatus" — dado por Deus.

Quem era a mãe de Adeodatus? essa celebre anonima que tão importante papel desempenhou na vida pagã do futuro luminar do cristianismo?

Alguma graciosa estudantina de Cartago? uma daquelas bronzeadas colegas de Agostinho? ou então uma bela patricia romana? ou, quiçá, uma humilde e meiga donzela do bairro dos operários? uma dessas meninas pobres, de olhos dolentes e sonhadores, que trazem na alma imensa riqueza afetiva, que ninguem parece querer?...

Ficam sem resposta todas estas impacientes interrogações da nossa curiosidade. Eterno silencio, impenetravel misterio envolvem a pessoa daquela mulher com a qual Agostinho viveu 10 anos, que lhe deu o unico filho, e que, mesmo repudiada e sem filho, lhe foi fiel até a morte, na imensa solidão da patria africana...

Agostinho frisa que, apesar da sua vida desbragada, não foi propriamente um vulgar frequentador de bordel, mas que guardou á sua unica amante a fidelidade do talamo — *tori fidem*. Nasceu um filho contra a vontade, mas, uma vez nascido, conquistou o amor do pai — "*pactum libidinosi amoris, ubi proles etiam contra votum nascitur, quamvis, jam nata, cogat se diligi*".

Vai um quê de revoltante e de simpatico, quase tragico, naquele episodio de Milão, quando o recem-conver-

tido, tomado de uma sublime crueldade, despede a sua fiel amante cartaginesa, para cair nos braços duma menina italiana escolhida por Monica — enquanto a infeliz repudiada regressa á triste vacuidade da sua vida de outrora e passa o resto da solitaria existencia como casta vestal, chorando o seu primeiro e ultimo amor...

8. — CLARÕES EM PLENA NOITE

Fosse Agostinho um espirito menos revolucionario; não fosse ele um titan demolidor de mundos; tivera ele uma natureza pacatamente burguesa — certamente teria esse inquieto bandeirante constituido em Cartago o seu larzinho tranquilo e levado uma vida humanamente feliz, nos braços da dedicada amante e aos meigos carinhos de seu pequeno filho e herdeiro.

Entretanto, não era possivel que um espirito como o seu encontrasse sossego e quietação definitiva em tão suave idilio e em circulo tão acanhado.

O homem atormentado de problemas transcendentes não encontra pouso e querencia no remanso da familia e na tépida estreiteza do tálamo nupcial.

E' esta a sua feliz infelicidade .

Agostinho, com os problemas da carne mais ou menos solucionados, começou a sentir tanto mais impetuosamente os angustiantes problemas do espirito, mil vezes mais dolorosos e enigmaticos que aqueles. Sucedeu-lhe o que sucede a milhares de outros homens que cuidam encontrar no sexo o lenitivo aos seus martirios intimos — e só encontram martirios centuplicados...

O Agostinho cristão acusa-se, mais tarde, com estranha veemencia e assiduidade, das miserias da carne; mas essa mesma veemencia e assiduidade nos faz descon-

fiar. A' luz do seu esclarecido espiritualismo cristão pareceram-lhe, certamente, muito mais negras as sombras do sensualismo pagão do que eram na realidade.

Muito errado andaria quem considerasse as fraquezas carnais de Agostinho como obice principal á sua conversão. As mais profundas raizes da sua hesitação se encontram em terreno metafisico, no aparente conflito das luzes da inteligencia com as luzes da fé. O que as "Confessiones" fazem adivinhar vagamente, isto aparece em meridiana claridade nas paginas dos "Pensées", de Pascal.

Pascal, homem fraco, doentio, poucas dificuldades experimentava da parte da carne e do sangue, e, no entanto, não conseguiu jamais convencer-se das verdades do cristianismo de que estava persuadido. "Querer crer" era a unica possibilidade de "crer" para um homem que tinha a inteligencia das matematicas — como diz Unamuno — que tinha uma razão clara e um apurado senso da objetividade. "Creio, Senhor, ajuda a minha incredulidade!" Esta exclamação dum pai israelita resume bem o credo de muito Agostinho e Pascal dos nossos dias. "Se puderes crer — dissera o divino Mestre — tudo é possivel a quem crê". O pai daquele menino possesso não sabe se *pode*, só sabe que *quer* crer; e, por conhecer o seu *querer*, exclama: "Creio!" e, por ignorar o seu *poder*, acrescenta logo: "Ajuda a minha incredulidade!"

Revolver problemas que não se podem resolver — eis aí o constante martirio do homem que pensa.

Estudar, investigar a verdade, desvendar os misterios do mundo e os enigmas do além, descer ás profundezas da propria alma — quantos e quão dolorosos pontos de interrogação para o espirito pensante!

"Não tenho a pretensão de ter já atingido o alvo — escreve Paulo de Tarso — mas vou-lhe á conquista, a ver se o atinjo".

E' esta a atitude caracteristica de todo o bandeirante da verdade, de todo o espirito revolucionado por problemas.

O espirito mediocre e vulgar repousa, satisfeito, na posse daquilo que julga ser a verdade integral e definitiva.

Nada tem que atingir...

Nenhum problema a resolver...

Está sempre em dia consigo e com todo o mundo...

Sempre no termo de todas as jornadas...

Nada o inquieta.

Nada o agita.

Nada lhe martiriza o espirito.

O espirito superior, porém, está sempre em caminho.

Sempre procurando, indagando, perquirindo, revolvendo problemas...

Sempre a interrogar os horizontes...

Sempre com as antenas no ar...

Sempre á espera de alguma onda das regiões do Infinito...

Sempre clamando no deserto da sua incompreendida solidão...

Sofrendo a nostalgia do Além...

Martirizado pelo misterio da Eternidade...

Ferido pelo tormento da Divindade...

Insatisfeito com o pouco que sabe e o muito que ignora...

Esquecendo a gota do passado e demandando o oceano do futuro...

Assim é todo o amigo da verdade.

Assim é o infeliz e felicissimo revolucionario do espirito.

Um louco aos olhos da honesta e pacata sociedade...

Um hereje, quase sempre, aos olhos da turba-multa dos devotos que não teem problemas a resolver...

"O homem espiritual — escreve o apostolo Paulo — não é compreendido por ninguem"...

E' natural que as aves de vôo rasteiro não possam seguir os arrojados surtos da aguia a perder-se nas deslumbrantes excelsitudes do espaço cosmico...

*

* *

Estava Agostinho para terminar os seus estudos academicos. Figurava no programa do ultimo ano um livro de Cicero, intitulado "Hortensius", obra que, infelizmente, não chegou até nós. Era uma dissertação filosofica sobre a verdadeira "sabedoria", e a felicidade que o homem encontra na mesma.

Agostinho leu este dialogo, que fazia parte do programa — quando subitamente dá com uma frase que fuzila como relampago pela noite de sua alma. No fim de uma longa exposição sobre a natureza da verdadeira beatitude, dizia o filosofo romano:

"Se é verdade que possuimos uma alma imortal e divina, como afirmam os grandes e celebres pensadores da antiguidade, é de supor que tanto menos seja ela contaminada pelas humanas fraquezas e paixões quanto mais se mantenha nos trilhos da razão, do amor á verdade e do conhecimento. E tanto mais facilmente subirá a alma ao céu"...

Agostinho fecha o livro. A seus olhos vislumbravam os longinquos litorais de um mundo desconhecido. Essas palavras feriram uma tecla dormente nas inconcias profundezas de sua alma. O profano gozador de prazeres, o ambicioso sonhador de glorias teve um momento de inexplicavel clarividencia psiquica. Compreendeu, ou antes pressentiu, que para além desse mundo de honras e prazeres existia um vasto universo de valores que poderiam

dar ao homem perene e perfeita felicidade — a posse da sabedoria...

Não o dissera tambem Aristoteles? não falara Platão nesse mundo invisivel? E não morrera Socrates, sereno e calmo, porque entrara nesse luminoso universo do espirito?...

Consagrar a vida ao estudo e á meditação da Divindade; investigar-lhe os vestigios na obra da Natureza; levar uma existencia aureolada dos fulgores desse Ser supremo, eterno, infinito, — não encontraria o homem satisfação e beatitude nessa atmosfera espiritual? não descobriria na investigação da suprema sabedoria a plenitude da felicidade?...

Tão intensa foi a emoção que de Agostinho se apoderou que abundantes lagrimas lhe correram pelas faces, caindo sobre as paginas do livro que tão vastos horizontes rasgava a seu espirito sedento de verdade, de vida e felicidade...

Clarões em plena noite...

Fogos fatuos — e não uma jubilosa alvorada...

Não soara ainda para o filho de Monica a hora da redenção...

Essa "*anima naturaliter christiana*", depois desse rapido semi-despertar, tornou a cair no leito fofo do seu querido e indolente paganismo...

Por demais voluvel e inconstante era ainda esse espirito de 19 primaveras para se fixar definitivamente em tão excelso ideal...

Demasiadamente frageis eram ainda as asas da águia de Tagaste para se librar, seguras e firmes, em tão vertiginosas alturas...

O mundo era lindo. A vida cheia de promessas. As mulheres, sorridentes, belas, sedutoras...

E ninguem abre mão do belo senão para empolgar algo de mais belo...

Mais tarde, após a sua conversão, escreve o autor das "Confessiones", que não o satisfizera "Hortensius" porque em suas paginas não encontrou alusão alguma a Cristo. Esta frase, como observa judiciosamente Bertrand, é antes um floreio retorico e estetico do que a expressão da pura realidade. Agostinho nunca deixou de ser literato e orador. Escreveu o cristão e o bispo aos 50 anos o que deveria ter sentido o estudante pagão de Cartago aos 19, mas que não sentiu, provavelmente. Pois nesse tempo não tinha ainda Agostinho pensado e sofrido bastante para saber que não ha perfeita sabedoria fora do Evangelho, nem verdadeira felicidade fora de Cristo.

Só se compreende integralmente o Evangelho no trecho entre o Getsemane e o Golgota. Quem não viveu e sofreu o cristianismo, não é cristão. Pode ser um perfeito teologo, mas de cristianismo tem ele idéia tão imperfeita como o cego de nascença tem idéia da luz e das cores sabendo que consistem em vibrações ou ondulações do eter.

Agostinho não estava ainda maduro para assimilar a excelsa espiritualidade do Evangelho.

Extinguiu-se rapidamente esse lampejo divino na escuridão da noite humana. Mas não ficou sem efeito. O que uma vez empolga a alma isto fica eternamente dentro da alma. Pode, sim, descer da luminosa superficie da conciencia para as regiões penumbrais da subconciencia; mas daqui não sai mais; aqui permanece, aqui se eterniza; daqui, do misterioso sub-solo do Eu, continua a agir insensivelmente e influir, inconcio, sobre os atos concientes da vida humana.

Todo o bom ou mau pensamento, uma vez profundamente pensado, vivido e sofrido, é eterno, imortal. Vigora no mundo psiquico a mesma lei que a ciencia descobriu no mundo fisico: a constancia da materia e da energia. Nada se perde no mundo material — e nada se aniquila no mundo espiritual. Pode o homem "esquecer-se" de al-

guma realidade psiquica; mas, uma vez que essa realidade atingiu o centro do Eu, o intimo quê da personalidade, está definitivamente gravado no espirito humano, e existirá enquanto existir êsse espirito. Cometi pecado, pratiquei ato deshonesto — dizem os homens — mas arrependi-me, confessei-me, e é tudo como dantes, como se nada acontecera.

Embora o arependimento tenha restabelecido o estado *moral* de antes da queda, nenhum arrependimento é capaz de restaurar integralmente na alma o estado *psiquico* anterior á falta voluntariamente cometida.

Apagou-se a nódoa moral — e ficou o desequilibrio psiquico.

Desapareceu a culpa — mas ficou o habito, aumentou o pendor, a inclinação, a facilidade para a queda e recaida. Estratificou-se, por assim dizer, no sub-solo do Eu uma nova camada, da qual poderão brotar sempre novos seres eticamente maus, dificultando a vitoria dos atos concientemente bons.

O que sucede com o mal acontece da mesma forma com o bem, graças a Deus. Quanto maior for o numero dos atos bons e quanto mais profundamente vividos forem esses atos, tanto mais poderoso se tornará o invisivel exercito concentrado na zona noturna da alma, lançando, no momento critico, o seu contingente para o campo de batalha da conciencia etica.

Todo o segredo da pedagogia e psicologia, toda a estratégia espiritual está em saturar, por meio de atos eticamente bons e profundamente vividos, o terreno donde brotam os impulsos inconcientes que em grande parte determinam o carater dos nossos atos concientes e revestidos de imputabilidade moral.

O estudo de "Hortensius" não conseguiu abrir a Agostinho as portas do Cristianismo, mas lhe deixou na alma uma duvida salutar, uma grande desconfiança na

virtude redentora da filosofia pagã. Seria o homem capaz de atingir por esforço pessoal as serenas alturas do seu destino? Seria a razão escada bastante alta e forte para levar o homem ao trono da divindade?...

Agostinho abriu a Biblia, em cujas paginas diziam as igrejas encontrar a Deus falando á humanidade. Procurou penetrar nesse mundo incognito, mas em breve desanimou e desistiu do tentame. Habituado com o luxuoso classicismo dos periodos ciceronianos, como podia ele achar gosto na sóbria e, por vezes, tosca singeleza do Genesis ou dos Evangelhos? como podia o viciado *rhetor* de Cartago, habituado ás iguarias literarias de Virgilio, aos lautos festins poeticos de Horacio, sentar-se á mesa frugal dum pobre carpinteiro?...

Quidquid recipitur, per modum recipientis recipitur — diz um antigo axioma filosofico. O que se recebe espiritualmente é recebido segundo o carater do recipiente. A disposição do sujeito dá ao objeto a forma e côr do proprio sujeito. Todo o homem enxerga o mundo através do prisma caracteristico do seu carater individual.

Não era possivel que a Biblia agradasse ao espirito daquele estudante de 19 anos. A Biblia supõe certa madureza de espirito e virilidade de carater para ser devidamente compreendida e saboreada.

Assim como o cientista que anatomiza e secciona meticulosamente tecido por tecido e analisa celula por celula dum organismo humano não descobrirá jamais a alma, embora essa alma exista — assim tambem o exegeta, por mais que estude e investigue cada uma das frases, palavras, silabas e letras da revelação divina não topará jamais com a divindade, e, no entanto, é certo que Deus está em sua obra reveladora. Só a visão panoramica do conjunto é que nos faz conhecer o principio vital dum organismo humano ou o principio divino da Sagrada Es-

critura. E Agostinho não possuia ainda essa visão panoramica.

"Encontrei um livro — escreve mais tarde — que não só era impenetravel para o homem orgulhoso, mas que tambem ao espirito simples só dava meia revelação; um livro cuja entrada estreita só se alarga gradualmente e termina em um cume envolto em misterios. Naquele tempo não chegara eu ainda ao ponto de curvar a cabeça para poder entrar nesse santuario".

Abandonou, pois, o livro de Deus, assim como abrira mão da obra de Cicero.

9. — ENTRE A RAZÃO E A FE' — O MANIQUEISMO

Nem Cicero nem Cristo podiam satisfazer o espirito irrequieto de Agostinho. Ele não era ainda suficientemente cristão para compreender o Evangelho, nem era já bastante pagão para encontrar sossego na filosofia do "Hortensius".

Mas, não seria possivel harmonizar as especulações da inteligencia com as doutrinas da Biblia? lançar uma ponte sobre o abismo que separava a ciencia e a fé? escutar os ecos do além, sem desprezar as vozes do aquem? crer num Cristo platonico e admirar um Platão cristianizador?...

Na ansia de descobrir o novo elixir da felicidade, topou Agostinho com um livro do persa Manes, que admitia dois seres eternos, um luminoso e bom (Ormuzd), e outro tenebroso e mau (Ahriman). Acham-se esses dois seres — dizia o sabio, estribado em Zoroastro — empenhados num eterno conflito: luz versus trevas, e trevas versus luz. No homem encontram-se mesclados esses dois elementos eternos. Daí a luta no seu interior. O homem é bom ou mau, não pelo uso ou abuso do livre arbitrio, mas por necessidade fisica, e até metafisica. Não é o homem que vence ou cai derrotado, é o bom ou mau genio que nele habita. Jesus Cristo veio ao mundo — dizia

Manes — para libertar da materia sinistra e má as boas e luminosas particulas dentro do nosso ser.

E' de admirar que a clara e positiva inteligencia de Agostinho abraçasse sistema tão confuso e arbitrario como este, chamado maniqueismo. Entretanto... "o coração tem razões de que a razão nada sabe"... Ele mesmo confessa, mais tarde, porque se fez maniqueu: "Quem pecava não era eu, mas dentro de mim pecava não sei que outra natureza; e o meu espirito se alegrava de estar isento de culpa, e, quando praticava ato mau, de não ter de confessar que era eu que o cometera".

Com efeito, quem pecava no pecador era Ahriman, o deus do mal; o unico responsavel era esse mau espirito.

Alega Agostinho ainda outros motivos que o levaram a abraçar a doutrina de Manes: uma amizade intima com um maniqueu, bem como os fartos aplausos que colhia invariavelmente na luta com os adversarios do sistema.

Havia entre os maniqueus duas classes: os "eleitos" e os "ouvintes". Obrigavam-se aqueles a rigorosa continencia, afim de derrotar em si o principio do mal e levar á vitoria o elemento bom; ao passo que os "ouvintes" se contentavam com a admiração platonica desse ideal e a contribuição para o sustento dos "eleitos".

Agostinho nunca passou da classe dos "ouvintes".

Procuravam os adeptos de Manes eliminar dos livros sacros tudo quanto lhes parecesse contraditorio ou indigno de Deus, apresentando assim uma Biblia racionalizada, como diziam. Acabaram por rejeitar o Antigo Testamento quase todo, e "expurgaram" o Novo Testamento das pretensas interpolações judaicas, afim de adaptar a sagrada Escritura aos fins peculiares da sua seita.

Neste ambiente viveu Agostinho largos anos. Para esse credo angariou numerosos sequazes.

10. — NOVAMENTE EM TAGASTE — O PROFANO GOZADOR

Contava Agostinho 20 anos.

Terminara os estudo sem Cartago. Era chegado o momento em que o jovem *rhetor* tinha de abraçar a carreira de jurisconsulto, que lhe acenava com honras e fortunas.

Em vez disto, abandonou inesperadamente Cartago e voltou para Tagaste. Aí começou a lecionar gramatica e linguas e é nomeado por Romanianus preceptor de seu filho Licentius.

Ridicularizando a sua profissão de mestre de retorica, escreve: *"Victoriosam loquacitatem, victus cupiditate, vendebam* — vitima de cupidez, vendia a minha vitoriosa loquacidade".

Porque esta subita mudança de idéias? Porque esta renuncia aos altos projetos, para se reduzir á condição de professor de aldeia?

Nunca nos revelou Agostinho os motivos deste passo. Possivelmente contribuiram para esta resolução razões de ordem economica, tanto mais que o autor das "Confessiones" afirma desdenhosamente que abriu em Tagaste uma "taberna de palavras".

Ou será que Romanianus, o argentario e senhor do municipio, insistiu com seu jovem protegido no sentido

de consagrar os seus talentos á gloria e prosperidade da sua terra natal?

Passou Agostinho quase um ano em Tagaste. Deixara em Cartago a mulher dos seus amores.

Faz parte dos caracteristicos do genio de Agostinho, essa extrema facilidade e rapidez com que abandona trilhos antigos da inteligencia e do coração e se adapta a novos ambientes. Precisamente agora, na alvorada de uma nova vida de amor, ainda quase na "lua de mel" do seu primeiro amor definido, separa-se ele da querida companheira e da sedutora metropole, para se enterrar na solidão duma insignificante cidade provinciana.

Agostinho é um verdadeiro nômade do espirito e do coração. Não é amigo de residencia fixa e definitiva. Não simpatiza com rotinas e tradições. Pessimo pai de familia teria sido ele, provavelmente, se chegasse a fundar um lar propriamente dito. Não tolera barreira de especie alguma. Assim como abraçou sucessivamente diversas ideologias filosoficas e religiosas, antes de arribar ao porto seguro do Cristianismo, assim tambem, durante a sua longa vida de apostolo e apologista, modificou repetidas vezes a sua tatica e estrategia, e ainda no fim da existencia escreve um livro intitulado "Retractationes", obra em que revoga e corrige muitas das suas idéias e opiniões expostas nos primeiros tempos de convertido.

O homem menos inteligente acha desairoso mudar de idéias e aferra-se fanaticamente a opiniões uma vez professadas e proclamadas como certas e infaliveis. As idéias fixas impedem-no de ter pensamentos novos. Um pensamento pode converter-se em outro pensamento, porque é algo de movel, de fluido, de elastico e em permanente estado de evolução — ao passo que uma idáia se choca quase sempre com outra idéia, procura eliminá-la, suplantá-la, matá-la. O homem de idéias fixas é um caminho estreito ladeado de muros altissimos — o homem

do pensamento é um campo aberto para todos os horizontes.

O espirito tacanho, não raro, fossiliza-se nas suas idéias, que, geralmente, nem são *suas* — ao passo que o espirito largo evolue, progride, abandona opiniões antigas e menos exatas por outras, mais provaveis.

O sabio sabe que nada sabe.

O ignorante ignora que nada sabe.

Conhecer a propria ignorancia já é porta aberta para a sabedoria.

Ignorar a propria ignorancia é fechar as portas a todo o progresso intelectual.

O homem pensante considera-se, nesta vida, incessante viajor; por mais que caminhe e alcance, não se considera jamais chegado ao termo final da jornada, nem possuidor integral do ideal que demanda.

O espirito juvenil, mesmo quando habita em cerebro de ancião, não conhece idéias fosseis, estereotipicas, imutaveis. Aceita conselho, instrução, melhoramento; abraça, sem contsrangimento nem humilhação, idéias alheias, quando se convence de que são melhores do que as suas.

Decenios mais tarde, travou-se entre Agostinho e São Jeronimo veemente correspondencia epistolar sobre a origem da alma humana. Defendia este a criação divina da alma, propendia aquele para a idéia de uma espécie de geração por parte dos pais. Quando o colerico ermitão de Belem o censurou acremente por esta opinião, confessou Agostinho, com encantadora simplicidade e despretensão: "*Libentius disco quam dico, ne audeam docere quod nescio* — prefiro aprender a dizer, para não ousar ensinar o que ignoro".

Em periodo algum da sua longa existencia sentia-se Agostinho chegado ao termo final da sua jornada interior. Mesmo quando venerandas cãs lhe cobrem de neve a cabeça, considera-se ele ainda no principio do seu iti-

nerario espiritual, e continua como indefesso pioneiro a demandar novas zonas de conhecimento.

Agostinho foi um eterno itinerante, mais ainda de espirito do que de corpo.

Aos vinte anos, em Tagaste, não era ele, certamente, um mistico da Divindade; mas já sentia em si, vaga e obscuramente, a verdade das palavras que, mais tarde, lançou a papel: "Fizeste-nos para ti, Senhor, e irriquieto está o nosso coração até que descanse em ti".

Pensou em atravessar o Mediterraneo para visitar a capital do imperio. Com que fim? Não o sabia ele mesmo. Tão pouco o sabia como a ave migratoria sabe da existencia de outros paises de clima mais ameno do que o seu, e, no entanto, sente a irresistivel nostalgia das distancias, o instinto de longinquos e interminos horizontes.

Agostinho queria fugir do conhecido para o desconhecido, para o misterio, para o infinito. Tinha impetos de fugir de si mesmo, do velho Eu, para, por assim dizer, nascer de novo e começar vida nova. Tinha nojo de si mesmo e de tudo que com esse infeliz Eu se relacionava... E, por não poder suportar a si mesmo, insuportavel lhe parecia o mundo inteiro...

Nessa alma de pagão profano já dormitava uma alma de apostolo e de mistico — mas ele não o sabia...

Terno e doloroso ao mesmo tempo foi o reencontro de Agostinho com sua mãe. Depois da morte de Patricio, mais ainda concentrara Monica no filho querido todo o ardor da sua afeição, mixto de insatisfação de mulher e de angustioso amor de mãe. Amava intensamente aquele filho, ainda que nele desamasse o pagão, o hereje, o maniqueu... Nesse doloroso conflito se debatia a alma de Monica...

De ano a ano, mais espiritualizava ela a sua vida cristã. Duas vezes por dia visitava a basilica de Tagaste;

de manhã, á hora da oração e do Sacrificio, e á tarde, para assistir á pregação, á homilia.

Existia na igreja africana, como em geral no cristianismo dos primeiros seculos, uma congregação especial para as viuvas honestas, que emitiam um como que voto de segunda virgindade e gozavam de grande estima e reverencia no seio da igreja.

Monica, após a morte de Patricio, ingressou nessa especie de "ordem terceira", e mais do que nunca pôs a sua vida ao serviço da religião e da caridade.

Insistia com o filho que abandonasse suas heresias; mas eram em pura perda todos os seus esforços. Agostinho, no seu pretenso intelectualismo, sentia-se muito superior á fé cega e irracional dos bons catolicos e das piedosas mulheres do seu tempo. Amava sua mãe, mas não estava disposto a imolar na ara desse amor o holocausto da sua inteligencia e das suas convicções pessoais.

O novel maniqueu aproveitava todos os ensejos para fazer propaganda das suas idéias. Levou numerosos amigos e conterraneos para a seita que abraçara como ultima expressão da verdade. Até em praça publica discutia com seus adversarios, e, graças á sua preclara inteligencia e á arrasadora veemencia da sua dialetica, rebatia com facilidade e brilho os argumentos em contrario, roubando ao catolicismo grande numero de espiritos, precisamente dos mais cultos e influentes da sua cidade natal.

Entre estes contava tambem Romanianus, o homem mais rico e poderoso de Tagaste, amigo e protetor do *rhetor*.

A tal ponto chegaram as coisas que Monica proibiu ao filho a entrada em sua casa.

Agostinho, sereno e calmo — pelo menos exteriormente — abandonou a casa paterna e foi residir na luxuosa "vila" de seu grande amigo Romanianus. Estava disposto a sacrificar tudo ao idolo do seu racionalismo.

Com isto iniciou o futuro asceta e mistico um teor de vida visceralmente mundano, no meio de requintado luxo, por entre jogos, banquetes, caçadas e indolentes passa-tempos. A vastissima propriedade de Romanianus era uma especie de fazenda, ou parque, com termas e piscinas de natação, com lindos repuxos, com bosques e jardins de apurado gosto estetico. A' sombra duma *pérgola* de perfumosas trepadeiras, encravada num dos mais pitorescos angulos do pomar, sorria o "recanto dos filosofos", onde a dona da casa matava o tempo reclinada em fofo divan, e lendo obras de poetas e pensadores. Nesse convidativo recesso encontravam-se tambem amiude Agostinho e Romanianus, discutindo as opiniões dos filosofos da epoca.

Romanianus, homem de maneiras distintas e de extraordinaria liberalidade, não possuia convicções pessoais sobre coisa alguma, menos ainda sobre os magnos problemas da vida. Aceitava com facilidade as idéias dos que considerava super-homens. Assim como abraçou sem resistencia o maniqueismo de seu inteligente e simpatico protegido, e como perfilhou as idéias platonicas do mesmo, assim encampou tambem, mais tarde, o cristianismo do convertido de Milão. O aristocratico argentario de Tagaste nada tinha do espirito demolidor nem do genio criador de Agostinho. Só se sentia seguro sobre trilhos previamente alinhados por outrem. Ingeria docilmente o que outros cerebros lhe haviam devidamente mastigado.

Com a transferencia de Agostinho para a casa de campo do rico proprietario, parecia extinto em plena aurora aquele grande sol que devia aclarar o universo cristão de todos os seculos. Nada mais funesto para anquilosar o surto dum grande espirito do que essa atmosfera de prazeres enervantes. Quando a energia eletrica não encontra na sua passagem a necessaria resistência não

encandesce o fio condutor; quanto mais dificil a passagem mais intenso é o fulgor que a misteriosa corrente produz.

Para Agostinho já não havia resistencia, lutas, dificuldades a vencer — assim parecia. A vida na "vila" do amigo lhe corria por demais agradavel e deliciosa para que a aguia do seu espirito pudesse expandir as asas para grandes voos e demandar ignotas alturas para além das suaves e queridas comodidades desse vegetar sonambulesco...

Entretanto, não permitiu a Providencia que apodrecesse nessa paz indolente e anônima a grande alma do genial africano. Mil vezes mais dolorosos do que as adversidades externas são para um grande espirito os tormentos nascidos em seu proprio seio.

Quanto mais inteligente e sensivel é o homem tanto mais concientes e acerbos são os problemas que surgem das profundezas de sua alma — problemas, misterios, enigmas, esfinges, incontaveis interrogações sem resposta, que da sua vida fazem uma silenciosa luta e um continuo campo de batalha...

E' precisamente no auge da prosperidade material que o espirito profundo sente mais acerbamente a propria insuficiencia, a insatisfação de todas as satisfações, o amargos de todas as suavidades, o vacuo de todas as plenitudes terrenas... Ai da alma humana se lhe faltasse essa inextinguivel gravitação, esse divino heliotropismo das alturas!...

Correria perigo de ser impelida pela força centrifuga das grandiosas futilidades da terra a fugir pela tangente da sua orbita e desaparecer no tenebroso espaço do nihilismo e do nada absoluto.

Mas não é possivel essa fuga tangencial da alma, porque a imanente gravitação da sua propria natureza espiritual lhe veda essa deserção definitiva.

Em astronomia vigora a lei newtoniana de que os corpos se atraem na razão direta das suas massas e na razão inversa do quadrado da distancia. Tambem na astronomia do espirito se verifica lei analoga. O espirito criado sente-se atraido pelo Espirito incriado na razão direta do seu volume, ou seja da sua potencialidade espiritual. Espirito realmente poderoso não pode para sempre viver afastado do Ser infinitamente inteligente e espiritual, e, quando, por influencias anti-espirituais, pretende realizar tão estranha astronomia, sente-se tanto mais infeliz quanto maior é a distancia que o separa do seu centro de gravitação. E esta propria infelicidade é a maior das felicidades, porque impele o planeta descarrilado a reentrar na trajetoria do seu astro central e evitar assim o grande cataclismo metafisico.

A maior das infelicidades é não sentir esta infelicidade. O homem que vive a impugnar o teismo e a procurar argumentos para consolidar o seu chamado "ateismo" dá provas de que não está tranquilamente convencido do que afirma e que sente ainda a atração do centro que abandonou ou desejaria ter abandonado. Mil vezes pior quando o "ateu" prescinde de qualquer apologia do seu sistema e entra na zona mortifera duma grande calmaria espiritual, porque nesse ambiente corre perigo de não mais sentir a feliz infelicidade dos seus tormentos metafisicos.

Mas parece que esta desgraça das desgraças só pode caber a um espirito obtuso e mediocre, e não a um espirito de elevada potencialidade.

O proprio demonio sente-se infeliz no seu ateismo — ou melhor, no seu teismo perverso — porque é um grande foco espiritual, bem capaz de medir a profundidade desse abismo e avaliar o negror dessa noite sem Deus.

11. — ANGUSTIAS DUM CORAÇÃO DE MÃE — UM SONHO E MUITAS LAGRIMAS

Pelo rumo que as coisas tomavam, convenceu-se Monica de que seu dileto Agostinho se alheara definitivamente do Catolicismo, religião em que ela via a verdade e unica possibilidade de salvação.

Mas, com a morte da fé catolica na alma do filho, não queria morrer na alma de Monica o amor de mãe. Pelo contrario, em virtude não se sabe de que estranho paradoxo, quanto mais se distanciava Agostinho do espirito da igreja, tanto mais se aproximava Monica do coração do filho. Banhava com o amargor das suas lagrimas um cadaver inerte... Embalsamava com a perfumosa essencia das suas preces um esqueleto de fé cristã...

Acabava Agostinho de ser proclamado chefe do maniqueismo em Tagaste. A privilegiada inteligencia do jovem, formada á custa de inominaveis sacrificios daquela heroina cristã, era agora uma lamina agudissima para matar no coração de muitos homens aquela fé que Monica alimentava em sua alma com a carinhosa solicitude duma Vestal a amparar o fogo sagrado no templo da divindade.

Numa daquelas noites banhadas de lagrimas e incendidas de suplicas, teve Monica um sonho ou uma visão.

Via-se em pé numa grande planicie. De subito, aproximou-se dela um jovem sorridente, aureolado de vivos fulgores. Ela, porem, estava imersa em profunda tristeza e coberta de luto. Inquiriu o jovem do motivo das suas lagrimas. Choro a eterna condenação de meu filho — respondeu-lhe Monica. Ao que o desconhecido lhe respondeu: Não temas! teu filho estará onde estás. Monica voltou o rosto, e viu Agostinho ao pé de si, no mesmo plano.

Esperançada com esta mensagem divina, procurou Monica revocar para casa o filho. O hereje, de fato, voltou. Voltou corporalmente, mas o seu espirito continuava longe, no deserto da heresia de Manes. Procurou arrebatar á mãe a "ilusoria felicidade" que lhe dera aquele sonho, dizendo:

"Se nós dois, a julgar por teu sonho, estivermos um dia no mesmo plano, quer dizer que tu abraçarás como eu o maniqueismo".

"De forma alguma! — protestou Monica — não me disse a aparição que eu estaria onde tu estás, mas que tu estarás onde eu estou".

Sorriu-se Agostinho — e continuou aferrado ás suas idéias religiosas.

*

* *

Em sua extrema aflição, foi Monica procurar um bispo muito versado na Biblia e instou com ele que convidasse Agostinho para uma discussão publica, afim de o convencer dos seus erros. Negou-se o prelado a aceder ao pedido. Tão temido era o brilhante espirito do jovem heheje que ninguem ousava agredi-lo em controversia publica, com medo duma derrota.

Monica, porem, não se rendeu. Continuou a suplicar entre lagrimas que, ao menos, falasse com seu filho. Ao

que o bispo lhe respondeu, um tanto irritado: "Vá, senhora, e continue a viver como de costume. Não é possivel que se perca um filho de tantas lagrimas". E fez ver á suplicante que um homem de tão penetrante inteligencia como Agostinho não professaria por muito tempo doutrina tão incoerente como o maniqueismo, doutrina que ele, o antistite, conhecia a fundo, porque tambem fôra um dia discipulo de Manes.

Conformou-se Monica com o inevitavel, redobrando de orações e prantos, para alcançar a conversão de seu filho.

12. — A VOLUPIA DAS SAUDADES

Durante a sua permanencia em Tagaste, ao que parece, pouco se preocupou Agostinho com a sua amada em Cartago.

Tanto mais se afeiçoou a alguns amigos que comungavam nas suas idéias.

Havia entre estes um seu companheiro de estudos superiores, que tambem morava em Tagaste e que Agostinho levara aos arraiais do maniqueismo.

Adoece gravemente este amigo. Agostinho desvela-se em solicitudes pelo enfermo, que trazia tão dentro do coração que bem o pudera apelidar de *"dimidium animae meae"* (metade de minha alma), como dizia Horacio falando de Virgilio. Ás portas da morte, pediu o agonizante o Batismo. Depois, com grande surpresa de todos, convalesceu.

Quando Agostinho tornou a visitar o amigo, que deixara sem sentidos, e este lhe falava, calma e reverentemente, do Batismo, zombou o maniqueu de semelhante "fraqueza" e convidou o convalescente para uma discussão filosofico-religiosa. Este, porém, dirigiu-lhe um olhar doloroso e serio e declarou-lhe com firmeza e energia: "Se quiseres ser meu amigo, deixa-te de semelhantes falas".

Perturbado com tão inesperada resposta, retirou-se Agostinho, aguardando o completo restabelecimento do

enfermo, na certeza de que então o faria voltar aos antigos sentimentos. Mas o doente faleceu de improviso, daí a poucos dias, sem que Agostinho tornasse a revê-lo.

Indescritivel foi a dor que se apoderou da alma do jovem, quando soube do desenlace do dileto amigo. "A dor que esta perda me causou — escreve mais tarde — enlutou de trevas o meu coração. Por toda a parte se me antolhava a morte. Em tormento se me tornou o torrão natal, e em martirio a casa paterna. Tudo quanto compartilhara com o amigo tornou-se-me em indizivel tortura, agora que ele não existia mais. Os meus olhos procuravam-no por toda a parte, e em parte alguma o encontravam. Tudo me aborrecia, porque o não via em parte alguma e porque nada me podia dizer: Aí está ele! virá, como outrora, quando por momentos nos separavamos — no tempo em que ele ainda vivia"...

Tristeza, luto e pranto foram o pão quotidiano de Agostinho, após a morte do amigo. E, por fim, julgou encontrar suavidade no amargor do pranto. Gozava, por assim dizer, o seu proprio martirio. Entregou-se á volupia das lagrimas e saudades.

"Não tenho mais nada no mundo senão a minha dor — dizia — e esta dor me é querida e cara".

Nem queria saber de consolação. Apaixonara-se pelo sofrimento. Viciara o coração com o doce entorpecente da dor e encontrava nessa estranha embriaguez uma ilusão de alivio. "O meu pranto substitue-me a presença do amigo do meu coração".

Entretanto, quem conhecia o genio de Agostinho podia adivinhar que semelhantes labaredas do seu sentimentalismo não tardariam a ceder a outras flamas não menos intensas, deixando de si apenas um punhado de cinzas frias...

A breve trecho, resolveu Agostinho voltar a Cartago afim de abrir um curso de Retorica. Possivelmente, re-

cebera tambem recado da sua amante, comunicando-lhe o proximo nascimento de seu herdeiro.

Partiu, por mais que a tal passo se opusesse Romanianus, que se queria servir do inteligente jovem como fogo de artificio para iluminar a sua cidade natal e o Municipio que administrava. Entretanto, sugestionado por Agostinho, acabou por ceder, e, ainda por cima, pagou mais uma vez as despesas de viagem ao simpatico protegido.

12. — SILENCIOSO CLAMOR DUMA ALMA

Com o regresso de Agostinho para Cartago, principia o mais doloroso periodo da sua angustia interior — preludio da sua redenção espiritual.

Cerraram-se em noite espessa todos os horizontes de sua alma.

Desceu o espirito de Agostinho ao mais profundo nadir da abjeção e do nojo dos seus pecados. E do fundo deste abismo seria, um dia, arrojado pelo poder da graça ao mais alto zenite da espiritualidade.

Nove meses passa o ser humano em formação no seio materno, para poder, finalmente, contemplar a luz da vida — e nove anos levaria ainda essa "alma naturalmente cristã" até surgir definitivamente do paganismo do "homem velho" para a vida da "nova criatura em Cristo".

Nunca talvez existisse um homem que, no meio dos seus pecados e do seu paganismo, se achasse mais perto de Deus do que Agostinho.

Espirito agrilhoado pelo erro, alma escravizada pela carne, sentia-se esse "santo pecador" tão infeliz, tão rasgado de desharmonias, tão enojado de si mesmo, que o silencioso clamor de todo o seu ser era um brado imenso da humana miseria pela divina Misericordia.

Quanto mais conciente nos for a nossa vacuidade, tanto mais perto estamos da plenitude de Deus.

"Onde estava eu nesse tempo quando te procurava, Senhor? — pergunta ele mais tarde; e responde com estas palavras tão suas e tão de milhares de colegas seus de todos os seculos: — Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Eu não sabia encontrar a mim mesmo — e como seria então possivel encontrar-te a ti?"...

Realmente, o homem que não se encontra a si mesmo pela introspecção e pelo horror do proprio Eu, jamais encontrará a Deus pela contrição e pelo amor.

*

* *

Em Cartago foi Agostinho saudado com jubilo pela sua quase-esposa e talvez pelo vagido de seu filhinho. Ingrata surpresa, essa, do aparecimento do nenêzinho. Agostinho não desejava, nesse tempo, ser pai. Mas, quando tomou nos braços o pequenino ser plasmado do seu sangue, sentiu o delicioso orgulho de quem contempla o proprio Eu refletido num pequeno Tu. Confessou corajosamente a sua paternidade. Impôs ao recem-nascido o nome de "Adeodatus" — dado por Deus. O "filho do pecado", fruto da sua incontinencia, nascido daquela que não era sua esposa, e esse filho é um "presente de Deus" — quanta ironia neste nome!

Mas esse nome é bem um simbolo da vida paradoxalmente sublime desse "cristianissimo gentio", mais religioso talvez que muitos daqueles que nunca andaram tão longe de Deus, nem nunca chegaram tão perto de Deus como ele...

Com o nascimento do filho estreitaram-se ainda mais as relações entre Agostinho e aquela mulher anonima, adquirindo uns visos de matrimonio legitimo.

Durante dez longos anos foi Agostinho fiel a essa jovem cartaginesa, sinal de que esse voluvel nomade da inteligencia e do coração a amava realmente, fosse por causa de sua beleza, fosse pela bondade de seu coração, fosse por todos esses motivos. Não lhe vedava a lei repudiar a mulher e ficar com o filho. Não o fez enquanto um novo teor de vida não o impelisse a esse extremo.

Porque não contraiu com a mãe de Adeodatus legitimo matrimonio?

Dificil responder. O que sabemos é que nem mais tarde em Milão, quando Agostinho procurava regularizar a sua vida, consentiu Monica nesse casamento. Não faltou quem visse na amante de Agostinho uma jovem de condição inferior, talvez sem cultura de espirito, mas que cativou o coração do ardente filòsofo em virtude daquelas "razões de que a razão nada sabe".

Em terreno sexual e afetivo, como se vê, era Agostinho bem humano, simpaticamente humano. Não entravam nos seus calculos, como fatores ponderaveis, a fortuna, os brazões de familia, o prestigio social, as luzes de saber da sua companheira; entrava somente *ela*, entrava apenas o *eterno feminino*, potencializado talvez por um irresistivel *sex-appeal*, como diriam os modernos.

*

* *

Entretanto, esses nove anos em Cartago foram tambem anos de intenso labor.

Agostinho, por mais afetivo, não deixa nunca de ser o sensato intelectualista e o homem do bom-senso.

Graças á influencia de Romanianus, conseguiu Agostinho uma colocação entre os *rhétores* da metropole. Dois filhos do poderoso amigo achavam-se entre seus educandos, morando talvez na mesma casa com o mestre.

Eulogius e Alypius lograram escapar ao "negro vaso do esquecimento", graças á futura celebridade de Agostinho. O ultimo tinha de seus pais proibição categorica de frequentar as preleções do perigoso maniqueu, mas o jovem não conseguiu resistir por muito tempo á ação envolvente dos poderosos "fluidos simpaticos" do mestre.

A' luz de numerosos fatos historicos, é de supor que esses "fluidos" — para usar de terminologia moderna — fossem de extraordinaria veemencia. Quase ninguem consegue subtrair-se por muito tempo á sedução dessas invisiveis ondas personais. Eulogius, Alypius, Nebridius, Honoratius, Marcianus, Romanianus e, provavelmente, seus dois filhos — todos os que entram no campo magnetico de Agostinho sucumbem á estranha fascinação da sua personalidade; o jovem africano desarma como que brincando os seus mais poderosos adversarios; conquista para as suas idéias filosoficas e religiosas espiritos diametralmente opostos á sua ideologia e munidos de todos os antidotos contra os invisiveis venenos que dimanam desse mago da inteligencia e do coração.

Apenas Monica resistiu, invicta, a essa silenciosa ofensiva espiritual do filho, graças, sem duvida, a uma poderosa virtude do alto.

Não fossem esses nove anos de intensos labores intelectuais, filosoficos e literarios, inexplicavel nos seria a cultura enciclopedica que Agostinho revela nas paginas da "Civitas Dei", a mais vasta e profunda obra que dele possuimos. Que saber possuia, afinal, um *rhetor* formado pela academia de Cartago? Conhecia escritores e poetas gregos e latinos; sabia revestir de luxuosa roupagem as suas idéias — mas seriam essas belas exterioridades assás resistentes para contrabalançar a potencia demolidora dos seculos? Todo o homem chegado á virilidade espiritual

sabe de experiencia propria que o que o impressiona, empolga e convence são, em ultima analise, as idéias, idéias que sejam como que a cristalização da propria vida humana. Pode o homem em formação extasiar-se ante uma deslumbrante fraseologia sem idéias, mas o homem formado pela academia da vida e, sobretudo, pela universidade do sofrimento, procura antes de tudo a alma da idéia, e só admira o involucro literario na medida que ele atue como veiculo ou prisma para apresentar a idéia em a sua natural beleza e plenitude.

Nesse periodo estudou Agostinho tudo quanto o espirito humano havia produzido de melhor e mais valioso, no campo da ciencia e da arte.

Do terreno literario passou para as inexploradas regiões da filosofia. Desceu com Aristoteles ás profundezas metafisicas do Ser Supremo. Devassou o cosmos. Analisou os misterios do proprio Eu. Ascendeu com Platão ás excelsas culminancias das Idéias Eternas. Interrogou sobre o *donde*, o *para onde* e o *porque* desse ente estranho que, com o farol da razão, procura iluminar a noite do mundo irracional.

Foi nesse tempo que Agostinho se apaixonou pela filosofia. E ficou fiel a esse amor através da sua vida cristã, até ao derradeiro suspiro.

Falar em filosofia aos incientes e aos profanos gozadores é correr risco de ser incompreendido. Quem nunca saboreou a deliciosa volupia do saber pelo saber, não passa dum analfabeto ou dum aluno de escola primaria, em face da verdadeira ciencia e filosofia. Não sabemos aquilo cujos efeitos momentaneos aparecem, á superficie da nossa experiencia quotidiana. Sabemos sómente aquilo cujas causas e ultimas razões foram desvendadas pela aguda lamina dessa paciente e abnegada mineira, que é a inteligencia norteada pela razão.

Quem uma vez se apaixonou pela ciencia como tal desdenha todo o saber interesseiro, e chega, não raro, a sacrificar por ela o proprio bem-estar fisico. O filosofo, mais ainda que o poeta, vive muitas vezes fora do mundo, alheio ás palpaveis realidades da vida, absorto nas suas idéias; é, geralmente, pessimo homem da sociedade, verdadeira negação para salões elegantes e reuniões protocolares. Não sómente descura o seu trajo e aspeto externo, mas tambem costuma ser deploravel "cavalheiro" e conversados. Não sabe dizer lindas banalidades sobre o estado do tempo, como exigem as visitas e relações sociais. Não é capaz de falar uma ou duas horas sem dizer nada. Não o interessam as intrigas politicas. Não sabe servir blandiciosas mentiras ás damas e aos amigos, mentiras sem as quais não subsiste a sociedade — numa palavra, o verdadeiro pensador e filosofo é, geralmente, um ser que vive a sua vida propria e, por isso mesmo, é um corpo estranho no meio daqueles que vivem apenas a vida alheia.

Existe uma obra de Aristoteles, intitulada "As dez categorias", em que o principe dos filosofos remonta a tão vertiginosas alturas e usa duma terminologia tão abstrata e inédita que poucos dos seus admiradores conseguem penetrar nessa floresta metafisica, e muitos daqueles que cuidam ter atingido o pensamento do garnde Stagirita entenderam coisa bem diversa do que ele queria dizer.

Afirma Agostinho que os mestres cartagineses apregoavam *buccis typho crepantibus* (com bochechas crepitantes de vaidade), como algo de "grande e divino", esse misterio aristotelico. E, no entanto, discriminou ele as idéias contidas nas "categorias" e sem mestre algum as compreendeu. E' que o espirito arguto do africano era congenial ao do inteligente heleno — e sempre é mais facil apreciar com justeza um fenomeno quando se está no mesmo plano de perspectiva do que quando em nivel inferior e, portanto, com uma perspectiva obliqua.

Agostinho é dos grandes pensadores da antiguidade o ultimo espirito realmente enciclopedico, formando traço de união entre a cultura antiga e nova.

Foi principalmente através de Agostinho que a Idade Media chegou a conhecer a literatura classica.

*

* *

A par do estudo intenso da filosofia helenica continuava Agostinho a investigar a verdade religiosa, pesquisando nas paginas da Biblia e procurando a justificação do seu confuso maniqueismo. Entretanto, como mais tarde confessa, nunca a sua alma encontrou plena quietação no sistema religioso que abraçara. Esperava, de ano para ano, luzes mais amplas e fortes, alguma grande revelação que lhe tirasse as duvidas e esclarecesse umas tantas obscuridades que lhe envolviam o espirito insatisfeito. Inumeras vezes expôs aos corifeus da seita essas suas duvidas e incertezas. Eles, porém, não tinham outra consolação senão esta: "Espera e verás; estuda, e saberás". Apelavam para "dogmas esotericos". Davam ás suas teses e hipoteses certo colorido de profundidade filosofica, certo fulgor metafisico, certo verniz poetico, e assim narcotizavam os espiritos de seus adeptos.

Agostinho compara-se a si mesmo com um pobre passarinho devorado de sêde: abeira-se de um regato para beber, e encontra as aguas turvadas, propositalmente turvadas por perfido caçador que na vizinhança armou o seu laço traiçoeiro para apanhar a avezinha incauta.

*

* *

Que ser estranho és tu, alma humana! que quer dizer essa eterna e inextinguivel inquietação que ferve em tuas

profundezas? essa soluçante saudade de algo que não perdeste nem nunca viste? essa dolorosa insuficiencia, que até parece aumentar na razão direta da abundancia exterior e dos bens que possue e goza?... Porque não podes tu, alma humana, descansar no conforto e na plenitude do presente e do visivel? Porque deves alongar os olhos para os horizontes do futuro e de um mundo invisivel? não sabes que esses anseios metafisicos abrem em chaga viva o intimo quê de teu ser?

Mais e mais se convence Agostinho de que não é possivel atingir a verdade á força de especulações filosóficas, nem á luz da Biblia, nem pelas doutrinas das igrejas, que se degladiavam na mais vergonhosa discordia, negando umas o que outras defendiam e desmentindo todas elas com descaridosas polemicas a caridade que apregoavam como sendo a alma do Evangelho.

Na atmosfera crepuscular desse ceticismo desanimador, foi a alma do jovem resvalando cada vez mais para o terreno do misticismo pagão. Se não havia um Deus na inteligencia dos filosofos nem no coração dos teologos, se nem a ciencia nem a fé estavam em condições de construir uma escada que atingisse o céu — quem sabe se essa verdade se encontrava nos circulos esotericos dos magos e astrologos, que diziam manter secretas relações com potencias sobrenaturais?...

Travou Agostinho relações com diversos "taumaturgos" da epoca, como eram considerados, geralmente, os neo-platonicos.

Em breve, porém, se sentiu desencantado pela magia e pelo ocultismo, e começou a pesquisar no terreno da astrologia, cujo carater cientifico o satisfazia mais do que os manejos fantasticos e o grosseiro charlatanismo dos chamados taumaturgos. Entusiasmou-se vivamente pela ciencia desses "matematicos", como então se intitulavam os cultores da astrologia. Manteve longos coloquios com

Vindicianus, celebre medico cartaginês, que, todavia, procurou convencer Agostinho de que as profecias dos tais matematicos não passavam de coincidencias fortuitas, sem nenhuma influencia da constelação dos corpos sidereos.

Inuteis, porém, foram todas as ponderações do sensato esculapio.

Nem tão pouco valeu Nebridius, amigo intimo de Agostinho, dissuadí-lo de dar credito á pretensa ciencia desses aventureiros astronomicos. Andava a alma do jovem filosofo em adiantado estado de "gestação espiritual", se assim se pode dizer. Já não a satisfaziam os argumentos puramente intelectuais. Tacteava nas trevas, em demanda de algo de sobrenatural, algo de celeste, algo de divino; e, como ainda não lhe despontara a serena luz solar do Cristianismo, refugiava-se esse espirito intensamente heliotropico para onde julgava entressentir o bruxolear duma luz que não fosse deste mundo.

*

* *

No meio dessas especulações filosoficas e metafisicas, ocultistas e astrologicas, ecoava a voz suave da mulher que ele amava, tremulava o choro duma criança que era sangue do seu sangue — e Agostinho se lembrava de que não podia passar os seus dias entre sonhos e lucubrações de estereis teorias. Tinha de contar com a prosaica realidade — tinha de ganhar dinheiro...

Vindicianus teve pena do pobre *rhetor,* que estava a pique de sacrificar a sua existencia fisica — sua e dos seus — pela metafisica das suas idealogias espiritualistas. Acabava o abalisado medico de ser nomeado pro-consul do norte da Africa. Sob os auspicios do poderoso amigo resolveu Agostinho escrever algumas peças para o teatro de Cartago. Quando se considera o nivel baixissimo em

que se encontrava o teatro da metropole e o gosto depravado do publico, é realmente para muita estranheza que a preclara inteligencia e a intensa fome espiritualista do filho de Monica se degradasse até esse extremo. Agostinho, futuro luminar da filosofia cristã e da mistica, a escrever comedias para a culta e inculta plebe cartaginesa, peças teatrais eivadas de grosseiro erotismo — será possivel conceber mais vergonhoso contrassenso que este?...

"Colocou-me Vindicianus o laurel da vitoria sobre a cabeça enferma" — geme Agostinho, ao relembrar este tristissimo periodo da sua vida pagã.

14. — O PRIMEIRO LIVRO — O NOVO TANTALO

Vivia, nesse tempo, na capital do Imperio Romano, um famoso *rhetor* sirio, por nome Hierius. Não tardou que a fama desse homem ultrapassasse as fronteiras da Europa e repercutisse nas plagas da Africa. Os que se tinham na conta de intelectuais acompanhavam com admiração, real ou ficticia, a luminosa trajetoria do novo astro.

Por esse mesmo tempo escreveu Agostinho a sua primeira obra filosofico-estetica, intitulada: "De pulchro et apto" (Do belo e conveniente). E teve a idéia de a dedicar ao grande sirio. Ver o seu nome no mesmo livro com o do famoso orador, saber-se nomeado no mesmo fôlego com Hierius, era então para Agostinho motivo de inefavel satisfação e honra suprema. Assim, calculava ele, teria esperança de imortalizar o seu nome com o do grande sabio — assim como o obscuro artifice gosta de perpetuar o seu nome no caminho do monumento que tem de erguer em praça publica a alguma celebridade. Quis, porém, a ironia da sorte que se invertessem os papéis, que o nome de Hierius só passasse á posteridade graças ao livro que lhe dedicou o seu obscuro admirador africano cujo nome passaria a ser ligado para sempre á cultura do mundo cristão.

Não chegou até nós essa primeira produção literaria de Agostinho. Dela sabemos apenas através da auto-biografia "Confessiones".

E' bem notavel e profundamente simbolico que a primeira obra de Agostinho versasse tema estetico. Durante toda a sua vida continuou ele fiel a sua orientação. Agostinho não deixou nunca de ser o cantor da beleza. Ainda que nesse tempo, como parece, ignorasse os celebres dialogos do grande discipulo de Socrates — Phaedra, Georgias, etc. — são profundamente platonicas as idéias de Agostinho, como, aliás, todas as obras do grande luminar respiram mais o espirito de Platão do que do famoso Stagirita.

O cristianismo agostiniano é a religião da luz, da beleza, da estetica, do coração, a religião do amor — assim como o cristianismo da aguia de Aquino, embora não prescinda destes aspetos, é antes a religião da inteligencia, da razão, do raciocinio sereno e sobrio de Aristoteles.

"Num amamus aliquid nisi pulchrum?" — pergunta ele a seus amigos — será que amamos algo que não seja belo?

Na "Civitas Dei", quando fala da ressurreição dos corpos, acha que o corpo humano deve ressurgir para uma vida nova e com todos os membros devidamente purificados, "porque esses membros são belos", e o que é belo não pode perecer para sempre. Para Agostinho, o *belo* é tão imortal como o *verdadeiro*.

Hierius não respondeu á gentil dedicatoria e oferta do livro de seu ardente e desconhecido admirador.

Agostinho continua a lecionar retorica em Cartago, procurando amenizar a monotonia da sua "taberna de vender palavras", como apelida sarcasticamente a sua profissão, com o estudo de novos sistemas filosoficos e religiosos.

A astrologia levou-o, aos poucos, ao terreno mais seguro da astronomia. O estudo desta ciencia encheu-lhe a alma de duvidas sobre a exatidão da doutrina de Manes. A arbitraria cosmogonia do maniqueismo contradizia em muitos pontos ás firmes realidades da cosmologia.

O simples "ouvinte" da seita resolve expor as suas duvidas a alguns "eleitos" da mesma. Mas, em vez duma solução, teve como resposta apenas este magro consolo: "Espere até que venha o nosso bispo Fausto".

Depois de longos anos de espera apareceu, finalmente, em Cartago, esse suspirado Messias do maniqueismo. Agostinho ouviu-o e visitou-o. Expôs-lhe as suas dificuldades — e retirou-se profundamente decepcionado...

Fausto era um espirituoso literato, um agradavel *causeur,* mas nunca um filosofo nem um sabio. Era incapaz de medir o alcance das objeções do jovem, que procurava sinceramente conciliar a ciencia dos astros com as doutrinas dos mestres da seita.

"*Ubi venit, expertus sum honinem gratum et jucundum verbis, et ea ipsa quae alii solebant dicere, multo suavius garrentem. Sed quid ad meam sitim pretiosiorum poculorum decentissimus ministrator? Jam rebus talibus satiatae erant aures meae; nec ideo mihi meliora videbantur quia melius dicebantur; nec ideo vera quia diserta; nec ideo sapiens anima quia vultus congruus et decorum eloquium* — quando (Fausto) chegou, tive diante de mim um homem de presença agradavel e de palavras jucundas, e que sabia exprimir com torneios muito mais suaves as mesmas coisas que outros costumavam dizer. Mas que adiantava para saciar a minha sêde o fato de ser o servente da taça um homem simpatico? Das coisas que ele proferia já estavam fartos os meus ouvidos; nem por isso me pareciam melhores porque eram ditas de modo mais elegante; nem por isso verdadeiras porque eloquentes; nem

por isso me parecia mais sabio o espirito porque o semblante era atraente e a frase bem cuidada" (Conf. V, 6).

Desde então, foi Agostinho um cetico. A verdade, a grande e saudosa verdade, pela qual suspirava o seu espirito sedento e exhausto de infrutiferas migrações, começou a se lhe afigurar como simples miragem do deserto, ilusorio oasis, que o fatigado viajor nunca atingiria, por mais que andasse e sofresse...

15. — PLANOS DE VIAGEM — ADEUS, CARTAGO !

Dilacerado de profunda insatisfação interior, agitado de crueis solicitudes pelo futuro dos seus, dolorosamente desepcionado nas suas aspirações metafisicas, concebeu Agostinho o plano de atravessar o Mediterraneo e procurar paz e salvação em um novo ambiente — na capital do Imperio. Lá estava o seu querido amigo Alypius, que acabava de terminar os seus estudos de Direito. Para lá o chamavam os amigos Marcianus, Honoratius, e outros.

Indica Agostinho como um dos motivos desse passo a selvageria dos seus ouvintes cartagineses, que obrigavam o *rhetor* a um rigor e uma energia de que este não dispunha. Em Roma, cidade cultissima, esperava encontrar ambiente melhor, mais humano, mais propicio para sua futura carreira. Mulher e filho ficariam na Africa até que o chefe encontrasse posição garantida.

De mais a mais, Agostinho sentia-se cada vez menos seguro em Cartago. O imperador Teodosio perseguia inexoravelmente a heresia de Manes, chegando ao ponto de decretar pena de morte para os adeptos impenitentes — e Agostinho era conhecido como um dos principais caudilhos da seita, para a qual conquistara inumeros amigos.

Quando Monica soube do plano do filho, viu por momentos desmoronar todas as esperanças da sua vida. Que

seria dele, de sua alma, se se subtraisse ao influxo da fé? Quem o revocaria dos seus erros? quem o reconduziria ao seio da igreja de Cristo, naquela Babilonia de Roma, foco de todas as aberrações espirituais da epoca?...

Abundantes, amargas, ardentes, correram as lagrimas de Monica...

Incessantes subiam ao céu as suas preces.

Foi a Cartago. Cingiu nos braços o seu filho prodigo. Conjurou-o que não fosse a Roma, ou, pelo menos, a levasse em sua companhia.

Agostinho, embora com o coração a sangrar, permaneceu irredutivel.

No porto de Cartago estava surto um navio com destino á Italia. Esperava pelo primeiro vento propicio para içar velas. Mas a calmaria era total, absoluta. A atmosfera pesada e humida.

Agostinho dirigiu-se ao porto, seguido de sua mãe. Enganou-a dizendo que ia apenas a bordo para acompanhar um amigo que partia. Mas não conseguiu iludir a clarividencia dessa mulher inteligente e forte.

Passaram dias e noites. Continuava a mesma calmaria.

Na vespera da partida estava o navio ancorado num pequeno porto, ao norte da cidade. A' beira-mar havia uma capela dedicada a São Cipriano, patrono de Cartago. Sugeriu Agostinho á mãe a idéia de passar a noite orando nesse santuario. Monica para lá se dirigiu em companhia do filho. Não o perdia de vista.

Cai a noite. Monica derrama sobre o altar do santo toda a angustia do seu coração. Rega com as torrentes dos seus olhos o lagedo da igreja...

Depois de muito orar e muito chorar, senta-se numa das galerias que circundavam o templo, no meio de outras pessoas que lá passavam a noite.

Exhausta da longa espera, debilitada de crueis sofrimentos, adormeceu, finalmente, sobre o frio lagedo da galeria...

Agostinho aproveitou a ocasião para se esgueirar em pés de lã e embarcar apressadamente.

Antes de clarear o dia, o veleiro levantou ferro. Sopravam ventos galernos. E lá se foi Agostinho, rumo á Italia, deixando sua pobre e santa mãe submersa em sono no santuario de São Cipriano...

Adeus, Cartago! adeus, Africa! adeus, almas queridas!...

A vastidão do mar, as belezas da alvorada, o jubilo das luzes a quebrar-se nas ondas azuis — nada, nada foi capaz de aliviar o horroroso pesadelo que oprimia o espirito e o coração de Agostinho...

Com a alma dilacerada de desharmonias, réu duma ação feissima, de enganar sua mãe, que tanto o amava e tanto por ele sofria — sentia Agostinho nausea de si mesmo, e quase desejava que as ondas profundas do Mediterraneo o tragassem de vez com todo esse inferno da sua miseria e da sua imensa infelicidade...

Tudo suporta o homem quando se suporta a si mesmo.

Mas Agostinho não suportava mais o proprio Eu...

Tinha nojo de si, nojo da sua vida, nojo do passado e do presente — e não podia divorciar-se desse tormento da conciencia culpada...

Vem, ó morte querida!... vem libertar-me do inferno de mim mesmo!...

16. — NO LABIRINTO ROMANO — TRABALHOS — DESANIMO

Seria em fins de agosto ou principios de setembro quando Agostinho pôs pé na capital do Imperio.

E, logo no inicio, foi colhido pela febre, que era então muito comum nesses meses humidos de outono.

Convidado por um "ouvinte" do maniqueismo, hospedou-se num dos ultimos andares dum "arranha-céus", que já então existiam, embora modestos, em Roma.

Com pouco dinheiro no bolso, com a alma rasgada de desharmonias, prostrado na cama, ora a arder em fogo, ora sacudido de gélidos arrepios, julgava Agostinho chegada a sua ultima hora. Um inferno de horrores negrejava-lhe na alma ao pensar que, nesse infeliz estado moral, teria de aparecer ante o divino juiz. Sabia que andava mais longe de Deus do que nunca. Em pequeno, tinha ao menos o desejo de receber, mais tarde, o batismo e guiar-se pela doutrina do Nazareno; mas agora, nem esse piedoso desejo vislumbrava em sua alma pagã, através da noite lugubre do seu desespero...

Lembrou-se de sua boa mãe, que a essas horas se debulhava em pranto e passava noites de dolorosa vigilia por causa dele, seu filho prodigo. Recordou-se da negra perfidia que contra ela cometera na noite do embarque...

Monica a definhar de saudades e angustias no litoral da Africa, e Agostinho a morrer de febre e de remorsos num escuro e humido desvão dessa tristonha Babilonia, como se lhe afigurava a cidade das sete colinas...

Mal entrado em ligeira convalescença, meteu-se pelas ruas de Roma, á procura de alunos para o seu planejado curso de retorica.

Oh! trabalho infame, esse! Mais infame ainda para um jovem de saude precaria, para um convalescente de corpo depauperado pelas febres, para um espirito sedento de idéias e de ideais... Ter de arrastar essa vida tecida de trivial prosaismo, de dores, repulsas e decepções sem conta nem medida...

Nunca em dias de sua vida ulterior conseguiu Agostinho simpatizar com a "cidade dourada", como a apelidavam seus habitantes, em vista dos numerosos telhados de ouro. Cartago continuava a merecer todo o amor desse africano.

Depois de longos dias chuvosos; depois de infrutiferas correrias, ruas acima, ruas abaixo, por becos e vielas, nada conseguira o jovem academico. Para um obscuro *rhetor* provinciano era imensamente dificil angariar alunos na orgulhosa *urbs*. As antigas familias patricias da opulenta metropole mediam com mal disfarçado desdem o enfermiço mancebo africano, se é que se dignavam mandá-lo entrar nos luxuosos palacetes. Agostinho não era bastante habil na tortuosa politica de subornar os porteiros, para que o levassem á presença de seus ilustres senhores e patrões e lhe advogassem a pretensão.

Recusas, negativas, desprezos, sobranceira displicencia, desdenhoso dar de ombros — tudo isto coube ao filho de Monica em excessiva abundancia. Foram, a bem dizer, semanas de murros e pontapés, a torto e a direito...

O movimento nas estreitas ruas era um continuo perigo de vida. Em desapoderado galope costumavam os aris-

tocratas lançar de praça em praça as suas soberbas quadrigas, atropelando, não raro, incautos pedestres e veiculos mais modestos. E quando então passava distinta matrona romana, carregada em luxuosa liteira pelos seus eunucos e circundada do fausto imenso da sua côrte, sob as ordens de um *dux* a empunhar seu bastão de comando, então ficava por largo espaço de tempo interrompido o transito na respetiva zona urbana.

Depois de um dia desses, cheio de fadigas, trabalhos e desilusões, regressava Agostinho á sua pobre mansarda em casa do amigo maniqueu e suspirava pela morte redentora... Recordava-se das sedutoras palavras de Sêneca sobre a unica entrada na vida e as muitas saidas; "ninguem é obrigado a ser infeliz — dizia o famoso filosofo estoico — és feliz? continua a viver? és infeliz? volta para donde vieste"...

Segundo tradição antiquissima, achava-se a casa onde se hospedou Agostinho no bairro de Velabrius, numa rua que até hoje tem o nome de *via greca* e passa pela veneranda igreja de *Santa Maria in Cosmedin.* Era esse bairro o eldorado das pulgas, dos piolhos e de toda a especie de sevandijas, que se sentiam muito a gosto nessa zona falta de asseio e higiene. Gregos, sirios, armenios, egipcios e outros imigrantes de terras levantinas e africanas formavam o grosso da população desse bairro. As acanhadas ruas e vielas fervilhavam de marujos, operarios, carregadores, estivadores, etc., porque nas proximidades se achavam os depositos e armazens do rio Tibre.

Que contraste para um jovem habituado ao luxo e conforto da vila de seu amigo Romanianus!

Mas quando, após uma dessas noites horriveis passadas ao clarão dum candieiro de azeite, ou duma caçarola cheia de brasas, Agostinho descia da sua "torre de babel" e demandava as zonas residenciais de Roma, parava, ex-

tasiado, ante uma montanha de neve, ante o palacio marmoreo de algum magnata da metropole. Logo ao saltar no porto de Ostia, ficara Agostinho deslumbrado pela magnificencia do Septizonium, de Septimus Severus, gigantesco complexo de castelos e colunatas, que rematava a famosa *via Appia.* No coração da cidade de erguiam, em majestosas colinas, as obras ciclopicas do Capitolio e do Palatino, e, mais além, o imenso anel do Coliseu.

Algo de sobrehumano havia na fisionomia arquitetonica dessa *Roma Eterna,* nesses templos, nessas basilicas, nesses obeliscos, nessas galerias e colunatas marmoreas, nesse estonteante faiscar de ouro e prata, nessa infinidade de monumentos maciços que perpetuavam em praça publica as vitorias dos Cesares sobre povos e nações de tres continentes.

É certo que Agostinho, sedento de estetica, não deixou de visitar as obras-primas da arte e industria humana, os monumentos de escultura e arquitetura, o templo de *Jupiter Capitolinus,* as termas de *Caracalla* e de *Diocelecianus,* o *Pantheon,* o templo de *Roma* e de *Venus,* a praça da Paz, o teatro de *Pompeius,* o *Odeum,* o *Stadium,* etc.

Se, por um lado, sentia em si o orgulho de cidadão romano, por outro se lhe revoltava intimamente a natureza africana ao pensar que tamanho luxo e tanta opulencia representavam o suor e o sangue das provincias exploradas pelos senhores de Roma. As ruinas de Cartago — de sua querida Cartago — serviam, em grande parte, de pedestal ao excessivo fausto da metropole dos Cesares.

A *urbs* que Agostinho viu era a Roma da decadencia, crepusculo do seu triste ocaso, preludio da sua proxima destruição pelos povos nordicos. Afora um pugilo de sinceros intelectuais e dos adeptos do Nazareno, era Roma uma podridão imensa. Não se cogitava senão em comer, beber e divertir-se. Os "banquetes de Luculo" estavam na

ordem do dia, entre os sibaritas dos palacios. Agostinho conhecia o desbragado sensualismo de Cartago; sabia que o africano, em geral, não primava pela continencia e sobriedade; mas o que ele presenciava em Roma ultrapassava todas as raias da imaginação. Não se comia para viver — vivia-se literalmente para comer, para se embriagar, para extrair da vida o ultimo e supremo requinte do gozo, da luxuria, de inaudita glutonaria e voracidade. Afirma um escritor contemporaneo que as bibliotecas de Roma estavam fechadas como os tumulos, que as ciencias eram evitadas como veneno, que o romano só se deliciava em corridas de cavalos, circos e carnificinas de atletas e gladiadores nos anfiteatros — e no *pornographicum.* 1)

Por ocasião duma grande carestia, foram expulsos de Roma todos os estrangeiros; mas abriu-se exceção para 3.000 bailarinas e coristas impudicas, porque sem elas não se concebia a vida na metropole.

Os poderosos do Imperio açambarcavam quase todo o ouro e as propriedades imoveis, ao passo que milhares e milhares de pobres, de indigentes e escravos viviam na miseria, em completo abandono, espreitando ensejo propicio para estrangular os seus tiranos.

Symmachus, o Prefeito de Roma no tempo de Agostinho, possuia vastissimas propriedades, suntuosos palacios e casas de campo na Italia, Sicilia, Mauritania, por toda a parte.

Bastava o mais futil motivo ou pretexto para eliminar do numero dos vivos qualquer um desses onipotentes capitalistas afim de lhe confiscar os bens. Acusado de magia, de alta traição, de secretos manejos revolucionarios — desaparecia de improviso o argentario superfluo, eliminado pelo punhal ou pelo veneno...

---

(1) Quem visitou certos recintos das ruinas de Pompei sabe o que significa esta palavra.

Agostinho não era, certamente, nenhum santo. Tambem ele era epicureo na vida pratica. Mas tinha um espirito de altos quilates e um coração sedento de algo que não fosse essa podridão envernizada de cultura; tinha sêde dum ideal desconhecido. Repugnava-lhe essa vida grosseiramente material da aristocracia romana. Quantas vezes, nos seus solitarios passeios á sombra do Janiculus, ou pelos jardins de Sallustius, terá repetido a si proprio as palavras que, mais tarde, disse aos seus ouvintes cristãos de Hipona: "Levai um africano a uma terra cheia de verdores e de frescor — e vereis que não ficará; impelido pelas saudades, voltará para os ardores do seu deserto".

Nas horas suaves do crepusculo, quando o sol moribundo submergia nas aguas azuis do Mediterraneo, fugia a alma do jovem númida, qual ave de arribação, para as plagas sulinas; contemplava as aguas mornas do golfo de Tunis; repousava no cume do monte Byrsa e banhava-se na atmosfera cariciosa que envolvia a "princesa do sul", a cidade dos amores de Dido e Enéas... Em fantastica fosforescencia reluziam ao luar as aguas das enseadas, embaladas em verdes pomares e brancos rochedos...

E a alma do africano sentia-se exilada e triste... Imensamenete triste...

Onde estaria, a essas horas, aquela mulher anonima e seu filhinho?...

E aquela outra mulher, de olhos sempre humidos, mulher que ele deixara dormente no porto de Cartago?...

— 9

17. — ADEUS, ROMA ! — O FUNCIONARIO PUBLICO

Após infinitos trabalhos e humilhações, conseguiu Agostinho, finalmente, auxiliado por amigos e correligionarios, alguns alunos para o seu curso de retorica. Foi, sobretudo, Alypius, "irmão de sua alma", que lhe aplainou os caminhos. Alypius ocupava, nesse tempo, o elevado cargo de Ministro da Fazenda, como diriamos em terminologia moderna. Nessa qualidade, gozava de grande prestigio na côrte imperial. Convertido ao maniqueismo por Agostinho, em Cartago, não podia deixar de se interessar pela carreira do colega. Homem de carater integro e de indole pratica, servia de oportuno contrapeso ao temperamento impressionavel e especulativo do jovem amigo. As diversões sociais levavam os dois rapazes a termos opostos. Agostinho não sentia em si a força de viver castamente e continuou a ser em Roma o que fôra em Cartago, amigo das suas amigas — ao passo que Alypius, mais indiferente em face do mundo feminino, se apaixonara morbidamente pelo anfiteatro e pelas sangrentas lutas gladiadores na arena.

Logo ao chegar á metropole, comunicara Agostinho ao amigo que se desligara interiormente do maniqueismo, porque o julgava incompativel com a fisica do cosmos. Nem os corifeus da seita sabiam solucionar satisfatoriamente as dificuldades que ele lhes apontara, á luz da Biblia.

Alardeavam os "eleitos" uma vida de rigorosa continencia; condenavam como pecaminoso o uso de certos manjares, sobretudo de carnes e de vinho fermentado; consideravam deshonestas as relações conjugais — mas, em sua vida particular, sabiam desforrar-se ocultamente dos sacrificios que em publico ostentavam. Banqueteavam-se nababescamente, usando e abusando de manjares e bebidas "puros", como o fim de se aproximarem cada vez mais da "divindade da luz" e eliminarem do organismo a "divindade das trevas". Sabia Agostinho de diversos "eleitos" que, inimigos jurados do matrimonio, pelo fato de ele multiplicar a materia, séde do mal, viviam em secretas desordens sexuais, havendo mesmo entre eles quem se entregasse aos mais repugnantes vicios contra a natureza.

Em suas polemicas, soube Agostinho manejar, mais tarde, contra essas idéias e infamias o latego da sua causticante ironia, arma que o tornava temido de todos os adversarios. Ainda o piedoso ancião episcopal continuava a vibrar contra os inimigos da verdade esses sarcasmos.

Com o bispo maniqueu de Roma antipatizou Agostinho desde o primeiro encontro, porque lhe parecia um camponio sem cultura espiritual, e destituido até de boas naneiras. Ao despedir-se dele recordou a primeira decepção que lhe ocasionara outro pontifice da seita, Fausto.

Embora interiormente desligado do maniqueismo, continuava Agostinho externamente maniqueu, e isto por motivos de mera conveniencia social. Tambem era tão comodo narcotizar a conciencia com o suave entorpecente duma moral que atribuia ao "deus das trevas" todos os atos reprovaveis do homem, isentando-o de culpa e imputabilidade moral... Razões do coração...

Não via possibilidade de romper categoricamente com a religião de Manes sem ofender seus amigos e benfeitores, aos quais tanto queria e devia.

Insensivelmente, foi o espirito do infatigavel pesquisador descambando para o declive do "ceticismo academico", hospital e leito fofo de inumeros espiritos cultos que, depois de exhaustivas lutas pela conquista da verdade, encolhem os ombros, num gesto de cansado pessimismo, e perguntam com Pilatos: "*Quid est veritas?*" que coisa é a verdade? existe a verdade? e, se ela existe, é acessivel á humana inteligencia?...

Que adiantava pesquisar problemas metafisicos, quando os problemas fisicos do pão nosso de cada dia atormentavam o pobre lutador, de saude abalada e bolsos vazios? Tinha lecionado retorica a uma turma de alunos que, com imenso trabalho e com auxilio de bons amigos arrebanhara; mas, quando chegava a hora do pagamento, muitos deles desapareciam para nunca mais. Eram menos selvagens, esses romanos, do que os estudantes cartagineses, porém tanto piores caloteiros...

Acabou Agostinho por se convencer de que não podia viver da profissão que escolhera. A ciencia se revelava pessima "vaca leiteira", dolorosamente ingrata e esteril para seus servidores.

Ocorreu então a Agostinho uma idéia, que é tambem tabua salvadora para milhares de estudantes de outras eras e outras terras: voltou os olhos para as alturas do funcionalismo publico. Pensou em ocupar um emprego em alguma repartição do governo. Assim estaria livre das incertezas de cada dia e das perfidias do publico.

E caiu-lhe a sopa no mel!...

Estava o governo de Milão á procura dum professor para a cadeira de Retorica. Imediatamente se inscreveu Agostinho na lista dos pretendentes. Mas, nesse tempo era como hoje: não bastava a competencia profissional para conseguir o cargo; era indispensavel a proteção dum poderoso da politica ou do governo. Não faltou entre os

amigos de Agostinho quem recomendasse o jóvem a Symmachus, Prefeito de Roma, Symmachus, que fôra pro-consul em Cartago, era ariano 1) e não simpatizava com a expansão do catolicismo nos grandes centros do Imperio. Sabendo que o candidato era maniqueu e, portanto, adversario do catolicismo, não hesitou em nomeá-lo professor da cátedra de Retorica na importante cidade residencial dos Imperadores, onde um inteligente e piedoso bispo conquistava inumeros adeptos á religião catolica.

Foi assim que, em virtude duma estranha ironia da sorte — ou melhor, pelo designio da Providencia — foi Agostinho, o pagão e hereje, enviado, por obra e mercê de herejes e gentios, á cidade de Milão onde o filho de Monica iniciou a sua fulgurante trajetoria de terrivel adversario de todas as doutrinas que deslustravam o Evangelho de Jesus Cristo.

Contava Agostinho 30 anos quando, em 384, em luxuosa carruagem imperial, a expensas da Prefeitura de Roma, cortou as vastas planicies setentrionais da Italia, em demanda da cidade episcopal de Santo Ambrosio.

Nesta cidade, esperava o novel funcionario publico lançar os alicerces para uma solida posição economica e social, e realizar, finalmente, o seu velho sonho de glorias. Chamaria sua querida cartaginesa e seu filhinho Adeodatus, e gozaria em cheio a vida, sem deixar de investigar a verdade.

Não contava Agostinho com um fator mais positivo e poderoso que todos os que figuravam nos seus calculos — e por isso falharam todos os seus planos.

Era chegado o tempo em que a graça divina, acumulada sobre sua cabeça, pelo ardor das preces e pelas lagrimas de Monica, ia desabar qual impetuosa catadupa so-

(1) Adepto de Arius, heresiarea do 4.º seculo.

bre essa alma rebelde de filho prodigo, quebrando de vez todas as resistencias e lavando o pagão, o hereje, o peccador, no banho redentor do Golgota.

"Monica, teu filho estará onde tu estás"...

18. — AGOSTINHO E AMBROSIO

"O dia que te der vida nova deve de ti fazer novo homem"...

Com estas palavras, um tanto enigmaticas, se despedira de Agostinho seu amigo Marcianus, naquela infeliz madrugada no porto de Cartago.

Esta vida nova podia ter começado desde já, em Milão — mas não começou...

Agostinho, havia tempo, deixara de ser maniqueu convicto.

A côrte imperial, que residia na capital da Lombardia, era catolica, mas não ocultava os seus amores pelo arianismo.

Para Agostinho, estava solucionado o problema economico da sua vida. Ganhava mais que o suficiente para viver com folga. Entretanto, vinha chegando o momento em que a sua crise espiritual entraria no periodo mais agudo.

Era bispo catolico de Milão o habil estadista e abalisado orador, Ambrosio, genio diametralmente oposto ao de Agostinho, e que, no entanto, devia exercer influencia decisiva sobre o destino ulterior do grande africano.

Descendente de familia ilustre, filho do ex-prefeito do Pretorio dos Gauleses, governava Ambrosio as provincias romanas da Emilia e da Liguria. Era pagão, mas

de costumes tão irrepreensiveis e dotes tão invulgares que, por ocasião da vacancia da sé episcopal de Milão, o povo o aclamou unanime como pastor da diocese. Ambrosio, vendo na *vox populi* a *vox Dei,* cedeu á vontade popular. Mas, como era gentio, recebeu primeiro o batismo, e, pouco depois, foi ordenado sacerdote e sagrado bispo.

Não se admire o leitor da vertiginosa sucessão de tão graves acontecimentos na vida de Ambrosio. Nem sempre existiu na igreja a lenta e majestosa liturgia hierarquica dos nossos dias.

Ambrosio continuou a governar as suas provincias como de costume, acrescentando aos onerosos cargos administrativos mais as solicitudes do munus episcopal. Era solteiro e consagrava grande parte da noite ao estudo, que o dia todo era reclamado pelo expediente e pelas inumeraveis visitas e consultas de todas as partes.

Desde o dia em que providencia divina e a vontade do povo o elevaram á dignidade de antistite, intensificou grandemente o estudo das Escrituras Sagradas. Não tardou a iluminar com o fulgor da sua inteligencia e o brilho da oratoria os pulpitos das igrejas da sua vasta diocese, sobretudo da basilica de Milão.

Agostinho, assim que chegou a Milão, ouviu da fama desse orador, no qual via um filosofo — tambem um colega. Sem demora resolveu fazer uma visita a Ambrosio, na certeza de que ia ser por ele recebido como em Cartago o fôra pelo celebre Vindicianus. Entreter-se-ia com o grande pensador sobre os angustiantes problemas filosoficos e religiosos que lhe dilaceravam o espirito.

"Comecei a amá-lo — escreve mais tarde — não como um mestre da verdade, que já tinha a menor esperança de encontrar em tua igreja (ó Deus), mas como um homem benigno para comigo... Ouvia-o como que para lhe explorar a facundia, a ver se esta era maior ou menor do que a fama de que ele gozava... A dicção era menos suave e

blandiciosa que a de Fausto; mas, quanto ao resto, impossivel traçar paralelo: aquele, enredado nos erros dos maniqueus, ao passo que este ensinava sadiamente o caminho da salvação".

Dolorosa foi a decepção do jovem africano. Decepção, é verdade, de outro carater do que a que levara das visitas a Fausto e ao bispo maniqueu de Roma. Ambrosio tratou Agostinho com fria indiferença, e, parece, até com um quê de laconica superioridade. Agostinho, nas suas obras, refere-se repetidas vezes ao "santo bispo de Milão", chega mesmo a dizer que foi por ele recebido "paternalmente". Mas não consegue apagar algo de doloroso que o leitor percebe nas entrelinhas dos seus escritos. Quando refere que Ambrosio "*peregrinationem meam satis episcopaliter dilexit*" (gostou bastante episcopalmente da minha peregrinação), não será que vibra nestas palavras uma tal ou qual desilusão e, quiçá, uma pontinha de ironia? "*Peregrinatio*", faz-se a um santuario, a algum celebre foco de espiritualidade. "*Satis episcopaliter*" — quer dizer que Ambrosio viu no professor de Retorica uma simples ovelha do seu rebanho, e ovelha fora do redil, um diocesano qualquer confiado á sua solicitude pastoral.

Não ignorava, certamente, Ambrosio que o seu visitante viera com cartas de recomendação de Symmachus, prefeito pagão de Roma. Sabia que Agostinho vinha com a intenção de contrabalançar a excessiva influencia do catolicismo milanês na vida social.

É possivel que Ambrosio, o eminente conselheiro imperial, bispo e governador, fizesse sentir ao "mercador de palavras" a vacuidade das idéias que professava e a indignidade da vida que vivia.

Não fosse Agostinho sincero investigador da verdade, não possuisse ele a humildade dos espiritos famintos e sedentos de saber, é certo que teria, de inicio, cortado todas

as relações com o prelado. Teria, possivelmente, movido contra ele e suas idéias uma intensa campanha. Mas a admiração que o jovem maniqueu votava ao bispo catolico era maior que a decepção que sentiu em face da frieza protocolar de Ambrosio. Por demais tinha o filho de Monica sofrido com os seus tormentos intimos para não fugir duma fonte em que esperava dessedentar a sua alma atormentada.

Ambrosio, é certo, estava longe de se guiar por sentimentos indignos. Era o seu genio. Habituado ao expediente administrativo, sobrecarregado de trabalhos materiais e espirituais, mal interrompia a leitura biblica quando assomava na sala de audiencias, sempre aberta a todos, a figura franzina do professor de Retorica, recem-chegado da Africa.

Agostinho descreve uma dessas visitas silenciosas, em que ele se quedava largo tempo, sentado quase defronte ao "santo bispo", a tal ponto assediado de visitas ou abismado no estudo da Biblia que parecia prescindir completamente da presença do visitante. Queixa-se Agostinho de que Ambrosio não lhe compreendesse os ardores da carne e do espirito — "*nec ille sciebat aestus meos*" — e que não lhe fosse dado ensejo para uma entrevista em regra — "*non quaerere ab eo poteram quod volebam, sicut volebam, secludentibus me ab ejus aure atque ore catervis negotiosorum hominum, quorum infirmitatibus serviebat*"...

Ambrosio, no apogeu da celebridade, parecia ao ambicioso Agostinho o "homem mais feliz do mundo", se não vivesse sem companhia feminina; pois o celibato que o bispo-governador praticava voluntariamente, se afigurava ao jovem *rhétor* "fardo muito pesado".

E, de fato, Ambrosio era um "homem feliz", se poder e prestigio é felicidade. Fôra amigo do glorioso imperador Teodosio; mentor do jovem principe Graciano, mais

tarde assassinado, e exercia ainda notavel influencia no conselho de Valentiniano II, cuja côrte pagã e ariana trabalhava febrilmente por reconquistar o jovem imperador de treze anos para as ideologias anti-catolicas .

Era intensa em Milão a vida religiosa. Não menor, porém, era a ambição e perfidia dos poderosos, que se serviam da religião como trampolim para granjear as boas graças do imperador e galgar o fastigio do poder.

Todos os dias ouvia Agostinho degradantes anecdotas com ou sem fundamento real, sobre o clero catolico, sobre sua politica interesseira, suas ambições, o seu luxo, e, não raro, os seus escandalos. Do bispo de Roma contavam-se coisas que a um Luculo fariam toda a honra; embora "servidor de Deus e dos pobres", gastava o prelado rios de dinheiro em banquetes que, como se dizia, rivalizavam com a mesa do imperador. "Se eu for nomeado bispo de Roma — costumava dizer ao papa Damaso, Pretextatus, Prefeito pagão de metropole — imediatamente me converteria ao Cristianismo".

Se Agostinho se declarasse publicamente adepto e defensor do catolicismo, é certo que só teria a lucrar com essa atitude. Bem poderia ele aderir, sem hipocrisia, á igreja catolica; pois interiormente deixara de ser maniqueu. Mas, já nesse tempo, lhe eram por demais sagradas as suas idéias e saudades metafisicas para não as profanar com uma exibição rumorosa ou com interesses materiais.

Por outro lado, acabara num como ceticismo desolador e não mais esperava encontrar em parte alguma a verdade, nem no catolicismo, que lhe parecia o culto da escravidão espiritual e a destruição da personalidade.

As prégações de Ambrosio interessavam a Agostinho, não tanto pela sedução da frase, que era bem mais sobria que a do *rhétor*, mas antes porque lhe descortinavam no-

vos horizontes e prometiam solucionar algumas das suas duvidas mais cruciantes.

No tocante á Biblia, teve Agostinho grata surpresa nos sermões do grande bispo. Ambrosio era amigo da interpretação simbolica e alegorica de muitas passagens do texto sacro que, tomadas ao pé da letra, repugnavam ao bom senso e, não raro, á dignidade da causa que advogavam. O Antigo Testamento, que Agostinho abandonara como livro escabroso, repleto de fabulas pueris e até de imoralidades, começou a parecer-lhe, á luz dessa inteligente exegese, menos absurdo e mais aceitavel. Bem quisera ele pedir ao famoso orador esclarecimentos sobre uma serie de topicos obscuros e, aparentemente, inconciliaveis com a dignidade do homem; mas as decepções das visitas anteriores o haviam tornado mais prudente e reservado.

O credo de Agostinho, nesse periodo, se reduzia, mais ou menos, a estes pontos basicos: Existe um Deus que governa o mundo. A alma humana é imortal. O resto parecia-lhe problematico.

Depois de reiteradas tentativas de aproximação, desistiu Agostinho das visitas a Ambrosio e chegou a dar interpretação estranha a essa sistematica recusa da parte do prelado catolico. O que Agostinho queria era discussão de textos biblicos. Mas Ambrosio quase só conhecia o livro sagrado desde o dia da sua iniciação no Cristianismo. Não era, pois, de admirar que se sentisse fraco em materia de conhecimentos biblicos e evitasse medir-se, nesse terreno, com o professor de Retorica, que, talvez, melhor do que ele conhecia os misterios do texto sacro.

Assim pensava Agostinho, embora outras fossem, provavelmente, as razões dessa atitude de Ambrosio.

Eram tão heterogeneos, esses dois luminares do cristianismo, que dificilmente podiam simpatizar um com o

outro — assim como Paulo de Tarso jamais harmonizou, psiquicamente, com Simão Pedro, ainda que os irmanasse o mesmo ideal apostolico.

Agostinho, espirito platonico, genio labirintico, carater cetico de Tomé, inteligencia da raça dos Pascal, Dostoiewsky, Péguy, Berdjajew, Lippert — Ambrosio, espirito positivo, dogmatico, simples, de calma e lucidez aristotelica, da estirpe dos Tomás d'Aquino, Newman, Francisco de Sales — que admira que entre os dois titans do Cristianismo medeasse intransponivel abismo, tanto mais que aquele sentia estuar no sangue as tempestades da libido, ao passo que este parecia pairar muito acima das miserias da carne fragil?

No meio dos sinceros elogios que Agostinho tece ao insigne prelado, encontramos estas palavras que são como que o soluço de um coração que ansiava pela luz divina e se via condenado ás trevas:

"Nesse tempo, teria eu sido discipulo inteligente e docil como nenhum outro, se alguem se tivesse dado ao trabalho de me instruir"...

Em suma: subjetivamente, nada ou quase nada contribuiu Ambrosio para conduzir Agostinho do paganismo ao Cristianismo; objetivamente, porém, foi ele o veiculo destinado pela Providencia para dar á Igreja uma das suas mais luzidas glorias e dos seus mais extrenuos defensores.

Tão estranhos são os caminhos de Deus!...

Mas... todas as paralelas encontram-se no infinito...

19. — PLANOS DE CASAMENTO — TRES MULHERES E UM HOMEM

Na cidade residencial do imperador catolico, á sombra da Sé episcopal do grande santo Ambrosio, num dos maiores e mais florescentes focos da vida cristã, onde todas as circunstancias pareciam propicias á ascensão espiritual — em Milão afastou-se Agostinho ainda mais do Evangelho do que na metropole africana da luxuria e da heresia.

Afastou-se, porque, depois dum longo periodo de lutas e infrutiferas odisséias espirituais, resvalou o filosofo pagão, já agora bem instalado funcionario publico, para o leito fofo dum comodismo indolente e duma quase completa apatia em face dos grandes problemas do espirito. Tinha mensalmente o seu ordenado, que o punha a coberto dos azares e incertezas do futuro.

Literatura, poesia, eloquencia, filosofia, especulações metafisicas, magia, ocultismo, astrologia, sabedoria de Manes, estudos biblicos — por tudo isto havia passado o espirito inquieto de Agostinho. E tudo isto lhe parecia agora um acervo caotico, inextricavel labirinto de coisas dispares e desencontradas, incapazes de satisfazer a sua pobre alma tantalizada.

Para que correr atrás de belas miragens, quando elas fogem na medida que delas se aproxima o ludibriado viajor?

Neste ambiente de desanimo e cansado ceticismo, resolve Agostinho desistir de ulteriores campanhas espiritualistas, instalar-se com o maior conforto possivel nesta vida material e gozar o que gozar se póde na fugaz existencia terrestre.

Mandou vir de Cartago a sua amada e seu filhinho. Começou a viver como os demais cidadãos, honestamente mediocres, satisfeito com as pequeninas gotas de felicidade, ou quase-felicidade, de cada dia, já que não lhe era dado atingir o oceano imenso da felicidade com que sonhara nos tempos juvenis de Madaura. Neste semi-conciente sonambulismo do espirito cicatrizariam, talvez, as dolorosas chagas de sua pobre alma...

Agostinho alugou uma confortavel vivenda no meio dum jardim. Estava realizando o seu sonho dourado de tempos antigos: morar numa casinha pitoresca, cercada de arvores e canteiros em flor, e levar horas inteiras a filosofar em coisas sublimes — e isto, por cumulo da sorte, na terra de Virgilio, seu poeta predileto, que tão magistralmente descrevera os amores de Dido e Enéas...

Por um tris se teria perdido, nas areias fofas duma vida pacatamente domestica, essa impetuosa torrente que viera das montanhas de Deus para revolucionar as almas.

Não tardou a aparecer tambem Monica. Parece que nem censurou ao filho a perfidia e crueldade que este cometera, naquela noite, no porto de Cartago.

Em breve surgiu tambem uma turma de amigos africanos: Navigius, irmão de Agostinho; Rusticus e Lastidianus, dois primos dele; seus diletos amigos Alypius e Nebridius, e outros. Acontecia naquele tempo o que sóe acontecer em nossos dias, quando uma pessôa conquista posição segura e brilhante na vida publica: aparecem logo os amigos e afilhados de todos os quatro pontos cardiais, invocando antigos vinculos afetivos, por vezes bem problematicos.

Contava Monica 54 anos. O que a movera a atravessar o Mediterraneo e procurar o seu "filho prodigo" eram as angustias de sua alma de cristã e de mãe. "Teu filho estará onde tu estás", lhe dissera a noturna visão, e Monica tinha firme confiança nessa mensagem celeste. Seu Agostinho terminaria a sua odisséia de pecados e heresias aos pés de Cristo Redentor. Já nesse tempo merecia ela o titulo de santa. Vivia com grande pobreza e simplicidade. Jejuava, orava e praticava austeridades mais duras do que muitas virgens do claustro. Pela assidua e diuturna leitura e meditação das Sagradas Escrituras intensificara extraordinariamente a sua vida sobrenatural. Pois, ainda nesse tempo, eram os livros divinamente inspirados o inseparavel vademecum de todo o cristão que levasse a serio a imitação do divino Mestre. Na travessia maritima para a Italia correra o navio risco de naufragio. No meio do geral desespero de passageiros e tripulantes, conservou Monica perfeita calma e serenidade, porque Deus lhe revelara que tornaria a ver seu filho, á luz do cristianismo.

Em Milão, apressou-se a procurar o santo bispo. Mas não teve mais sorte do que Agostinho. Ambrosio via em Monica uma alma profundamente piedosa, mas duma piedade um tanto exquisita, recordando usanças do paganismo africano. Segundo o costume dos cristãos de Cartago, levava a boa mulher ao cemiterio de Milão e colocava sobre os tumulos dos martires cestinhos de pão e de carne. Certo dia, estava a entrar com os seus cestinhos na basilica, quando o porteiro a interpelou e lhe proibiu categoricamente essa praxe, porque o prelado não permitia usos e costumes inspirados na idolatria pagã. Aterrada, voltou Monica para casa com os seus cestinhos, e abandonou essa forma de piedade.

Quando, um dia, Ambrosio encontrou Agostinho, felicitou-o pela santidade de sua mãe. Em vão esperou o pro-

fessor de Retorica uma palavrinha de louvor para sua propria pessoa... Ambrosio era um enigma ambulante...

Entrara a vida de Agostinho nos trilhos duma existencia burguêsmente rotineira e pacata: de manhã, dava as suas preleções. A tarde ficava para as visitas a pessoas influentes e para o entretenimento com os amigos. Á noite, preparava a lição para o dia seguinte e lia os seus autores prediletos.

A saude precaria de Agostinho sofria notavelmente com o clima humido da metropole lombarda, cujos canais e baixadas exalavam constante humidade, que atacava a laringe do professor, obrigando-o, não raro, a interromper a preleção. Para um filho da Africa meridional devia o aspeto dos eternos glaciares dos Alpes ser espetaculo inédito e de grande encantamento.

Como todo o funcionario publico, pensava Agostinho em "cavar" colocação melhor e mais bem remunerada. Sonhava com o cargo de Governador de uma das provincias do Imperio. E é fora de duvida que, mais dia menos dia, realizaria os seus sonhos ambiciosos, se a carinhosa crueldade da graça divina não lhe demolira, inesperadamente, a soberba torre de Babel.

Apareceu em Milão o antigo argentario Romanianus, amigo e protetor de Agostinho. Implacavel inimigo lhe movia pérfido processo, que punha em perigo todas as propriedades do Creso africano. Viera a Milão afim de falar com pessoas influentes na côrte imperial.

Não longe da cidade, á margem do lago Como, residia o famoso milionario Manlius Theodorus, que fôra pro-consul em Cartago e, certamente, não era desconhecido de Agostinho. Dedicava o ultimo quartel da sua vida opulenta ao estudo da filosofia platonica e á cultura de imensos vinhedos e olivais. Nas horas vagas, demandava Agostinho o esplendido "sitio" de Manlius Theodorus, e, sentado sobre o lago azul, emoldurado em rochas côr de neve,

filosofavam os dois e procuravam na sabedoria a suprema beatitude da vida.

"Amava eu a vida na felicidade" — confessa Agostinho, candidamente. Nunca lhe sorrira tão bela e amena a existencia como agora. Dinheiro, amizades, tranquilidade, amor de mulher e filho, sorridentes perspectivas de mais larga prosperidade e fama — que mais podia desejar um genuino epicureo?

Fosse Agostinho apenas um desses fartos burgueses dos bairros residenciais de Milão, provavelmente teria desaparecido na atmosfera tepida desse bem-estar, e nenhum filho do nosso seculo teria sequer noticia da sua existencia. Mas, é esta a gloriosa tragedia da toda alma naturalmente cristã: sentir-se mais insatisfeita precisamente quando a vida material atinge o zenite da felicidade...

*

* *

Neste céu azul de bucolica tranquilidade pairava uma nuvem sinistra — aquela "mulher anonima", que não era a esposa de Agostinho, porém a mãe de seu filho...

Não sabemos até que ponto influiram os amigos e, sobretudo, Monica, em Agostinho para persuadi-lo a que abandonasse a sua amante de longos anos. Era incompativel com a sua dignidade de funcionario imperial viver com uma amasia. Casar com ela? com essa mulher talvez inculta e sem prestigio social?...

Monica, a despeito do seu acendrado cristianismo, jamais reconheceria como nora aquela mulher. A presença dela sob o mesmo teto com seu filho era para Monica ominoso pesadelo, e, como ela cuidava, o maior óbice á definitiva conversão de Agostinho ao Cristianismo pratico.

Em face da indiferença ou relutancia do filho, saiu a mãe á procura dum "bom partido" para ele, afim de o

pôr, quase de improviso, diante dum fato consumado. Não tardou a descobrir uma menina em condições e que, como todos diziam, encheria as medidas a Agostinho. Possuia tambem o necessario para que o casal pudesse viver sem preocupações de ordem economica.

Parece que Agostinho deu carta branca á mãe para agir e assistiu como mero comparsa a essas manobras, como se não fosse ele o centro de tudo aquilo. Trocaram-se as costumadas promessas, de parte a parte — e tudo parecia sair a contento de Monica. Agostinho era noivo de uma menina honesta e bem dotada.

Entra então em cena a "mulher anonima". Como podia Agostinho repudiar a mãe de seu filho, que por espaço de um decenio lhe fôra fiel companheira e dedicada amiga? Como podia obrigá-la a abandonar Adeodatus e voltar, solitaria, para sua patria africana?...

Menos deshumno e antipatico se nos afiguraria o procedimento de Agostinho, se ele resolvera viver, daí por diante, em continencia sexual. Mas não era o caso. Repudiava a amiga da sua mocidade, a mãe de seu filho, para casar com outra, com uma estranha — porque? Porque esta possuia maior prestigio social, mais cultura e talvez mais dinheiro do que a sua dedicada amante cartaginesa...

O proprio Agostinho não sabe como harmonizar a verdade com seus sentimentos. É com ardente vergonha e confusão que ele, mais tarde, descreve o drama do seu amor atraiçoado. "Quando arrancaram do meu lado aquela mulher com a qual vivia, sob pretexto de que ela impedia o meu matrimonio; quando separaram o meu coração do seu, do ponto onde o meu estivera unido ao dela — então se me dilacerou a alma, e eu arrastava comigo a minha chaga sangrenta"...

Este "onde estivera unido o meu coração" (*cor ubi adhaerebat*), parece indicar que já nesse tempo não era tão vivo o amor que unia o coração de Agostinho ao da-

quela mulher. O amor dela era ainda o mesmo, sempre ardente, fiel e dedicado.

E ela, essa amante anonima, essa infeliz repudiada, que cedia o lugar a outra mais feliz, revela admiravel grandeza dalma. Pagã ou cristã, o certo é que a atitude da cartaginesa, no meio dessa tragedia do seu amor, a torna imensamente simpatica á posteridade.

Lá estavam duas mulheres e um homem conspirados contra outra mulher.

Monica, a cristã, Agostinho, o filosofo, e a jovem milanesa, noiva improvisada — todos eles fazem triste figura em face da mulher anonima, que brilha com intenso fulgor, nesse drama cheio de sombras.

Em virtude daquela estranha intuição feminina, adivinhou ela, talvez, que sua presença na vida daquele homem inteligente e sedento de espiritualidade era um entrave, quase um "sacrilegio", porque esse homem tinha de cumprir uma grande missão no mundo, e a companhia duma mulher, fosse mesmo como esposa, seria um obice á realização do seu alto destino. Sacrificou-se a "anonima", para que o amigo de longos anos pudesse brilhar e tornar-se sem ela o que com ela não se tornaria...

Desapareceu essa nova Agar no deserto da sua solidão...

Separaram-se para sempre...

Adeus, Agostinho!... Adeus, Adeodatus!...

A cartaginesa submergiu nas trevas de eterno e impenetravel anonimato — no dia em que Agostinho começou a brilhar com inextinguiveis fulgores para todos os seculos da Historia. Regressou para sua patria africana. Jurou e guardou perpetua castidade — solitaria e dolorosa fidelidade áquele que não lhe seria fiel...

Assim viveu — e assim morreu a incognita vestal africana...

Agostinho nunca revelou o nome da mãe de seu filho, mas erigiu-lhe um monumento eterno nesta frase lapidar:

"Et illa in Africam redierat, vovens tibi (Deus) alium se virum nescituram, relicto apud me naturali ex illa filio meo. At ego infelix, nec feminae imitator, dilationis impatiens, tanquam post biennium accepturus eam quam petebam, quia non amator conjugii, sed libidinis servus eram — procuravi aliam"...

"Voltou ela para a Africa, e fez voto a ti (ó Deus) que jamais conheceria outro varão, deixando comigo o meu filho natural gerado dela".

Em face de tamanho heroismo e nobreza d'alma, da parte duma fragil mulher, que, do duplo sacrificio de perder o filho e o pai de seu filho, faz voto a Deus de perpetua continencia e castidade, sente-se Agostinho como que aniquilado de vergonha e confusão, por não ter ao menos a coragem de viver dois anos em continencia sexual; e acrescenta estas palavras humilhantes, verdadeiro ferro em brasa para o amor-proprio:

"E eu, desgraçado, nem sequer fui capaz de imitar essa mulher!.... não tive a paciencia de esperar dois anos para receber minha esposa, e, sem amor ao matrimonio, mas escravo da luxuria, fui procurar outra mulher"...

Lá está, para todos os tempos e todos os povos do universo, o grandioso monumento que Agostinho erigiu ao seu primeiro e ultimo amor: Saiba todo o mundo que a incognita cartaginesa soube ser mais que uma simples amiga e amante, mais que mulher — soube ser uma heroina de renuncia e um holocausto na ara da mais pura e dolorosa espiritualidade; soube acrisolar na fornalha do sofrimento e da oração o ouro do seu grande amor e tornar-se assim digna daquele que, nesse tempo, ainda não era digno dela...

Ao pé deste monumento erecto á grandeza feminina cavou Agostinho o abismo da sua mais profunda e vergonhosa miseria moral; insculpiu no pedestal desse eterno obelisco a mais humilhante de todas as suas "confessiones": Eu, desgraçado, mais fraco que a fragilidade duma mulher, me degradei a vil escravo de infame luxuria em face da sublime renuncia dessa heroina anonima....

Mais tarde, porém, levantou Agostinho sobre este mesmo abismo da sua maior vergonha um monumento que ultrapassou todas as excelsitudes espirituais da solitaria vestal do litoral africano...

Falharam, pois, os planos de Monica. Falharam as esperanças daquela noiva da ultima hora... Nem uma nem outra conheciam o verdadeiro Agostinho.

Mal embarcara a cartaginesa para o eterno exilio, quando o filosofo gentio se sentiu tomado de um grande horror á solidão. "Parecia-me a mais acerba das miserias — escreve ele — ver-me privado das ternuras duma mulher". A sua noiva era menina; só daí a dois anos poderia levá-la como esposa. Dois anos! — tempo demais para a incontida sensualidade desse homem. E veio o grande escandalo...

Monica ficou como que alucinada ao saber que Agostinho vivia com outra amante. Orava, jejuava, flagelava-se, chorava diante de Deus, suplicando-lhe fosse propicio ao plano matrimonial que ela tão bem engendrara e do qual esperava mudança de vida para o filho.

Tudo em vão. O silencio da voz divina parecia uma reprovação dos calculos de Monica...

Agostinho, depois dessa vergonhosa recaida, parecia pior que nunca. Não só se entregava de corpo e alma á nova paixão, mas parecia possesso dum verdadeiro demonio de luxuria e de cinismo. Procurava arastar aos mesmos vicios todos os seus amigos. O proprio Alypius sen-

tia-se abalado na sua castidade, e, mais por curiosidade do que por sensualismo, resolveu saborear o fruto proibido. Agostinho fez lhe ver que gozos eroticos e vida sexual eram otima escola para a "filosofia dos sentimentos", que todo o verdadeiro intelectual devia conhecer de ciencia propria.

Esse homem, como se vê, é bem do nosso seculo. Sabia cohonestar com argumentos filosoficos e procurava aureolar de luminoso intelectualismo a tenebrosa escravidão da carne.

No meio desta sua vida desregrada, cultivavam esses jovens filosofos o que depois deles, através de todos os seculos, constituiria e constitue ainda ocupação predileta de numerosos intelectuais: o esporte da verdade, na qual não creem. E' no jogo das idéias, é na agridoce nostalgia de intangiveis ideais metafisicos que eles fazem consistir a razão-de-ser da sua vida e a sua chamada "religião". Não querem ferir-se nas agudas arestas da cruz do Golgota, mas tambem não querem passar por grosseiros materialistas. Por isso, brincam de cristianismo e chasqueiam com a Verdade, assim como um rapaz leviano passa a vida brincando com a jovem que não quer como esposa, nem quer deixar como amante, joguete que é dos seus caprichos. *"Odi profanum vulgus et arceo"* — dizem eles com Horacio — odeio o vulgo profano e dele me afasto. Odeiam o mundo — cujas delicias gozam sem cessar, filosoficamente... Retiram-se ao "paraiso das idéias", encontram-se no "recanto dos filosofos". Com Lessing procuram a verdade pelo gosto de a procurar, e não pela esperança de a possuir. A posse da verdade, dizem eles, é direito privativo de Deus; ao homem só lhe compete ir á busca da verdade. E neste inquieto procurar, dizem, ha maior satisfação do que no tranquilo possuir — assim como o ar-

rojado bandeirante prefere as arriscadas aventuras de invias florestas á suave vida domestica no meio dos seus.

Este narcismo da inteligencia, este onanismo da alma era o vicio cientifico daquele grupo de filosofos afro-latinos que se reuniam na convidativa casa de campo, nos suburbios de Milão. Fundaram um simulacro de convento para amigos da filosofia, incerto preludio daqueloutro, bem mais cristão, que Agostinho fundaria, mais tarde, em Tagaste e em Hipona. Eram dez ou doze os "monges" desse claustro sem clausura nem votos. Chegaram ao ponto de elaborar uma especie de Regulamento, pelo qual se guiavam os "cenobitas" dessa original Tebaida em plena sociedade. Esqueceram-se, porém, de um ponto capital — as mulheres. Cada filosofo na sua cela — muito bem. Mas onde ficariam as belas filhas d'Eva? estariam de acordo? não fariam questão de morar com os seus Adões sob o mesmo teto? E haveria naquela casa espaço para tantas familias? e sabe Deus quantas crianças a perturbar o sossego dos filosofos!... Se Agostinho não estava mais com a "anonima", tinha de contar com a "menina" (para nós tambem anonima), que era a sua noiva convencional e devia ser sua esposa.

Em sua auto-biografia se queixa ele acerbamente da frustração do seu belo sonho cenobita. "Eramos tres homens esfaimados, e a nossa boca só se abria para deplorar a nossa miseria, e esperavamos por um tempo determinado para de ti, meu Deus, receber alimento. E quando com o olhar abrangiamos as nossas ações humanas, que tua misericordia enchia de amargura, e quando suspiravamos pelo termo dos nossos sofrimentos, não enxergavamos nada senão só escuridão. Então voltavamos as costas e suspiravamos dizendo: Até quando?... até quando?"...

Assim foi Agostinho arrastando a sua vida, tão cheia de diversões — e tão profundamente insatisfeita...

20. — PERSEGUIDO PELO CRISTO — CRISE REDENTORA

A vida do apostolo Paulo é grandiosa depois da sua conversão. Ignoramos as lutas intimas que precederam a inesperada e quase violenta crise ás portas de Damasco.

A vida de Agostinho tem carater diametralmente oposto áquela. O que nos interessa na conversão do africano é precisamente o longo e doloroso periodo que precedeu á crise final, em Milão; essa odisséia dum espirito genuinamente humana, tão humana como a de quase todos os homens que, através dum inferno de lutas, conseguem, finalmente, arribar, não ás praias dum paraiso de felicidade, mas pelo menos ao purgatorio dum sofrimento resignado, compreendido e serenamente cristão.

A conversão de Saulo é repentina, instantanea, e, por isso mesmo, para nós, homens comuns, sem proveito psicologico, porque subtraida a toda a investigação racional.

A conversão de Agostinho, porém, é um drama que se desenrola paulatinamente, ato por ato, cena por cena. Podemos acompanhar cada uma das fases evolutivas dessa emocionante epopéia das trevas á luz. E, por fim nos vemos em face desta grande verdade: O homem que uma vez em sua vida sentiu dentro de si pungentes saudades de Deus — seja mesmo do Deus desconhecido — acabará necessariamente aos pés de Cristo. A maior des-

graça é não ter nunca sentido esse tormento da Divindade. Por mais que a força centrifuga dos seus erros e desvarios o arremesse á periferia do mundo onde termina a atmosfera da Divindade, esse homem acabará fatalmente por ser atraido pela força centripeta da sua imanente nostalgia para o invisivel foco dinamico: "Deus".

"*Rebelles etiam ad te nostras compelle voluntates*" — diz a igreja numa das suas mais profundas orações — compele para ti, ó Deus, as nossas vontades, mesmo rebeldes.

Pode a vontade ser compelida a voltar para Deus, sem que lhe seja violado o intangivel privilegio do livre arbitrio. Não consegue o homem fugir a Deus pela tangente do erro e do mal, para o eterno vacuo do sem-Deus. Cedo ou tarde, será compelido pela graça, não a voltar, mas a querer voltar. A graça não obriga o filho prodigo a voltar á casa paterna, mas faz com que ele *queira* livremente voltar. E' esta a maior vitoria do Altissimo: fazer com que o homem *queira livremente* o que antes não queria nem a força.

Se Deus obrigasse o homem a conhecê-lo e amá-lo, assim como obriga os astros, as plantas e os animais a lhe prestar inconciente e involuntária homenagem, que haveria nisto de extraordinario? Mas o fato é que Deus dá a todo o homem plena liberdade para conhecê-lo e para não conhecê-lo, para amá-lo e não amá-lo — e, no entanto, esse homem, conhecedor da arvore do bem e do mal, se decide livremente pelo bem; o homem, com perfeita autonomia e espontanea decisão, resolve oferecer a Deus o preito do seu conhecimento, amor e serviço. E isto reverte em imensa gloria para Deus. "*O felix culpa*"! exclama Agostinho, no cantico do *Exultet* — ó culpa feliz de Adão que tal e tão grande Redentor mereceste!...

*

* *

Estava Agostinho em vesperas de fechar a grande curva, que havia trinta anos, o distanciava cada vez mais do centro do seu verdadeiro destino. Tinha chegado ao extremo apogeu da sua iniquidade. Com o repudio da mãe de seu filho, com a aceitação de outra noiva, e, ainda por cima, com a vergonhosa recaida á escravidão da sua desenfreada luxuria, perdera Agostinho, tambem aos olhos de todo o homem sensato, o ultimo resquicio de simpatia, de atrativo e de bela humanidade. Agostinho, além de pagão e hereje, libertino e sedutor, acabava de se tornar tambem uma repelente caricatura de homem, de amante, de esposo, de amigo.

Reduzido assim ao mais profundo abismo da sua miseria, era chegado o momento de estender mãos suplicantes á altura da divina Misericordia.

*

* *

Havia tempo que Agostinho deixara de ser internamente maniqueu, como dissemos. Renunciara á idéia de dois deuses eternos, autores do bem e do mal. Sabia que o mal vinha dele, do abuso de sua liberdade. Mas não possuia ainda a necessária humildade para aceitar a doutrina sobre o pecado original e a necessidade duma redenção divina. Cria ainda numa auto-redenção. Redenção pela ciencia, pela filosofia, pela arte, pelo amor, por qualquer grandeza humana. A queda da humana natureza e o erguimento por mão alheia — duras demais eram para seu orgulho e sua vaidosa autonomia estas verdades basicas do Cristianismo. Poder cair por fraqueza propria, e não poder levantar-se por força propria — que é da tua sublimidade, ó homem? "O meu rosto inchado de orgulho — diz ele — fechava-me os olhos".

Certo dia, um dos seus amigos entregou-lhe os dialogos de Platão, traduzidos para o latim pelo famoso *rhétor* Victorinus. Compreendeu Agostinho que o "Logos" (Verbo) de que falava o eximio pensador, existia independente do tempo e do espaço. E não falava tambem João Evangelista do "Logos", Verbo eterno, que no principio estava com Deus e que era Deus?...

Agostinho continuou a ler, e com crescente surpresa verificou que muitas doutrinas do profeta de Nazaré estavam contidas, em germe, na filosofia de Platão. Por algum tempo reacendeu-se na alma do africano a esperança de possuir a Deus nos caminhos da razão. Saber, conhecer, compreender, intensificar ao mais alto potencial a capacidade intelectiva, racional — não seria isto uma escada para galgar o céu?

Era o ultimo sorriso da filosofia pagã... Era o derradeiro lampejo dum dia que para sempre morria nos braços duma noite estrelada...

Ainda não acabara o filho de Monica de se convencer de que não se pode possuir integralmente a Deus pela luz fria da razão. Não sabia ainda que a razão só pode conduzir a alma até ao vestibulo do santuario, até ao "*sanctum*" do templo; mas introduzí-la nos inefaveis misterios do "*sancta sanctorum*" — impossivel...

Não era Platão nem Aristoteles, nem filosofo algum, que ia descerrar as portas da fé a esse espirito sedento de Deus — era Paulo de Tarso, ou melhor, era o proprio Cristo através das epistolas de seu grande discipulo...

Pela primeira vez começou Agostinho a vislumbrar luzes estranhas por entre as palavras do grande convertido ás portas de Damasco. Paulo exigia, sim, um "culto racional", falava até em "compreender" o Evangelho; mas insistia ainda mais, muito mais, na necessidade de "viver" e de "sofrer" a doutrina de Cristo. Não basta apreender

a Deus através de elevados conceitos filosoficos, é necessario purificar o coração e dar a toda a vida um carater digno de Deus. O Evangelho não é para ser estudado, é para ser vivido e sofrido. Só o compreende quem o vive e sofre. E não se pode viver e sofrer o Evangelho senão á luz estelar do Getsemane e á luz solar do Golgota. Todos os homens que pretenderam conhecer o Cristianismo apenas a força de estudos e analises ficaram eternos analfabetos e descompreenderam a Cristo e seu Evangelho.

Agostinho, por entre o crepusculo matinal da nova compreensão, continuou a ler, a soletrar, talvez, os rudimentos da fé cristã...

"Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes"...

"Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus"...

"Graças te dou, meu Pai, porque revelaste estas coisas aos simples e pequeninos e as ocultaste aos doutos e entendidos"...

"Deus cura o coração que sangra, e esmaga a mente soberba"...

"O homem animal não compreende as coisas do espirito de Deus; parecem-lhe até estulticia; nem está em condições de as entender, porque elas devem ser tomadas em sentido espiritual"...

"Vinde a mim, todos os que andais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei, e encontrareis paz para a vossa alma; porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve"...

"Encontrareis paz para a vossa alma"...

Agostinho repetia a si mesmo, uma e muitas vezes, estas palavras dulcissimas. Paz... paz... paz... Bebia o divino refrigerio desta palavrinha com a sofreguidão dum homem prestes a morrer de sêde...

Paz... sossego de espirito... tranquilidade da conciencia... quietação do tormento atroz das suas duvidas... felicidade na posse da verdade...

Nada disto encontrara Agostinho em sua vida, não obstante o bem-estar e a prosperidade que o cercavam nos ultimos tempos...

Compreendeu, com amarga tristeza, que, para possuir a Deus, teria de abandonar tantos idolos queridos da sua vida mundana... Homem de 32 anos, ardente, sensual, noivo duma menina de boa sociedade, ex-amante duma mulher repudiada, amante de outra que o prendia com os vinculos de irresistivel paixão... Homem com a cabeça cheia de planos e projetos ambiciosos — como podia ele fazer dessa Babel profana um silencioso santuario da Divindade?...

"Prendiam-me á carne as amigas de outrora — escreve ele, rememorando esse periodo — e segredavam-me ao ouvido: Queres então abandonar-nos? como? Mas reflete: a partir desse momento, não estaremos mais contigo, nunca mais, para todo o sempre... *Non erimus tecum ultra in aeternum*"...

Agostinho escutou, atento, estas vozes da carne e do sangue... Olhou para as amigas de outrora... Amigas queridas... E, repleto de amor e de odio ao mesmo tempo, respondeu-lhes: "Bem vos conheço!... vós sois os desejos, a desmedida concupiscencia, as fauces insaciaveis e sem fundo!... Demais tenho sofrido por vós!"...

Elas, porém, essas "amigas de outrora", não se rendiam. Vendo-se em perigo de serem por Agostinho repudiadas, redobravam de encantos e jogavam ao cenario todos os argumentos de que dispunham para enredar a alma do homem que tentava fugir-lhes das garras:

"Que importa? — diziam as vozes sedutoras — que importa que sofras?... Quem sabe se não é precisamente esta a unica felicidade para ti, sofreres por nossa causa,

sacrificares sempre de novo o teu corpo ás fauces insaciaveis, sem termo nem medida"...

Tamanha é a perfidia da paixão! Uma vez que não pode ocultar á sua vitima a profunda infelicidade, o atroz sofrimento que lhe causa, quer fazê-lo crer que é precisamente neste martirio que consiste a missão peculiar do padecente; quer persuadí-lo a que ele é um martir do destino, um heroi, um super-homem, um holocausto imolado na ara sagrada dum sublime misterio; quer convencê-lo de que a grandeza do escravo dos apetites consiste em se exhaurir e aniquilar, gota a gota, nesse delicioso inferno da paixão, nesse incendio roaz da carne e do sangue...

E' esta a narcose fatal da volupia...

E' esta a mistica satanica de Eros...

"Vossas palavras — replicou-lhes o melhor Eu de Agostinho — são de covardes. Mas para mim ainda existe outra felicidade do que esta de que falais. Sim, ha uma outra felicidade... tenho disto plena certeza"...

Palavras tão energicas fizeram emudecer, por algum tempo, as "amigas de outrora". Estas, porém, não deram o jogo por perdido. Excogitaram outra tatica, e voltaram á ofensiva:

"Mas quem te garante que não renuncias á nossa felicidade por uma ilusão fantastica, mais inconsistente que a nossa? Confias demais em tuas forças... Nunca serás capaz de viveres sem nós"...

Agostinho estremeceu. Sentia-se atingido no ponto vulneravel, no seu "calcanhar de Aquiles"... Grande era a sua fraqueza, poderoso o habito do vicio. Ardente a sua imaginação, que potencializava ao infinito as dificuldades da renuncia e duma vida honesta. Começou a fantasia a trabalhar febrilmente, pintando-lhe em côres deslumbrantes os gozos da vida, esbatendo ao mesmo tempo em tom de cinza e noite a vida espiritual. Renunciar a que? Se fossem apenas os prazeres sensuais, grosseiramente ma-

teriais, talvez que ele se sentisse bastante homem para esta renuncia. Mas ha na vida do homem inteligente e culto um mundo de pequenos nadas que dão á existencia precisamente o mais delicioso sabor e são a alma da sua razão-de-ser. E o asceta renuncia a todas essas queridas suavidades de cada dia... Vive morrendo... O seu viver é uma lenta agonia...

Percebendo este recuo do espirito vacilante, os astutos guerrilheiros logo entarram na brecha e segredaram carinhosamente ao ouvido de Agostinho:

"Espera mais um pouco... As coisas que desprezas não deixam de ter os seus encantos... Dão-te grande prazer... Não podes, assim sem mais nem menos, desfazer-te delas... E seria vergonhoso se, mais tarde, depois de as desprezar, quisesses a elas voltar"...

Agostinho ,estonteado e como que tomado de vertigens em face dessas visões, deu ordem aos prazeres mundanos para desfilarem a seus olhos. E eles desfilaram, numa deslumbrante parada, orgulhosos e belos como senhores do universo: jogos, lautos festins, musica, perfumes, essencias inebriantes, lindos corpos femininos, longas noitadas de amores; e, depois, os livros, as flores, as caçadas, os coloquios com os amigos, a liberdade do pensamento — mundos de belezas e valores, sem os quais não podia chamar-se vida o humano viver...

Não existe em toda a literatura do mundo descrição igual a esta que Agostinho faz do seu estado psiquico, nesse vai-vem de esperanças e desanimos, de ofensiva e defensiva, de vitorias e de derrotas intimas. Nenhum homem soube pintar com tão dramatica plasticidade a silenciosa peleja dos dois Eus que se degladiam, dentro do homem sempre arrastado á terra pela prepotencia dos sentidos e sempre arrebatado ao céu pela veemencia do espirito.

Nesta ocasião não decidiu Agostinho nem pró nem contra suas "amigas de outrora". A sua vontade enferma não tinha forças suficientes para proferir um energico e decisivo *quero*. Continuou a forrar a vida com a claudicante irresolução de infinitos *quisera, quisera*... Continuou a "ser devorado pelo tempo", como diz. Deixou-se arrastar pela onda da sociedade, sem saber ao certo o que queria.

Foram tambem, aos poucos, empalidecendo os seus ideais politicos, em face do quadro de horripilante decadencia que preludiava a agonia do imperio dos Cesares.

Agostinho, em vesperas da sua grande metamorfose, retraiu-se do publico, concentrando-se em si mesmo, numa dolorosa introspecção.

*

* *

Em transes de extrema agonia interior, quando se tornava insuportavel o nojo que Agostinho tinha do mundo profano, e, sobretudo, de si mesmo, dirigia-se á basilica, não tanto para ouvir a palavra eloquente de Ambrosio — que não conseguia sossegar as angustias do seu espirito — como para embalar, por uma hora, ao som de hinos sacros, a pobre criança soluçante de sua alma chagada e infeliz... A ver se aquelas suaves melodias cobriam com uma camada de cinzas frias as brasas vivas do seu espirito...

Ah! esses hinos e canticos da igreja!... como empolgavam a alma do filosofo pagão!... que balsamo lhe instilavam no coração sofredor!.... que visões de paz lhe abriam em pleno campo de batalha!...

Ambrosio era apaixonado cultor da liturgia. Literato, poeta, talvez mesmo compositor, enchia desses sopros

sonoros da Divindade as amplas crastas da sua basilica episcopal. Os lindos textos e as suaves melodias que, nos seculos subsequentes, empolgariam milhares de almas e arrebatariam a celicas alturas os espiritos adoradores de Deus, muitos deles remontam a esse tempo e nasceram, grande parte, em Milão. O Te-Deum brotou, provavelmente, da alma desse bispo-governador, desse estadista-sacerdote, desse grande mistico de Deus feito apostolo da sociedade e artista da palavra.

Te lucis, ante terminum...
Magnificat anima mea Dominum...
Benedictus Dominus, Deus Israel
Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo...

Quanta poesia nestes canticos!... Quanta alma nessas venerandas estrofes!...

Sobre as invisiveis asas dos Salmos davidicos, pairava no perfumoso espaço da catedral de Milão, a alma nostalgica de Agostinho, enquanto os seus olhos fitavam uma luzinha bruxoleante, no fundo do santuario, a lutar com a penumbra — bem como a alma do filosofo... E, insensivelmente, se enchiam de lagrimas os olhos de Agostinho...

"Como eu chorava, meu Deus — escreve ele — ao ouvir os teus hinos e canticos! como me extasiavam as vozes suaves da tua igreja! Enchiam-me os ouvidos e traziam-me a verdade ao coração. Mais e mais sentia eu o impulso da minha piedade... E saltavam-me dos olhos as lagrimas... E eu sentia alivio"...

Diluia-se em copioso pranto a asfixiante angustia de sua alma dilacerada de duvidas, de tristezas, de inominavel desespero do mundo e de si mesmo... A musica, os canticos eram para seu coração uma como que valvula de segurança, quando ameaçava estalar sob a pressão da agonia interior...

O que não valiam todos os argumentos da razão operava nele a saudade do coração — esse coração que tem razões de que a razão nada sabe...

*

* *

Num desses dias de duvidas e tormentos intimos, resolveu Agostinho procurar um velho sacerdote, por nome Simplicianus. Era o mesmo homem que educara Ambrosio e, talvez, contribuira para a sua cristianização. Agostinho abriu-se com este ancião. Falou-lhe dos escritos filosoficos que lia, das dificuldades que sentia em abraçar a religião cristã, etc.

Simplicianus ouviu em silencio a narração do *rhétor* africano, e, em resposta, contou-lhe calmamente a conversão do celebre orador Victorinus, que até tinha estatua no Forum Romanum e era universalmente conhecido como um dos mais brilhantes espiritos da epoca. Havia tempo que Victorinus era catecumeno, mas não sentia em si a coragem de pedir o batismo e expor-se assim ao escarneo da aristocracia romana, em grande parte pagã ou adepta do Arianismo. De subito, num dia de batismo solene, subiu Victorinus ao estrado dos catecumenos da basilica e fez publica profissão de fé cristã, solicitando o batismo. "Victorinus! Victorinus!" foi o brado unissono que ecoou pela devota multidão que enchia o vasto recinto.

Agostinho ouviu, atento e comovido, a narração de Simplicianus — e já lhe soavam aos ouvidos os delirantes aplausos dos cristãos: Agostinho! Agostinho!

Admirou-se da coragem de Victorinus — e sorriu-se da sua propria vaidade, essa perfida vaidade que procurava influir na sua conversão ao Cristianismo. Não, ele só abraçaria o Evangelho depois de vencer as suas

duvidas e sentir em si a força para o praticar dignamente.

Assim calculava Agostinho.

Pouco tempo depois, teve a visita dum conterraneo seu, Pontitianus, alto funcionario da Côrte Imperial. Agostinho, Alypius e Pontitianus começaram a discorrer largamente sobre as epistolas de São Paulo, que se achavam sobre a mesa de jogo, no meio das cartas e dos dados. O hospede africano era cristão, e pôs-se a falar com grande entusiasmo da vida de Santo Antão e seus companheiros, nos ermos no Egito. Faziam muito bem esses ascetas, dizia o orador, em desprezar os bens terrenos, tanto mais que, em breve, todas as riquezas do Imperio cairiam presa dos barbaros, que nas fronteiras do norte e do léste se preparavam para uma pilhagem universal. Contou ainda um caso dramatico da sua propria vida. Estava o Cesar em Treviris. De tarde, quando o soberano se divertia no circo, foi Pontitianus passear com tres fidalgos da côrte pelos arredores da cidade. Afastando-se cada vez mais, chegaram a umas choupanas, onde um grupo de eremitas imitava a vida austera de Santo Antão. Tocados pela graça divina, dois dos aulicos, que eram noivos, resolveram abandonar tudo e servir a Deus numa vida de oração e penitencia, associando-se aos cenobitas.

Este fato, descrito por Pontitianus com a dramatica viveza de quem se acha profundamente emocionado, abalou a alma de Agostinho. Era noivo tambem ele e trazia na alma um mundo de ambições profanas. Agarrou o braço de Alypius e com desusada veemencia lhe bradou no rosto: "E nós?... como matamos o nosso tempo?... Sim, nós?... ouviste?... Os ignorantes animam-se e conquistam o céu, e nós, com a nossa fria erudição, nos revolvemos na carne e no sangue!"...

Alypius encarou o amigo, aterrado com a estranha expressão de seu semblante e o tom singular da voz.

Agostinho, como que tomado de irresistivel comoção, afastou-se a largos passos para o fundo do pomar. Tinha necessidade de estar a sós consigo. O vulcão da alma começava a transbordar-lhe em pranto, e ele queria chorar ás ocultas...

Depois de algum tempo, Alypius, apreensivo, foi no encalço do amigo. Encontrou-o, sentado num banco, imovel, com os olhos cheios de lagrimas. Sentou-se ao lado dele. Agostinho, porém, parecia não dar pela presença do companheiro. Como que alheio ao mundo, só pensava na sua vergonhosa fraqueza, que não lhe permitia rompesse de vez com o passado e começasse vida nova; que se despojasse, enfim, do homem velho e se revestisse do homem novo em Cristo, como dizia Paulo. Era imenso o nojo que sentia de si mesmo...

De subito, levantou-se e, como que acossado por invisivel perseguidor, precipitou-se mais para o fundo do pomar. Parou ao pé duma figueira. Deixou-se cair em terra, rompendo em soluços incoerciveis. Sem a menor resistência, abandonou-se ao sentimento duma dor imensa. Era como se impetuosa torrente, por longo tempo represada, rompesse de subito todos os diques e barreiras e alagasse com a potencia das suas vagas tudo quanto encontrasse em sua passagem...

Com inimitavel viveza e plasticidade descreve Agostinho, mais tarde, essa peleja ingente entre a natureza e a graça, como se dentro dele se degladiassem dois seres adversos:

"*Tu, Domine, retorquebas me ad me ipsum, auferens a dorso meo, ubi me posueram, dum nollem me attendere; et constituebas me ante faciem meam, ut viderem quam turpis essem, quam distortus et sordidus, maculosus et ulcerosus. Et videbam — et horrebam... Et quo a me*

fugerem non erat... Et, si conabar a me avertere aspectum, tu me rursus opponebas mihi, et impingebas me in oculos meos, ut invenirem iniquitatem meam et odissem...

"Tu, Senhor, me retorquias para mim mesmo, tirando-me de trás das minhas costas, onde eu me escondera, porque não me queria ver; e me colocavas ante os meus olhos, para que visse quão feio era, quão deformado e sujo, quão manchado e coberto de ulceras. E eu me via — horrorizado... E não sabia para onde fugir de mim mesmo... E, quando eu tentava tirar de mim os olhos, tu novamente me colocavas diante de mim e me impingias aos meus olhos, para que encontrasse a minha iniquidade e me odiasse a mim mesmo"...

Agostinho gemia como um moribundo, por entre o silencioso fragor dessa luta de vida e de morte... Estorcia-se como um desesperado em face da vitoriosa ofensiva da graça, que, após tres decenios de incessante assedio, tomava, enfim, de assalto a praça forte dessa grande inteligencia, o rijo baluarte dessa alma de fogo...

Entretanto, na iminencia da derrota, o "velho homem" cá de baixo, embora agonizante, se defendia ainda com o ultimo resto das suas forças contra o terrivel agressor lá de cima... Não, não era possivel render-se sem mais nem menos... Entregar para sempre o que durante a vida inteira adorara como idolo infinitamente querido...

"*Oborta est procella ingens* — escreve ele — *ferens ingentem imbrem lacrymarum... Dimisi habenas lacrymis, et prorupuerunt flumina oculorum meorum, et dixi: usquequo, Domine, irasceris in finem? ne memor fueris iniquitatum nostrarum antiquarum!... Sentiebam enim me eis teneri... Jactabam voces miserabiles; Quamdiu? quamdiu?... cras et cras?... quare non modo?... quare*

non hac hora finis turpitudinis meae?... Et ecce, audio vocem de vicina domo cum canticu dicentis et crebro repetentis, quasi pueri an puellae, nescio: Tolle, lege! tolle, lege!"...

"Armou-se então no meu interior uma tempestade imensa, trazendo imensa torrente de lagrimas... Soltei as redeas ao pranto que me arrasava os olhos... E gemia: Até quando, Senhor, continuas irado?... lança ao olvido as minhas iniquidades de outrora!... Pois eu me sentia preso por elas. E suplicava com voz miseravel: Até quando?... até quando?... amanhã, sempre amanhã?... e porque não agora?... porque não seria esta hora o fim das minhas torpezas?"...

Perdeu-se no vacuo o angustioso clamor de seu coração dilacerado... Só o impetuoso latejar do sangue nas veias tumidas respondia ao bramir da sua tempestade interior...

Não queria ainda o derrotado gladiador arrancar do coração o ultimo punhado de sangue, jogá-lo aos ares da arena e bradar o seu: *Ave, Cæsar, moriturus te salutat!*"...

Eis senão quando percebe uma voz de criança a repetir em cadencias ritmicas: "*Tolle, lege! tolle, lege!*"... "Toma e lê! toma e lê!"...

Agostinho escuta. Donde partia a vozinha infantil? de alguma casa vizinha? era o estribilho de alguma modinha popular?... era uma voz do alem, um convite de Deus?...

Ergue-se o ferido lutador, e, como que sonambulo, vai ter com Alypius. Sobre a mesa da casa de campo estava o volume das Epistolas paulinas, que lá haviam deixado. Agostinho tomou-o nas mãos, e deu logo com as palavras da Epistola aos Romanos (13,11 ss); "Vai adiantada a noite e vem despontando o dia. Despojemo-nos,

pois, das obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Vivamos honestamente como em pleno dia; não em glutonarias e bebedeiras, não em volupias e luxurias, não em contendas e rivalidades — mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não ceveis a carne para as concupiscencias"...

Agostinho fechou o livro, profundamente abalado com o que lera. Não eram estas palavras de Paulo uma resposta do céu ao inferno das suas angustias?... Sim, era necessario despojar-se de vez da noite do seu paganismo sensual e saudar a aurora duma vida nova, espiritual, em Cristo Jesus...

Mostrou o texto a Alypius, e este leu a frase que se segue (14,1): "Acolhei a quem é fraco na fé" — e considerou-a como um aviso do céu para corroborar na fé ao amigo vacilante...

Houve momentos de grande silencio...

Agostinho cobriu o rosto com as mãos — e rendeu-se incondicionalmente á graça de Deus...

E foi neste instante solene que desceu sobre a alma do filho de Monica uma paz imensa, profunda, inefavel, divina...

... ...

Sentiu Agostinho, nessa hora, o que nunca disse nem descreveu, porque é indizivel e indescritivel... Nos momentos mais humanos e mais divinos da sua vida, todo o homem está só com Deus, circundado da eterna solitude do Infinito... Sentiu Agostinho o que só pode sentir o homem que, sem reserva, lança o seu pequeno Eu humano ao grande oceano do Tu divino...

Foi esta a grande hora de Agostinho...

A hora da crise — a hora da redenção...

Cessou a pavorosa procela da inteligencia, do coração e da carne, e fez-se uma grande bonança em todo o seu ser...

E neste momento sentiu Agostinho pela primeira vez, na sua longa vida de gozos e prazeres, o que é a felicidade, profunda, profundissima felicidade...

Morrera o pagão sensual de Cartago — nascera o cristão espiritual de Milão...

"Fizeste-nos para ti, Senhor — e inquieto está o nosso coração até que descanse em ti"...

... ...

Em companhia de Alypius foi Agostinho procurar sua mãe para lhe dar parte do ocorrido. Monica, ainda que radiante de jubilo, não pareceu surpreender-se com a noticia. Tinha a certeza de que, mais dia menos dia, se realizaria o que lhe dissera a voz celeste: "Teu filho estará onde tu estás".

Quando viu cumprida a sua dolorosa missão, sentiu impetos de exclamar com o velho Simeão no templo: "Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, porque os meus olhos contemplaram a salvação!"...

21. — A PAZ DA ALMA NO IDILIO DA NATUREZA

Passara a grande crise na vida de Agostinho. Convertera-se para o Cristianismo. Para ele, essa conversão não consistia em algum ato externo, nem mesmo na recepção do batismo. O sacramento seria, sim, a ratificação externa da sua regeneração interna e lhe conferiria as graças necessarias para a perseverança. Mas a alma de Agostinho já estava batizada e purificada pelas torrentes das lagrimas e acrisolada pelo fogo de atroz sofrimento.

Por isso, não se deu pressa em receber o sacramento do batismo. Estava tomada a sua firme e sincera resolução de pautar, daí por diante, a sua vida pelo Evangelho de Jesus Cristo. O que mais urgia era consolidar esta resolução e esclarecer os motivos da mesma pelo estudo das Escrituras Sagradas e pela meditação das verdades eternas.

E' este um dos traços mais tipicos no carater do filho de Monica: a seriedade com que encara a vida cristã. Adia por longos anos a sua profissão de fé, porque não se sente com forças para cumprir o que esta profissão lhe exige. Mas, uma vez convertido, quer ser cristão integral, e não apenas pagão batizado, um homem qualquer envernizado de cristianismo, como tantos cristãos dos nossos dias.

Escreveu a Ambrosio uma longa carta em que lhe narrava os desvarios da sua vida e manifestava o desejo de abraçar, com seu filho Adeodatus e seu amigo Alypius, a religião cristã.

Entrementes, continuou a viver tranquilamente na propriedade rural onde residia com os seus. Agostinho tinha um nome feito. Era funcionário do Império. Ocupava um cargo de projeção intelectual. A sua profissão de fé cristã teria, sem duvida, provocado extraordinaria sensação na cidade e muito além. Os catolicos teriam aplaudido entusiasticamente o neofito. Os pagãos e arianos teriam atribuido esse passo, não se sabe a que interesses subalternos.

Agostinho, porém, era inimigo de toda a exibição. Por demais tinha sofrido pelo Evangelho para não profanar agora o filho das suas dores fazendo dele alvo de elogios ou objeto de invectivas. Bastava-lhe o tesouro divino da paz de conciencia. Convalescente, precisava da solidão e do convivio com almas amigas, afim de robustecer a sua saude espiritual.

E tambem as forças fisicas. Agostinho sentia-se exhausto, com os pulmões em petição de miseria. O clima humido da Lombardia não convinha ao filho da Africa.

Faltavam 20 dias para terminar o ano letivo. Não era prudente que o professor de eloquencia suspendesse prematuramente as suas lições, provocando comentarios e descontentamentos.

Romanianus, que seguida Agostinho para o labirinto do maniqueismo, resolveu acompanhá-lo tambem para as alturas do Evangelho.

Num daqueles dias tranquilos, foi relembrado o velho plano de Agostinho de fundar uma especie de convento, ou irmandade de homens que quisessem dedicar a sua vida ao estudo da suprema sabedoria. E o plano começou a tomar formas definidas. Voltariam todos para a Africa.

Romanianus custearia com a sua grande fortuna a fundação e manutenção desse mosteiro de filosofos cristãos. O inteligente Nebridius, o dedicado Alypius, bem como o amigo Trygetius e o professor de linguas, Verecundus, colega de Agostinho, logo se apresentaram como candidatos e noviços da nova "ordem".

Possuia Verecundus, perto de Milão, uma propriedade rural, chamada Cassiciacum. Convidou Agostinho, sua familia e amigos todos para irem morar com ele e considerarem como casa propria a vasta residencia do professor de linguas, enquanto não abrissem, além-Mediterraneo, o mosteiro definitivo.

E' admiravel a hospitalidade e o espirito de sincero coleguismo desses gentios africanos.

O jovem Licentius, dono de forte veia poetica, celebrou em elegantes versos a beleza e a vida bucolica desse eldorado dos filosofos, embalado em exuberante vegetação, situado no ponto em que os fartos vargedos da Lombardia setentrional se encontram com as ultimas dependencias dos Alpes italianos — lindo paraiso a espelhar-se em aguas azuis encimadas por esses céus auri-roseos que vemos nos paineis de Paulo Veronese.

A casa de moradia, a julgar pela descrição que dela nos deu Agostinho, parecia-se com as nossas velhas casas de fazenda, onde a comodidade e conforto prevalecem sobre a estetica e o luxo. Vastos pomares carregados de frutos, hortas extensas onde a incansavel Monica encontrava largo campo de atividade. Nem faltavam canteiros de flores, poucos embora, porque o africano não era, por via de regra, amigo de muitas flores ornamentais.

No meio de toda esta exuberancia corria um sorriso do Eden — Adeodatus. O que dele sabemos através da pena de seu pai é antes misterioso do que compreensivel. Era um adolescente de pureza angelical, bom demais para este mundo tão imundo. Não terão as invisiveis asas da-

quela heroina anonima, que fôra sua mãe, circundado a alma de Adeodatus, preservando-o da tenebrosa odisséia de Agostinho? Onde estaria, a essas horas, aquela mulher que, na sua dolorosa renuncia e impenetravel obscuridade, nos parece quase tão digna de admiração como seu grande amigo de outrora? Tem se feito pouco caso dessa ignota cartaginesa que por um decenio presenciou o drama ascensional de quedas e surtos de Agostinho, ao passo que este e sua santa mãe fulguram como astros de primeira grandeza no vasto firmamento da cristandade... Terá ela tido noticia do batismo do ex-amigo?... Ter-se-á encontrado com ele, em espirito, ao pé da cruz do Golgota?... Enquanto Agostinho vivia no remansoso idilio de Cassiciacum, orava e chorava a "anonima" na asperidade de alguma caverna ou numa choupana do golfo de Tunis, relembrando os dias e as noites que passara ao lado daquele homem que só depois do eclipse da mulher podia brilhar na noite sagrada da sua grande missão...

Que grandes surpresas nos reservará ainda o dia do juizo!... quando conhecermos a verdadeira historia da mãe de Adeodatus, que era, certamente, muito mais que uma amante vulgar...

*

* *

Aos poucos ia Agostinho restaurando as forças e retemperando a saude fortemente abalada pelos excessivos trabalhos e pelas profundas emoções dos ultimos tempos. E foi-se abismando cada vez mais no estudo da Biblia. Pôs-se a filosofar com ardor sobre a origem da alma humana, problema esse que não daria treguas a seu espirito até á hora da morte. Donde a alma? dos pais? do corpo ou da alma deles? Mas, como então evitar a conclusão da divisibilidade da alma, o que equivaleria á negação da

sua imaterialidade? Donde a alma? de Deus? criada por Deus? Mas, não era isto fazer Deus autor do pecado original?...

*

* *

Paulo, o fariseu, prostrado pela graça de Deus ás portas de Damasco, ergue-se como apostolo, e, sem tardança, se põe a proclamar nas sinagogas de Israel a divindade de seu novo Senhor e Soberano.

Agostinho, iluminado pela luz do Evangelho — que faz? Deixa-se ficar tranquilamente na solidão bucolica de Cassiciacum, discutindo filosofia platonica e estudando textos biblicos. E, mesmo depois de regressar á Africa, não pensa em evangelizar o mundo. Retira-se ao seu "convento", para estudar, em companhia de alguns amigos sintonizados pelo seu espirito.

Lá, o ardente doutor da lei — aqui, o tranquilo filosofo.

Lá, um discipulo de Moisés que vê ruir por terra o palacio da sua teologia — aqui, um discipulo de Platão que assiste ao naufragio duma formosa filosofia.

Paulo, depois daquele terremoto, vê-se no meio dum campo coberto de ruinas; mas essas ruinas são pedras de boa qualidade, otimo material para uma nova construção, porque idéias divinamente reveladas. Errada estava apenas a arquitetura, deficiente o estilo do edificio, mas a materia-prima do mosaismo, ora dispersa á entrada de Damasco, podia ser utilizada para a gigantesca basilica do Evangelho, que o "sabio arquiteto" ia levantar. Por isso, depois daquele triduo de silencio e introspecção, aparece Paulo logo como arrojado prégador do Cristianismo.

Mas que faria Agostinho com o material da sua filosofia arrasada? de que serviriam as pedras — ou melhor,

os tijolos — que Platão, Aristoteles e Cicero lhe haviam fornecido?... Força era procurar outro material de construção, mais solido, se não quisesse expor á ruina o edificio que ia levantar nos escombros da sua torre de Babel. E Agostinho desce ás profundezas da revelação divina, eternizada nas paginas milenares da Sagrada Escritura, e dessa mina — a mesma de mestre Paulo — extrae as pedras de granito e o ouro de lei com que edificou o santuario da sua vida espiritual e o templo vastissimo da sua teologia cristã.

*

* *

Entrementes, viera o outono do ano 386. Ao sopro das brisas nostalgicas redemoinhavam pelo solo as folhas amarelas e sanguineas das castanheiras e dos platanos de Cassiciacum. Como as aves migratorias, sentiam essas almas tropicais em si a atração das regiões equatoriais. Mas, contra a sua vontade, teriam de passar na humida Lombardia mais um inverno. E este inverno foi para Agostinho a mais profunda solidão que viveu na Europa, solidão em que todo o seu ser mergulhou no oceano da revelação divina derramado nas venerandas paginas da Sagrada Escritura.

E, com a exuberante fecundidade do solo após as chuvas estivais, pululou na alma de Agostinho imensa floração de idéias, que imortalizou numa dezena de obras escritas nesse ano.

22. — SAUDADES DA AFRICA — NA PRAIA DE OSTIA

Na pascoa de 387, dia 25 de abril, quando ao longe começavam a degelar os glaciares dos Alpes, e nos pomares de Cassiciacum desabrochavam as primeiras anêmonas da primavera, dirigia-se um trio de homens para uma igreja de Milão — Agostinho, Adeodatus e Alypius — e no mais profundo silencio, receberam o sacramento da regeneração em Cristo.

Confundia-se o silencioso aleluia dessas almas com os jubilosos hinos da natureza ressuscitada.

Cantava-lhes no coração essa paz profunda, serena e feliz, de que os profanos, os não-iniciados, tão pouco sabem como dos primores da luz solar sabe um cego de nascença.

A agua batismal extinguiu na alma de Agostinho todo o gosto pelas coisas do mundo. Só desejava viver para as grandes realidades do espirito — Deus e a alma, e nada mais. Entregou a sua demissão da cadeira de Retorica. Alguns amigos despediram-se dele, enquanto outros resolveram acompanhá-lo para a Africa, onde fundariam o sonhado mosteiro dos "amigos da verdade" — e do Deus da Verdade.

Adeodatus era o misterio de sempre, e misterio cada vez mais incompreensivel. Parecia destinado para uma

vida de grande ascetismo e santidade. Com os seus 13 a 14 anos e os peregrinos dons de espirito, vivia ainda no paraiso da mais perfeita inocencia. Herdara do pai as preclaras luzes da inteligencia, enquanto o anjo infernal da carne passara de largo — assim como o noturno exterminador dos primogenitos do Egito respeitara as casas iluminadas dos filhos de Israel. Adeodatus era um enigma para o pai, quanto mais para nós, que ignoramos os predicados fisicos e morais da sua obscura progenitora.

Monica tomara o véu da viuva consagrada a Deus, vivendo uma segunda virgindade; e em nada teria que modificar o teor da sua vida se com seu filho e neto se encerrasse entre as paredes dum claustro.

Um só ideal pairava ante os olhos do neófito: passar o resto da sua vida na sugestiva solidão do ermo, entregue aos labores espirituais; talvez em alguma caverna á beira do deserto, longe de mulheres sedutoras, livre da lufa-lufa das ambições e da caça ás efemeras felicidades do mundo. Por demais se convencera Agostinho de que não havia no mundo o que satisfazer pudesse um espirito conhecedor de si proprio e seqüioso da Divindade. Ninguem mais lhe arrancaria da alma esta grande, profunda, dolorosa e feliz convicção. Sorvera até á lia a taça das delicias da vida: honras, glorias, ciencia, celebridade, amizades, amores, na mais larga profusão — e não se sentira feliz.

Agostinho era assás inteligente e perspicaz para compreender que o defeito não estava na *quantidade* das satisfações gozadas, mas, sim, na sua *qualidade*. Se essa profunda insatisfação de todo o seu ser radicasse no insuficiente *quantum* dos prazeres, necessariamente devia essa insatisfação decrescer na razão direta do crescimento do acervo dos gozos sensitivos. Mas não era o que acontecia. Acontecia precisamente o contrario. Aumentavam

os tormentos do espirito e as angustias de sua alma na razão direta das ruidosas alegrias e das festas dos sentidos. E, quando os gozos mundanos pareciam atingir o maximo da sua intensidade, baixava ao mínimo a felicidade do seu verdadeiro Eu, e tornava-se insuportavel a silenciosa agonia do seu coração.

Por isso, resolveu Agostinho ser integralmente sincero para consigo mesmo: ser, finalmente, o que era virtualmente no intimo quê de seu ser, mas que não ousara ser até então na vida pratica.

Aguas salôbras eram os prazeres profanos. Quanto mais o sedento viajor procurava com elas matar a sêde de sua alma, mais se acendia esta sêde.

O homem que não tem a coragem de ser integralmente sincero consigo mesmo, quando começa a sentir dentro de si esta insatisfação das coisas mundanas e este nojo de si proprio, procura narcotizar com toda a especie de derivativos e distrações a pobre alma escravizada; procura reduzir ao silencio, com o entorpecente de todas as volupias da carne e do espirito, os importunos clamores do sub-conciente atormentado. Foge da solidão. Tem medo do silencio, porque mais perceptivel é o gemido da alma no silencio da solidão do que no borborinho da sociedade. Esse homem tem medo de estar a sós consigo. Não se tolera a si mesmo. Quer fugir do proprio Eu. Foge do Eu para o Tu, ao meio dos homens — infelizes como ele. Vive num continuo atordoamento. Precipita-se de distração em distração, de prazer em prazer, de barulho em barulho. Bem lhe diz a conciencia que todo esse bagaço profano não está em condições de saciar a fome do filho prodigo; mas, talvez, dê para enganar por algum tempo e tornar-lhe menos insuportavel a infeliz existencia.

Quando em nossos dias um homem desses, sem mundo interior, sem sossego espiritual, se vê obrigado a vi-

ver fora do querido bulicio da cidade, no campo, numa solidão qualquer, procura canalizar para o vacuo do seu intoleravel sahara espiritual ao menos uma parte do estardalhaço exterior — e as antenas do radio vem em seu socorro ajudando o desditoso naufrago a fugir do profundo oceano do Eu para as praias arenosas do mundo circunjacente... Visitas, palestras, pilherias, casinos, bailes, clubes, jogos, esportes, cabarés, romances, excursões, mulheres — tudo isto é mobilizado para encher com a sua espalhafatosa vacuidade o vacuo hiante do proprio Eu...

Abyssus abyssum invocat...

E' rarissimo o homem que tenha a caridade de ser integralmente sincero consigo mesmo. Nesta sinceridade está a conversão — e está a felicidade.

Agostinho chegara, pois, á definitiva e nitida compreensão que não estava na maior ou menor quantidade dos bens terrenos a beatitude do homem, mas, sim, na qualidade dos bens. Era necessario adquirir bens de outra natureza para estabelecer na alma um ambiente de paz e sossego.

Que bens seriam esses?

Deviam ser bens da mesma natureza da alma. Bens espirituais, impereciveis, eternos. Desses valores eternos falavam as Sagradas Escrituras. Deles falavam muito Jesus Cristo e seus discipulos.

Conhecer, amar, possuir esses bens devia ser garantia de verdadeira felicidade.

Pautar por essas normas a sua vida devia ser o caminho para uma profunda e imperturbavel beatitude.

Mais tarde resumiu Agostinho a sua filosofia cristã nesta frase eternamente verdadeira e bela: "Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração até que em ti descanse".

*

* *

No verão de 387 pôs-se a pequena caravana em marcha e cruzou os Apeninos, em demanda do Mediterraneo, em busca do porto de Ostia, á foz do Tibre. Longa, penosa, exhaustiva era a viagem, sobretudo para Monica. Mas no 4.º seculo vivia-se ainda no tempo em que vive até hoje a maior parte dos nossos sertanejos, e vivem os homens naturais de todos os paises, para os quais tempo não é ouro, mas apenas um punhado de areia vã, que se joga gostosamente aos quatro ventos. Gastar tempo não é gastar coisa alguma. "Amanhã é outro dia"... "Não tenha pressa"... "Paciencia"... "Volte daqui a uma semana"... Com esta filosofia conserva o homem simples a sanidade dos seus nervos, a tranquilidade do seu espirito e a felicidade da sua vida.

E assim procederam tambem os nossos viajores africanos.

Chegaram, finalmente, a Ostia, onde tinham de esperar um navio com destino a Cartago. Esses navios não iam todos os dias, nem todas as semanas. E, quando algum veleiro levantava ferro, nem sempre ousavam os passageiros expor-se ao desconforto e ás incertezas da travessia.

Hoje não passa Ostia dum lugarejo sem importancia. Naquele tempo, porém, tinha ainda carater de notavel emporio fluvial e maritimo, o maior porto de Roma, onde se infileiravam vastos armazens repletos de cereais e oleos da Africa. Era um dos grandes pontos de intersecção da navegação do Mediterraneo. Arqueologos excavaram recentemente os alicerces duma antiga cidade soterrada, estatuas e mausoléus, restos dum templo, dum forum e duma caserna militar.

*

*   *

Sobre a sua permanencia em Ostia escreveu Agostinho uma das paginas mais liricas e misticas das "Confessiones". O que aconteceu a ele e a Monica não cabe em palavras humanas. Percebe-se nas entrelinhas que o autor luta por encontrar expressões que deem uma idéia aproximada do inefavel misterio que, por momentos, envolveu as almas dos dois africanos, fazendo lembrar a visão que o apostolo Paulo tenta descrever no capitulo 12 da segunda Epistola aos Corintios.

Estavam Agostinho e Monica sentados, uma noite, no terraço da casa que habitavam em Ostia, contemplando o céu, falando em Deus e abismando o espirito faminto na meditação da vida eterna. "Faziamos desfilar, em a nossa conversa — escreve Agostinho — uma após outra, todas as coisas essenciais, sem exceptuar o proprio céu. Admiravamos, ó Deus, a beleza das tuas obras".

E quão grandes e variadas eram essas belezas no litoral da Italia! Em junho de 1938 perlustrei, desde Capri e Napoles até Genova, toda essa deslumbrante epopéia da fauna e flora a espelhar-se nas aguas azuis do mais belo dos mares do globo. No tempo de Agostinho, certamente, não havia ainda a arte e industria humana engendrado os ininterruptos esplendores de jardins e pomares que, por centenas de quilometros, se sucedem, hoje em dia, ao longo do litoral ocidental da peninsula; tanto mais exuberantes, porém, deviam ser as maravilhas que a natureza eternamente primaveril da Italia semeava nas terras, no céu e nos mares.

A alma de Agostinho, eminentemente sensivel e vibratil, enamorava-se tão facilmente dos fulgores da natureza como o seu espirito intimamente cristão suspirava pelas pulcritudes do mundo invisivel. Era noite. Quase nada enxergavam os olhos dos dois africanos. Tanto mais, porém, adivinhavam as suas almas. Para um lado estendia-se a monotonia nostalgica do Agro Romano,

cujos horizontes vastissimos lembravam a vida humana, sempre insondavel e sempre revolucionada por insaciaveis desejos. Do outro lado, o Mediterraneo, quietude imensa, movimento perene — imagem e simbolo da Divindade.

Prossegue Agostinho: "Então remontaram as nossas almas mais além, em demanda de Deus. Perguntaram, uma a uma, todas as criaturas: Onde está o vosso Deus? E todas elas respondiam: Não somos nós! não somos nós! procura acima de nós"...

"Atingimos então as nossas proprias almas. Ultrapassámo-las afim de alcançar as regiões da plenitude inesgotavel, onde tu, meu Senhor e meu Deus, alimentas Israel eternamente com o pão da verdade. E, enquanto falavamos e, esfaimados, voavamos em demanda das regiões da Divindade, aconteceu que, num impeto das profundezas do coração, por um momento, ao de leve as atingimos... Suspirámos... e lá deixámos, encadeadas, as primicias do espirito... Voltámos á terra... Tornaram os nossos labios a balbuciar palavras mortais, que nascem e morrem"...

"Ao de leve atingimos, por um momento, as regiões da Divindade... Lá deixámos, encadeadas, as primicias do espirito" — palavras misticas, palavras dum vidente...

Impossivel revestir de palavras naturais o que não é natural. Em face desse mundo sobrenatural, todo o homem é analfabeto e mudo. Quando Jesus falava desse mundo da Divindade, só se servia de parabolas e alegorias, soletrando diante dos homens o que dizer-lhes não podia. "O reino de Deus é semelhante a uma festa nupcial... a uma sementeira... a uma rêde... a um fermento... a um grão de mostarda"... Com estes recursos ingenuos e infantis procurava o Nazareno dar aos seus ouvintes uma idéia longinqua da mais estupenda realidade.

Naquele momento sobrenatural pareciam as almas de Agostinho e Monica desprendidas dos seus corpos e remontaram ao infinito, assim como um par de andorinhas, soltas de longa e lugubre prisão, desferem o voo ás luminosas excelsitudes do espaço, até perderem de vista todos os horizontes terrestres e vislumbrarem ao longe regiões ignotas, que mal conseguem roçar com as pontas extremas das asas... E depois, deslumbrados pelo insolito esplendor desses mundos divinos, e como que tomadas de vertigem em face da incomensuravel altura do Infinito, essas almas ditosas encolhem subitamente as asas de potencia finita, e, exhaustas, tornam a descer, a cair quase, para as cinzentas baixadas da vida terrestre, onde o homem profano não adivinha sequer a existencia de tão inefaveis maravilhas...

O homem que, por um momento sequer, gozou a Divindade, nunca mais poderá gostar das coisas da terra. Poderá, quando muito, tolerar este exilio, mas será indiferente e apatico a tudo que aos profanos enche de ruidosa satisfação. Será um incompreendido da sociedade, um louco, e, quase sempre, um revolucionario do espirito...

Terminado o inefavel extase, fez-se em torno de Monica e de Agostinho um grande silencio — a quietude das coisas terrestres, a grande bonança da propria alma...

"Se fosse perene este silencio — prossegue Agostinho — se se apagasse toda outra visão e só esta visão empolgasse a alma, a atraisse pela delicia da contemplação, fazendo calar todo o mais, não se assemelharia á vida eterna este instante de conhecimento, pelo qual suspiramos cheios de amor? não seria isto o cumprimento das palavras: Entra no gozo de teu Senhor?... Mas, quando entraremos?... Será só, meu Deus, quando ressuscitarmos dentre os mortos?...

Voltaram á terra, Agostinho e Monica, lentamente, tristemente, como um par de sonambulos ou sonhadores que, dos encantados mundos do sub-conciente regressam á prosaica realidade do conciente.

Quando olharam em derredor, era noite — a pesada e pressaga noite de Ostia Tiberina...

Como que tomada de estranho pressentimento, inclinou-se Monica para Agostinho e disse-lhe ao ouvido: "Meu filho, já não tem encantos para mim esta vida. Não sei o que ainda faça por aqui, porque ainda viva no mundo... Só uma coisa me retinha aqui na terra, por algum tempo: era o desejo de ver-te cristão e catolico. Prouve a Deus que eu atingisse, acima de toda a expectativa, o alvo dos meus ardentes anelos. Para que ainda estou no mundo?"...

Monica sabia que estava terminada a sua missão terrestre — "*consumpta spe saeculi*".

Daí a poucos dias adoeceu. Uma febre traiçoeira começou a minar-lhe o organismo, molestia muito comum na zona quente e humida da foz do Tibre. A afluencia caotica de toda a classe de adventicios asiatas e africanos, estivadores, operarios, embarcadiços, etc., fazia do porto de Ostia uma cidade malsã, foco de perigosas epidemias.

Debilitada pela longa e penosa jornada desde as plagas da Lombardia, não valeu o corpo de Monica resistir á molestia, piorando a olhos vistos. Num dos acessos febris perdeu o acordo. Parecia entrar em agonia. Agostinho, Adeodatus, Navigius, Evodius, Rusticus, Lastidianus e outros amigos da familia cercavam o leito da doente. De subito, ergueu-se Monica, olhou em derredor e disse:

"Onde estava eu?"...

E, quando leu nos semblantes de todos o terror e a sua propria morte iminente, acrescentou, com calma:

"Sepultai aqui vossa mãe"...

Navigius, abalado com estas palavras, exclamou entre soluços:

"Não, minha mãe! has de convalescer... Tornarás a ver a patria... Não morrerás em terra estranha"...

Monica encarou o filho e, com tristeza na voz, disse a Agostinho:

"Ouviste o que ele disse?"

Depois de uma pausa, acrescentou com voz clara e firme, como que a ditar aos filhos a sua ultima vontade:

"Sepultai o meu corpo onde quiserdes. Não vos dê isto preocupações. Só uma coisa vos peço: Lembrai-vos de mim no altar do Senhor, onde quer que estejais"...

Palavras destas revelavam grande heroismo da parte de quem as proferiu, porque os africanos, mesmo os cristãos, davam imensa e, não raro, supersticiosa importancia ao lugar do sepultamento; corpo enterrado longe do torrão natal não permitia á alma encontrar sossego no além.

Monica viveu ainda alguns dias. Depois fechou para sempre os olhos para as coisas do mundo. Contava quase 56 anos de vida.

Agostinho conservou-se firme, de olhos enxutos, ao pé do corpo exanime, ao passo que Adeodatus se debulhava em pranto incoercivel. O sofrimento do filho foi para Agostinho uma das mais acerbas dores que já sofreu em dias de sua existência, como confessa.

Mesmo na igreja, aonde levaram o corpo da extinta, conservou Agostinho o seu estranho e quase forçado estoicismo. Assistiu ás exequias sem derramar uma lagrima. Não chorara á morte do pai, e não chora á morte da mãe, dessa mãe que lhe era tudo na terra, ele, que vertera torrentes de lagrimas ao falecimento dum amigo e se banhava em pranto ao pensar na profunda miseria de sua propria alma...

Chegou ao ponto de recorrer a expedientes artificiais e fartamente pueris á luz da nossa sobria racionalidade ocidental e do nosso esclarecido cristianismo: Agostinho foi procurar as termas e tomou banhos quentes para se livrar da estranha obsessão dum sofrimento espiritual que nada podia aliviar. Só no dia seguinte, ao relembrar o que acontecera, deu livre curso aos sentimentos naturais e desafogou a sua grande dor em abundantes lagrimas.

Lagrimas pela morte daquela que durante tres decenios chorara o paganismo e a luxuria do filho prodigo...

23. — O MONGE DE TAGASTE

Entre a morte de Monica e a volta de Agostinho para a Africa medeia quase um ano.

Dificil explicar o porquê dessa demora. Possivelmente, o reteve na Italia a circunstancia de ter a flotilha do usurpador Maximo derrotado a esquadra mediterranea de Teodosio e ocupado o litoral da Africa setentrional, capturando todos os navios mercantes que demandavam essas plagas.

Passou Agostinho em Roma quase todo esse periodo de expectativa, abismando-se em estudos biblicos e procurando argumentos para rebater as ideias dos maniqueus, seus antigos correligionarios. Possivelmente, tambem estudou a organização de algumas ordens religiosas da epoca; pois tencionava fundar em sua terra natal um cenaculo de homens devotados á meditação da suprema sabedoria.

Mais tarde, quando bispo de Hipona, foi acremente acoimado de ambicioso. Não faltou quem atribuisse a sua conversão a motivos deshonestos de especulação interesseira. São radicalmente falsas e profundamente injustas todas estas invectivas. Agostinho, depois da sua conversão sincera e leal, nunca teve a menor intenção de aceitar dignidades eclesiasticas. Jamais lhe passou pela mente semelhante idéia. Por demais tinha ele sofrido para não

se emaranhar novamente no labirinto das paixões humanas, depois de subir á maravilhosa claridade da atmosfera divina. Nem pensava em ser sacerdote. Desejava, na qualidade de simples eremita leigo, retirar-se, em companhia de alguns amigos e irmãos de ideal, a um recanto solitario e consagrar o resto da sua vida ao estudo e á meditação dos magnos problemas relacionados com Deus e a alma humana. Sentia Agostinho na alma uma verdadeira fome espiritual. E já nesse tempo se lhe cristalizara no privilegiado espirito esta maravilhosa sintese de toda a filosofia cristã: Deus e a alma.

Se mais tarde o vemos sacerdote e bispo, é isto devido a uma singular disposição da divina Providencia, que surpreendeu de improviso os planos do filho de Santa Monica.

O homem põe — e Deus dispõe...

*

* *

No mês de agosto ou setembro de 388, com 34 anos de idade, voltou Agostinho a Ostia, onde embarcou para Cartago.

Havia 4 anos que fizera essa mesma travessia, em sentido contrario, e com sentimentos bem diversos dos de hoje. Naquela madrugada, depois de iludir cruelmente sua mãe, embarcara para Roma afim de conquistar posição brilhante e ajuntar dinheiro para levar vida regalada nos braços duma mulher, por entre o conforto dum lindo palacete e bafejado pela aura da celebridade. Agora voltava com um só desejo, humanamente, divinamente belo, de viver só para as humildes grandezas do mundo espiritual, sem luxo, nem mulher, longe do mundo falaz, na paz duma choupana ou no silencio duma caverna. E sentia-se mais feliz agora na sua humildade cristã do que em 384, atormentado de ambições mundanas.

Os nossos desejos são os nossos carrascos. A distancia que vai do querer ao poder, do desejo á posse, é a bitola da nossa infelicidade. A felicidade não está no gozo profano, mas na renuncia dos gozos efemeros por amor a um ideal eterno.

Como é facil escrever estas frases e admití-las, em teoria — e como é dificil, imensamente dificil, concretizá-las na vida real! Para isto se requer nada menos que uma rectilinea e integral sinceridade para com o proprio Eu — e o homem é tão propenso a toda a especie de deslealdade, escamoteação e camuflage... Procura fugir a Deus pelo postigo da insinceridade para consigo mesmo...

A paz da natureza, a intermina vastidão do mar, o purissimo anil do céu, e, ao longe, a gigantesca fumarola do Etna — tudo isto falava á alma de Agostinho uma linguagem tão insinuante e eloquente como nunca dantes.

Em Cartago hospedou-se com seu velho amigo e colega Elogius, por uns poucos dias. Estava com saudades de Tagaste e duma querida solidão onde pudesse dar largas ás suas ideias.

Possuia Agostinho em Tagaste "uns poucos lotes de herança paterna", como diz. Segundo os conselhos do divino Mestre, desfez-se desta propriedade, distribuindo-a entre os pobres e destinando parte á igreja local. Ficou morando num dos terrenos. Parece que era esta uma das cláusulas da doação. E para logo iniciou a sua vida monastica, se assim se pode dizer. Moravam com ele na mesma casa seu filho Adeodatus, seus amigos Alypius, e Evodius, Severus, e outros, que convertera da heresia de Manes para a verdade do Evangelho.

A regra desse quase-mosteiro era das mais simples. Não conhecia clausura nem votos. Procurava cada um realizar espontaneamente e do melhor modo possivel o preceito basico do divino Mestre: Amar a Deus sobre

todas as coisas e o proximo como a si mesmo. Neste ponto da caridade do proximo era Agostinho de grande rigor. Não tolerava intrigas e maledicencias, e por isso se tornou o seu pequeno mosteiro uma como que nesga do céu, que atraia os cristãos que tomavam a serio a alma do Evangelho. O regulamento externo limitava-se a certas horas de meditação em comum, e umas poucas normas disciplinadoras indispensaveis á vida coletiva.

Uma das faces que nos tornam são simpatico o carater de Agostinho é precisamente a sua grande e sincera caridade para com todos os homens. Devera ser esta a virtude primordial de todos os discipulos de Cristo, como era, de fato, nos primeiros tempos, quando vivia nas almas dos cristãos toda a nativa pujança do espirito do Nazareno; eram eles "uma só alma e um só coração", e esta grande e espontanea caridade era, nesse tempo, a mais eficaz apologia do Cristianismo. Não resistiam os pagãos a essa constante e silenciosa ofensiva da caridade cristã, assim como os venenosos bacterios da lama não resistem á poderosa claridade da luz solar. Em nossos dias, infelizmente, nem sempre assim acontece. Pessoas que se dizem cristãs e piedosas, quantas vezes não repelem seus semelhantes com o espirito de intriga, de maledicencia, de descaridade! Julgam praticar no mais alto grau a ascetica do seu devocionario, ao mesmo tempo que renegam o Cristianismo com a etica da sua vida pratica. A caridade ou descaridade com que tratamos nossos semelhantes, ou julgamos intenções alheias, é bem a bitola e o termometro do verdadeiro cristianismo — ou então do paganismo invernizado de aparencias de cristianismo.

A paixão principal e o gozo supremo das almas mesquinhas é chafurdar nas baixadas da vida alheia, revolver o lixo moral e assoalhá-lo na praça da mais larga publicidade. Carateres nobres, pelo contrario, enxergam sempre

o que ha de bom nos outros e teem compreensão e caridade para com as deficiencias de seus irmãos. Parece-lhes ridiculo e paradoxal arvorarem-se em juizes de faltas alheias, quando sabem que tambem eles teem as suas miserias, ainda que talvez de outra natureza. Em ultima analise, só teria o direito de julgar os outros quem fosse perfeito em todo o sentido. Mas — coisa estranha — justamente os homens mais perfeitos são os que menos propensão teem para julgar os outros e armar intrigas. Quando os descaridosos fariseus arrastaram aos pés de Jesus aquela mulher adultera, permitiu o Mestre que ela fosse apedrejada, mas por mãos impolutas — e não houve quem ousasse levantar a primeira pedra. O unico homem sem pecado era ele, o Nazareno. Mas a infinita pureza não podia deixar de ser a suprema caridade. E assim, em vez de lançar á pecadora pedras mortiferas, lançou á penitente palavras de perdão e de vida: "Vai-te em paz e não tornes a pecar".

Quanto mais ampla, rica e profunda é uma alma, tanto menos vontade tem de se ocupar com as fraquezas do proximo — ao passo que os caracteres mesquinhos, espiritualmente depauperados e raquiticos, sentem em si o constante prurido de remexer latas de lixo em casa alheia. Se eles soubessem que triste atestado passam a si mesmos, aos olhos de pessoas sensatas e espiritualmente sadias!...

*

* *

Concretizou-se assim, ás portas de Tagaste, uma das velhas aspirações de Agostinho. E ele julgava ter chegado ao estado definitivo de sua vida.

Com sofreguidão atirou-se á elaboração de varios escritos, em que procurava fixar as suas idéias sobre assuntos de seu interesse. Gramatica, dialetica, retorica, geo-

metria, aritmetica, filosofia, musica, etc. Alguns desses trabalhos já os iniciara em Milão. Tudo despertava o interesse do espirito enciclopedico de Agostinho. Uma destas obras que chegou até nós é a que trata de musica, arte de que Agostinho foi sempre apaixonado cultor. Tencionava o autor completar este trabalho num segundo volume, como diz; mas os subsequentes labores apostolicos lhe "fizeram cair das mãos essas coisas delicadas".

O carater de Agostinho, de encontro ao de muitos outros apologistas da verdade cristã, nada tem de fanatico e intolerante. Era vivo desejo do "monge de Tagaste" converter as almas para Deus e convencer seus amigos das novas idéias que abraçara. Mas não os obrigava a dar de um salto este passo da materia para o espirito. Sabia por dolorosa experiencia quão dificil é este passo, e sabia ter pena e paciencia com seus discipulos. Por isso, preferia conduzi-los suavemente pelas rampas floridas das ciencias e artes humanas para as alturas da verdade divina. Desculpa-se ele de usar este processo indireto, que a ascetas mais radicais podia parecer indecisão. "Só me anima — diz — uma intenção: a de conduzir para Deus esses jovens e homens de outros tempos, a quem Deus concedeu inteligencia lucida; mas não os quisera arrancar repentinamente dos seus pensamentos delicados e das suas paixões carnais. Que admira que a tais coisas se aferrem? Procurava eu, por meio de explicações, fazer com que delas se desapegassem aos poucos; procurava por meio do amor imutavel encaminhá-los para Deus, unico mestre de todas as coisas. Quem lê aqueles livros não deixará de se convencer de que eu tratava com poetas e retoricos tão sómente obrigado pelas necessidades da jornada terrestre e não com o fito de me estabelecer no meio deles. Foi por isso que escolhi o caminho dos fracos — tanto mais que eu mesmo não me sentia forte e com asas bastante vigorosas para me lançar ao vacuo"...

Estas ultimas frases, tão sinceras quão verdadeiras, são bem um retrato do espirito de Agostinho. Ele mesmo, embora mestre, não se dá por infalivel; embora guia, não rejeita quem lhe estenda mão condutora. Já nesse tempo se guiava ele pelo lema classico: "Odiar o erro — e amar os errantes".

Escolheu Jesus para supremo defensor da ortodoxia da fé a Simão Pedro, que de vergonhosa experiencia conhecia a sua inconfidencia moral, escolheu este homem experiente da propria fraqueza para que, mais tarde, não se arvorasse em desalmado juiz das fraquezas de seus irmãos, mas antes lhes fosse pai carinhoso e inteligente mentor, na ardua jornada ascensional das trevas á luz.

Jamais teria Agostinho despertado no mundo inteiro e através dos seculos tamanho entusiasmo e amor, se homens de todos os tempos e condições não encontrassem no filho de Monica o seu proprio Eu — homens cheios de bôa vontade, mas quase sempre escravizados das potencias da carne e sem um amigo que os compreenda e que, em vez de os condenar perentoriamente, procure ajudá-los a alcançar o que tanto desejam.

Agostinho, filosofo, teologo, poeta, artista, esteta, sabia fazer das obras da natureza e da cultura escada para subir a Deus. Pelas coisas criadas conduz ele a sua alma e as almas dos amigos ás coisas incriadas.

Já nesse tempo era frequente a objeção que os pagãos e herejes faziam á igreja cristã, de desprezar as ciencias e artes por amor á fé — objeção essa que ia ser repisada infinitas vezes através dos seculos.

Agostinho insiste em provar aos dissidentes que a religião cristã não é obscurantista, não despreza por amor á fé o que ha de verdadeiro, de belo e de bom nas criações do espirito humano.

"O que admirais nos filosofos — diz ele — eu o fiz propriedade minha. Eis aqui e reconhecei nos meus la-

bios a cadencia sonora dos vossos oradores. Ora, tudo o que vós preconizais eu o desprezo. Nada valem as ciencias do mundo sem a sabedoria de Cristo".

*

* *

Não conseguiu Agostinho levar por muito tempo a vida retirada que desejava. Os grandes homens, precisamente por serem grandes, são de Deus, e, portanto, do mundo de Deus.

Em Cartago, Hipona, Madaura, Tagaste; nos teatros, nas basilicas, nas praças publicas, por toda a parte se travava intensa luta dos espiritos, pró e contra Cristo. Maniqueus e donatistas, filosofos de todos os matizes impugnavam ou ridicularizavam aquilo que Agostinho acabava de reconhecer como o unico valor positivo da vida humana.

Não lhe sofria o amor á verdade permanecer calado. Lançou mão da sua arma predileta, a pena, para combater os semeadores do erro.

Nessas pelejas do espirito, que devia abranger toda a sua vida futura, criou Agostinho uma nova modalidade de estilo. Abriu mão dos longos periodos classicos, cuidadosamente torneados e burilados, porque lhe pareciam pesados e de dificil compreensão; lançou mão de pequenas frases incisivas, que, como afiados punhais, atingiam em cheio os pontos vulneraveis do adversario. Nessas ardentes apologias do Cristianismo chegou ao ponto de empregar certas locuções populares incorretas, ele, o fino esteta e habil estilista latino, quando esses modos de dizer emprestavam maior clareza e plasticidade ao seu pensamento. Alguns escritos de Agostinho, exarados no solene e majestoso latim dos classicos romanos, fatigam o lei-

tor, porque diluem o colorido natural em complicados meandros de periodos artisticamente flexionados; ao passo que os sermões e tratados populares do grande númida primam quase todos por uma clareza diafana e uma esfusiante vibração de colorido e precisão. A prosa analitica de Agostinho tem um sabor mais moderno que antigo e forma como que uma ponte entre o latim classico de Cicero e o latim popular, do qual nasceram as linguas neo-latinas da atualidade: o português, o espanhol, o italiano, o francês e o rumeno.

Agostinho escreveu cartas tão numerosas como poucos homens, cartas aos amigos da Asia, da Africa e da Europa, cartas longas, algumas verdadeiros tratados sobre determinados assuntos filosoficos e teologicos. Sofria quase sempre de penuria de papel ou outro material a que confiasse os seus pensamentos. Não se podia, naquele tempo, como hoje, ir á proxima papelaria da esquina comprar por uns tostões um caderno de papel almasso, ou um volumoso livro em branco para enchê-lo de pensamentos. É privilegio dos plumitivos hodiernos. O papel era artigo relativamente caro, e, por conseguinte, bastante raro. Mesmo as delgadas laminas de "papyrus" fabricadas com o miolo da planta egipcia deste nome, não existiam em quantidade suficiente para que um homem rico em pensamentos as encontrasse na devida abundancia. O pergaminho, feito de pele de cabra ou outro animal, era ainda mais caro. Das tabuinhas de marfim então nem falemos. Verdade é que Romanianus se servia deste material ultra-aristocratico para a sua correspondencia; e tambem Agostinho empregou algumas vezes essas luxuosas laminas ebúrneas, que recebia do mecenas; mas só em ocasiões excepcionais. Esta dificuldade em adquirir veiculo idoneo para fixar o pensamento, se por um lado era um mal, por outro não deixava de reverter em beneficio da literatura do tem-

po; porque assim o escritor condensava o mais possivel os seus pensamentos, valorizando-os mais pela qualidade que pela quantidade. Quanto estudante dos nossos dias, dono de meia duzia de idéias, não é preconizado pelo jornalismo venal como astro de primeira grandeza no firmamento da literatura nacional ou internacional, maxime quando dispõe de dinheiro ou prestigio publico! E não poucos desses pretensos genios acabam então por cair vitima da funesta epidemia mental de esparramarem litros de tinta em toneladas de papel para ventilar a sua sapiencia, adquirir celebridade e desistir, daí por diante, de todo e qualquer estudo serio, arvorando-se em implacaveis criticos e desprezadores de tudo quanto brotou de outros cerebros menos "privilegiados" que o seu. E, como esses literatos pensam pelas colunas dos jornais, parece-lhes que a quantidade representa o unico valor positivo, enquanto a qualidade passa a ser fator imponderavel.

Tão importunado se viu Agostinho em consequencia do seu vasto comercio epistolar, que a solidão se lhe converteu quase em praça publica. Pensou em retirar-se deserto adentro afim de poder pensar, mais a sós consigo e com Deus. Graças ás suas relações sociais e á amizade que o ligava a altas personagens da politica do decadente imperio, era, não raro, solicitado para intervir em questões mundanas, que aborrecia cordialmente e das quais quisera para sempre desvencilhar-se.

Outro "perigo" havia, e bem mais grave que o de ordem politica: o perigo de se ver, de um dia para outro, colocado á testa duma das igrejas ou dioceses da Africa. Porque não lhe podia acontecer o que, tão de improviso, sucedera a Ambrosio?

Para nós, filhos do seculo vinte, eminentemente hierarquizado, é dificilmente compreensivel o que nos primeiros tempos do Cristianismo acontecia, não raro, a ho-

mens da têmpera de Agostinho: de um dia para outro, sobretudo quando inteligentes ou ricos, eram aclamados sacerdotes ou bispos e, á viva força, investidos do cargo de pastor duma porção maior ou menor do rebanho de Cristo. Quando inteligentes, eram idoneos para reger judiciosamente a sua grei; quando ricos, deixariam á paroquia ou diocese a sua fortuna, coisa muito ambicionada, sobretudo na Africa, onde quase só havia igrejas pobres, e até pauperrimas.

Agostinho não era abastado; desfizera-se de quase tudo; mas sempre possuia em Tagaste alguma propriedade, e o que era de grande valor é que era amigo intimo do argentario Romanianus e mantinha otimas relações com os poderosos da côrte imperial.

Estas idéias andavam nas cabeças de muita gente eclesiastica, enquanto Agostinho, desprevenido, continuava enamorado da esplendida natureza da Numidia e abismado nas suas lucubrações filosofico-religiosas.

24. — SACERDOTE DE SURPRESA

No meio do silencioso trienio que Agostinho passou na solidão de Tagaste incidiu a morte de seu filho Adeodatus.

As palavras com que ele refere este fato, embora enlutadas de dor, revelam grande resignação e serenidade de espirito. Já nesse tempo habitava o espirito de Agostinho naquelas excelsas regiões que não são atingidas pelo desordenado clamor das paixões profanas, regiões de divina quietude e inefavel bonança psiquica, onde a alma, embora ligada ao corpo, frue daquela paz que envolve os seres libertos de inquietante escravidão da carne.

Chorou, sim, mas agradeceu a Deus ter chamado para si aquele adolescente antes que o ardor das paixões impuras lhe crestasse a candura da alma.

Adeodatus era, como já dissemos, segundo as palavras do pai, um jovem de extraordinarios dotes intelectuais, tão grandes que Agostinho, por vezes, se sentia aterrado diante do fulgor das suas idéias, como se estivesse em presença um ser de outros mundos. Filho daquele pagão sensual que fôra Agostinho, era Adeodatus duma inocencia admiravel, e nos perigosos tempos da incipiente puberdade, quando a maior parte dos jovens sucumbe á prepotencia dos instintos organicos, parecia esse mancebo ignorar o que fossem paixões impuras.

"Senhor — escreve Agostinho — bem cedo o chamaste deste mundo. E eu penso nele de espirito tranquilo. Nenhuma solicitude perturbe a lembrança que tenho do menino, do adolescente que foi, e do homem maduro que poderia vir a ser".

Cada vez mais espiritualizado, continuava o filosofo cristão a viver na sua querida solidão em Tagaste, quando, certo dia, um funcionario imperial de Hipona solicitou encarecidamente a sua visita, porque necessitava de resolver as ultimas duvidas que o retinham de abraçar o Cristianismo.

Agostinho via nesse homem um novo membro para o seu "mosteiro" e socio da sua vida espiritual. Sem nada suspeitar, demandou a cidade de Hipona, no litoral da Africa.

Hipona tinha um velho bispo, por nome Valerio. De origem grega, conhecia mal o latim e ignorava por completo o idioma punico que se falava na terra, o que lhe dificultava grandemente o desempenho do seu munus episcopal. Era uma voz *clamantis in deserto*, tanto mais que a diocese de Hipona não tinha clero. Os donatistas aproveitavam-se desta precaria situação e entravam na brecha, enviando os seus oradores e propagandistas a todos os centros culturais da diocese; em breve tornaram-se senhores da situação, enquanto os catolicos iam perdendo terreno a olhos vistos.

Além disto, não possuia a mitra patrimonio que tal nome merecesse, circunstancia essa sumamente desfavoravel, porque a imensa maioria dos catolicos era pobre e esperava dos pastores não apenas "o reino de Deus", mas tambem o "pão nosso de cada dia". Pastor que não tivesse com que encher as bocas famintas perdia em breve as simpatias e a popularidade das suas ovelhas.

Agostinho, desprevenido, não sabia que lhe haviam armado um laço.

Enquanto Valerio pregava na basilica, foi o monge-filosofo mesclar-se com o povo para ouvir o sermão.

Queixava-se o bispo amargamente da penuria de sacerdotes e frisava o avanço alarmante das heresias, que não encontravam quem lhes fizesse frente e defendesse a verdade do Evangelho.

Eis senão quando, do meio do auditorio, soam vozes valentes, bradando:

"Agostinho! Agostinho! Agostinho deve ser sacerdote!"

E, antes que este pudesse tomar providencias, apoderavam-se da vitima inerme, arrastaram-na aos pés do altar e insistiram com o bispo que lhe conferisse a ordenação sacerdotal.

Estes costumes reinavam nesse tempo em quase toda a igreja, até na culta Italia, onde um governador gentio fôra, da noite para o dia, batizado, ordenado sacerdote e sagrado bispo de Milão.

Tão pouco depende a graça divina das boas graças humanas!

Ai de quem resistisse a essa *vox populi vox Dei!* Não ha paixões mais inexoraveis do que as paixões religiosas. E os cristãos africanos eram conhecidos pelo seu fanatismo irracional...

Valerio, sem soltar Agostinho da "prisão preventiva", convocou rapidamente um conselho de pessoas gradas e criteriosas, e, sem mais delongas, conferiu ao ermitão de Tagaste as ordens sacras do presbiterato.

Agostinho, gemendo e chorando, sujeitou-se ao inevitavel destino.

Alguns dos circunstantes, maus psicologos e piores cristãos, interpretaram ás avessas a relutancia e as lagrimas de Agostinho e, a modo de consolo, lhe disse al-

guem: "Tens razão, o sacerdocio é minguada recompensa para teus meritos; mas consola-te, porque em breve serás nosso bispo".

Não tardaria a positivar-se esta quase ameaça do intempestivo consolador. Valerio, pouco depois, convidou Agostinho para seu auxiliar. O neo-sacerdote relutou. Não se sentia habilitado para ombrear com tão elevado munus. O bispo deu-lhe prazo até á proxima Pascoa, mas não permitiu que voltasse a residir em Tagaste, com medo, talvez, de que sumisse em algum ermo ignorado. Cedeu ao "coadjutor" um extenso pomar, em Hipona, para que aí fundasse novo mosteiro.

Mosteiro, ou melhor, Seminario, porque essa Betania veio a ser em breve a celula-mater e o fecundo viveiro de numerosos e otimos obreiros na vinha do Senhor.

Em seus escritos considera Agostinho a sua escolha para o sacerdocio como um "castigo de Deus"; pois, diz ele, lá na sua linguagem pitoresca e intuitiva, "como se me podia confiar o lugar de segundo-piloto, a mim, que nem sabia manejar o remo?"...

*

* *

No topo duma colina que se ergue perto de Hipona encontra o viajor do presente seculo uns restos de ruinas carcomidas, que são, possivelmente, as derradeiras reliquias do convento-seminario fundado por Agostinho. Atualmente se ergue ao pé desses escombros um asilo de velhos dirigido por Irmãs de Caridade — eloquente simbolo daquela alma que era bem a personificação da misericordia e da caridade.

O panorama que do alto do outeiro se descortina é dos mais belos e sugestivos que imaginar se possam. Á hora saudosa do ocaso, quando o sol derrama ondas de ouro

e purpura sobre o azul do Mediterraneo, que soluça nas brancas areias da vetusta cidade fenicio-romana; quando, para as bandas do sul, se recortam fantasticamente no horizonte incerto os rochedos abruptos das serranias de Edough a altear-se sobre o vale de Seybuse — então se apodera do solitario espectador, sentado nos seculares blocos de granito, um sentimento de indefinivel melancolia... E em cada sussurro das brisas vespertinas adivinha ele o grande espirito daquele homem tão profundamente humano e tão intensamente divino, homem que amou e sofreu como todos os homens humanos e iluminou com os fulgores do seu espirito todos os seculos do Cristianismo. Escuros abetos margeiam o caminho que conduz a Hipona, traduzindo em abafados gemidos a voz dos ventos que lhes agitam as negras agulhas... Alí, circundado dum bosque de oliveiras e limoeiros, alvejava, ha 15 seculos, o silencioso reduto da maior espiritualidade da epoca.

*

* *

A regra que Agostinho adotara para si e para os seus era duma simplicidade ditada pela experiencia, revelando antes a serena espiritualidade do Nazareno do que o rigor ascetico do Batista. O "justo meio", tão do espirito de Agostinho, era tambem o cunho caracteristico desse retiro espiritual, no topo da colina de Hipona. Os que ali se refugiavam eram, por via de regra, homens cultos que, nauseados das grandiosas futilidades do mundo, ansiavam por encontrar na união com Deus a paz da alma, que o mundo lhes prometia, mas não lhes dava. Era o regulamento bastante severo para facultar uma completa e profunda concentração interior, e ao mesmo tempo bastante amplo para não fazer degenerar em

escravidão a liberdade de espirito. Não eram os religiosos que serviam á ordem estabelecida, mas era esta ordem que se lhes revelava amiga e servidora, escada para as alturas, mentora para as regiões da perfeita liberdade interior. 1).

Livre não é aquele que faz o que quer, mas, sim aquele que espontaneamente quer o que deve. Escravo não é o homem que se guia por uma norma pre-estabelecida, mas aquele que se emancipou da tirania do Eu para servir á soberania de Deus. Mais deploravel é a sorte da videira que, infecunda, rasteja livremente pela imunda humidade do chão do que a que vive presa ao parreiral e carregada de esplendidos frutos.

Agostinho e seus colegas calçavam sapatos, vestiam singela tunica e usavam um *byrrhus* escuro com capuz, parecido com o bornós dos arabes do nosso tempo. Tornou-se proverbial a falta de asseio dos monges e cenobitas dos primeiros seculos. De alguns dos antigos penitentes sabemos que, pela maior gloria de Deus e perfeição propria, não lavavam jamais o corpo nem cortavam o cabelo nem mudavam de roupa durante a vida toda. Alguns se julgavam tanto mais santos quanto mais imundos, externamente. Se eram grandes amigos de Deus não o eram, certamente, por causa desta falta de higiene, mas apesar da mesma e em atenção á sua boa vontade. Se esses santos podem invocar como patrono e modelo o Precursor, não podem apelar para o exemplo do Messias.

Agostinho, graças á sua cultura e ao apurado senso estetico, não media o gráu da pureza moral pela ausencia de pureza fisica. O mosteiro no alto da colina de Hipona primava pelo asseio, e os seus inquilinos não envergonhariam os homens cultos da melhor sociedade hiponense.

---

(1) Veja-se, mais abaixo, o opusculo de Agostinho: "Regula ad servos Dei".

Os manjares preferidos por essa novel comunidade religiosa eram os vegetais. Só em casos especiais, maxime para doentes e hospedes, aparecia na mesa um prato de carne e um copo de vinho. São Jeronimo, que considerava o vinho como "bebida diabolica", não teria perdoado a seu grande colega africano o uso, embora moderado, do precioso licor.

Contrastavam com a simplicidade frugal da mesa os talheres de prata, que Agostinho trouxera de Tagaste. Preferiu usar estes, de meio-luxo, a comprar outros; pois para ele e os seus, o espirito da pobreza residia na disposição da alma, e não nesta ou naquela qualidade de metal. Em compensação, eram de argila os pratos; alguns de madeira ou alabastro comum.

O costume que hoje em dia reina em todas as casas religiosas, de se ler em voz alta durante as principais refeições do dia, remonta a estes tempos. No mosteiro-seminario de Hipona não se alimentava o corpo sem nutrir tambem o espirito.

Grande era o espirito de hospitalidade de Agostinho. Aquela modesta casa da colina era a hospedaria de todos os bispos e sacerdotes em transito. Tambem os apostolos leigos encontravam agasalho acolhedor entre esses muros benfazejos.

Ha quem diga que reuniões do clero são ocasiões de maledicencia. Se assim fosse, não caberia essa injuria á comunidade dos primeiros religiosos agostinianos. Era rigorosamente interdita, no mosteiro de Hipona, toda a especie de intriga e descaridade. Agostinho admitia antes censura a presentes do que a ausentes. Havia nesse tempo sacerdotes e bispos catolicos que se degladiavam cruelmente, acusando-se uns a outros de fanaticos ou de laxos em face do perene conflito com os maniqueus, donatistas, pelagianos e outros dissidentes. Por isso man-

dara Agostinho pintar na parede do refeitorio, em carateres bem visiveis, estas palavras:

"Saiba cada qual que aos errantes dilacera que é indigno de sentar-se a esta mesa!"

Refere Possidius, colega e primeiro biografo de Agostinho, que, certo dia, dois prelados, hospedes do convento, se esqueceram do grande preceito do divino Mestre. Levantou-se então Agostinho e, apontando para a legenda na parede, exclamou: Ou me retiro desta sala — ou mandarei apagar estes dizeres!...

*

* *

Mal se conhecia na Africa a solenidade religiosa sem festejos populares, com jogos, banquetes, bailados, etc., diversões que, por via de regra, acabavam em embriaguez, brigas e homicidios — exatamente como em nossos dias, maxime entre populações de sangue africano. Está no sangue dos filhos de Cam, mais que em outra raça qualquer, externar a disposição interna por meio de ruidoso espalhafato de todo o genero. Sambas, macumbas, loucuras carnavalescas, insano fragor de bumbas e matracas, guisos, chocalhos, gritaria descompassada, indefinida repetição de versinhos ocos e sem idéias — tudo isto é proprio do genio africano, dificilmente acessivel a uma cultura superior e mais discreta.

Quanto mais inculto é o homem tanto mais necessita do barulho exterior para gozar a sua primitiva alegria.

Era costume pagão daqueles tempos celebrar orgias e bacanais nos porticos e galerias dos templos e nas necropoles. Só a custo se emancipavam os neofitos dessas ideologias pagãs. A propria Monica, como vimos, carregava para o cemiterio e para o interior da basilica cestinhos de provisões para as oferecer ás almas dos defuntos.

No dia subsequente á festa da Ascensão do Senhor celebrava-se em toda a Africa, como tambem na Italia, a "festa da alegria", que raras vezes passava sem grandes desordens. Agostinho proferiu na basilica de Hipona veemente discurso contra esses abusos, mas foi logo interrompido de protestos e apartes do meio do auditorio. Tambem em Roma, ao tumulo de São Pedro — diziam os descontentes — bem como em Cartago, na basilica de São Cipriano, celebrava-se a mesma festa com banquetes e musicas.

Entretanto, Agostinho prosseguiu, imperturbavel, na ofensiva, e com tanta eloquencia e convicção perorou que grande parte do auditorio estava banhada em lagrimas de comoção.

Julgava-se o neo-sacerdote senhor da situação, quando em breve teve de verificar o contrario. Perto da igreja catolica erguia-se o templo dos donatistas, em cujos porticos celebravam os adeptos dessa religião ruidoso festim com musica lasciva e dansas obcenas. Sugestionados pelo exemplo dos dissidentes, resolveram os catolicos fazer o mesmo. Declarou-lhes Agostinho que se demitiria do cargo de pastor espiritual deles se se entregassem a semelhantes desordens, incompativeis com o espirito do Evangelho.

Venceu desta vez, venceu a muito custo, e teve ensejo de prelibar o amargor que o esperava para os decenios futuros. Percebeu que, mesmo no seio da igreja catolica, se trava eterna luta pró e contra a pureza da doutrina de Cristo: de um lado as fraquezas da natureza humana, de outro o esforço titanico de homens que procuram concretizar na vida quotidiana o espirito do Nazareno.

E Agostinho iniciou a dolorosa campanha pelo reino de Deus.

25. — GOVERNADOR, JUIZ E BISPO

De encontro aos costumes da epoca, permitiu Valerio ao jovem presbitero que, em sua presença, prégasse o Evangelho, na basilica de Hipona. E fez bem. Pois, como podia um estrangeiro, desconhecedor das tradições e da lingua do povo, falar á alma desse povo?

Maior espanto e desapontamento que esta inovação causou entre os prelados africanos a noticia de que o velho pastor de Hipona ia nomear seu novel sacerdote bispo coadjutor da diocese. Entretanto, Valerio não desistiu da resolução ante a estranheza dos colegas. Depois de obter a aquiescencia de Aurelio, primaz de Cartago, fez o velho antistite saber ao povo que Agostinho seria sagrado bispo.

Desencadeou-se tremenda tempestade. Megalio, prelado de Guelma e primaz da Numidia, foi o que mais tenazmente se opôs a essa idéia. Chegou ao ponto de endossar as calunias que contra Agostinho se haviam espalhado. Dizia-se á boca pequena, e, mais tarde, de bochechas cheias, que o novel ministro da igreja dera a uma sua penitente um amavio, beberagem com ingredientes magicos que, segundo a crendice popular, tinha a propriedade de despertar sentimentos amorosos. Esta acusação foi repetida pelos donatistas ainda muitos anos mais tarde.

De mais a mais, dizia Megalio, e diziam com ele muitos outros, Agostinho fôra maniqueu, até chefe desses he-

rejes; Cartago e Hipona bem lhe conheciam o fervor e fanatismo com que defendera os erros dessa seita, arrastando inumeras almas ao mesmo abismo; e só Deus sabia o que ele fizera nos misterios cultuais e nas secretas reuniões dos sequazes de Manes.

Se tivesse prevalecido esta campanha de intrigas, ou mesmo a "humana prudencia", talvez teria o Cristianismo perdido um dos seus maiores luminares. Felizmente, não valem os pigmeus humanos ligar com as suas teias de aranha os gigantes da Divindade. Ha uma lei eterna que se cumpre inexoravelmente, quer queiram quer não queiram os homens.

Megalio não conhecia a Agostinho de trato pessoal. Quando, daí a pouco, visitou Hipona e chegou a conhecer de perto esse homem e ouviu da sinceridade da sua conversão e da pureza dos seus costumes, mudou de parecer e revogou publicamente as calunias e juizos temerarios que endossara a respeito dele.

E foi o proprio Megalio que conferiu ao virtuoso jovem a sagração episcopal.

Agostinho tomou sobre si esta honra como um onus, como uma penitencia, pelos desvarios da sua mocidade, e tambem como preventivo contra possiveis quedas futuras. Se tivesse obedecido ao seu pendor natural, ter-se-ia retirado á solidão do ermo ou ao silencio duma cela onde pudesse mais á vontade investigar as belezas da ciencia e sabedoria, porque era, antes de tudo, um pensador, um intelectualista, que no universo das idéias encontrava as maiores delicias da sua vida.

Mas... Agostinho conhecia muito bem a fragilidade do proprio Eu... Esse completo abandono á ciencia e arte, á filosofia e poesia, á investigação da sabedoria e da Biblia — não viria esta vida introspectiva a ser para ele um perigo? um laço para o seu cristianismo? não corria a sua personalidade risco de se hipertrofiar e recair no

antigo subjetivismo egocentrico? E estariam realmente extintas, ou apenas subjugadas, as paixões da sua ardente natureza?

Por outro lado, nada haveria de melhor para manter em seguro equilibrio de serena objetividade as potencias do seu espirito, e para garantir a sujeição da carne, do que o fardo quotidiano do pastoreio e as fadigas de um apostolado dinamico espiritualizado pela oração e meditação.

O munus episcopal seria para Agostinho um fogo purificador e uma escola de aperfeiçoamento moral.

*

* *

Valerio faleceu, não muito depois. E pela primeira vez sentiu Agostinho todo o peso do seu cargo.

O catolicismo, na Africa, parecia estar em vias de franca dissolução. Os donatistas eram senhores do campo, chegando a enviar 315 bispos para o Concilio de Bagai. Optatus, bispo donatista de Timgad, era o terror do catolicismo. Além de inteligente e brilhante orador, era homem virulento que não recuava diante de crime algum.

Em Hipona, os catolicos eram na minoria. Proculeianus, bispo dissidente desta cidade, prégava assiduamente na igreja dos donatistas, que ficava perto da catedral catolica, perturbando, não raro, as funções liturgicas.

Desde os tempos de Constantino Magno, principios do seculo 4.º, era o catolicismo religião oficial do Imperio Romano. Praticamente, porém, alastravam por todas as provincias, impunemente, dezenas de religiões e seitas. O poder militar e a disciplina administrativa de Roma enfraqueciam, dia a dia. Teodosio via-se empenhado numa luta desesperada com o usurpador Eugenio. Os barbaros, que compunham a maior parte do exercito romano, assu-

miam atitude cada vez mais hostil, promovendo revoluções para conseguir maior soldo e constituindo um perigo permanente dentro do organismo estatal. Alarico, o poderoso caudilho dos visigodos, acampava no Peloponeso e se dispunha a invadir a peninsula italica.

Morreu Teodosio durante a guerra contra Eugenio. Sucedeu-lhe, ainda menor, Honorio, cujo ministro poderoso, Stilicho, semi-barbaro, prometeu proteção mais eficaz aos catolicos, porém nada fez.

Tal era, em largos traços, o ambiente religioso e politico do Imperio quando Agostinho ascendeu á catedra episcopal de Hipona, e que havia de ocupar durante 34 longos anos.

*

* *

Quem resolvesse traçar um paralelo entre o cargo pastoral, embora pesado, dum bispo dos nossos dias e a tarefa de Agostinho, não formaria idéia dos trabalhos heterogeneos que pesavam sobre os ombros desse homem secular.

Nesses tempos e lugares, ser bispo era tambem ser governador, administrador e juiz em toda a circunscrição da diocese. Inumeras alusões nos escritos de Agostinho provam á saciedade o quanto ele estava familiarizado com todos os problemas de carater administrativo, agricola, comercial, industrial, etc. Conhecia a fundo a legislação civil e criminal do Imperio, e estava ao par de todo o complicado labirinto dos processos, da jurisprudencia e das questões forenses.

Ele, que, por motivo de idealismo religioso, fizera voto de pobreza e distribuira entre os pobres a herança paterna, vê-se agora, com a sagração episcopal, feito re-

pentinamente latifundiario, capitalista, proprietario de vastos dominios — oh! ironia da sorte!

Montado no lombo dum cavalo ou jumento, perlustra Agostinho, semanas e semanas a fio, todas as latitudes e longitudes da extensa zona confiada a seus cuidados administrativos. Inspeciona campos, vinhedos, olivais, herdades, moinhos, lagares. Interessa-se por animais de raça, qualidades de cereais, frutas de mesa, uvas para vinho de mesa e de exportação. Estuda os preços das diversas mercadorias — a Africa era, nesse tempo, o celeiro da Europa — fiscaliza o movimento dos centros industriais e dos postos aduaneiros, estuda e aprova plantas de edificios publicos, dá parecer sobre remodelação de cidades, traçado de estradas de rodagem. Familiariza-se com as diversas formas legais de contratos, compras, vendas, doações. Dispõe sobre o arrendamento de terras de lavoura. Entra em contato intimo com o homem do povo, com o mundo operario, com o pequeno produtor, com as familias, com todas as classes sociais. Procura levantar o nivel cultural, fazendo abrir estabelecimentos de ensino, nomeio professores, designa materias de ensino, preside a exames finais.

Poeta nato, apreende de relance, á beira das poeirentas estradas da Numidia, na arenosa praia do Mediterraneo, á sombra das florestas africanas, apreende mil e mil imagens pitorescas que, ao depois, reaparecem, com espontanea naturalidade, nas suas produções filosoficas e teologicas. Não desdenha tomar sugestivas alegorias, comparações das coisas mais ordinarias da vida quotidiana; fala do "limoeiro que frutifica o ano todo"; menciona até as "cabras que se firmam nas patas trazeiras para atingir as folhas das arvores", etc. etc.

*

* *

Pior que o cargo de administrador era o de juiz. Em determinados dias sentava-se Agostinho no *secretarium* da Basilica da Paz, ou no portico adjacente, e ouvia as queixas e os agravos dos litigantes que se julgavam defraudados ou lesados nos seus legitimos direitos. Eram proverbiais as paixões, a perfidia e teimosia dos africanos. E, no entanto, para extorquir sentença ao juiz chegavam eles ao extremo da bajulação, procurando conseguir com suavidade felina o que não valiam alcançar á força de gritos e ameaças brutais. Ouvir, por espaço de horas, todas as miserias e perfidias humanas; ouvir, sobretudo, a vozeria infernal desses rudes africanos, primitivos e violentos, devia ser tormento exhaustivo para a apurada sensibilidade de um intelectual e esteta como Agostinho. Quem visse assim o grande luminar do Cristianismo, sentado á guisa dum *kadi* muçulmano dos nossos dias, tomá-lo-ia por um homem vulgar consubstanciado com esse meio mediocre e profano, com esse estrepito dos negocios forenses.

E quão longe deste mundo imundo andava a alma de Agostinho!...

Aludindo a essas odiosas ocupações, escreve ele: "Posso asseverar, pela salvação de minh'alma, que, para mim, seria bem mais agradavel entregar-me a quaisquer trabalhos fisicos bem ordenados, como os ha nos conventos, e dedicar o resto do tempo á oração, á leitura e ao estudo da Escritura Sagrada — do que ocupar-me com esses complicados e importunos processos".

Só mesmo um homem pleni-conciente do seu ideal superior e com os olhos postos nas alturas celestes é que podia ocupar-se com todos esses problemas mundanos e materiais sem perder a sua concentração interior.

Agostinho, administrador e juiz, era, antes de tudo, pastor do seu rebanho. Vivia com ele e por ele. Incansa-

vel prégador do Evangelho, conseguiu dar áquele povo semi-selvagem um profundo conhecimento da revelação cristã e moldar-lhe a natural rudeza de carater pela suavidade daquele que disse: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração".

Os 497 sermões de Agostinho — e sabe Deus quantos se perderam! — são quase todos sugestivas palestras espirituais com o seu povo. Por vezes chega o orador a instituir verdadeiros dialogos com os ouvintes. Embora tivesse escrito sobre matematica e geometria, Agostinho não é amigo de divisões metodicas do assunto a tratar. Nunca aparece, nas suas praticas, o 1.º, 2.º, 3.º ponto de modernos doutrinadores, que, por vezes, se esquecem de que a lingua não é uma figura geometrica, mas, sim, um ser organico, e, como tal, de formas mutaveis e dificilmente cabiveis em moldes pre-estabelecidos. O orador, senhor do assunto e compenetrado do que vai dizer, não corre perigo de aborrecer o auditorio. Não se conhecia nesse tempo, parece, essa invenção do seculo da eletricidade, que são os "sermões de dez minutos", "praticas de cinco minutos"... Quando chegaremos á extrema condescendencia de deliciar os nossos ouvintes com "sermões de um minuto"? Muitos sermões de Agostinho devem ter levado horas. O homem do 4.º e 5.º seculo ainda não aprendera a arte deshumana de levantar o programa da sua vida sobre o ponteiro dum cronometro, nem tinha de tomar, na proxima esquina, o bonde ou onibus a tal hora, tantos minutos e tantos segundos.

Graças á solicitude dos estenografos, que nunca faltavam entre os ouvintes, foram-nos conservadas algumas centenas dessas palestras tão profundas quão espirituosas.

26. — O BALUARTE DA FÉ CRISTÃ

Grande parte da literatura de Agostinho tem carater apologetico e polemico, exarada a serviço da defesa da fé cristã adulterada pelos herejes: maniqueus, arianos, donatistas, pelagianos etc. É um imenso arsenal de guerra montado em pleno campo de batalha. Estas obras, produto da poderosa cerebração do grande númida, são, em ultima analise, filhas de seu coração. Pois não podia crer que alguem encontrasse definitiva quietação espiritual senão á sombra do Cristianismo integral, onde a sua alma irrequieta, após tres decenios de dolorosas odisséias, gozava repouso interior.

Havia quase um seculo que o cristianismo africano se degladiava em lamentavel discordia. Donato, bispo de Cartago, se insurgira contra a "disciplina laxa" da igreja romana, e a tal ponto chegou a cisão que os donatistas declaravam invalida a administração dos sacramentos, maxime do batismo, feita por um sacerdote indigno, e, uma vez que neste conceito tinham eles todos os sacerdotes adeptos da séde romana, rebatizavam os catolicos que passassem para o donatismo.

Agostinho, ainda nesse tempo, lá no seu candido idealismo, acreditava na eficacia de coloquios religiosos e tentames de conciliação por meio de entendimento reciproco. Mas o clero donatista, ufano da sua maioria numerica e

do rigor da sua disciplina, respondeu com arrogancia que jamais se aviltaria ao ponto de comparecer a um congresso juntamente com os emissarios do clero romano. "Os filhos dos martires não podem fazer causa comum com essa raça de traidores" — foram estas as palavras insolentes do primaz donatista de Cartago.

Frustrado assim a tentativa dum congraçamento pacifico, recorreu Agostinho á pena. Elaborou eruditas controversias e brilhantes polemicas, que giram quase todas em torno do tema central: "Separação da unidade da igreja é separação de Cristo. Pelo amor é que somos cristãos, e a heresia nasce do desamor".

Os livros de Agostinho correram mundo. Mas os donatistas não tardaram a pô-los no "Index" dos livros proibidos para os seus fieis, e faziam o possivel para ocultar aos catolicos os seus proprios livros, para que o campeão da ortodoxia não tivesse base para uma refutação.

Por fim, receando a crescente ofensiva do poderoso adversario, resolveram eliminá-lo do numero dos vivos. Só por milagre escapou Agostinho á morte, pelo fato de ter errado casualmente o caminho onde os seus mortais inimigos lhe estavam á espreita.

Em face da ineficiencia dessa politica suasoria e pacifista, recorreu Agostinho ao "braço secular", invocando a autoridade civil para intervir no conflito religioso e restabelecr a paz confessional.

Passo funesto esse, como opinam muitos historiadores e teologos. Confissão de fraqueza? capitulação espiritual?...

A religião catolica era, nesse tempo, religião oficial do imperio. Atentar contra a unidade religiosa era atentar contra a segurança do Estado.

Por sugestão de Agostinho, reuniram-se os bispos catolicos da Africa e resolveram enviar ao imperador Ho-

norio um memorandum, em que apelavam para sua soberana intervenção no caso da dissidencia dos donatistas.

Em 405 baixou Honorio um decreto em que interditava o donatismo e estabelecia penas severas para os contraventores.

O efeito não se fez esperar: dentro em breve não havia mais donatistas. Desapareceram da face da terra, como que varridos por um vendaval...

Não havia mais donatistas?

Ingenuo quem tal pensasse, Fechada violentamente, com esse "cataplasma" oficial, desapareceu a chaga, mas lançou ás suas toxinas para o interior do organismo, minando á surda o que outrora fizera ás claras e preparando catastrofe ainda mais funesta, como se viu 14 anos mais tarde, quando milhares de donatistas se aliaram aos vandalos e godos arianos, na tomada de Hipona. Não se podem matar idéias a fio de espada, nem extirpar com decretos papiraceos convicções que se aninharam no intimo da alma. Por isso dizia o divino Mestre: "Não arranqueis o joio, mas deixai-o crescer até á colheita..." Só uma idéia pode suplantar outra idéia.

Essa especie de tribunal de Inquisição melhorou, temporaria e externamente, a vida da igreja catolica na Africa. Externamente...

*

* *

Inimigo bem mais perigoso, porque muito mais simpatico ao orgulho humano, surgiu, nesse tempo, na forma do pelagianismo. Desde 411 alastrou pelo oriente e ocidente esta heresia e com tamanho furor que, no curto lapso de 20 anos foram celebrados nada menos de 24 Sinodos para debelar a traiçoeira ideologia do monge Pelagio.

Os pelagianos só admitiam pecado pessoal, negando a existencia dum pecado original. A natureza humana, diziam, não pecou. Pecou apenas o individuo. Não é possivel que um peque para outro, assim como não é possivel que um redima outro. O homem, autor da sua queda, é tambem autor do seu reerguimento. A redenção de Cristo não tinha o fim de cancelar algum pecado coletivo e hereditario do genero humano, nem mesmo o fim de satisfazer por um pecado pessoal do homem; a sua finalidade consistia tão sómente em neutralizar, pelo bom exemplo do "segundo Adão", o mau exemplo do primeiro Adão. Assim como este nos arrastou, pela sua orgulhosa desobediencia, ao caminho da degradação moral, assim nos mostrou Jesus Cristo, com a sua humilde obediencia, a via da ascensão espiritual.

Era desta forma que, em resumo, o pelagianismo concebia a redenção.

Consequentemente, ensinava que o homem pode, em virtude de seu esforço pessoal, erguer-se ás alturas duma perfeita impecancia e consumada santidade. A graça de Deus é, sim, um valioso auxilio nessa jornada ascensional, mas não é de necessidade absoluta para a salvação do homem.

Em resumo: o homem é bom por natureza, mesmo no estado atual, e a sua redenção é uma auto-redenção. Não é remido, ele mesmo é que se redime.

Segue-se que o batismo não tem o fim de tirar o pecado original (inexistente) mas tão sómente o de incorporar o homem no "reino de Deus", isto é, no reino de Cristo aqui na terra. A morte corporal não é consequencia do pecado — pois este fez mal só a Adão — mas é uma lei natural do organismo, como dos demais seres organicos.

Ideologia como esta não podia deixar de empolgar os espiritos e despertar universal simpatia entre os homens crentes na luz da razão natural e descrentes da re-

velação sobrenatural. Ainda em nossos dias, o homem natural, sem excetuar o homem batizado, é pelagiano (ou racionalista) por natureza, conciente ou inconcientemente. Para crer na impotencia do Eu e na onipotencia de Deus, sob a forma da graça, deve o homem passar por uma escola que fica além de todas as suas experiencias pessoais. Facil é crer na fisica do que é natural — dificil, crer na metafisica do sobre-natural. Em todos os departamentos do humano poder, saber e querer, o resultado final é, mais ou menos, proporcional ao esforço empregado. Quem nada faz nada consegue. Quem não calcula e especula, quem não pensa e age, quem não amanha e semeia — esse não colhe, não ganha, não conquista.

A mais dolorosa e humilhante bofetada na face do homem, maxime do homem moderno ébrio das suas conquistas no dominio da ciencia, tecnica e arte, é dizer-lhe que a consecução do seu destino supremo não depende dele, mas de um terceiro, ao menos em primeira linha. Não é o homem que se salva — é salvo por Deus. Não é autoredento — mas é um alo-redento, remido pelo Cristo-Redentor.

Tão insuportavel é esta idéia da Cristo-redenção a todo o homem natural que milhares de cristãos dos nossos dias, maxime entre as classes intelectuais, são intimamente pelagianos ou semi-pelagianos, ao menos na zona noturna do sub-conciente. Creem oficialmente na teo-redenção, mas secretamente creem ainda mais na antropo-redenção. Para escalar o céu, teem mais confiança na torre de Babel erguida pelo proprio Eu do que na cruz do Golgota levantada por Deus.

Para Agostinho, era o pelagianismo dupla mentira, porque contradizia não sómente a idéia fundamental da revelação divina, como tambem ás dolorosas experiencias da sua propria vida. Se o homem podia salvar-se mercê da sua boa vontade e da inata bondade da propria natu-

reza, porque é que Agostinho, pagão, não valera subir do abismo da sua miseria moral? E não dizia Paulo que, na tremenda luta da "lei da carne" contra a "lei do espirito", só a graça de Deus é que era garantia de vitoria? Se o livre arbitrio do homem era suficiente para escalar o céu, porque veio então o Deus-homem para salvar o homem? porque não encarregou Deus um homem-homem — um Platão ou Aristoteles — de redimir a humanidade?...

As "Confessiones" de Agostinho, escritas pelo ano 400, uns quatorze anos após a sua conversão, equivalem, da primeira á ultima pagina, a um protesto contra a ideologia pelagiana, porque são uma sublime apoteose da graça divina, um humilde *confiteor* da humana miseria e um solene *magnificat* da divina misericordia.

O que o homem vive e sofre no intimo quê da sua personalidade, isto, e só isto é realmente seu, patrimonio seu espiritual; e nenhuma potencia das alturas ou das profundezas é capaz de lho arrebatar. Por isso é que Agostinho lançou á arena todos os recursos da sua erudição, fez brilhar todos os fulgores da sua inteligencia, apelou para todo o arsenal da sua vasta cultura e para a veemencia do seu temperamento de fogo, para reivindicar os sacrossantos direitos da graça divina, ameaçados pela sacrilega investida racionalista de Pelagio e seus sequazes. Tornou-se o classico apologista da misericordia de Deus, o "doutor da graça", o intransigente advogado da onipotencia de Deus e da impotencia do Eu, o fulgurante paladino da Cristo-redenção contra a antropo-redenção.

27. — O PINTOR DO MUNDO E DAS ALMAS — "CONFESSIONES"

Tenho diante de mim as "Obras Completas" de Santo Agostinho, em latim, edição de Migne, Paris, 1877, feita sob os auspicios da Ordem dos Monges Beneditinos. São 13 volumes enormes in-folio contendo cada um cerca de 1.500 paginas em tipo miudo, o que daria um total de umas 50.000 paginas bem maiores do que o formato do presente livro. Perlustrar esta gigantesca produção literaria do grande númida é embrenhar-se numa imensa floresta tropical de grandiosos pensamentos sobre todos os problemas centrais da vida humana.

E cumpre não esquecer que nem tudo quanto Agostinho escreveu ou os seus estenografos apanharam de relance durante os sermões, nem tudo chegou até aos nossos dias. Das diversas obras exaradas antes da sua conversão, e algumas depois, sobre Retorica, Estetica, Gramatica, Geometria, Musica, etc., apenas estúltima escapou ao naufragio dos seculos.

As obras de Agostinho revelam, quase todas elas, uma intensa personalidade. Pensamentos profundos e sublimes, apresentados em formas cristalizadas, emoldurados de tão lindas e acertadas comparações, que dificilmente fa-

tigam o espirito. Passam diante da alma como outros tantos filmes técnicolores de grande vibração e dramaticidade.

E' dificil precisar a ordem cronologica da origem de muitas obras de Agostinho.

Pelo ano 400, na idade de 45 anos, no quarto ano de seu episcopado, exarou ele a sua grande auto-biografia "Confessiones", unico livro que a maior parte dos cristãos conhece dentre essa centena de obras que o grande pensador produziu. E' um mixto de romance e dogma, de retorica e oração; é uma humilde confissão de humanas miserias e uma deslumbrante apoteose da divina misericordia. Pelo gosto literario moderno, não deviam figurar nesse livro certos capitulos de extensa reflexão teorica. Assim, por exemplo, interrompe o autor a narração dramatica e candente da sua crise espiritual — livros VI e VIII — corta o fio da exposição e intercala uma longa e exhaustiva dissertação sobre a divindade, o mundo e certas ideologias filosofico-religiosas — livro VII — para, finalmente, reatar o fio partido. O impaciente leitor do seculo vinte, é certo, saltará o livro VII para saber qual a solução que Agostinho deu á tormentosa efervescencia da sua angustia metafisica.

Nosso grande Vieira — aliás otimo conhecedor de Agostinho — cometeu num dos seus mais belos sermões (sobre o fim do mundo, parece) incoerencia analoga, se assim se pode dizer. Por vezes, são necessarias as dissonancias para mais realçar a beleza duma sinfonia...

"Confessiones" é, antes de tudo, um livro vivído. E' de todas as obras de Agostinho a mais agostiniana. Só o homem que já viveu e sofreu angustias semelhantes estará em condições de compreender este livro eminentemente personal. A descrição da agonia do "homem velho" e a parturição do "homem novo" passa aos olhos do leitor

com tão fulgurante realismo e tão admiravel psicologia que parece palpavel atualidade, cheia de luminosas alturas e abismos sinistros, repassada de gemidos de dor e brados de socorro. E' a luta titanica entre a "lei da carne" e a "lei do espirito", entre a natureza a a graça, entre a orgulhosa autonomia da inteligencia do filosofo pagão e a humilde sujeição do discipulo de Cristo. Aparecem no cenario dois atores: o advogado da carne e o paladino do espirito. Trava-se entre os dois sensacional dialogo. Com requintada astucia querem as paixões provar a Agostinho que ele não pode viver sem certas delicias; que a vida perderia a sua razão-de-ser, que seria um deserto sem encantos, que até seria ingratidão abandonar as suas amigas de outrora; que vida sem prazeres sensuais e doçuras femininas não seria vida, mas morte e perene agonia; que, pelo menos, não abandone, já e já, as suas companheiras de outrora, pois que, para abandoná-las, sempre haveria tempo, amanhã, depois de amanhã, mais tarde; que não renuncie ás realidades certas e concretas da hora presente pelas vagas e incertas ideologias do mundo futuro.

Agostinho é duma surpreendente modernidade no seu modo de pensar e sentir. Vai, através desta obra-prima de psicanalise e introspecção, todo o romantismo nostalgico dos nossos homens de hoje, sempre antigos e sempre novos na sua odisséia sentimental, tão cristãos e tão pagãos nas soluçantes saudades de Deus — do "Deus desconhecido"...

No 7.º capitulo da Epistola aos romanos, preludiou São Paulo a profunda tragedia espiritual do homem, tragedia que Agostinho desenvolve amplamente, porque mais intensamente que aquele a viveu e sofreu.

Não creio que exista, na literatura mundial, mais perfeita e sincera descrição dessa intermina luta do homem com o proprio Eu do que encontramos nos livros VI e VIII

das "Confessiones". Aqui aparece, nos mais vivos contrastes, todo aquele drama milenar do homem pensante, entre o *querer* e o *não poder*, o "drama de ser dois", como disse alguem. O homem é dois. Sendo um só, sente em si dois Eu a degladiar-se em fragoroso conflito. Só a morte porá termo a essa dolorosa dualidade. Pois mesmo o cristão, o santo, o heroi da espiritualidade terá de ouvir sempre a aguda desharmonia da sua propria natureza, ainda que o poder da graça e o leal esforço do homem consigam tornar mais ou menos suportaveis essas dissonancias.

A auto-biografia de Agostinho termina com o seu regresso á Africa.

Convem não esquecer que as sombras que enchem este livro, embora sejam expressão de realidades historicas ou psiquicas, veem muitas vezes sobrecarregadas pelo autor episcopal. Num recinto iluminado de meridiana claridade aparecem, com excessiva visibilidade, não só as imundicies de maior vulto, como ainda os menores e mais insignificantes atomos e argueiros que volitam no espaço. O autor contempla com olhos de cristão, de apostolo de Deus, de santo, os desvarios da sua mocidade; analisadas através dessa lente, é inevitavel que muitas dessas desordens apareçam objetivamente mais graves do que, naqueles anos, tinham sido subjetivamente.

Pelo fato de ter o autor desse livro ter sido um homem sincero, que teve a inaudita coragem e sinceridade de dizer o que era, por isso são as "Confessiones" um livro eterno, uma das grandes obras da humanidade. Porque, afinal de contas, o homem é sempre homem, sempre o mesmo ser sublime e vil, sempre esse ente indefinivel, nem anjo nem animal, nem serafim nem satan, esse mixto de luz e treva, esse misterio a flutuar, numa atmosfera crepuscular, entre o céu e o inferno. Todo o homem pensante descobrirá nessas paginas, não propriamente o re-

trato daquele africano do 4.º e 5.º seculo, mas antes a fisionomia do proprio Eu, personificada naquele Agostinho de Tagaste. Agostinho é apenas o interprete, o locutor, o porta-voz daquilo que ha de comum em todo o ser humano e no seio da humanidade como tal.

Os livros que mais nos interessam são aqueles em cujas paginas nos encontramos a nós mesmos. Quantas vezes, no meio dum capitulo, quiçá por entre uma selva de coisas *não minhas*, aparece subitamente um pensamento *meu*, uma idéia que ha muito tempo dormia, inconciente ou semi-inconciente, no sub-solo do meu ser, mas que eu não conseguia formular nitidamente, ou melhor, que não ousava externar e proferir em publico, com medo de que fosse talvez um grande absurdo, uma loucura, um tremendo despauterio. Porquanto, os nossos melhores pensamentos teem muitas vezes tão perfeita semelhança com as nossas maiores loucuras que nem sempre é facil distinguí-los uns dos outros. De mais a mais, a honesta e prudente mediocridade da rotina tradicional é inimiga mortal de tudo que não esteja no plano do nivel quotidiano. Basta, porém, que um homem reconhecidamente inteligente ou genial diga explicitamente o que implicitamente dizia o meu Eu subconciente — e logo me sinto seguro de mim mesmo e assás corajoso para crer na verdade do meu proprio pensamento.

Tudo isto vai nas linhas ou nas entrelinhas das "Confessiones".

28. — COMO DEPOIS DE CHUVAS TROPICAIS...

Certas zonas do nordeste da nossa terra, como é sabido, teem longos periodos de calor escaldante (verão) e uns meses de chuvas copiosas (inverno). Quem, como o autor destas linhas, cruzou os sertões nordestinos em tempo de prolongada seca, não descobrindo uma folha verde, afora as flabelas das carnaubeiràs, as copas cerradas dos joazeiros e mais umas poucas plantas talhadas para o deserto, não cabe em si de admiração e pasmo quando, depois duma semana de chuva refrigerante, presencia a subitanea e jubilosa ressurreição da flora, que parecia morta para sempre. Parece mesmo que a vegetação tropical, depois de dez, quinze, vinte meses de forçada dieta, procura ressarcir o tempo perdido, vingando-se com inaudita pujança e fecundidade, da prolongada esterilidade que sofreu.

Uma seca espiritual de 32 anos reduzira a alma de Agostinho a um como campo adusto pelos ardores estivais. Quando então desabou sobre ele àquela torrente divina, que marca o inicio duma vida extraordinariamente produtiva, rompeu do ubertoso seio desse grande espirito uma verdadeira floração de pensamentos, idéias e ideais.

Entre a conversão interior e a recepção do batismo decorre cerca de um ano. Do batismo até ao regresso

definitivo á Africa medeia outro ano ou tanto. Este biennio, especie de *lua de mel* das nupcias de Agostinho com a religião cristã, assinala a origem de numerosas obras do genial africano, obras que, em boa parte, chegaram até nós. Revestem um carater de transição, versando assuntos de ordem mais cientifica, estetica, filosofica, do que a maior parte dos livros que Agostinho escreveu durante os restantes 42 anos da sua vida.

1. "SOLILOQUIA"

Ainda na confortavel casa de campo de Cassiciacum, perto de Milão, antes de receber o batismo sacramental, mas já interiormente batizado pelo desejo cristão — em 386 ou 387 — começou Agostinho a elaborar uma obra a que pôs o sugestivo titulo "Soliloquia". Divide-se em dois livros. E' uma especie de auto-retrato de sua alma, assim como ele a contempla, e ao mesmo tempo um retrato ideal da mesma, assim como desejaria vê-la.

Devido á subsequente partida para a Africa, ficou este livro inacabado.

Em suas "Retractationes", escritas uns tres anos antes da sua morte (427), corrige Agostinho diversas opiniões expostas neste livro, bem como em outros escritos deste periodo.

2. "CONTRA ACADEMICOS"

Pelo mesmo tempo, talvez em fins de 386, ainda na mesma solitude bucolica de Cassiciacum, depois de pedir demissão do seu cargo de professor de Retorica, escreveu Agostinho uma obra filosofica contra os "Academicos", quer dizer, em terminologia hodierna, contra os "Ceticos". Resumia-se a filosofia desta escola em duas maximas: 1) nada se pode perceber ao certo, 2) nada se deve afirmar. Por conseguinte, diziam os "academicos", a beati-

tude do homem, enquanto possivel, não consiste no *conhecimento* da verdade, mas, sim, na sincera *investigação* da mesma; não no termo da jornada, mas nessa mesma jornada em demanda da verdade intangivel — é nela que está a unica felicidade do homem aqui na terra.

Quem conhece o livro "Nathan der Weise", do filosofo e critico germanico Lessing, não ignora que é precisamente este o argumento da referida obra. Se o Pai eterno — expõe o autor — tivesse na mão direita a posse da verdade, e na mão esquerda o desejo da verdade, e me désse a escolha, diria eu: "Pai eterno, a posse da verdade é só para ti; para mim é o eterno desejo e a sincera investigação da verdade, uma vez que sou incapaz de possuir a verdade".

E' esta, aliás, a opinião de milhares de homens dos nossos dias, que encontram uma doce amargura em se saberem apostolos e martires dum ideal inatingivel; gozam a inebriante volupia de seu acerbo e infecundo heroismo; miram-se, esses Narcisos, nas aguas profundas da sua dolorosa nostalgia, enamorando-se de si mesmos e dos tormentos tantalicos da sua insatisfeita inquietação metafisica. Gozam o desgosto. Deliciam-se na amargura, esses estranhos sadistas do espirito, que se dizem bandeirantes da verdade. E, como esse bandeirismo intelectual lhes parece diploma de super-humanismo, desdenham muitas vezes como infra-homens os que repousam na posse tranquila da verdade ou daquilo que julgam ser a verdade integral.

Agostinho, que, como poucos, fôra insatisfeito bandeirante da verdade, bem podia dizer com Paulo: "Não tenho a pretensão de ter já atingido o alvo; mas vou-lhe á conquista a ver se o atinjo", e, no entanto, ele não faz consistir a beatitude no *procurar*, e, sim, no *possuir* a verdade. Ha no investigar uma semi-beatitude; mas a pleni-beatitude só pode consistir na posse segura e con-

ciente da verdade integral — que é Deus e o mundo em Deus.

3. "DE BEATA VITA"

Ainda estava Agostinho elaborando o seu tratado filosofico contra os Ceticos, pelos fins de 386, quando ocorreu o seu 33.º aniversario natalicio (13 de novembro). Parece que ele considerou este aniversario como o primeiro ano da sua vida real, ou melhor, como o dia do seu nascimento. Pois, os 32 anos de paganismo e de prazeres sensuais eram para ele outros tantos zeros. Este ano era o primeiro valor positivo, o "1" que iniciava uma longa serie de valores espirituais. Começava a viver, finalmente, uma vez que encontrara aquele que é a "ressurreição e a vida", o "caminho, a verdade e a vida".

E teve Agostinho a idéia original, digna dum pensador e dum cristão (que ele já era interiormente) de inaugurar esta efeméride com a elaboração duma especie de apoteose da vida eterna. Levou apenas tres dias a composição deste livrinho, escrito em estilo vibrante, solene, cheio de divina claridade. Nele entram como atores seus amigos, inclusive Monica, que recebe do filho o magnifico elogio: "*Ipsam prorsus, mater, arcem philosophiæ tenuisti*" (Deveras, ó mãe, tu atingiste a culminancia da filosofia).

Idéia feliz, essa, de comemorar o aniversario natalicio desta vida mortal com um panegirico á vida imortal!

4. "DE ORDINE"

Ha escritores que terminam completamente uma obra, e só depois começam outra. Muitos, porém, trabalham simultaneamente em escritos diversos, levando adiante ora este, ora aquele, dando á luz, em rapida sucessão, os filhos diversos daquela gestação conjunta. Tem este ultimo

sistema a vantagem, parece, de uma serie de pensamentos fecundar outra serie, impedindo a esterilização ou esgotamento dum assunto de determinada especie e colorido.

Agostinho pertencia evidentemente aos "gestantes de de prole simultanea". Quase sempre tinha entre mãos uma serie de obras, muitas das quais chegavam apenas a meio caminho da sua evolução genesica, acabando como torsos, fragmentos, pedaços de colunas, pedras de alicerces.

Ainda não terminara bem o exhaustivo tratado contra os "Academicos", ligeiramente interrompido pelo opusculo "De beata vita", quando um amigo lhe pediu uma instrução para jovens estudantes.

E Agsotinho, ainda nesse mesmo ano de 386 — provavelmente em dezembro — pôs mãos á obra, exarando uma boa centena de paginas sobre a necessidade de habituar o coração e a inteligencia a uma determinada hierarquia espiritual. Antes de tudo, se faz mister pôr em ordem a sua vida afetiva e etica, afim de poder dedicar-se, com serenidade interior, ao estudo das disciplinas humanas.

E' bem significativa que Agostinho insista em levantar o edificio filosofico sobre o alicerce duma vida moralmente ordenada, pois sabia por dolorosa experiencia propria quão grande impedimento para a investigação da verdade é um coração revolucionado de paixões e afetos indisciplinados.

Já nesse tempo, como se vê, deviam as grandes inteligencias perder tempo com trabalhos pedidos de encomenda, pondo o seu saber ao serviço da amizade e das convenções sociais.

5. "DE MUSICA"

Em principios de 387, ainda no idilico retiro de Milão, compôs Agostinho uma obra bastante extensa, em seis

livros, sobre a musica, da qual foi sempre apaixonado cultor. Nesse trabalho, parece, teve como colaborador o amigo e antigo discipulo Licentius, poeta de largos remigios e de apurado senso artistico. Os hinos e canticos sacros compostos por santo Ambrosio, como sabemos, empolgavam poderosamente e moviam até ás lagrimas a alma vibratil do filosofo pagão, que, em horas de grande agonia interior, se refugiava á Basilica e procurava embalar a pobre criança da sua saudade metafisica com o narcotico das suaves melodias liturgicas. Ciencia, religião, arte e poesia andaram sempre de mãos dadas na vida do grande pensador. Mesmo depois de convertido ao cristianismo, nunca deixou de considerar a ciencia e a arte como anjos tutelares destinados a erguer a alma humana ás excelsitudes da Divindade.

A partida para Ostia Tiberina e Africa impediram Agostinho de términar este trabalho, que foi ultimado só em 389, juntamente com o livro contra os maniqueus.

6. "DE IMMORTALITATE ANIMAE". "DE QUANTITATE ANIMAE"

O ano 387 foi para Agostinho um ano muito agitado, que poucos lazeres lhe deixou para estudos profundos. Partida de Milão, chegada a Ostia Tiberina, longa espera no porto, morte de Monica, nova espera em Roma e em Ostia, etc.

Em principios de 388, ainda em Roma, elaborou dois tratados filosofico-teologicos, um sobre a imortalidade da alma, outro sobre a questão se a alma tem quantidade, ou seja, extensão quantitativa no espaço.

Aparecem nestes livros diversas figuras geometricas — ponto, linha, circulo, quadrado, triangulo, losango, etc. — que lhe dão um quê de moderno, apesar do seu carater

abstrato. Como mais tarde Pascal, sabe Agostinho pôr a matematica e a geometria ao serviço da mais alta metafisica. E', aliás, digno de nota que muitos dos grandes pensadores da humanidade foram devotados amigos do mundo dos numeros e das figuras.

7. "DE MAGISTRO"

Vai entrelaçado com os seis livros sobre a musica um trabalho menor em forma de dialogo, sobre o magisterio. Os interlocutores são Agostinho e seu filho Adeodatus. No livro IX das "Confessiones" refere-se o autor a este opusculo, afirmando que, nesse tempo, Adeodatus, com 15 anos, revelava tão extraordinaria inteligencia que o proprio pai se sentia ás vezes como que tomado de terror diante dele: *"Horrori mihi erat illud ingenium"*...

E', pois, possivel que as palavras que Agostinho põe nos labios do filho, nesse erudito dialogo, sejam de fato a expressão das idéias maduras desse privilegiado engenho

8. "DE LIBERO ARBITRIO"

Depois da morte de Monica, no porto de Ostia, foi Agostinho a Roma, onde ficou quase todo o ano de 388. Neste intervalo começou a elaborar um trabalho de fôlego sobre uma das mais obscuras e controvertidas questões que existem nos vastos dominios da filosofia e da teologia: o livre arbitrio. Coerem com este problema, dois outros, que o tornam ainda mais enigmatico do que já é por natureza: 1) porque prefere o homem um bem inferior a um bem superior, 2) como se harmoniza a preciencia divina com a liberdade humana.

Com esta obra em tres livros inicia Agostinho propriamente a sua brilhante carreira de vigoroso apologista da fé e intransigente adversario dos herejes da epoca.

Visa este livro, de preferência, os maniqueus, que admitiam a existencia de duas divindades eternas, o deus do bem e o deus do mal. Agostinho prova que o mal não pode ser uma divindade, nem mesmo um ser positivo, mas uma simples negação, a não-existencia de um ser que devia existir.

"De libero arbitrio" só foi terminado em 395, quando o autor já recebera o presbiterato e, talvez, o episcopado.

Tambem esta obra aparece dialogada, desta vez entre Agostinho e Evodius.

9. "DE MORIBUS ECCLESIAE"

Ainda em 387, em Roma, começou Agostinho a escrever uma obra apologetica dividida em duas partes. Trata a primeira dos usos e costumes, ou melhor, do espirito da igreja catolica; a segunda, do carater dos maniqueus. Deus, o Sumo Bem, é a norma etica para todo o verdadeiro filho da igreja, e este amor de Deus se revela na caridade do proximo. Provam este espirito a vida e as virtudes de tantos cristãos — assim como o contrario os vicios favorecidos pela heresia de Manes.

Este livro foi concluido, mais tarde, na Africa.

10. "REGULA AD SERVOS DEI"

Sem data certa, existe, da autoria de Agostinho, uma "Regra para os servos de Deus", isto é, para homens que quisessem levar vida religiosa em comunidade.

Fala do amor de Deus e do proximo; da humildade; da oração e do oficio divino, das refeições e do jejum; da solicitude pelos enfermos; da compostura e modo de vestir do homem espiritual; da correção fraterna; do espirito de cobiça; da lavagem das roupas, dos banhos e do interesse pelas necessidades do proximo; do espirito de

indulgencia e perdão; da obediencia ao superior; do espontaneo cumprimento da regra e da leitura assidua, etc.

Por este simples elenco de assuntos se depreende que Agostinho é, por assim dizer, o pai dos Regulamentos que, mais tarde, iam ser elaborados pelos fundadores de Ordens e Congregações religiosas.

Seria sedutor escrever uma "Psicologia de Santo Agostinho" tomando por base esta "Regra", na qual se encontram dispositivos tão modernos e tão repletos de experiencia e sabedoria que, por si só, revelam o admiravel equilibrio e a serena superioridade do seu autor.

Inacio de Loiola, ao elaborar as Regras que os jesuitas costumam ler mensalmente no refeitorio, não ignorava, certamente, as diretivas que o grande africano dera aos seus amigos e companheiros de ideal.

Se o caracteristico do espirito inaciano é a obediencia, o do espirito franciscano a pobreza, distingue-se o espirito agostiniano, sobretudo, pelo primado do amor. Bem andaram os pintores em representar o "doutor da graça" com um coração ardente nas mãos.

*

* *

Além destes trabalhos mais ou menos preliminares, e das grandes obras "Confessiones" e "De Civitate Dei", possuimos de Agostinho quase uma centena de outros livros, cuja enumeração seria fastidiosa para os nossos leitores.

29. — ROMA PRESA DOS BARBAROS — "DE CIVITATE DEI"

O mês de junho de 403 foi para Roma de inaudita solenidade.

O jovem imperador Honorio, filho de Teodosio, acabava de derrotar, nas planicies de Pollenta, o exercito de Alarico, rei dos visigodos.

Havia um seculo que os Cesares do imperio romano não mais residiam na famosa *urbs* ás margens do Tibre, preferindo-lhe Milão ou Ravenna. O povo de Roma, descontente com este abandono, relembrava, saudoso, os tempos de gloria antiga, os jogos de circo, as lutas dos gladiadores, os desfiles militares, as pompas cultuais do paganismo, as vitimas e holocaustos a fumegar nos altares de Jupiter, Marte, Venus, Diana, etc.

Com a entrada triunfal de Honorio na antiga metropole pareciam reviver os aureos tempos de Augusto.

Honorio era cristão, catolico. Por isso, não se viram nas alturas do Capitolio os conhecidos touros brancos a sangrar nas aras das divindades nacionais. Em compensação, porém, fez o garboso mancebo espanhol de 19 primaveras questão de esgotar todos os recursos imaginaveis para inebriar a população dum como delirio de jubilo e entusiasmo. O desfile da infantaria; a cavalaria em grande gala; o passo cadenciado da guarda de honra; o clangor festivo das trombetas; e, sobretudo, a presença do

proprio imperador — tudo isto fez esquecer ao povo e ao proprio governo a gravidade do presente. A magnificencia da *trabea* imperial, toda trabalhada em riquissimos bordados, desaparecia quase por completo sob o cintilar de diamantes e pedras preciosas. Um diadema, obra-prima de ourivesaria, pesava sobre a fronte de Honorio. Enormes brincos de esmeralda pendiam-lhe de cada lado da cabeça até aos ombros do monarca.

Sobretudo o mundo feminino sentia-se tomado de indescritivel entusiasmo á vista do imperador, cujo porte galhardo e marcial nem fazia suspeitar que aquele mancebo era um pobre eunuco e que a aparente robustez do seu organismo não era o vigor da juventude, mas a consequencia de seu estado anormal e o prenuncio da hidropisia, que não tardaria a levá-lo ao tumulo...

O povo é sempre amigo de deslumbrantes paradas militares. Os romanos, ha tanto tempo privados desse espetaculo, deliravam de jubilo e patriotismo, á vista dos legionarios cobertos de reluzentes arnezes de escamas, á vista de milhares de bandeiras, flamulas, galhardetes a tremular por cima desse oceano de homens. A deslumbrante parada derramou-se pelo Forum, subiu á chamada Via Sacra, e, passando pelos arcos de triunfo dos Césares, fez alto diante do palacio de Septimus Severus. No estadio esperava o povo por Honorio. Quando apareceu no balcão da plataforma imperial, foi saudado por imensa tempestade de vivas e salvas.

O poeta Claudius, testemunha presencial da apoteose, arvorou-se em interprete do entusiasmo popular, exclamando: "Ergue a cabeça, ó Roma! ressuscita, ó Rainha de glorias! confia no favor dos deuses! sacode os temores da velhice, tu, que és imortal como os proprios deuses!"...

*

* *

Foi este o derradeiro lampejo crepuscular da Roma Eterna, antes que se cerrasse sobre ela a noite imensa da catastrofe que a aguardava.

Os bàrbaros não dormiam. E esses barbaros eram soldados romanos, estavam dentro das fronteiras nacionais. E os atalaias do imperio não tinham olhos para ver o perigo. Não ouviam o ulular do furacão que se aproximava...

A vitoria de Pollenta, aliás bem precaria, não quebrara as forças de Alarico. Nas florestas e vastas planicies da Panonia, sua terra natal, conseguira o temerario caudilho godo refazer as suas hordas, parcialmente destroçadas, e, escondido nas gargantas dos Alpes, esperava por uma ocasião propicia para descer ás ferteis planuras da Italia e saquear os palacios de Ravenna, onde residia a côrte imperial.

Principiou por mandar emissarios a Honorio, exigindo majoração de soldo para os seus aventureiros, ainda então ao serviço do exercito romano, fazendo ver que estava em condições de obter a força o que lhe fosse negado. Acrescia que Alarico, semi-barbaro, era supersticioso e julgava ter ouvido, nas selvas patrias, uma voz do céu que o mandava castigar a corrupção do povo romano. "Vai, e destruirás a cidade!" dissera a voz misteriosa.

Em 408 apareceu Alarico com os seus exercitos diante das muralhas de Roma. Acampou sobre as margens do Tibre e cortou a comunicação com o porto de Ostia.

Quando a aristocracia percebeu o vai-vem de milhares de elmos côr de fogo, quase sob as muralhas da *urbs*, sentiu-se tomada de indescritivel panico — e milhares de argentarios fugiram atròpeladamente para as suas luxuosas vilas da Campanha, Sicilia, ás ilhas de Corsega e Sardenha, e até ao litoral africano. Foi uma debandada geral. Patriotismo — era uma bela palavra, mas o que

prevalecia nessa epoca de decadencia universal era o interesse e bem-estar de cada um. "*Panem et circenses*" — pão e circo! e nada mais.

O Senado aceitou todas as imposições do perigoso caudilho visigodo. Entregou-lhe imensa quantidade de ouro, com a condição de se retirar.

E Alarico se retirou — para, no proximo ano, repetir a mesma manobra, e com o mesmo resultado.

Cada vez mais ousado, reapareceu em 410, e desta vez resolveu colher, não apenas um punhado de frutos saborosos, mas apoderar-se da propria arvore que tão grandes riquezas produzia — tomar de assalto a metropole do imperio.

E não lhe foi dificil a empresa.

O que ficara em Roma não passava de um bando de famintos e uns farrapos de mercenarios indisciplinados, que não mereciam o nome de exercito.

Na noite de 24 de agosto do referido ano, por entre relampagos e trovões, conseguiu o chefe dos visigodos abrir brecha nas muralhas da cidade, e, ao clarear do dia, derramaram-se as hordas selvagens para o interior de Roma.

Os dias seguintes foram de horripilante pilhagem e carnificina.

Depois de oito seculos de glorias, tombou o maior dos imperios que o mundo já viu. Tombou porque estava interiormente pôdre, gangrenado pelo luxo, esterilizado pela luxuria, solapado pela ambição e pelo egoismo dos gozadores.

Verdade é que, com a tomada de Roma, não deixou de existir propriamente o imperio dos Cesares; mas estava dado o golpe que, pouco a pouco, levaria o gigantesco organismo a caminho do esfacelamento.

*

* *

Num sermão, na Basilica Pacis de Hipona, refere-se Agostinho, com lagrimas nos olhos, á horrorosa catastrofe. Era um devotado patriota do grande imperio.

Metade da população de Roma era cristã, metade pagã. Aqueles interpretavam a queda da metropole como um castigo de Deus por causa do paganismo reinante; estes consideravam-na como um flagelo dos deuses por verem abandonados os seus templos e altares.

*

* *

Poucos anos depois, em 413, começou Agostinho a elaboração da sua obra mais profunda e enciclopedica, a que pôs o titulo "De Civitate Dei" (Do Estado de Deus), obra que ultimaria só daí a 13 anos.

No arrojo de idéias, na amplitude dos seus horizontes, só pode esta obra ser comparada á "Divina Comedia", de Dante. Historia, filosofia, teologia, visões profeticas, psicologia — tudo isto passa, em quadros dramaticos, ante os olhos do leitor. O autor nos conduz, através do mundo, ao inferno e ao céu. A invasão dos povos nordicos parece ter dado ensejo á concepção inicial deste livro.

Trava-se, aqui no mundo, uma luta perene entre as potencias do abismo e as potencias das alturas, entre o espirito de Satan e o espirito de Deus. As vicissitudes dos povos, a sua prosperidade e decadência, o triunfo de uns condicionado pela derrota de outros, a miseria material e os tormentos morais, o problema do mal, o direito da força que esmaga sob as rodas do seu carro triunfal

a força do direito, e, por cima de tudo isto, a serena e soberana providencia de Deus, que tudo vê, tudo governa, tudo saberá harmonizar — são estas as idéias-mestras que vibram por todo o universo espiritual da "Civitas Dei" e fazem deste livro uma especie de filosofia da historia da humanidade.

30. — A AFRICA NO PODER DOS VANDALOS — OCASO DUM GRANDE LUZEIRO

Havia quase dois decenios que os godos eram senhores de Roma e da peninsula italica.

Na Africa receava-se catastrofe igual.

E não tardaria o cataclismo.

Bonifacio, governador de Cartago, amigo dos novos senhores do imperio, preparou a invasão dos povos nordicos, convidando-os para semear no meio duma cultura decadente e agonizante o espirito juvenil duma nova mentalidade, como ele entendia.

Na primavera de 429 deixou o chefe vandalo, Genserico, a peninsula iberica e transpôs com as suas hordas aguerridas o estreito de Gibraltar, invadindo, quase sem resistencia, as provincias romanas do continente africano.

Pela ultima vez estremeceu o rijo travejamento do imperio dos Cesares. Pela ultima vez tremeram os alicerces seculares da poderosa *res publica*. Pela ultima vez gemeram os labios moribundos do maior titan da historia...

Dos pinaculos de Cartago, extrema balisa do poder imperial, tombaram as aguias romanas, para nunca mais erguerem as asas quebradas...

Hipona, cidade episcopal de Agostinho, foi cercada pelos vandalos, pagãos ou arianos. Os donatistas, inimigos mortais de Agostinho e do catolicismo romano, exultaram de jubilo e aliaram-se com os invasores. Com horror previu Agostinho que arianos e donatistas destruiriam em breve o que ele edificara, em quase meio seculo de ingentes labores. Não assistiu ao desfecho final da tremenda catastrofe; mas, á luz do que via adivinhou o futuro que não via...

"Quanto mais se sabe mais se sofre", dissera ele, e, porque muito sabia muito sofria...

"Lagrimas eram o seu pão de dia e de noite", diz Possidius, seu primeiro biografo, que com ele vivia sob o mesmo tecto.

Das provincias circunvizinhas chegavam consultas dos pastores espirituais, se convinha fugir para o interior. "O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas", respondeu Agostinho.

Na primavera de 430 começara o sitio de Hipona, que durou 3 meses. A guarnição da cidade, triste ruina dum exercito de mercenarios, não valeu resistir á prepotencia dos invasores. De dia a dia, esperava-se a rendição da praça.

Agostinho, com o clero e os fieis, não cessavam de orar na Basilica Pacis.

Acometido de febre, caiu de cama. Na parede negrejavam, em grandes carateres, as palavras do Salmo: "*Miserere mei, Deus*... Tem piedade de mim, ó Deus!"...

No dia 28 de agosto de 430, enquanto lá fora, por entre o fragor das catapultas e arietes e o vociferar da soldadesca vandalica, ruia por terra um mundo que parecia indestrutivel, lá dentro, á penumbra duma cela pauperrima, se extinguia um dos maiores luzeiros do cristianismo...

Contava Agostinho 76 anos de idade.

*

* *

Nós, porém, que vivemos ao fulgor do seu grande espirito e com palavras suas balbuciamos as nossas preces cheias de angustia, esperamos encontrá-lo um dia — ele, que da noite profunda da humana miseria foi erguido pelo poder da graça ao luminoso dia da santidade.

"Por ora, ficam a fé, a esperança, a caridade, estas tres — a maior delas, porém, é a caridade".

31. — AOS AGOSTINHOS DO PRESENTE SECULO

Acabamos de acompanhar, pelo vasto cenario de quedas e surtos, o filho de Monica.

Cada um de nós é um Agostinho — a seu modo...

Como ele, sabemos que ha no mundo mil coisas belas, deliciosas, sedutoras...

Mil coisas com que tentamos encher o doloroso vacuo da nossa vida...

Ciencia e arte, literatura e poesia, industria e comercio, esporte e diversões sociais, amores e aventuras romanticas...

Sabemos tambem que estas coisas podem, por algum tempo, dar-nos uma sensação de bem-estar, de plenitude, de sossego, de felicidade...

Mas sabemos ainda melhor que nunca homem algum encontrou quietação profunda e definitiva em alguma dessas deslumbrantes vacuidades.

E, quanto maior é o espirito humano, quanto mais clara a sua videncia, tanto mais nitidamente percebe e tanto mais dolorosamente sofre a insuficiencia de todas as coisas terrenas.

Se outra prova não houvesse da espiritualidade da alma humana, bastaria esta eterna insatisfação do nosso Eu invisivel em face de todas as abundancias materiais.

Esse silencioso clamor do espirito...

Essa soluçante nostalgia duma patria ignota...
Esse impaciente interrogar dos horizontes...
Esse inextinguivel heliotropismo da alma...

Essa veemente gravitação do nosso ser em direção a algum centro...

Essa fome e sêde do coração que nenhum gozo pode saciar...

Tudo isto nos obriga a crer num mundo invisivel, numa vida eterna.

E tudo isto faz do homem profano um desditoso Tantalo, que, em plena torrente, morre de sêde, e, no meio dum pomar, perece de fome...

E, para cumulo de desgraça, o seu morrer e perecer quotidiano é um eterno agonizar, sem nunca acabar de morrer...

Vive morrendo — e morre vivendo...

Todo o homem pensante sofre esta profunda tragicidade da propria natureza.

Mas, para não naufragar no meio dessa tormenta noturna, é indispensavel que o homem tenha um como centro imovel, um ponto fixo, independente dos fluxos e refluxos dos fenomenos transitorios.

Este centro só pode ser imaterial, uma vez que toda a materia é mutavel e inconstante.

Este centro dinamico deve ser espiritual, eterno, divino...

Deve sobrepairar a todas as procelas da vida e, como estrela polar, iluminar de serena claridade a mais tetrica das noites do sofrimento, o mais tenebroso abismo da culpa e do remorso.

E ainda que o homem desça ao mais profundo da propria miseria, ao ponto de se encher de repugnancia e asco de si mesmo, ainda então deve o luminoso centro

sustentá-lo e preservá-lo do desfecho tragico dos Iscariotes.

Homem! sê integralmente sincero para contigo mesmo!

Não te iludas diante do proprio Eu!
Arranca do rosto todas as mascaras!
Derriba do trono todos os idolos!
Abjura todos os fetiches do coração!
Despoja-te de todas as hipocrisias da vida!
Coloca tua alma ás barras de inexoravel tribunal!
E dize a ti mesmo:
Não terei sossego senão só em Deus.

Não serei feliz enquanto não sacrificar o pequeno Eu humano na ara do grande Tu divino.

Enquanto não afundar esta pequenina gota no oceano da Divindade.

Enquanto não espiritualizar e divinizar a minha vida, seguindo áquele que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida... Eu sou a luz do mundo — quem me segue não anda em trevas... Quem não nascer de novo não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espirito é espirito — é necessario nascer de novo — pelo espirito"...

Tambem o homem espiritualizado será sempre um sofredor.

Tambem a sua vida oscilará entre o Getsemane e o Golgota.

Mas é esta a grande diferença entre o sofredor materialista e o sofredor espiritualizado: aquele goza na periferia e é infeliz no centro de si mesmo — ao passo que este sofre na periferia e é feliz no centro.

Profunda, ainda que dolorosamente feliz...

Todo e qualquer sofrimento é toleravel — desde que o homem se tolere a si mesmo.

Mas, quando o homem não tolera a propria conciencia, tudo é intoleravel, mesmo o menor dos sofrimentos.

Desde que Agostinho colocou no centro da sua vida o Cristo vivo e verdadeiro, aureolou-se de sobrehumana beleza a existencia desse pagão — e fez-se grande bonança no meio da tormenta...

E ele compreendeu, finalmente, que é necessario perder para possuir.

Que é necessario sofrer para gozar.

Que é necessario ser louco para se tornar sabio.

Que é necessario morrer para viver.

Agostinhos do seculo vinte! vós, que acompanhastes o filho de Monica para Cartago — sègui-o tambem para Milão!

Vós, que como ele conheceis a sedução das criaturas — compreendei com ele que fomos criados para Deus, e inquieto está o nosso coração até que descanse em Deus!...

SEGUNDA PARTE

ANTOLOGIA

ORGANIZADA COM TEXTOS SELECTOS DAS OBRAS DE SANTO AGOSTINHO

Perlustrar as obras de santo Agostinho é internar-se num universo de pensamentos profundos sobre Deus, Jesus Cristo, a alma, o mundo, a revelação divina, o pecado, a redenção, a graça, a predestinação, etc. — pensamentos esses em torno dos quais giram os problemas centrais da vida humana.

Agostinho tem sido invocado como patrono e advogado das mais diversas e desencontradas ideologias.

E' que em tão vasta selva de idéias, como são as cento e tantas obras do genial africano, se podem encontrar os aspectos mais diversos, e quem nela se embrenha com o proposito de fazer a *sua coleção* e construir *o seu* edificio particular, facilmente encontrará o material que procura e organizará um interessante museu de idéias que defendam precisamente aquilo que ele deseja ver defendido.

O coração foi sempre um eximio condutor — e tambem um perigoso sedutor da inteligencia. O que aquele deseja descobrir esta o descobre — mesmo onde não existe.

Entretanto, obriga-nos a sinceridade a ter sempre diante dos olhos, numa visão panoramica, a ideologia caracteristica do grande pensador, o eixo central em torno do qual se cristalizam todas as outras modalidades do seu espirito. E' necessario explicar as passagens obscuras pelos textos claros e iluminar a penumbra das duvidas e incertezas agostinianas com o facho das grandes e poderosas certezas da sua vida de lutador.

Quem assumir outra perspectiva, acabará fatalmente por invocar o eximio luminar do Cristianismo como de-

fensor deste ou daquele complexo de idéias, quando Agostinho é, antes de tudo e acima de tudo, cristão integral, ainda que o seu Cristianismo tenha talvez um colorido algo diverso do de São Paulo, cujas Epistolas deram impulso decisivo ao seu grande espirito.

Nas seguintes paginas, oferecemos aos leitores um florilegio de pensamentos colhidos nas obras principais de Agostinho. As citações são feitas pela edição latina de Migne, Paris. Na seleção dos textos servimo-nos, frequentes vezes, da obra de Oto Karrer: "Augustinus".

No fim desta Antologia se encontram os titulos abreviados correspondentes aos numeros que rematam cada grupo de textos.

1. — O SOFRIMENTO UNIVERSAL

Ha entre os homens uma causa comum, a miseria — e queira Deus que não seja tambem a miseria moral!

A criança, apenas nascida, começa a chorar. Sai do seio materno para a luz; ainda não pode ver — só pode chorar. Saudando a luz, não entre sorrisos, mas entre lagrimas, profetiza, por assim dizer, a abundancia de males que a aguardam. E' profeta da propria miseria. Ainda não fala — e já profetiza. 1).

Com efeito, que lingua, dotada embora de torrencial eloquencia, seria capaz de analisar as dores da nossa vida? Mesmo os chamados bens fundamentais da natureza, quando, onde e como os encontrariamos, aqui na terra, em tão excelentes condições que não estivessem sujeitos a incalculaveis azares?

A dor, o contrario do prazer; a inquietação, o reverso do sossego — que homem, por mais sabio, poderia delas preservar a sua vida exterior?

Toda a mutilação, qualquer paralisia dos membros destroi a integridade do homem. Toda a deformação lhe tolhe a beleza. Toda a indisposição lhe tira o bem-estar. Toda a fadiga lhe diminue a força. Todo o atordoamento

ou intoxicação lhe aniquilam a agilidade — e que homem poderia contra essas miserias garantir a vida inteira?

Como é vã a alegria do mundo? Com ardente expectativa lhe aguardamos o advento, e, quando chegada, não a podemos segurar.

Tudo passa...

Tudo perece...

Tudo desvanece como fumo...

Ai do homem que de tais coisas se enamora! pois toda a alma segue aquilo que ama.

Breve é a vida humana, tomada em seu conjunto. Breve o que vai da infancia á decrepitude senil. Breve é tudo o que tem fim. Mal começada, já vai esta vida mortal ao encontro da morte.

Quem nasceu tem de ceder lugar a quem vai nascer. A criança recem-nascida diz aos pais: Que estais a fazer aqui?

E' lei da natureza que os sucessores suplantem seus predecessores.

Assim como as palavras fluem, ou antes voam, da nossa boca, assim é tambem com as nossas obras, com nossos pais, com a nossa felicidade e com a nossa infelicidade — tudo passa.

Morrem homens todos os dias. Os que sobrevivem conduzem para fora os que morreram, celebram o enterro — e prometem vida longa a si mesmos.

Foge a infancia para a adolescencia. Procuras a criança — e ela já não é criança, é adolescente.

Transforma-se a adolescencia em mocidade. O jovem torna-se homem. Procuras o jovem — e já não o encontras.

Tudo é fatigação, tudo desfalecimento. Sempre e por toda a parte — decadencia.

Quem não sofreria com as enfermidades desta vida? O que devia ser alivio na fadiga — faz-se inicio de novas fadigas.

Além disto, os bens inerentes ao espirito, como se diz, e entre os quais ocupam a primasia os cinco sentidos e a razão. Por ser a razão tão precaria nas suas investigações, por isso é tão prolixa e difusa em suas exposições. Mais palavras se vão no procurar do que no encontrar. Mais tempo leva o pedir que o conceder. Mais tempo gasta a mão em bater que em receber.

E quão insignificante é o que resta dos sentidos, quando perdemos um só, por exemplo, a vista!

E para onde se retiram a razão e a inteligencia, onde dormitam elas, quando perdemos o juizo em consequencia de alguma enfermidade?

Vive o individuo no meio da sociedade. Mas não é precisamente a sociedade inundada de males tão numerosos e tão graves que desfalecemos e nos confessamos impotentes se os quisermos enumerar e analisar? O que Terencio especifica como fragilidades do amor — "molestias, suspeitas, aversão, guerra, e depois a paz" — não e que disto se acha eivada a propria sociedade humana? Com efeito, quando foi que leões e dragões travaram entre si guerras tão crueis como os homens? Vêem-se os homes lesados nos seus direitos, explorados e oprimidos — por quem? Não por leões, abutres ou escorpiões, mas por homens!

E que dizer da familia? que dizer da sociedade civil?...

Tudo isto, tomado em conjunto, faz desta vida infeliz uma especie de inferno. 2).

Quem não preferiria, horrorizado, a morte, se fosse colocado ante o dilema de escolher ou a morte ou tolerar mais uma vez a propria infancia? (*).

Has de morrer. Como homem nasceste.

Para onde vais? que farás para não morreres?

Has de morrer. Não ha como fugir. Seja hoje, seja amanhã — has de morrer.

Tens de pagar a tua divida. Que valeria ao homem medroso esconder-se, para não ser descoberto pelo inimigo? Escaparia á morte?

Por mais que tarde — chegará o termo final. 3).

Não é que vivemos dias maus, desde que fomos expulsos do paraiso? Nossos pais choravam os seus dias, e seus pais choravam os deles. Ninguem se agrada dos dias em que vive. Aos posteros agradavam-lhes os dias dos anteriores, e a estes agradam-lhes os dias que não viveram — e é por isso mesmo que lhes agradam. Pois, o que é presente tem sabor agreste. Os tempos não param, nem passam sem deixar vestigio. E bem singulares são os efeitos que em nossa alma produzem. Veem e passam, dia por dia, e, vindo e passando, nos trazem outras esperanças e lembranças outras.

Cedem as dores aos gozos, e os gozos ás dores.

Quando crianças, gostavamos de brinquedos — e eramos castigados por aqueles que no fundo faziam o mesmo, com a diferença de que as farsas dos adultos se chamam negocios.

Diverte-se o homem, e as diversões acarretam novas dores, ou então geram as causas para novas dores.

(*) Como é diferente a mentalidade de Agostinho da de certos poetas nossos que se esvaem em plangentes saudosismos da "infancia querida, que os anos não trazem mais"! O filosofo númida considera o periodo vegetativo da idade infantil pior que a morte. Talvez que nesta apreciação influissem tambem ominosas reminiscencias escolares...

Onde quer que exista uma grande alegria — é sempre precedida por um sofrimento maior.

Que vem a ser isto? que é que vai na alma, que ela sinta maior satisfação em reencontrar ou rehaver um ente querido do que em possui-lo permanentemente? Porque acontece isto assim, Senhor, meu Deus, quando em ti a alegria permanece eternamente? Porque é que a tua criação cá embaixo é um incessante vai-vem de progresso e regresso, de hostilidade e reconciliação? Será este o seu modo de ser? esta a ordem que recebeu?

Ai de mim! quão excelso, ó Deus, és nas tuas excelsitudes — e quão profundo nas tuas profundidades! 4).

*

* *

E', pois, este o destino de todas as coisas: o que nasce e tende ás alturas do ser recai tanto mais velozmente ao não-ser quanto mais rapido foi o seu crescer. Assim foi da tua vontade, ó Deus. Pois não é simultaneamente que as coisas existem. Num eterno circulo de ser e perecer é que elas plasmam o universo, de que fazem parte, assim como a nossa fala consta de sons e palavras: não se originaria um todo, se a palavra, depois de soar, não cedesse lugar a outra palavra. Assim como as coisas vieram para o ser, assim tambem passam para o não-ser, dilacerando a alma com funesta concupiscencia; porque ela desejaria ficar e repousar naquilo que ama — mas não encontra sossego; as criaturas não param — passam e fogem...

“Passar” — que é isto?

“Tempo” — que é isto?

Quem definiria, com facilidade e clareza, o que isto seja? quem o conceberia sequer em pensamentos para exprimí-lo em palavras?

E, no entanto, nada nos é mais familiar e quotidiano do que o "tempo". Formamos determinada idéia quando empregamos esta palavra ou a ouvimos proferir — mas o que vem a ser "tempo"? Quando ninguem me pergunta, eu sei o que é; mas, se tivesse de explicá-lo a outrem, não o saberia.

E que vem a ser "espaço"? Porque é que o mundo tem precisamente este tamanho e não outro? Poderia ser maior, ou menor. E porque o mundo está precisamente aqui, e não em outra parte? Nem isto se deve perguntar, porque a tais perguntas se desvanece por completo a noção do espaço. 3).

*

* *

E o homem?...

Um abismo, quer no bem, quer no mal...

A origem da alma — envolta em escuridão...

Infinita a ansia de felicidade...

Que grande misterio é o homem!...

E Deus? Que sabe o homem dizer de Deus? A sua justiça não nos é manifesta, aqui na terra. Ignoto nos é o desiginio de Deus pelo qual este homem bom é pobre, e aquele homem mau é rico...

Porque é que fulano que, ao nosso criterio, devia, pelas suas infamias, ser entregue a penas devoradoras, vive em alegrias? e porque é que sicrano, cuja conduta honesta lhe devia garantir felicidade, arrasta uma existencia cheia de amarguras?

Porque este impio goza de exuberante saude — e aquele homem piedoso definha por entre molestias e enfermidades?

Porque certos homens, que seriam uteis á coletividade, são arrebatados por morte prematura — e outros que, se-

gundo o criterio humano, melhormente não tivessem nascido, vivem e, ainda por cima, teem vida longa?

Porque é um patife elevado ao fastigio das glorias — enquanto um homem de bem desaparece na obscuridade e ninguem sabe da sua existencia?

Houvesse ao menos continuidade naquilo que parece absurdo, de maneira que só os maus alcançassem os bens pereciveis da terra, e só os bons sofressem os males! Assim, poderiamos ao menos atribuir esse estado de coisas aos justos e piedosos designios de Deus: o homem destinado a não atingir os eternos e unicos bens que dão felicidade, seria, consoante sua maldade, obcecado por esses bens pereciveis e, consoante a divina misericordia, por eles consolado — ao passo que o homem que não tivesse de esperar penas eternas seria pelos males deste tempo castigado por suas faltas e acrisolado afim de se aperfeiçoar na virtude. Mas, o que vemos é os males não cabem exclusivamente aos bons, nem os bens da terra são gozados unicamente pelos maus; muitas vezes, os maus são vitima de males, e os bons cumulados de bens. E assim resulta ainda mais enigmatica a justiça de Deus, e mais inescrutaveis se tornam os seus caminhos. Não sabemos realmente a que designios obedece semelhante permissão de Deus, ele, que é a suprema força, a suprema sabedoria, a suprema justiça, alheio a toda a fraqueza, cegueira e injustiça. 6).

Como és misterioso, ó grande e unico Deus, que habitas, silencioso, nas alturas e julgas segundo leis imutaveis!

A nossa vida, porém, não passa duma tragedia, que vai de tentação em tentação.

E o homem? — minuscula parcela da tua criação — que é esse homem que geme ao peso da sua mortalidade, onerado pela conciencia do seu pecado? 7)

*

* *

A beleza, o ouro, a prata e outras coisas analogas, não deixam de encantar os nossos olhos. A harmonia das proporções satisfaz o nosso senso estetico. As honras e o poder do soberano ou do vencedor encerram valores. O desejo da liberdade supõe um bem. Toda a nossa vida terrestre nos seduz pela beleza de si mesma e pela harmonia que reflete de quanto ha de belo no universo.

Quão doce é a amizade humana, quando pelo amor une os corações!

E, no entanto, pode tudo isto tornar-se laço do pecado quando o homem, numa afeição desregrada, prefere os bens inferiores aos bens superiores — quando os prefere à ti, Senhor, meu Deus, á tua verdade e á tua posse.

Muitas artes preciosas inventou o espirito humano e exerce-as, quer para as necessidades da existencia, quer para o aformoseamento da vida.

E não é que elas revelam uma admiravel força do espirito humano, mesmo quando postas ao serviço do luxo, ou até do perigo e da perdição? Em todo o caso, não deixam de ser provas dos altos dotes que dormitam no seio da humana natureza, manifestando-se na criação de valores, em tantas obras de invenção e investigação.

Que feitos estupendos não prestou a humana industria nas multiformes modalidades de habitação e de vestuario! que progresso na agricultura e na navegação! que riqueza no desdobramento das suas criações artisticas no terreno da heraldica, da escultura, da pintura! que magnificencias assombram os olhos e os ouvidos nos teatros! que variedade de estimulos para o gosto e o paladar! que abundancia nas possibilidades da manifestação do pensamento, desde o simples sinal e a palavra até á su-

prema perfeição da retorica e da poesia, fadadas a elevar o coração humano! que riqueza de instrumentos musicais e de sons para deliciar o ouvido! que progresso na investigação do curso e da ordem dos astros! que vastos conhecimentos sobre todas as coisas possiveis do mundo! *).

Quem seria capaz, não digo já de analisar por miudo estas coisas, mas de as abranger numa visão panoramica?

E, para finalizar, quem poderia avaliar devidamente os grandes pensamentos que brilham no espirito dos magnos expoentes da humanidade, sem excetuar os propios herejes, mesmo quando patrocinam a causa do erro e da mentira — pois falamos aqui da grandeza do espirito humano em si mesmo, espirito que eleva a esferas superiores a vida mortal...

E, a despeito de tudo isto, a alma que anda á caça destas coisas, miragens falazes, "se divorciou de ti, Senhor" (Sl. 72,27) e se ocupa em "apascentar ventos" (Sl. 12,1). 8)

Que grande vaidade, que insensatez, que ilusão de si mesmo comete o homem mortal, sujeito a continuas mutações de corpo e alma! o homem que arrasta uma existencia precaria por entre pecados, lutando, exposto a toda a especie de perdição moral e merecedor de justa punição — o homem que pretende ser feliz por força propria!

Ha dois algozes da alma. Não atormentam ao mesmo tempo, mas sucessivamente, um após outro. Chamam-se o medo e a dor.

(*) Que diria esse espirito enciclopedico, se conhecesse os prodigios da ciencia e da tecnica do presente seculo? telegrafia, telefonia, eletricidade, radio, navios, trens, automoveis, aviões, raios X, televisão, etc.? Tanto mais fortemente carregaria Agostinho no seu pensamento central: que todo o progresso material, sem a competente espiritualização cristã, não torna o homem feliz.

Quando passas bem — lá está o medo!

Quando passas mal — lá está a dor!

Pois, para onde quer que se volte a alma do homem, fora de ti, Senhor, por toda a parte é acometida pela dor.

Qual o homem que não fosse iludido pela felicidade do mundo?

Qual o homem que não sucumbisse á infelicidade do mundo?

Senhor, renova-nos e mostra-nos a tua face, para que salvos sejamos!

Ou será que, embora onipresente, voltas as costas ás nossas miserias, de maneira que não consigamos sair da nossa tristeza?

Se não pudessemos levar aos teus ouvidos os nossos queixumes, Senhor, em nada se desvaneceria a nossa esperança. 9)

2. — INQUIETUDE METAFISICA

Deus e a alma — é o que desejo conhecer.

Nada mais?

Nada mais! Nada mais sei senão isto: que é desprezivel o que corre e desvanece, e desejavel o que é permanente e eterno.

Fora com toda a sedução!

Fora com todas as caricias!

Derramemos as nossas almas e confessemos entre lagrimas, gemendo cheios de saudades e de miserias: não nos convem o que ha fora de Deus.

Não queremos nada daquilo que ele deu, se ele, que tudo deu, não se der a si mesmo.

Calem-se as tempestades da carne! calem-se todas as cintilantes miragens da terra, da agua e do ar!

Calem-se os céus!

Cale-se a propria alma, e, esquecida de si mesma, ultrapasse o seu proprio ser!

Cale-se a lingua e todo o sinal e tudo quanto nasce e perece, cale-se em profundo silencio para que fale só ele, não por meio de sinais, mas por si mesmo. Não por enigmas e parabolas, mas sem intermediario algum, de modo que percebamos a ele mesmo. 1)

A ti, Senhor, hei de procurar. A ti hei de aderir.

Permite que eu fale da tua misericordia, eu, pó e cinza, permite que eu fale. Pois é á tua misericordia

que me dirijo, e não a um homem que de mim escarneça.

Ou será que tambem tu escarneces de mim?... Oh! converte-te a mim! faze-me objeto da tua misericordia!

Ai de mim, Senhor, tem piedade de mim!

Não oculto as minhas chagas. Tu és o medico — eu sou o enfermo.

Tu és a misericordia — eu sou a miseria.

Fala-me de modo perceptivel. Abre os ouvidos do meu coração e dize á minh'alma: "Eu sou tua salvação" (Sl. 34,3). Hei de correr no encalço desta palavra, e assim te apreenderei. Não me ocultes a tua face. Quero morrer, afim de não morrer, mas para contemplar-te.

O' eterna Verdade! ó Amor verdadeiro! Que tormentos sofria o meu coração nas dores de parto do conhecimento!... Deveras, não em buscar a verdade está a beatitude, mas em possui-la.

Que gemidos lançava minh'alma a ti, ó Deus! Perceberam-nos os teus ouvidos sem que eu o soubesse. E, enquanto eu investigava e cismava na solidão, era a silenciosa luta do meu coração um brado ingente pela tua misericordia.

Tu conhecias os meus sofrimentos — homem algum os conhecia... Deles, quão pouco transpirava dos meus labios, aos ouvidos dos meus intimos amigos!...

A ti suspirava eu, de noite e de dia, dizendo: Pois não tem a verdade valor algum?...

Interroguei a terra, e ela respondeu: Não sou eu! E tudo que nela existe confessava o mesmo.

Interroguei o mar, os abismos e as alimárias que neles rastejam, e eles responderam: Não somos nós teu Deus! procura-o acima de nós...

Interroguei o sussurro dos ventos e a atmosfera com todo o cortejo dos seus habitantes, e eles bradaram: Não somos nós teu Deus!

Interroguei os céus, o sol, a lua e as estrelas, e ecoou a resposta: Não somos nós o Deus que procuras!

Dest'arte, interrogava eu todos os seres que a meus sentidos se ofereciam: Oh, por favor, falai-me de meu Deus. Já que vós não sois Deus, dai-me noticias dele...

E foi então, meu Deus, que tu, de grande distancia, clamaste: "Em verdade, eu sou o que sou".

Bem longinqua era esta voz, porém muito clara. E eu a ouvi, assim como se ouve com o coração.

Com aguilhões internos me compelias, para que eu não encontrasse sossego até que tivesse certeza de ti, pelo conhecimento intimo.

Assim foi que, conduzido por ti, meu Deus, entrei no meu interior e abri os olhos de minh'alma — por mais turvos que eles fossem — e vi por cima de mim uma luz imutavel, não uma luz comum, visivel a todo o ser carnal; não era dessa natureza a luz, embora mais clara e sublime que tudo enchesse com os seus fulgores — não, não era assim. Era uma luz de natureza completamente diversa. Quem conhece a verdade conhece essa luz. E quem a conhece conhece a eternidade. Essa luz, conhece-a o amor.

Ó verdade, em ti está a eternidade!

Ó amor, em ti está a verdade!

Ó eternidade, em ti está o amor!

Tu és meu Deus!

E foi assim que, sem que eu o soubesse, me curaste a cabeça enferma... Fechaste-me os olhos para que não contemplassem vaidades...

Tive então um pouco de sossego diante de mim mesmo... Adormeceu a minha loucura...

Acordei em ti...

Vi-te em tua imensidade...

Reconheci que "castigas o homem por causa do pecado" (Tb 13,5), que "fazes definhar minh'alma qual teia de aranha" (Is. 38, 12).

*

* *

E eu orava: Deus, que és o autor do universo, dá-me antes de tudo que eu saiba orar assim como convem. E ainda: Faze que tais sejam os meus atos que do teu atendimento me façam digno. E finalmente: Faze com que eu encontre a liberdade.

Deus, por cuja virtude atinge o ser tudo quanto por si mesmo não teria o ser...

Deus, que não deixas perecer o que na luta da vida se aniquila reciprocamente...

Deus, que do nada criaste o mundo, objeto de grato prazer a teus olhos...

Deus, ante o qual não é desharmonia a dissonancia do mais longinquo afastamento da divindade, quando o errado procura harmonizar com o certo...

Deus, que tudo amas o que de amor é susceptivel, conciente ou inconcientemente...

Deus, que és a base de tudo, e de criatura alguma és contaminado, nem pela ignominia, nem pelo erro, nem pela malicia...

Deus, pai da verdade, pai da sabedoria, pai do verdadeiro e santo amor, pai da felicidade, pai da bondade, pai do belo, pai da luz espiritual, pai da alvorada de nossa alma, pai da iluminação, pai da voz, testemunha tua que nos convidou para voltarmos a ti...

Eu te invoco, Deus-Verdade, o qual, do qual e pelo qual tudo é verdadeiro o que verdade é...

Deus-Sabedoria, no qual, do qual e pelo qual tudo é sabio o que tem sabedoria...

Deus-Vida, verdadeira e imensamente forte, no qual, do qual e pelo qual tudo vive o que possue vida verdadeira e forte...

Deus-Felicidade, no qual, do qual e pelo qual tudo é feliz o que goza felicidade...

Deus, cuja perda é morte, cujo reencontro é renascimento, cuja posse perene é vida...

Deus, para o qual nos desperta a fé, ao qual nos ergue a esperança, com o qual nos une o amor...

Deus, ao qual devemos o fato de não nos perdemos por completo...

Deus, pelo qual a nossa parte melhor se afirma contra a parte inferior...

Deus, que em nós fala tudo o que é bom....

Deus, que nos dá o pão da vida...

Deus, pelo qual temos sêde da bebida que, quando sorvida, nos dá sêde perene...

Deus, que nos purificas e nos tornas susceptiveis das coisas divinas...

Vem visitar-me com a tua graça!

Só a ti é que amo, só a ti é que sigo, só a ti procuro, só a ti quero servir, porque só tu tens sobre mim dominio legitimo — e não quero estar sujeito a outro dominio...

Dize-me, para onde devo ir para te contemplar — e cobrarei esperanças para levar a termo tudo quanto me ordenaste.

Acolhe-me, eu te suplico, para que procure refugio contigo, Senhor e Pai de bondade.

Olha, que bem pesado tem sido o castigo que sofri... Por demais tenho servido aos teus adversarios, que mantens sob os teus pés... Por demais tenho sido alvo de escarneo deste mundo falaz...

Nada me resta senão voltar — bem o sinto...

Aconselha-me... Mostra-me e dá-me o viatico...

Se é a fé que a teus braços reconduz os desertores, dá-me a fé.

Se é a virtude, dá-me virtude.

Se é o saber, dá-me saber.

Aumenta-me a fé, aumenta-me a esperança, aumenta-me o amor... 3)

Senhor, meu Deus, unica esperança. Atende-me para que eu não desfaleça em procurar-te, para que sempre procure com ardor a tua face. Dá-me a força de procurarte, tu, que te fazes encontrar e dás esperança cada vez maior de seres encontrado.

Ante os teus olhos está o meu vigor e o meu desvigor — cura este, conserva aquele.

Ante os teus olhos está o meu saber e o meu ignorar...

Onde quer que me abras uma porta, abençoa o meu ingresso.

Onde quer que me feches a porta, abre-a quando eu bater.

Quisera trazer-te sempre na lembrança, quisera entender-te, quisera amar-te.

Aumenta em mim esses dons, até que me transformes num homem perfeito.

Feliz de mim, quando te percebo — tres vezes feliz, quando te saboreio intimamente. Pois é nisto que está a felicidade: em alegrar-se em ti, contigo e por ti. Os que pensam diversamente, procuram felicidade, mas não a verdadeira. Oxalá se convertam! — e eis que tu já estás no coração deles, no coração dos que te confessam, que se lançam em teus braços e, após a triste odisséia dos seus erros, desafogam o seu pranto em teu peito. Sempre pronto estás para enxugar as lagrimas. Eles chorarão, e no pranto encontrarão alivio; porque tu, Senhor, que os criaste, os re-crias e consolas. 4)

*

* *

Ó luz do meu coração! eu me perdi a mim mesmo e em trevas me tornei. Mas foi precisamente alí, nas trevas, que me sobrevieram as saudades de ti.

Extraviei-me — e tornei a lembrar-me de ti. E por detrás de mim percebi a tua voz.

E assim, exhausto de cansaço e de ardor, volto para a tua fonte. Ninguem mo embargará. Dela quero beber. Por ela ganhar minha vida. Não sou eu mesmo a minha vida — em maldades tenho vivido e tornei-me morte para mim mesmo. Agora, porém, revivo em ti.

Fala-me. Faze-me ouvir a tua palavra — eu creio em ti.

Sempre estavas perto de mim com a tua ira misericordiosa. Embebias em amargura todas as delicias dos meus pecados, para que eu aprendesse a procurar uma delicia sem dores, e não encontrasse senão a ti — a ti, Senhor, "que em mestra converteste a dor" (Sl. 93,20), a ti, que feres para curar, e matas para que vivamos. 5)

Quão tarde te amei, ó antiga e sempre nova Formosura — quão tarde te amei!...

Eis que tu estavas dentro do meu coração — eu, porém, andava fora, e lá fora te buscava...

Tu estavas comigo — mas eu não estava contigo...

E então me chamaste em altas vozes e rompeste a minha surdez. Relampejaste e afugentaste a minha cegueira. Rescendeste suaves perfumes em torno de mim, e eu os sorvia — e agora vivo a suspirar por ti...

Saboreei-te — e agora tenho fome e sêde de ti...

Tocaste-me de leve — e eu me abrasei em tua paz...

Quem me dera descansar em ti! Quem me dera que entrasses em meu coração e o inebriasses com a tua presença, para que eu olvidasse toda a minha miseria e em intimo amplexo te possuisse, meu unico Bem!

Ó Deus, tu, que és o mais alto, o melhor, o mais poderoso, o mais benigno e justo, o mais oculto e onipresente, o mais belo e terrivel; tu, que és o permanente, o incompreensivel; tu, que és o imutavel, e mudas todas as coi-

sas; tu, que nunca és novo e nunca és velho, e sempre renovas tudo (enquanto "os orgulhosos envelhecem sem o saber" (Jó 9,5); tu, que sempre operas e sempre repousas; tu, que recolhes sem sofreres necessidade; que procuras sem que nada te falte; que amas sem te abrasares; que zelas sem te preocupares; que te arrependes sem dores; que te irritas, mas em toda a paz — tu mudas as tuas obras, mas nunca os teus designios; acolhes ao que se lança aos teus braços, mas sem o teres perdido; tu, que não conheces indigencia, te alegras com o lucro; tu, que que ignoras o que seja avareza, reclamas os juros; pagam-te em excesso para te reduzirem a devedor — mas quem possuiria algo que não te pertencesse?

E agora, que disse eu com tudo quanto tenho dito?

Meu Deus! vida e doçura minha! Que outra coisa poderia alguem dizer de ti, se ousasse falar de ti? E, no entanto — ai daqueles que de ti se calarem, embora sejam mudas as palavras mais eloquentes! 6)

*

* *

Restitue-me integralmente a ti, meu Deus.

Eis que eu amo — e, se não for bastante, mais ainda te amarei. Não estou em condições de medir o meu amor, se é suficiente, se nada lhe falta — nada! para que a minha vida se identifique na união contigo e nunca mais de ti se afaste, até que eu esteja perfeitamente amparado, oculto no misterio da tua face.

A unica coisa que sei é que sou infeliz quando não te possuo — infeliz, não só para fora, mas infeliz, infelicissimo, dentro de mim mesmo. Sei que toda a riqueza que não vem de ti é pobreza para mim.

Deus, acima do qual nada ha; alem do qual nada há; sem o qual nada ha — Deus, que me valerá tudo o que

me dás, se não te deres a ti mesmo? Não, nada me é doce a não ser que me conduza a ti, meu Deus. "A mim me convem aderir a Deus" (Sl. 72,28). Pois, se eu não ficar em ti, tambem não poderei ficar em mim.

Quisera antes perder tudo e encontrar-te do que ganhar tudo e não encontrar-te. Pois que nos criaste para ti, ó Deus, e inquieto está o nosso coração até que em ti descanse. 7).

3. — O SENHOR DO MUNDO

Tudo rege e governa Deus segundo a sua vontade, ele, o senhor e diretor dos destinos humanos. Tudo está sujeito á sua vontade. Dele depende todo o querer. Porque ninguem tem poder algum que não lhe venha de Deus. Tanto vale a oração do homem quanto Deus, que dela tinha preciencia, em atenção a isto lhe queira conceder. Tanto, nem um pouco mais, podem os demonios quanto lhes permite o secreto designio do Onipotente. Não está a nossa vontade isenta da sua influência. Deus conhece-a e incluiu-a na sua ciencia eterna. E' ele que sustenta a boa vontade dos espiritos criados, ele, que julga tambem a má vontade — e enquadra nos seus planos tanto esta como aquela. 1).

Ha coisas que Deus cria e dirige — o bem.

Ha coisas que ele só dirige — o mal.

Pois o mal, não é criatura de Deus, embora por ele dirigido. Tanto assim que não está escrito: "Haja trevas" — e havia trevas; mas, sim; "Haja luz" — e havia luz.

Muito mal acontece contra a vontade de Deus. Mas tão grande é a sua sabedoria, tamanha a sua potencia, que tudo tem de convergir para os fins e termos que ele, dantemão, contemplara como bons e santos.

Assim como o "feio" que na natureza existe é assim, apelidado em comparação com o belo — juxtaposta á beleza do homem é a beleza do macaco uma fealdade — assim tambem não é o mal outra coisa senão uma deficiencia, a ausencia do bem. Nenhum ser, considerado em si mesmo, pode ser mau. Mau é ele sómente pela diminuição do bem que lhe compete. E se, por uma progressiva diminuição, desaparecesse todo o bem, desapareceria com o bem tambem o proprio ser.

Assim é que as proprias "sevandijas" ostentam singular beleza — como aliás existe beleza em toda a criação, até no menor dos organismos. Tanto nos empolga a agilidade do mosquito quanto o tamanho e o passo moroso do animal de tiro. De maior admiração nos enche a azáfama da formiga do que a força muscular do camelo.

Do conjunto de todas as partes é que resulta a estupenda beleza do universo, no qual se enquadra sabiamente o mal; pois, ocupando o lugar que lhe compete, realça tanto mais o bem, fazendo-o aparecer ainda mais sublime em comparação com o mal.

Preferiu Deus tirar do mal o bem a não permitir mal algum.

Artista que é — e que grande artista! — serve-se ele do proprio demonio. Se dele não se soubesse servir não o deixaria existir.

Nenhum anjo, nenhum homem criaria Deus, sabendo dantemão que se tornariam maus, se ao mesmo tempo não soubesse que os empregaria em prol dos bons.

De maneira que a maravilhosa harmonia do Universo, semelhante ao grandioso coral duma sinfonia, ecoa tanto mais esplendidamente aos ouvidos do Criador.

Queria ele que uma eloquencia, que não está nas palavras, mas nas proprias coisas, contribuisse, pela força dos contrastes, para a beleza do poema cosmico. 2).

Deus está acima de tudo. Não necessita de bem algum. E' ele mesmo o Sumo Bem, a fonte de todo o bem. Nós é que dele necessitamos para sermos bons. Ele não precisa de nós para ser bom. O homem que dele se afasta esfria. O homem que dele se aproxima encandece. O homem que dele se afasta torna-se tenebroso. O homem que a ele se chega torna-se luminoso. Porque, daquele de que lhe vem o ser vem-lhe tambem o ser-bom.

A multiforme bondade de Deus não só se comunica ao homem, criado á sua imagem, mas inclina-se tambem ao animal, sujeito ao dominio do homem. De Deus, salvação do homem, bem tambem salvação aos animais.

Não só o céu e a terra, não só os anjos e os homens, mas tambem os mais pequeninos organismos com a sua estrutura interna, tambem a mais delicada pena de passarinho, tambem as flores, as folhas das arvores — tudo mas tambem os mais pequeninos organismos com a sua partes, e fê-los até com uma certa complacencia. Por maioria de razão abrangem as leis da sua Providencia os dominios do homem, as relações de servir e reinar.

Não te acanhes de pensar dest'arte de teu Senhor e Deus. Tem mesmo a afoita liberdade de pensar assim. Crê, e evita pensar de modo diferente. O mesmo que dá saude a ti, dá saude tambem a teu cavalo, á tua ovelha, até ao que ha de mais pequenino.

Quem não achou indigno de si *criar*, acharia indigno de si *salvar?* (*) 3).

(*) Com que genial sabedoria e delicadeza sabe Agostinho, à luz da mais pura filosofia cristã, insinuar a caridade que o homem deve tambem aos organismos do mundo inferior! Sem cair na ridicula zoofilia de certas damas da nossa sociedade elegante, que preferem um cachorrinho felpudo a qualquer órfão desamparado, defende o grande luminar do Cristianismo o direito que os seres da Flora e da Fauna teem a um tratamento justo e digno da parte do homem.

4. — O SUMO BEM

Só pode beatificar o homem aquele que criou o homem. Deus é a fonte e o doador da nossa felicidade, Deus em cuja posse consiste o nosso bem e a nossa beatitude.

Beatitude — percebes esta palavra, e sentes um alivio profundo... Percebe-lo e suspiras... Porque, no meio de tantos males, não se extinguiu na criatura racional o anseio da felicidade. Todos os homens são dominados pelo desejo da felicidade — é esta a firme convicção de todos os que começaram a raciocinar.

Beatitude, felicidade — tão grande é este bem que é almejado tanto pelos bons pelos maus. Não admira que os bons sejam bons por causa dela — o que admira é que tambem os maus sejam maus para serem felizes. Pois quem segue o prazer sensual — e por esse prazer se perde — procura no mal a sua felicidade.

Quem é empolgado pela cobiça, como por um incendio roaz, vive numa indefessa faina de possuir — para ser feliz.

Quem procura matar no sangue de seu inimigo a sêde de vingança; quem procura dominar; quem sacia a sua crueldade na miseria alheia — procura felicidade em todas estas coisas.

Felicidade verdadeira, porém, esta só a encontra o homem no Sumo Bem. 1)

Boa é a terra, com a altura dos seus montes, com a profundeza dos seus vales, com a planura dos seus campos...

Boa é uma propriedade rural, com sua amenidade e fertilidade...

Boa é uma casa bem construida, com a sua amplitude e sua claridade...

Bons são os seres vivos, com o seu organismo animado...

Bom é o ar, suave e salutar...

Boa é a comida, convidativa, apetitosa...

Boa é a saude robusta, isenta de dores e achaques...

Bom é o semblante humano bem formado, sereno, no frescor da vida e beleza...

Bom é o coração do amigo, na suavidade da sua compreensão, na sinceridade do seu amor...

Bom é o homem de espirito reto...

Boa é a posse, na sua espontanea prodigalidade...

Bom é o cantico, na harmonia do seu ritmo, na seriedade e profundeza das suas palavras...

Que mais?

Bom é isto, bom é aquilo — mas, tira isto e tira aquilo, e fixa o olhar, quanto possivel, só no unico Bem verdadeiro — e verás a Deus, ele, que não é bom por algum outro bem, mas que é o Bem de todo o bem.

De tudo quanto acabo de enumerar, não poderiamos chamar uma coisa "melhor" do que outra, se não se achasse inato dentro de nós o conceito do Bem verdadeiro.

Assim temos de amar a Deus, não como um bem ao lado de outro bem, mas simplesmente como o Bem, o Bem verdadeiro.

Sente-se a alma impelida para um Bem que por nenhuma ulterior apreciação possa ser sobrepujado, um Bem que sómente possa ser abraçado com amor. E que é isto senão Deus?

Não são os bens externos, não é a beleza, não é o espirito, não é a sociedade, não é a amizade — uma só coisa é permanente: Deus.

Se o procurarmos, somos homens de bem.

Se o encontrarmos, somos mais que homens de bem — somos homens felizes.

E' que não existe nenhum bem permanente afora o unico Deus verdadeiro e feliz. O que ele fez é "bom", e isto pela simples razão de provir dele. Se é mutavel, não vem isto de Deus, mas do nada.

Para o homem, é Deus a sintese de todo o bem. Procurá-lo é desejar a felicidade. Vivê-lo é ser feliz.

Procurar a Deus é amá-lo.

Viver a Deus não é identificar-se com ele, mas aproximar-se dele intimamente, ter com ele um admiravel contato espiritual, ser esclarecido e empolgado por sua verdade e por sua claridade. E' ele a luz personificada, ao passo que nós somos por ele iluminados, pelo fato de o amarmos de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente (Mt 22,37). 2).

*

* *

Por isso, minh'alma, procura o teu Bem todo teu. O Sumo Bem, esse é que é o teu Bem, todo teu. O Sumo Bem, esse é que é o teu bem. "Ninguem é bom senão Deus sómente" (Lc. 18,19). Faltam-nos as palavras, mas o coração adivinha o sentido disto: Deus é bom.

E senão, que é que amo quando te amo, Deus meu?

Não é a formosura corporal; não é alguma beleza terrestre; não é o fulgor da luz, essa luz que acaricia os meus olhos corporeos; não são as suaves harmonias de muitas vozes; não é o halito das flores; não é a fragrancia do balsamo, nem são inebriantes aromas; não é mel

nem maná; não é o amor natural, nem são os doces amplexos — não, não é isto que eu amo quando te amo, Deus meu.

E, contudo, como uma luz, como uma voz, como uma iguaria, como um amplexo é aquilo que amo quando te amo. Tu, que és a luz, a melodia, a fragrancia, o manjar do meu Eu interior. Porquanto, dentro de minh'alma brilha algo que não é circunscrito pelo espaço; canta algo que nenhum tempo faz emudecer; ha um perfume que nenhum vento leva; ha um sabor que nenhum saborear torna insipido; ha um amplexo de amor que nenhum fastio converte em nausea...

Deus é bom — que bem é ele?

Quem o poderia dizer?

Não é possivel dizê-lo — nem é possivel calá-lo...

Pois bem, se não o podemos dizer, nem a interior emoção permite calar, então não falemos nem calemos — rejubilemos! "*Jubilate!*" (Sl. 65,1).

Rejubilai perante Deus, que é nossa salvação!

Rejubilai perante Deus no mundo inteiro!

Erguei o silencioso clamor do vosso coração e derramai diante dele a plenitude da vossa felicidade!

Porque "na plenitude dos bens sacia ele as tuas saudades" (Sl. 102, 5). 3)

5. — O PECADO

a) *Preliminares*

Ha duas especies de vida: corporal e espiritual.

Assim como a alma é a vida do corpo, assim é Deus a vida da alma.

Como é que morre o corpo? pela separação da alma. O corpo está morto quando está sem alma — e a alma está morta quando está sem Deus.

Choras um defunto? — chora mais ainda o pecador, o homem sem Deus, o homem sem fé. Está escrito: "Pranteai o defunto durante sete dias" — mas, pranteai todos os dias os insensatos, os impios. 1)

Deus está presente no espirito e na conciencia. Na razão do homem, capaz de liberdade, vigora uma lei, esculpida no coração pela Natureza, lei que impele o homem a não fazer aos outros o que não quisera lhe fizessem a ele. Mesmo a mais corrupta das almas, contanto que seja capaz de pensar, percebe na conciencia a voz de Deus. Se assim não fosse, donde teriam os impios as normas eticas, que evidentemente não são deles? Não é possivel que as leiam em sua propria natureza, porque esta é mutavel, ao passo que aquelas normas não conhecem mudança. Nem tão pouco as poderiam haurir do seu espirito, porque são normas de moralidade — que lhes falta.

Onde, pois, estaria escrita esta santa lei senão no livro da luz, que se chama "Verdade"? lei donde deriva toda a norma etica de agir, infundida e como que impressa no coração do homem, à guisa da imagem dum sinete, que se transfere para a cera, sem que por isso deixe de existir no sinete.

E', pois, Deus que fala na conciencia, quer do bom, quer do mau. Tanto assim que, responder com um "sim" ao apelo do seu Eu melhor, e opor um "não" ao pecado, isto só consegue convenientemente o homem que, no silencio do seu coração, escuta a voz da Verdade a proferir palavra de louvor ou palavra de censura — e a Verdade é Deus.

E', pois, pelo raciocinio natural, sob o influxo da luz divina, que a alma recebe a intimação da conciencia. E recebe-a como uma palavra firmemente baseada na eternidade de seu autor. E' nela que a alma lê algo digno de reverencia e de louvor, algo que desperta saudades e impele a agir. Ainda não o possue, mas adivinha uma como que alvorada, na qual não consegue fixar-se. 2)

"Pecado" quer dizer, ato, palavra ou desejo contra as leis eternas — leis, que outra coisa não são senão o plano e a vontade de Deus, que quer ver respeitada a ordem natural. 3)

Pecado é uma aberração do instinto na escolha do bem. Porque em todo o pecado que cometes procuras alcançar algum bem e desejas alguma satisfação. Vais em busca de valores. Mas convertem-se-te em males esses valores, se postergares Aquele pelo qual sómente são bons. Assim como a vontade é boa pela fato de aderir a Deus, Bem comum de todos os seres, assim se torna ela má e pecadora, quando se afasta do Bem Supremo e comum e se volta para algum bem egoistico, seja no plano do espirito, seja no plano do corpo.

Ou pensas tu, que te dê prazer o pecado como tal? Não, o que te atrai, o que te faz pecar não é o pecado, é outra coisa: é o fato de amares, de encontro á reta ordem, algum bem criado — contra o reto e licito usufruto, contra a vontade e norma do Criador — é por isto que pecas. O que Deus criou para ti é bom; mas lá existem bens superiores, aqui inferiores; aqui bens temporais, lá bens eternos. 4)

Ninguem diga: "Porque não poderia eu amar o que Deus criou?" Esteja contigo o espirito de Deus para conheceres que é bom tudo quanto ele criou. Tudo é bom enquanto tem o ser; provém necessariamente do verdadeiro Deus, fonte de todo o bem. Não te proibe Deus de amares as suas criaturas — contanto que no amor delas não faças consistir a tua beatitude, mas de tal modo as consideres boas e louvaveis que acima de tudo ames o Criador.

Muitos bens nos concede Deus que em si mesmos são desejaveis, como sejam: a sabedoria, o bem-estar, a amizade. Não ha nada no mundo que não seja bom em si mesmo. Para que ninguem as tenha por más, são estas coisas concedidas tambem aos bons — e para que não as considere coisas grandes e supremas, são outorgadas tambem aos maus. Assim, por exemplo, o ouro e a prata, se fossem dados exclusivamente aos maus, com razão os teriamos em conta e coisa má. Se fossem concedidos só aos bons, com razão os teriamos como algo de muito bom. E, viceversa, se só faltassem aos maus, apareceria a pobreza como um grande castigo. Se só minguassem aos bons, parecia a pobreza como grande felicidade.

Se, por conseguinte, queres saber que bem podes ter tais coisas — olha, que os bons as teem. Queres saber que por elas não ficas bom — olha, que tambem os maus as teem. 5)

*

* *

Bem-estar e amizade, conto-os no numero das coisas dignas de serem procuradas.

Da primeira fazem parte a vida, a saude, pleno desenvolvimento do espirito e do corpo.

Quanto á amizade, não convem restringir-lhe o ambito; abrange todas as pessoas que fazem jus ao nosso amor e á nossa estima, ainda que em grau diverso. Verdade é que de mais profunda felicidade nos enchem aqueles que com santo e sincero amor correspondem ao nosso amor; e com razão. Por isso, peçamos a Deus que nos conserve esses vinculos do coração, se os possuimos; e que os encontremos, se nos faltam.

Pode, portanto, a alma racional deliciar-se tambem em satisfações terrenas e corporais, contanto que não se entregue á criatura á custa do Criador, mas antes ponha essa satisfação ao serviço do Criador, que, no excesso do seu amor, tais coisas nos prodigalizou. Pelo amor bem ordenado santifica o homem a alma e o corpo.

Deve o homem respeitar tambem o corpo, conservando-lhe a saude e a integridade. Não é sem razão que o corpo possue beleza, essa discreta harmonia dos membros, o jogo dos sentidos, a atitude ereta, e tantos outros predicados que ao imparcial espectador enchem de assombro. Entretanto, existe algo que mais vale do que a saude e a prosperidade do corpo. Quantos homens não se sujeitaram a sofrimentos e mutilações por causa de bens superiores! Ninguem lhes negará a reverencia que votavam ao corpo, pelo fato de estimarem ainda mais algum bem superior. 6)

*

* *

Pode-se considerar o conjunto da realidade sob o ponto de vista do gozo e do uso, e ainda da união dos dois. O

que foi dado para o gozo torna-nos felizes. O que foi dado para o uso deve ajudar-nos a atingir a felicidade, servindo como que de escada para ganhar e possuir aquilo que nos pode tornar felizes. Por outra: gozar quer dizer repousar amorosamente em alguma coisa por causa dela mesma. Usar quer dizer servir-se duma coisa de emprego quotidiano para conseguir algo realmente digno de amor — porquanto o uso ilicito merece antes o nome de abuso ou uso ás avessas.

E' proprio dos bons usar o mundo para gozar a Deus — ao passo que os maus querem usar a Deus para gozar o mundo, se é que creem que Deus se ocupa com coisas humanas .

Quando o homem chegou á idade do despertar da razão, pode ele — ajudado pelo poder de Deus — escolher uma vida superior (á vida simplesmente sensitiva), vida cuja delicia está no espirito, cuja beatitude é interior e imperecivel. Pois o homem é dotado duma alma racional. Depende do uso da razão a direção que ela der á vontade: rumo aos bens externos e inferiores, ou rumo aos bens da ordem interna e superior. Com outras palavras: se ela põe como fim ultimo o que é sensual e temporario, ou se resolve encontrar no divino e no eterno a sua satisfação. A razão está como que colocada ao meio: abaixo dela, o mundo sensivel — acima dela, o Criador. Do terrestre ao Criador vai apenas um passo — do Criador ás criaturas vai uma queda profunda. 7)

Ou será que o homem é coagido a consentir nas más concupiscencias do coração e pecar? De modo algum. Uma coisa é ter no coração más concupiscencias, e outra coisa é "ser entregue ás mesmas" (Rm. 1, 24), isto é, consentir nelas e ser por elas dominado. Que sentido teria o preceito: "Não sigás as tuas concupiscencias" (Ec. 18, 30), se o homem já fosse culpado pelo fato de lhes perce-

ber a revolução e o incitamento ao mal? Quem é necessitado, ao ponto de não poder proceder de outra forma, não peca segundo a vontade, uma vez que a vontade não dá o seu consentimento.

A má concupiscencia não é outra coisa senão o pendor da alma em preferir bens pereciveis e temporais aos eternos. O pecado, porém, consiste na voluntaria aversão do Bem imutavel e na conversão aos bens mutaveis. 8).

Não podes servir a dois senhores. Só podes amar o que é eterno, se não puseres como termo do teu amor o que é temporario. Se te entregares ao mundo, não podes amar a Deus — foi tomada posse do teu coração. "Mundo" quer dizer, os pecadores que não conhecem outra esperança fora deste tempo fugaz. O "mundo" é mau enquanto são maus os homens que mais prezam o mundo do que a Deus.

Vive dentro de cada amor uma força motriz. Queres saber de que especie é o teu amor? — olha, para onde te conduz. Os que amam o dinheiro não temem viagens maritimas em estações tempestuosas; tão ardente é a sua cobiça de possuir que afrontam o frio mais intenso, que sofrem a agitação das procelas, os solavancos das ondas, deixando-se arrastar por indiziveis perigos até á beira da morte. Dizem ao ouro o que os martires cristãos dizem a Cristo: "Por tua causa é que somos trucidados dia a dia. Quem nos separaria do amor ao dinheiro? a tribulação? a angustia? a perseguição?" (cf. Rm 8,35).

Estes não querem saber do Cristo — porque o Cristo não tinha um corpo de ouro. 9)

b) *Natureza do pecado*

Donde, pois, o pecado? Do abuso das coisas que o homem recebeu para o uso.

O homem não apostata de Deus aderindo a algum ser mau, mas agindo mal, isto é, contrariamente á finalidade dos seres bons. Vai ele do Ser absoluto para o Ser relativo.

A cobiça não é um defeito do dinheiro (que é um bem).

A luxuria não é um defeito do corpo, que é um bem.

A jactancia não é um defeito da gloria, nem o orgulho um defeito do poder.

Em tudo isto se encontra o defeito naqueles que destes bens se servem falsamente, postergando bens superiores.

A soberba macaqueia a sublimidade — quando tu, ó Deus, és o unico sublime acima de tudo.

A curiosidade tem pretensões de sêde de ciencia — quando tu, ó Deus, sabes tudo até ao fundo das coisas.

A propria ignorancia e estreiteza mental se oculta sob o nome de candura e simplicidade — e, no entanto, não ha nada simples fora de ti.

A ociosidade vem com ares de tranquilidade — mas onde existe tranquila segurança senão em ti somente?

A dissipação arvora-se em liberalidade — e só tu é que prodigalizas todos os bens.

Assim é que a alma que de ti se afasta se enamora de coisas que, puras e simples, só se encontram em ti. Assim é que te imitam ás avessas os que de ti se separam e contra ti se levantam. Mas, com esta mesma imitação dão testemunho de que tu és o Criador de todo o Ser — e a propria má vontade não deixa de dar eloquente testemunho da bondade da natureza.

Quem poderia duvidar de que tudo o que chamamos "mau" não passa de uma adulteração, um bem falsificado? E todo o mal que dessa adulteração resulta não é senão o indicio do estado natural abalado, tanto assim que essa adulteração não é natureza, mas é contra-natureza.

Por conseguinte, a natureza como tal nunca é má. O mal não está nas coisas, mas, sim, no falso uso das mesmas. 10)

*

* *

Grande miseria é para o homem não ser daquele sem o qual nem pode ser.

Quem não faz o que deve, força é que sofra o que não deve. Porque tamanho é o poder da etica que ninguem se pode afastar da sua felicidade senão para cair na infelicidade.

Todo o espirito desregrado leva dentro de si o proprio castigo.

Por mais boa e bela que seja uma criatura, quando posta ao serviço de Deus — assim que é amada por uma alma que não ama a Deus, embora essa criatura não se torne má em si mesma, vinga-se do amante, emaranhando-o em dores e enganando-lhe a fome com gozos falazes, porque é máu o desejo com que ela é amada. Gozos "falazes", digo, porque não ficam nem saciam, mas deixam a alma em chaga viva. Porquanto, se o espaço te oferece o que ao amor te seduz, o tempo t'o arrebata, mal começaste a deliciar-te em seu gozo, deixando-te na alma um caos de imagens flutuantes num incessante vai-vem de desejos. E dest'arte, inquietudes e fadigas nos dilaceram o coração — sempre repleto do vão desejo de possuir aquilo de que está possesso.

Mais facil é para os que amam a Deus exterminar a pior das concupiscencias do que para os amantes do mundo satisfazê-la, por pouco que seja. O mundo não cumpre o que promete; mente e ilude. Incessantemente põem certos homens as suas esperanças no mundo — e quem consegue tudo que espera? Mas, ainda que muito consiga —

mal atingido, murcha-lhe nas mãos. Novos desejos surgem na alma, coisas novas e queridas aliciam a concupiscencia — e, quando chegam, empalidecem todos.

A ti, ó alma, só te basta aquele que te criou. O que fora dele apanhares é miseravel. Infeliz é toda a alma escravizada pelo que é terreno. A perda a dilacera — e então ela sente a miseria que (já antes da perda) a fazia deploravel. 11)

A alma pecadora é alma má — má, na medida que do supremo Ser ela decai para o ser inferior, degradando-se a si mesma; e quanto mais cai tanto mais se aproxima do nada.

Da vontade perversa nasce o desejo, e quando o homem serve ao desejo torna-se o desejo em habito, e quando se entrega ao habito transforma-se o habito numa necessidade. Pelo habito torna-se o pecado coisa quotidiana; e é aceita como se nada fosse. Caleja-se a alma, perde a sensibilidade. O que se acha adiantado no processo de putrefação deixa de doer — e nem por isso o temos por sadio, mas antes por morto. O que doi quando ferido tem saude, ou pelo menos esperança de saude — mas o que está pôdre não doi mais. Habito pecaminoso — terrivel especie de morte!

E' este, segundo leis eternas, o inicio do castigo para a alma que de Deus se afasta: a obcecação. Justo castigo do pecado é este: que a alma perca a faculdade para o bem, se dessa faculdade não fez uso, quando era facil — contanto que quisesse. Quem, a despeito de melhor conhecimento, não pratica o bem perde tambem o conhecimento do bem; e quem não quis praticar o bem quando o podia perde a faculdade de praticar o bem, quando o quisera.

Deus é bom — Deus é justo. Pode Deus salvar o homem sem merito dele, porque é bom. Não pode Deus condenar o homem sem demerito dele, porque é justo.

Quando se diz do homem que "foi entregue aos seus desejos" (Rm 1,24) é declarado culpado, porque — sem ulterior arrimo divino — cede aos desejos e consente neles. E' um derrotado, um prisioneiro, presa posta a bom recato. Porque o homem é escravo daquele por quem é vencido. O pecado subsequente é castigo do pecado precedente. 12)

*

* *

Entretanto, de nenhum mortal se deve desesperar. Tambem nos pecadores habituais, tambem nos homens moralmente corruptos, é a força de Cristo ássás poderosa para os ressuscitar.

Dia a dia, encontramos homens que se libertam dos seus habitos viciosos e começam a viver melhor do que os seus censores de outrora. Talvez que desprezes certos homens — mas lembra-te que até a irmã de Lazaro (*) foi ressuscitada num sentido melhor do que seu irmão: foi libertada do fardo pesado dos seus habitos pecaminosos; é a conhecida penitente da qual se diz: "Muito lhe será perdoado porque muito amou" (Lc 7,47).

Eis aí um homem com ares de gladiador. Desesperou da vida. Faz o que pode para satisfazer o resto da sua cobiça e volupia — vitima inevitavel que é. O desespêro lança á ruina esses homens. E diante deles surge, redentora, a palavra de Deus, que lhes adivinhou os pensamentos: "Em qualquer hora que o pecador se converter para fazer justiça — hei de esquecer todas as suas iniquidades" (Ez 18,21).

(*) Agostinho identifica Madalena com Maria, irmã de Marta e de Lazaro. E' esta a opinião geral dos antigos escritores, quando muitos exegetas modernos vêem na pecadora de Magdala pessoa diferente de Maria de Betania.

*

* *

E' só pela vontade que se peca. E' da vontade que vem tanto o pecado como a vida virtuosa.

A má vontade por si mesma já é pecado, mesmo que não lhe suceda o fato, isto é, quando lhe falta o poder. Vicio e virtude não se distinguem pelo fato em si mesmo, mas pela intenção. Pode o fato parecer sem pecado, e não o é, quando não é feito para o fim que devia. Pode, por conseguinte, ser bom o que um homem faz, sem que ele mesmo proceda bem. Nem todos os vicios contrastam com a virtude; ha tambem vicios que, por assim dizer, ficam rente ao limite da virtude, assemelhando-se a ela, não na essencia, mas na aparencia, como, por exemplo, a astucia e a prudencia.

Oculto está o bom coração — oculto está o mau coração. Ha um abismo neste, e um abismo naquele. Mas para Deus, ante o qual nada é oculto, não ha véu, ele, que em todos os abismos opera o que lhe apraz. 14)

E', pois, da vontade que nasce o pecado. A concupiscencia, porém, deixa de ser pecado para o renascido, quando ele não consente na mesma para o mal — quando a rainha, a alma espiritual, não entrega os seus membros para semelhantes atos. Em sentido metaforico, é verdade, chama-se a concupiscencia "pecado", enquanto nasce do pecado e, vencendo, produz o pecado. Filha do pecado, por assim dizer, torna-se ela tambem mãe do pecado, no caso que o homem lhe dê o *sim* do assentimento ao mal. E' perdoada aos regenerados pelo batismo, não no sentido de que tenha deixado de existir, mas no sentido de não lhes ser imputada como pecado. Extingue-se o seu caracter de culpa, mas ela mesma fica, até que, por uma progressiva renovação do homem interior, sejam curdaas todas as nossas enfermidades —

naquele dia em que o homem mortal "revestir a imortalidade" (1 Cr 15,53). 15)

Bem quiseramos que não houvesse concupiscencia, mas não o conseguimos: queiramos ou não queiramos, ela existe. Contra o nosso querer, ela nos alucina, lisonjeia, alicia, incita, assalta e procura rebelar-se. Sufocamo-la — mas não a extinguimos, enquanto "a carne apetece contra o espirito, e o espirito contra a carne" (Gl 5,17). Em dupla falange guerreia o mundo os soldados de Cristo: uma lisonjeia para enganar — a outra ameaça para desanimar. E não é que precisamente a vida dos melhores é uma incessante luta da carne contra o espirito? Ou, por ventura, não sentes em ti nada disto? Se nada ha em ti que se oponha ás coisas de cima, — examina como vai o todo. Se teu espirito não luta contra os apetites da carne — olha, se não é porque todo o homem interior segue a carne. Olha se, acaso, deixa de haver guerra porque reina uma paz pôdre...

Não cesse a luta, porque cessar não pode a concupiscencia inata, enquanto vivermos. Pode ser diminuida, mas não pode ser extinta. Esta luta é a vida dos santos. 16)

E é por isso que o homem, tambem depois do batismo, não só pode cair em pecado, mas tambem, não obstante a luta sincera contra a carne concupiscente, consente de vez em quando e comete pecados, embora leves, razão porque não lhe falta motivo para pedir: "Perdoa-nos as nossas dividas".

Cremos que a vida mortal de homens santos pode correr sem culpa grave. "Mas, se dissessemos que não temos pecado, enganariamos a nós mesmos" (I Jo 1,8). Ninguem é bom senão Deus sómente. Ele é bom, não pela posse do bom, mas ele mesmo é o Bem que o torna bom. Mas, se o homem é bom, vem isto de Deus. "Bom" chamamos

aquele no qual o bem sobrepuja o mal. "Otimo" é aquele que peca o menos possivel. Por isso é que o Senhor tambem podia chamar "maus" aqueles que, em atenção á obra da graça, chamava "bons" (Mt 7,11), por causa das faltas que aderem inseparavelmente á fraqueza humana. E os santos sempre evitavam afirmar que não tinham pecado — não para não se expor ao orgulho, mas simplesmente para dizer a verdade. Prescindindo da santa virgem Maria, a qual, em atenção á dignidade do Senhor, nada tem que ver com pecado — está, pois, fora de questão — toma todos os santos homens e todas as santas mulheres, enquanto viviam cá embaixo, e pergunta-lhes se eram sem pecado — que achas te responderão? Não responderão todos a uma voz: "Se dissessemos que não temos pecado, enganariamos a nós mesmos, e a verdade não estaria em nós" (I Jo 1,8)?

Mas — quem sabe? — os apostolos, as primeiras ovelhas do rebanho de Cristo, os pastores dos pastores, quem sabe se eles estavam sem pecado? Não, tambem eles tinham pecado. "Assim é que haveis de orar (lhes diz o Senhor): Perdoa-nos as nossas dividas, assim como tambem nós perdoamos aos nossos devedores". Por que, pois, pedem os apostolos? Dia a dia, pedem pelo perdão da culpa. Veem como culpados, retiram-se absolvidos — e tornam á oração como culpados. Mas — quem sabe? — se nesse tempo, quando aprenderam esta prece, ainda não eram "espirituais" — pois esses homens, certamente, não teem pecado. Que tal, meus irmãos? Feitos homens espirituais, deixariam de orar? Se assim fosse, deveria Jesus Cristo dizer-lhes: "Por enquanto, orai assim...". Aos espirituais deveria ele ensinar outra oração. Entretanto, deu uma só oração. 17).

c) *Abolição do pecado*

Por conseguinte, faz parte da igreja na terra o perdão dos pecados. Porque, nem a vida do cristão agraciado, por mais rico em boas obras, pode subsistir sem o perdão dos pecados. 18)

Vem em primeiro lugar é o "*Padre-nosso*", no qual temos como que um batismo quotidiano. A oração diaria, por Jesus mesmo ensinado, apaga as faltas diarias, uma vez que, dia por dia, pedimos perdão. "Perdoa-nos as nossas dividas" — por assim oram os que recem se tornaram crentes — e assim oram tambem os fieis adiantados no mais alto grau da perfeição. Agradecei, pois, a Deus que á igreja deu tal presente, como relembramos expressamente no Credo, confessando, após a fé na "santa igreja", tambem, a fé na "remissão dos pecados". 19)

Alem disto, convem que diariamente façamos *penitencia* — não só por causa da corrupção e incerteza desta vida e por causa das tribulações de cada dia, coisas que em nome de Deus devemos suportar até ao fim, agindo varonilmente e confiando em Deus e "produzindo fruto pela perseverança (Lc 8,15) — mas tambem por causa do pó deste mundo que se nos prende aos pés, e por causa das enfermidades, que são como que um *deficit* resultante da azafama quotidiana — mas que com a graça de Deus nos pode ser ocasião de lucros maiores.

Tambem a *esmola* equivale a uma purificação quotidiana. Ha duas especies de esmola: dar e perdoar. Dar o que tens de bom, perdoar o que sofres de mal. Pelas obras da misericordia é que nos recomendamos a Deus. Bendize a misericordia de Deus, bendize o seu amor, que perdoa os pecados — mas oferece-lhe um holocausto: compadece-te de teu semelhante, e Deus se compadecerá

de ti. Tu és homem, e o outro é homem, ambos sois miseria — Deus, porém, é misericordia.

Façamos misericordia por causa da abundancia dos nossos pecados... 20)

O inicio das boas obras é a *confissão* das más obras. Quem confessa e acusa os seus pecados, esse já é do partido de Deus. Deus acusa os teus pecados se tu os acusares. Se és do partido de Deus és verdadeiro — e aproximas-te da luz, não te iludes, não te lisonjeias, não te adulas com belas palavras. Desagrada a Deus a tua vida imperfeita; se ela e agradar a ti, ergues um muro divisorio entre ti e ele; mas, se te desagradar tambem a ti, estás em harmonia com Deus. A confissão da culpa é a humildade do homem — a misericordia de Deus é a grandeza de Deus. Enquanto peregrinarmos aqui na terra, é a humildade a nossa propria perfeição... 21)

Melhor é claudicar no caminho reto do que andar a passo firme fora do caminho.

Cicero, o maior orador romano, disse de alguem: "Não proferiu uma só palavra que se visse obrigado a retirar". Pode isto parecer louvor esplendido. Na realidade, porém, caracteriza antes um tolo do que um sabio perfeito. E' proprio dos homens profundamente estultos não quererem jamais retirar uma palavra, e isto tanto mais quanto menos juizo e espirito possuem e quanto mais vasta é a sua estulticia. O homem inteligente, pelo contrario, arrepende-se de alguma palavra incorreta, tola ou inconveniente. Ouso afirmar que é salutar para o orgulhoso cair em pecado manifesto, afim de se desagradar a si mesmo, ele, que já caira pela complacencia de si proprio. Quanto a mim, falta-me tanto na vida do espirito que me é mais facil enumerar o que possuo do que aquilo que desejaria adquirir.

Estão cumpridos todos os mandamentos de Deus quando está perdoado o que não foi cumprido. Está escrito: "Ainda que pecadores, somos teus" (Sb 15,2). Temos um bom e grande Senhor, que pode e quer sanar o pecado — mas tambem um Senhor que não hesita em perder os pecadores impenitentes. 22)

Existe ainda *outra especie* de penitencia, e é necessaria áqueles pecadores que veem enumerados nos dez preceitos e dos quais diz o apostolo: "Os que tais coisas praticarem não possuirão o reino de Deus" (Gl 5,21).

Está alguem onerado de culpa grave, talvez de adulterio, de homicidio, de sacrilegio — algo de grave, alguma chaga profunda, mortifera. Onipotente, porém, é o medico. E nestes casos é necessario que o homem use de maior rigor consigo mesmo. Deve ele mesmo, em espirito, arrastar-se ás barras do tribunal. Acusadora é a memoria, testemunha a conciencia, juiz é o temor. E, depois de proferir contra si mesmo severa e salutar sentença, apresente-se o pecador aos pastores que na igreja administram as chaves. Disposto a tornar a ser bom filho, receba dos pastores dos santos misterios, consoante e disciplina ecclesiastica, a medida da sua expiação. Porquanto, não basta corrigir-se e renunciar ao mal, se o homem não prestar satisfação pelo que fez: pela dor da penitencia, por humildes suspiros, pelo holocausto dum coração contrito, e ainda pelas esmolas.

Em face de pecado algum recusa a bondosa mãe, a igreja, a sua comiseração. Enquanto o homem vive, convida-o á penitencia a paciencia de Deus. Como pode um homem, mortalmente encadeado pelo pecado, recusar-se, diferir ou hesitar em recorrer ao poder das chaves da igreja, poder pelo qual é desligado em terra para que desligado seja no céu? como pode alguem, confiado unicamente no nome de "cristão", esperar salvação após esta

vida, sem tremer ante a palavra trovejante da verdade divina? 23)

A igreja, fundada sobre Cristo, recebeu do Senhor, na pessoa de Pedro, as chaves do reino do céu, isto é, o poder de ligar e desligar pecados. Foi a esta igreja que o apostolo Pedro, como primeiro dos apostolos, representava em simbolica universalidade. Pois, pessoalmente, por si mesmo, era Pedro um homem particular, pela graça um cristão particular; por graça abundante, um apostolo, e o pimeiro deles. Mas, quando lhe foi dito: "Eu te darei as chaves do reino do céu" (Mt 16,19), representava ele toda a igreja. Pode a igreja perdoar pecados — mas despertar o inferior de um homem espiritualmente morto só o pode a voz do Senhor, porque semelhante obra só compete ao Senhor. 24)

Longos e maus anos temos vivido para o pecado. Tenhamos ao menos o desejo de viver para Deus. Deus é bom e perdoa ao que confessa. Concede perdão. Não procura com acinte o que possa castigar — procura o que possa perdoar. Só uma falta existe que não encontra perdão da parte de Deus: a defesa do pecado.

Reconcilia-te com Deus pela confissão, uma vez que pela negação nada lhe podes ocultar. Nada lhe ensina a tua confissão — mas purifica-te a ti. Por isso, coloca-te a ti mesmo, em espirito, ás barras do tribunal. Coloca-te diante de ti mesmo, e não por detrás de ti, para que Deus não te coloque diante de si.

Benigno é Deus na sua ira. A sua ira quer abalar, a sua graça quer curar. A sua ira é para matar o homem velho; a sua graça, para vivificar o homem novo. É num e no mesmo homem que Deus opera isto; no mesmo homem é ele o Deus da ira e o Deus da graça. O Deus da ira em face do erro — o Deus da graça em face da emenda. "Hei de ferir e de sarar; hei de matar e de vivificar" (Dt 32,

39). Ao mesmo Saulo, que depois foi Paulo, Deus o prostrou, e Deus o levantou — prostrou o descrente, levantou o crente; prostrou o perseguidor, levantou o apostolo.

Quiseras fugir de Deus? foge para ele. Quiseras fugir do Deus da ira? foge para o Deus da misericordia. Tu o reconcilias se o creres misericordioso e tiveres a vontade de evitar o mal para o futuro e rogares perdão ao Senhor pela culpa do passado.

"Proximo está o Senhor do homem de coração contrito" (Sl 33, 19). Se te humilhares, ele se inclina para ti. Estava o publicano a distancia — e tanto mais proximo dele estava Deus. Nem sequer ousava levantar os olhos ao céu — e já estava com ele aquele que criou o céu.

Ama — e contigo está Deus.

Ama — e dentro ti está Deus.

Vencido é o pecado quando vencido pelo amor a Deus. Aos que amam a Deus tudo lhes resulta para o bem — tudo, e a tal ponto que os seus proprios erros e desvarios lhes resultam para o bem, porque os fazem crescer na humildade e no conhecimento. 25).

SANTIFICAÇÃO

a) — Fé e Amor

O inicio da vida boa, vida á qual compete a vida eterna, é a fé sincera — a fé que confia naquilo que ainda não é visivel — a fé cuja recompensa é a visão — a fé em Cristo "que justifica o pecador" (Rm. 4,5) — fé no Medianeiro, sem o qual não podemos alcançar reconciliação com Deus — fé no Salvador, que veio "para procurar e salvar o que se perdêra" (Lc. 19,10) — fé naquele que disse: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo. 15,5).

Ter fé em Deus, quer, pois, dizer entregar-se confiadamente a ele que opera o bem, afim de cooperar com ele para o bem.

Na fé é que está o primeiro surto de nosso espirito sobre o que é terreno, a conversão para o Deus verdadeiro. 1)

Ha coisas que conhecemos primeiro para depois crer — e ha coisas que só conhecemos depois de as crermos. O progresso do nosso conhecer consiste no conhecimento daquilo que cremos — o progresso do nosso crer consiste na fé daquilo que conhecemos.

A fé supera a razão. Em se tratando de verdades da salvação que a razão não compreende — um dia as compreenderá — precede a fé o conhecimento, purificando o coração, para que possa apreender e suportar a luz excel-

sa da razão? "Se não crerdes não entendereis" diz o profeta (Is 7,9). Não é por meio de raciocinio, mas por autoridade divina que a fé nos garante a bem-aventurança.

Nada desprezivel é a ciencia que ao ciente nos une. Ele possue os olhos do conhecimento — possue tu olhos de uma fé docil. Crê — o que Deus vê!

Nada subsistiria intacto na humana sociedade, se prevalecesse a maxima de crer sómente o que se compreende por sí mesmo. Em face da autoridade divina deve a estreiteza do espirito humano ceder em toda a linha. 2)

*

*   *

Os filosofos dizem o que pensam, e não o que sabem. A religião não deve consistir em miragens fantasticas. Melhor a menor das realidades do que tudo quanto o homem excogite arbitrariamente. Melhor uma palha real do que um facho de luz irreal nascido duma imaginação arbitraria.

Só a fé na revelação, sobranceira a toda a incerteza, é que nos pode conduzir na peregrinação da vida, que ainda nos mantem "longe do Senhor" (2 Cr, 5,6). 3).

Compreender é a recompensa da fé. Não procures, pois, compreender para creres, mas crê para compreenderes. Naturalmente, o homem que não se interessa pelo conhecimento religioso pessoal não sabe para que serve a fé. Porquanto, a verdadeira fé não subsiste sem a esperança e o amor — mas a esperança e o amor do crente teem por alvo a visão.

Por isso, deve o homem crente, por meio de oração e de estudo — a par duma vida honesta — esforçar-se por compreender, isto é, assimilar por meio do raciocinio pessoal o que abraçou pela fé. Não se ama o que não se conhece; mas quando se ama o que de algum modo se

compreende então o amor faz com que se compreenda mais perfeitamente. 4)

*

* *

Cada fase da evolução, desde a infancia até á velhice, tem a sua beleza peculiar. Insensato seria desejar que o homem ficasse sempre criança, ele, que obedece á lei do tempo; insensato seria menosprezar toda outra beleza propria ás demais fases da vida. Nem menos tolo seria aquele que quisesse ver o genero humano, tomado em seu conjunto, permanecer numa determinada etapa; porque tambem a humanidade como o individuo percorre diversas idades: toda a vida da humanidade, desde Adão até ao fim, assemelha-se á vida dum homem particular.

Seja vossa infancia inocencia; vossa meninice, reverencia; vossa mocidade, constancia; vossa virilidade, vigor; vossa idade madura, merecimento; vossa anciania, encanecida e inteligente sabedoria. Não veem todas de uma vez essas fases; mas, quando veem, permanecem como um todo no homem piedoso e nobre, formando a transição para a fase definitiva: para a serenidade perene, para a paz eterna.

Assim queira Deus crescer em ti, ele, que é sempre perfeito. É ele que satisfaz o nosso *procurar*, enquanto o pudermos compreender. É ele que amplia a capacidade do nosso *achar*, para que procuremos a plenitude da capacidade, nós, que da capacidade temos o inicio. Tarda Deus para que se estenda a humana saudade, para que a alma desejosa se dilate e amplie afim de aumentar a sua capacidade. Quanto mais compreenderes a Deus e quanto mais o abrangeres, tanto mais ele cresce em ti — assim parece; pois, na realidade, não cresce ele, que sempre é perfeito, mas tu, que ontem abrangias pouco, hoje abranges mais, e amanhã será mais ainda. Eis que dentro de ti

cresce a luz de Deus, e assim cresce, por assim dizer, o proprio Deus, que sempre permanece perfeito. Assim é que acontece com o homem interior: ele cresce em Deus, e Deus parece crescer nele. E ao mesmo tempo, esse homem decresce, definhando para as honras pessoais afim de florescer na gloria de Deus. 5)

É Deus que em nós opera a fé e a vida honesta, porque é ele que produz o nosso querer — sem deixar de ser obra nossa, porque Deus o produz naqueles que o querem. "Ninguem vem a mim se o não atrair o Pai que me enviou" (Jo. 6,44). Essa violencia é feita ao coração, e não á carne. Não penses que seja violencia rude e molesta. Ela é doce e suave — é a propria doçura que te atrae. Não é que a ovelha, quando faminta, é atraida ao mostrar-se-lhe a erva? Dest'arte, aproxima-te de Cristo tambem tu: não te ponhas a excogitar caminhos que a ele conduzam — crê, e vais a ele. Ama, e és atraido. É amando, e não percorrendo espaços, que se vai ao Onipresente. 6)

Ó homem! adere a Deus, que te fez homem. Atem-te a ele, crê nele. Invoca-o — seja ele a tua força.

Bem-aventurados os que creem. Mais feliz era Maria ao receber a fé em Cristo do que ao conceber a Cristo segundo a carne.

A vida honesta é inseparavel da fé que opera pela amor — esta mesma fé é que é a vida honesta. É a fé que pela oração consegue o que prescreve a lei. É pela fé que se extingue a culpa da transgressão, que vem da lei. É em virtude da fé que se alcança o Espirito Santo, pelo qual "foi o amor derramado em nossos corações" (Rm. 5,5), afim de que a lei não mais seja cumprida por medo do castigo, mas pelo amor do bem. É pela fé que o "reino de Deus está dentro de vós" (Lc. 17,21).

Ha uma palavra que tudo encerra: "A fé que opera pelo amor" (Gl. 5,6). 7)

Importa que encaremos um erro que se deve desterrar de corações religiosos, sob pena de arriscarmos por uma falsa segurança a nossa salvação. Refiro-me áqueles que consideram a fé por si só suficiente para a salvação, postergando a observancia dos caminhos de Deus por meio de boas obras — como se homens entregues a uma vida de pecados e infamias, e impenitentes, tivessem esperança da vida eterna, pelo simples fato de crerem em Cristo e receberem os seus sacramentos. Já no tempo apostolico eram interpretadas ás avessas certas expressões do apostolo Paulo, havendo quem dissesse:" "Pratiquemos o mal para que dele nasça o bem" (Rm 3,8). Se o apostolo diz: "O homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (Gl 2,10), não pretende ele afirmar que, de posse e na confissão da fé, possamos desprezar as obras da justiça, mas quer dizer que podemos ser justificados pela fé sem que precedam as obras da lei. Porquanto, as obras salutares seguem a fé, mas não a precedem. Nem toda e qualquer especie de fé reconhece São Paulo como salutifera e consoante ao Evangelho, mas tão sómente aquela cujas obras nascem do amor. Fala da "fé que opera pelo amor". Segundo ele, tão inutil é essa fé que certa gente julga suficiente para a salvação, que o apostolo afirma: "Se eu tivesse uma fé capaz de transportar montanhas, mas não tivesse o amor, nada seria" (I Cr. 13,2). Sendo que esse desvario já nascêra naqueles tempos, tambem outros apostolos, como Pedro, Tiago, João e Judas, rebatem, em suas epistolas, semelhante concepção e declaram explicitamente que nada vale a fé sem as obras.

Não haja, pois, quem se embale na esperança falaz de alcançar a vida por meio da fé sem as obras, apelando talvez para as palavras do Senhor: "A vida eterna é esta: conhecerem-te a ti, unico Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste" (Jo 17,3). É necessario ter diante

dos olhos tambem outros textos da Escritura: "É nisto que o conhecemos, em lhe guardarmos os mandamentos" (1 Jo. 2 3). A Escritura menciona ás vezes uma coisa sem a outra, ora isto, ora aquilo, para insinuar que um não pode existir sem o outro. Quem crê em Deus deve fazer o que ele manda — e quem o quiser fazer porque Deus o quer tem de crer. Dia virá em que compareceremos ante o tribunal de Deus — oxalá possam então as nossas obras ser nossas testemunhas, e testemunhas tais que reduzam a silencio os nossos pecados! 8)

Vale, pois, a "fé que opera pelo amor". Foi por ela que todos os pais, os patriarcas, profetas e apóstolos agradaram a Deus. Atende a Abraão: grande como a sua fé era a sua dedicação. Creu que Isaac ia nascer — e não chorou porque Isaac ia morrer. Foi escolhida para o sacrificio da morte a mão daquele cujo coração fôra eleito para a fé na vida. Não vacilou em crer, quando lhe foi feita a promessa — e não vacilou em sacrificar, quando lhe veio a intimação. Não havia antagonismo entre a dedicação da fé e a dedicação da obediencia.

Grande coisa é a fé — mas não tem valor algum se não encerrar o amor, ou melhor: "Se eu conhecesse todos os misterios, se possuisse o dom da profecia e tivesse uma fé capaz de transportar montanhas", nada seria sem o amor — nada seria, não a fé, nada seria eu. Não digas, pois: Tenho a fé, e é quanto me basta. Que diz Tiago? "Tambem os demonios creem, e tremem" (Tg 2,19). Os demonios creem, mas não amam — mas ninguem ama que não creia. 9)

Em certo sentido, pode-se dizer que Deus só exige a fé — quando se entende, não a fé morta, mas a fé viva, aquele que opera pelo amor. Isto, sim, tem valor: crer em Deus com fé verdadeira, venerá-lo e conhecê-lo, para dele receber o auxilio para uma vida honesta e alcançar

o perdão dos pecados, Crê, pois, em Cristo, crê na sua graça. A fé que opera pelo amor — é esta que, lançada como alicerce, não deixa perecer ninguem. 10)

O amor, confrontado com os dois, isto é, a fé e a esperança, é chamado pelo apostolo o maior (I Cr, 13,13). Quanto maior é num homem o amor tanto melhor é o homem. Quando se pergunta se alguem é homem de bem não se quer saber o que ele crê ou espera, mas, sim, o que ele ama. Nem tão pouco depende o valor moral do homem daquilo que ele sabe, mas daquilo que ele ama. Quem possue verdadeiro amor não deixa de possuir fé verdadeira e verdadeira esperança. Mas, quem não ama crê em vão, ainda que verdadeiro seja o que ele crê. Não ha vida reta sem um reto amor. Só o amor é que forma a linha divisoria entre os filhos de Deus e os filhos do demonio. Persignem-se todos com o sinal da cruz; digam todos amen e cantem aleluia; sejam todos batizados, visitem igrejas e construam templos — por nenhuma coisa se distinguem os filhos de Deus dos filhos do demonio senão pelo amor. Quanto mais cresceres no amor mais crescerá a tua formosura, porque a formosura da alma é o amor. 11)

No amor é que todos os martires lutaram contra o demonio até ao sangue; estavam firmes porque neles não se extinguia nem arrefecia o amor.

No amor é que, dia a dia, marcham os fieis, saudosos do reino do céu.

Os que amam serão eleitos, porque amam.

Amor — palavra deliciosa — ato delicioso! Não falemos nele a toda a hora, mas a toda a hora o tenhamos dentro do coração. 12)

Mas, que outra coisa é amar senão querer? Querer bem — é amar a Deus. 13)

Amor é uma especie de interna revelação de Deus, revelação que o homem sem Deus ignora por completo.

Onde falta o amor de Deus impera a concupiscencia. Mas, onde ha amor aí habitam o Pai e o Filho: "Iremos e habitaremos nele". Porque, ainda que Deus, segundo a sua essencia, esteja presente em toda a parte, pela graça da sua inhabitação não está em toda a parte.

"Iremos... para que eles sejam um assim como nós somos um" (Jo. 17,11), De tal modo está o Filho no Pai que são um, porque uma só natureza. Nós, porém, ainda que possamos estar neles, não podemos ser uma só natureza com eles. Assim é que eles estão em nós e nós estamos neles, que eles são um em sua natureza, e nós um em a nossa: Deus em nós como em seu templo, e nós nele como em nosso Criador. 14)

Seremos "conformes" a Deus (Rm. 8,29 — e isto se faz pelo amor. Não é com passos corporeos que de Deus nos aproximamos, mas pelo amor; e tanto mais gozaremos a sua presença quanto mais puro for o amor que lhe temos e com que o demandamos.

Amor incipiente é incipiente santidade. Amor crescente é crescente santidade. Grande amor é grande santidade. Amor perfeito é perfeita santidade — amor nascido dum coração puro, duma boa conciencia, duma fé sincera. 15)

"O fruto do espirito é o amor" (Gl. 5,22), e pelo amor tudo o mais que brota da mesma raiz: "alegria, paz, longanimidade, benevolencia, bondade, espirito de fé, brandura, continencia" (ibidem).

"Alegria" — quem se alegra bem quando não ama o bem pelo qual se alegra?

"Paz" — quem pode ter paz verdadeira se não amar verdadeiramente?

"Longanimidade" — quem é longanimo e constante no bem se não arder de amor?

"Benevolencia" — quem é benevolo senão aquele que ama a quem socorre?

"Bondade" — quem é bom se o não é pelo amor?

"Espirito de fé" — quem possue fé salutar se a fé não operar pelo amor?

"Brandura" — quem possue mansidão conveniente se não for dirigida pelo amor?

"Continencia" — quem se abstem do que é vil se não amar o que é nobre?

É, pois, com boas razões que o bom Mestre exorta ao amor. É ele o mandamento unico.

Porque de toda a largueza a amplitude da divina sabedoria dispõe o amor com que amamos a Deus e ao proximo. É o que nos ensina o Mestre do céu.

Se, portanto, não dispões do tempo necessario para esquadrinhar todas as folhas sacras, para desdobrar todos os involucros dos sermões e penetrar em todos os segredos da Escritura — tem o amor, de que tudo depende, e tens em um só ponto o que aprendeste ou ainda aprender poderias. Possue o amor — e transbordarás da plenitude do conhecimento. Como poderia existir ignorancia naquele que conhece o amor, uma vez que "Deus é amor"? (I J o. 4,8) 16)

Costumam os homens ajuizar sobre a etica segundo as regras em voga. É por isso que cada qual considera mau sómente aquilo que os homens da sua terra e do seu tempo soem censurar e condenar, e, vice-versa, só considera bom e louvavel o que os costumes do ambiente como tal reconhecem. A sagrada Escritura, porém, não prescreve senão uma só coisa: o amor. E por isso é ela a educadora dos homens.

Viver bem não é, pois, outra coisa senão "amar de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente" (Mt. 22,37). Todas as nossas boas obras são obra do amor.

Uma obra existe em que todos são concordes: "a fé que opera pelo amor" O amor é nossa raiz, e as nossas obras são o fruto. Se do amar nasce o teu operar — eis que radicas na terra dos viventes! Pois, assim como o homem exterior tem nutrição e raiz neste mundo visivel, assim os tem o homem interior naquele mundo invisivel.

"Virtude" — outra coisa não é senão a reta ordem, a reta medida do amor. É por isso que diz a esposa no Cantico dos Canticos (2,4): "Ordena em mim o amor". As virtudes particulares, porém, não são senão diversas graduações desse unico amor.

Amor pode-se chamar "prudencia", porque suma prudencia é entregar-se a um Bem que perecer não pode. Pode-se apelidar de "fortaleza", porque com todas as forças nos prendemos a esse Bem e dele não nos deixamos arrancar. Pode-se-lhe dar o nome de "temperança", porque pela violencia que o homem faz a si mesmo procura esse unico Bem que exclue todos os errores. Pode-se intitular, finalmente, "justiça", porque é suprema justiça aderir áquele bem ao qual de direito pertencemos. Tudo não passa, pois, de uma só virtude — virtude e premio da virtude ao mesmo tempo — o que a alma amante, na Escritura, exprime com as palavras: "A mim me convem aderir a Deus" (Sl. 72,28). Coisa alguma quisera eu chamar virtude senão só o excelso amor de Deus. Porque todos os outros dons divinos, por mais valiosos, nada valem sem o amor. Onde falta o amor não nos é imputado boa obra alguma — nem boa obra existe. Mas onde ha amor não pode ele existir só. É o amor que tudo vence, sem o qual tudo é sem valor, e que, onde quer que exista, tudo atrai a si. 17)

Tudo isso opera em nós a "graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso", não por ensinamento externo, não por simbolos sacros ou exemplos, mas pelo Espirito Santo, pelo qual foi em segredo "derramado o amor em nos-

so coração" (Rm 5,5), amor que "suplica com gemidos inexprimiveis" (Rm. 8,26).

Deveras, eximio dom de Deus é o amor. Fez com que fosse amado. Amava antes que amado fosse — e nós, como poderiamos amar se primeiro não fossemos amados? Por isso nos amou ele antes que amaveis fossemos, para que algo houvesse em nós pelo que lhe fossemos agradaveis. Foi Deus que em nós criou o amor — "e viu que tudo era bom" (Gn. 1,4). 18)

O amor — seja de que especie for — tem sempre uma força vital criadora. Não consegue ficar ocioso e vacuo no homem que ama; sempre impele, sempre conduz. O que ha de duro nos mandamentos torna-o suave o amor: "Meu jugo é suave e meu peso é leve", diz nosso Senhor (Mt. 11,30). Quem ignoraria quão estupendas coisas produz o amor — e até muitas vezes o amor sensual e pecaminoso? Que grandes tormentos teem os homens suportado, que coisas indignas e intoleraveis teem tolerado para atingirem o alvo do seu amor! Quer seja a ansia do dinheiro que domina o cobiçoso; quer seja o desejo de honras que arrasta o ambicioso; quer seja a formosura do corpo que fascina o sensual — quem poderia enumerar todas as variedades de amor? — o que ha de comum a todos os que amam é que se sujeitam a fadigas sem as sentir, e querer dissuadi-los das suas canseiras é duplicar-lhes o tormento.

O homem é o que é seu amor.

O que importa é que seu amor seja um amor de boa escolha.

Que admira que um homem que segue a Cristo, por amor dele renuncie a si mesmo?

Deveras, se um homem se perde por se amar a si mesmo — será salvo, por sair de si proprio.

Tudo quanto ha de sobrehumano, de terrivel — o amor o torna facil, redú-lo quase a nada. "É dificil" — eis uma palavra de que se envergonha o amor. Amor não

conhece trabalho — se é que não ama o proprio trabalho. Se o poeta diz: "Trahit sua quemque voluptas" (Virgilio) — é cada um atraido pelo proprio desejo — não é a necessidade, mas o instinto, não a coação, mas a inclinação é que o atrae; e com quanto mais razão não diriamos que é "atraido" para Cristo o homem que goza a verdade, que goza a justiça, que goza a vida eterna e beatifica — e tudo isso é o Cristo. Ou teriam apenas os sentidos a sua satisfação, e não teria tambem o espirito o seu prazer correspondente? Se assim fosse, porque então estaria escrito: "Serão os filhos dos homens amparados á sombra das tuas asas, Senhor, serão inebriados da abundancia da tua casa e saciados das torrentes das tuas delicias, porque em ti está a fonte da vida e em tua luz contemplaremos a luz"? (Sl. 35,8)

Imagina um amante — ele entende o que estou dizendo.

Imagina um faminto, imagina um viajor em pleno deserto desta vida, sedento e suspirando pelo manancial da vida eterna — e sabes o que quero dizer.

Mas, se eu falar a um homem frio — esse não me entende.

Não receies, pois, que contra a tua vontade sejas atraido. Tambem o espirito tem o seu amor, que o atrae. 19)

Amor é vigor. Amor é refrigerio. Amor é fruto delicioso. Amor é beleza. Amor é delicia. Amor é alimento. Amor é bebida. Amor é manjar. Amor é amplexo sem nausea. Se tamanha é a beatitude que ao peregrino dá o amor — de que delicias transbordará o amor na patria!

Pelo que, meus irmãos, procurai o amor, o vinculo suave e salutar dos espiritos, sem o qual é pobre o rico, com o qual é rico o pobre.

O amor é paciente no infortunio, comedido na felicidade, forte no sofrimento, alegre em vigorosa atividade,

firme na tentação, magnanime na hospitalidade, sobremaneira feliz entre irmãos verdadeiros, sobremaneira paciente entre falsos irmãos; amor é em Abel a fragrancia do sacrificio, em Noé a salvação do diluvio, em Abraão fiel em numerosas peregrinações, em Moisés manso no meio de muitos improperios, em Davi forte por entre muitas tribulações, casto em Susana, a mulher casada; em Ana, a viuva; em Maria, a virgem; desassombrado em Paulo para a censura; humilde em Pedro para a docil compreensão; humano nos cristãos para o *confiteor;* divino em Cristo para o *absolvo* — mas que de mais grandioso e completo poderia eu dizer do amor do que aquilo que o Senhor, pelos labios do apostolo, diz em seu louvor, apontando as excelsitudes do amor? "Se eu falasse a lingua dos homens e dos anjos, mas não tivesse a caridade, não passaria dum metal sonoro e duma campainha a tinir. Se tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os misterios e toda a ciencia, e se tivesse uma fé capaz de transportar montanhas, mas não tivesse a caridade — nada seria... A caridade tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre" (I Cr. 13,1-8).

Quão grande é, pois, o amor? É ele o espirito na letra, a virtude na profecia, a salvação nos sacramentos, o alicerce no saber, o fruto da fé, a riqueza dos pobres, a vida dos moribundos. Sereno por entre ultrajes, bondoso no odio, tranquilo na ira, inocente por entre insidias, gemendo no meio dos injustos, respirando na verdade. Que outra coisa teria a força que o amor tem: de esquecer em vez de vingar-se? Onde essa fé que o amor tem — fé não na estulticie, mas na verdade? Porquanto, tudo ele suporta na presente vida, porque tudo espera da vida futura. Sofre todos os atentados que contra o amor são cometidos cá embaixo — porque espera tudo que lá encima lhe foi prometido — e "não o acaba jamais" (I Cr. 13,8).

Ó amor, que sempre ardes — ó amor, que nunca te extingues — ó Deus, meu amor, vem inflamar-me! 20)

b) *Liberdade e etica no Novo Testamento*

O homem tem a faculdade de escolher entre o bem e o mal. Se Deus não nos tivesse dado o livre arbitrio, não haveria justo castigo para o mal, nem merecimento para o bem, nem preceito moral para a regeneração moral, nem remissão dos pecados, que Deus nos concede por Jesus Cristo, Senhor nosso. Pois, quem não peca voluntariamente não peca de forma alguma — como, por outro lado, ninguem pratica ato bom contra a sua vontade, embora seja bom o que ele pratica.

De tal modo governa Deus as suas criaturas que lhes permite tambem realizar e levar a termo movimentos proprios. 21)

Entretanto, se fizessemos consistir a liberdade tão sómente em querer e poder o homem fazer o bem ou o mal — Deus não seria livre. Has de conceder que tambem existe uma "necessidade feliz". Esta não nos oprime, mas enche-nos de alegria.

Obedecer ao preceito moral pela alegria que se sente em praticar o bem, isto é que é verdadeira liberdade.

Basta que exista a fé "que opera pelo amor", e não tarda a encher de alegria o homem interior pelo cumprimento da lei de Deus (Rm. 7,22). alegria não é presente da "letra", mas, sim, do "espirito", embora ainda exista nos membros "outra lei" que ainda "repugna á lei do espirito" (Rm. 7.23). Se pelo Espirito Santo que nos foi dado está o amor derramado em teu coração (Rm. 5,5), abraças com amor a lei de Deus, e tanto maior será a tua alegria. A lei deixará de ser para ti motivo de escandalo.

Quem serve por amor serve com liberdade. Faz com dedicação o que lhe foi ordenado — e já não faz com temor aquilo a que está obrigado.

Esta obediencia perfeita ignora o que seja lei. A lei da liberdade é a lei do amor. 22).

Nosso amor, meus irmãos, nos deveria tornar livres — livres do amor ás coisas terrenas. E' para Deus que ele deve correr desimpedidamente. Vêde o que ele nos prometeu: não são tesouros terrestres, não são honras, não é poder neste mundo, não é sequer saude corporal nem vida longa nem formosura externa — nada disto nos prometeu aquele que disse: "Quem crê em mim venha e beba: o brotar-lhe-ão do interior torrentes de agua viva" (Jo. 7,38). Vida eterna é que nos prometeu, vida sem temor nem inquietude nem separação nem morte.

Ó homem! desterra de ti a concupiscencia e bebe o amor. Tem coração reto e terás sempre alegria em Deus. Não busques salvação senão nele. Suplica-lhe: "Dize á minha alma: Sou eu a tua salvação" (Sl. 34,30).

Não procures recompensa temporal. Seria prova de viveres ainda sob a lei — cumprindo-a por esta razão. Se Deus te deu graça, dando de graça, ama-o tambem tu de graça. Não o ames por amor á recompensa — seja ele mesmo a tua recompensa. De coração reto procura o reino de Deus. Faze bem a todos e não penses em bens terrestres. Em Deus e de Deus tudo possuirás. "Desde agora e para sempre és tu a minha parte" — é assim que diz a alma amante. Escolham os outros as suas particulas como quiserem — a minha parte és tu!

Digo-vos, irmãos, compreendei por meio do amor conjugal entre os homens o que quer dizer possuir coração puro diante de Deus. Verdade é que são matrimonios entre homens. Mas não tem amor á sua esposa quem a ama por causa do dote. E não é puro o amor quando a espo-

sa ama o esposo pelo fato de lhe fazer presentes maiores ou menores. Muitos homens, porém, depois de votados ao ostracismo, experimentaram no infortunio o amor duma mulher pura e desinteressada. No infortunio é que se tem revelada a beleza de muitos matrimonios. Então é que os esposos mostraram que o seu amor era só do consorte, não o abandonaram, estreitando cada vez mais o vinculo da fidelidade. — Ora, se entre homem e mulher pode vigorar amor desinteressado, se podem amar com amor puro, que amor devemos ter a Deus, ele, o verdadeiro esposo da alma?

Ó homem, se amas e se teu coração palpita de saudades dele — nada desejes dele senão só a ele mesmo. Só ele te basta. E, por mais interesseiro que fosses — Deus te basta. 23)

7. — A GRAÇA

a) Graça e liberdade

Ninguem possue a liberdade de fazer o bem sem o auxilio da graça. De um modo oculto no intimo do coração atua esse auxilio e faz com que queiramos o bem e de boa mente o executemos.

Aquele bem unico pelo qual o homem é conduzido ao dom e ao eterno reino de Deus não lhe é comunicado sem a graça de Deus, a qual é concedida pelo unico Medianeiro entre Deus e os homens. Tudo o mais que entre os homens pareça de qualquer modo louvavel — embora te pareça ser verdadeira virtude, ato bom e isento de pecado — é esteril aos olhos de Deus e, neste sentido, deixa de ser bom. O amor de Deus é indispensavel para que a virtude seja salutifera. Verdade é que as aspirações eticas de certos pagãos — a sua sobriedade, o dominio de si mesmo, a castidade, temperança, fidelidade, desprezo da morte — são uma elevação para o sentimento moral e com razão recomendaveis á imitação. Mas, se o seu objetivo for humana vangloria, em vez dum alvo etico-religioso, será tudo isto completamente vão e, por assim dizer, esterilizado, e antes erro do que virtude, porque inchado de orgulho. Semelhantes obras fora da fé, afiguram-se-me como grande dispendio de forças e corrida fora do caminho.

Certamente, não conseguem as más tendencias do coração humano turvar e apagar a tal ponto a imagem de Deus que dela não fiquem ao menos os contornos externos, se assim posso dizer; e por isso dizemos com razão que os gentios, mesmo na sua vida longe de Deus, cumprem até certo ponto e aquilatam devidamente a lei. Entretanto, embora não censuremos essa atitude, mas antes a reconheçamos com justiça e equidade — contudo, á luz do fim ultimo, mal se encontra entre eles o que satisfaça a justiça assim como deveria ser. 1)

Diz Jesus Cristo: "Sem mim nada podeis fazer. Ninguem possue coisa alguma que não lhe seja dado do céu. Ninguem vem a mim se o não atrair o Pai que me enviou. Eu sou a videira, e vós sois as varas".

E' esta a sintese de sublime sabedoria para o homem: saber que de si mesmo nada é, e tudo o que é o é por Deus e para Deus.

Quando ouves a palavra "graça", entende dom gratuito. Graça é o que se dá de graça, como diz a palavra. O que recebes de graça, para isto nada contribuiste, não o mereceste. Se fosse dado por merecimento não seria graça, seria recompensa. 2)

Deves a tua justificação ao mesmo a quem deves o teu ser. "Pela graça é que fostes salvos, mediante a fé, e não pelas obras, para que ninguem se glorie" (Ef 2,8).

Andando na fé andamos na graça. Pois, por meio de que teriamos merecido isto? por que obras precedentes nossas? Ninguem se lisonjeie. Entre em sua conciencia, perscrute os intimos refolhos dos seus pensamentos e considere a serie das suas obras...

Foi, pois, esta a primeira das garças que o pecador recebeu: o perdão dos seus pecados. Que teria por eles merecido? Interrogue a justiça — e encontrará castigo. Interrogue a misericordia — e encontrará graça.

Por conseguinte, és obra de Deus, não apenas como homem, mas tambem como justificado. Mais vale ser justificado do que ser homem. Verdade é que, se Deus te fez homem — justo te fazes tambem tu. Quer dizer que tu fazes coisa maior que Deus? Deus te criou sem ti; mas aquele que sem ti te criou não te justifica sem ti. Criou o inconciente —e justifica o volente. Ir e chegar não é outra coisa senão querer ir — querer, naturalmente, com decisão e vigor.

E, no entanto, é Deus que te justifica, para que não fosse tua a justiça. Pois, é Deus que em nós opera isto, de chegarmos a querer; e, quando queremos vigorosamente, coopera conosco.

"Pela graça é que fostes salvos"...

Compreenda quem puder, avalie quem for capaz: se é obra maior fazer justos do que justificar injustos. Ainda que um e outro revele o mesmo poder — não deixa o segundo de revelar maior misericordia. 3)

Mas a graça dada por Cristo não se limita ao perdão dos pecados, senão tambem no auxilio que nos possibilita a observancia da lei. E senão, quem poderia crer de um modo salutifero a não ser o homem cuja fé opera pelo amor? Ora, o fato de o amarmos é graça de Deus. Foi ele que fez com que fosse amado. E ele amava antes que fosse amado. Nós só amamos "porque ele nos amou primeiro" (I Jo 4,10). "Assim como meu Pai me amou, assim tambem eu vos tenho amado — permanecei no meu amor" (Jo. 15,9).

Vêde, pois, donde nos veem as nossas boas obras. Donde as teriamos senão daí, de operar a fé pelo amor? Deus faz no homem muita coisa boa que o homem não faz — mas o homem não faz coisa boa alguma que Deus não faça — para que o homem o possa fazer. Deus socorre a fragilidade da vontade humana, conduzindo o homem

invariavel e invencivelmente, de modo que, não obstante a propria fraqueza, não desfaleça nem seja derrotado por potencia adversa. 4)

E, finalmente, coroa Deus em nós as obras da sua misericordia, quando perseveramos na graça que recebemos.

Por conseguinte, desde o inicio da sua metamorfose interior até á sua ultima perfeição deve gloriar-se no Senhor todo o homem que se quiser gloriar. Na graça da fé é que foste justificado mediante a fé, porquanto, "o justo vive da fé" (Rm. 1,17). Por uma vida á luz da fé merecerás a Deus. E quando, por uma vida á luz da fé, tiveres merecido a Deus, então receberás como premio a imortalidade e a vida eterna — e tambem isto é graça. Pois, por que merecimento recebeste a vida eterna? Pela graça. Porquanto, se a fé é graça, e a vida eterna como que o premio da fé, parece que Deus concede a vida eterna como que um debito — mas a quem a deve ele? Ao crente que pela fé a mereceu — mas a propria fé é graça. Segue-se que a vida eterna é graça por graça. 5)

Portanto, não ha merecimentos nos justos?

Sim, *ha* merecimentos porque ha justos — mas não *havia* merecimentos para que justos houvesse. O proprio merecimento do homem é dom imerecido. Ninguem merece receber do Pai das luzes, do qual vem todo o bem, algo de bem; recebe apenas o que não mereceu. Se, pois, Deus coroa os nossos meritos, que outra coisa coroa ele senão os seus proprios dons? E, se um homem enumerasse diante de Deus os seus meritos, que outra coisa enumeraria ele senão os dons de Deus?

Enquanto somos bons, o somos dele e por ele; sómente enquanto somos maus, o somos por nós mesmos. Procuras merecimentos por pecados? Que outra coisa te adviria senão castigo? Esquece, pois, os teus "merecimentos",

para que não te encham de horror — ou antes, para não suplantares com a tua vaidade a bondade de Deus. 6)

Mas, quem sabe se com a graça aniquilamos o livre arbitrio? Absolutamente!

Pela graça vem á alma a cura do mal do pecado. Pela cura da alma vem a (nova) liberdade da vontade. Pela liberdade da vontade vem o amor á justiça. Pelo amor á justiça vem o cumprimento da lei.

A vontade está em nosso poder; por isso é que somos livres. Graças ao livre arbitrio, pode o homem decidir-se pelo bem tornando-se arvore boa — e pode decidir-se pelo mal, tornando-se arvore má. Este livre arbitrio não se destroi pelo advento do auxilio divino; mas é precisamente "auxilio" por não ser destruição. Quem diz a Deus: "Socorre-me" (Sl. 26,9), confessa-se, por um lado, disposto a cumprir o que foi mandado, e, por outro, se confessa necessitado daquele que mandou. 7).

Quem dentre nós ousaria afirmar que, pelo pecado do primeiro homem, pereceu no genero humano o livre arbitrio? Pereceu, sim, pelo pecado a liberdade — aquela liberdade que existia no paraiso: a plenitude da justiça unida á vida imortal. E' por isso que a natureza humana necessita da graça divina: "Ninguem vem a mim se o não atrair o Pai que me enviou" (Jo 6,44).

Talvez que diga alguem: "Logo, não operamos nós mesmos, mas somos impelidos".

Não é tanto assim. Operas — e és impelido. Então é que operas bem quando és impelido por Aquele que é o Bem. O espirito de Deus, que te impele, é que auxilia a tua obra. O seu nome "auxiliador" bem insinua que tambem tu operas. Procura conhecer o que confessas quando oras: "Sê meu auxiliador, não me abandones" (Sl. 26,9).

"Não eu, mas a graça de Deus comigo" (I Cr. 15, 10) — quer dizer: não eu sózinho, mas a graça de Deus e

eu. Portanto, nem só a graça nem só eu — mas "a graça de Deus comigo". 8)

Filho de Deus é aquele que sabe de quem deve esperar o que ainda não possue — não aquele que a si mesmo atribue o que possue. Certamente, queremos quando queremos; mas quem faz que queiramos é Deus. Sabe a lei mandar — sabe a graça auxiliar. Não mandaria a lei se não houvesse vontade — e não auxiliaria a graça se bastasse a vontade.

Somos mandados ser ajuizados — e, no entanto, oramos para ter juizo.

Somos mandados ser sabios — e oramos para alcançar sabedoria.

Somos mandados ser continentes — e oramos para ter continencia.

Assim como por esses mandamentos conhecemos a existencia da vontade, assim pela oração conhecemos a graça.

Quem, portanto, quiser cumprir a lei lembre-se da graça. Deus não manda nada de impossivel: pelo mandamento te exorta a fazer o que podes e a pedir o que não podes. Deus dá o que manda, facultando áquele ao qual manda a execução do bem. 9)

A lei tem que ver com o temor — a graça com a esperança.

A lei aterra aquele que em si confia — a graça ajuda a quem confia em Deus.

Pois, o que diz a lei? Coisa muita, muitissima. Quem o poderia enumerar? Limito-me a mencionar um pequenino e modesto mandamento, lembrado pelo apostolo — pequenino mesmo: "Não cobiçarás". Que vem a ser isto, irmãos? Acabamos de ouvir a lei — se a graça não ajudar, ouviste o castigo. Achas que não? Ora, vês o ini-

migo — luta, pois! liberta-te! afirma a tua liberdade! Abaixo com toda a insuflação! fora com toda a volupia! Arma-te; pois que tens a lei. Marcha, avante! vence, se puderes! — Venha, porém, um pouquinho da graça — e terás "alegria na lei segundo o homem interior" (Rm. 7,22). Grita, pois, por socorro. Estás no poder do inimigo. Tens um perseguidor — e não deixas de ter um auxiliador. Contempla-te ele em plena luta. Fortalece-te na tribulação — mas só se encontrar confiança; despreza ao orgulhoso.

Que gritarás, entregue ao poder do inimigo? — "Infeliz de mim!" Sim, brada isto do intimo da alma; brada com grande fé: "Infeliz de mim!" — infeliz porque sou, homem — "infeliz de mim! quem me libertará deste corpo mortifero?" Quem? talvez tu mesmo? que é das tuas forças? que é do teu glorioso orgulho? — Eis aí um homem temerario que se atirou á luta — e não conseguiu vencer! Caiu vencido, derrotado, subjugado, preso. Aprendeu a curvar-se diante de Deus — resta que a graça de Deus ajude a quem nele confia. "Quem, pois, me libertará deste corpo mortifero?" exclama o crente. "A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor" (Rm. 7,24 s).

Eis aí a suavidade. Prova-a. Saboreia-a. Ouve o Salmo: "Provai e vêde quão suave é o Senhor" (Sl. 33,9). Tornou-se-te suave aquele que te libertou.

Ou não poderias tu o que puderam tantos homens e tantas mulheres? Puderam-no eles por força propria? não é antes Deus que neles opera? porque te apoias em ti mesmo? assim não tens firmeza. Apoia-te no Senhor e não temas. Ele não se retrairá quando vieres a cair. Lança-te a ele, sem reserva — ele te aparará em suas mãos e te salvará. Entrega-te a ele — e serás um homem de bem. Entregar-se á fé e ás promessas de Deus é ser bom. 10)

b) Eleição

"O Senhor conhece os seus" (2 Tm. 2,19). Conhece os prescitos, os predeterminados. Pois que dele está escrito: "Aos que dantemão conheceu tambem os predestinou para se assemelharem á imagem de seu Filho, para que este seja o primogenito entre muitos irmãos. E aos que predestinou tambem os chamou. E aos que chamou tambem os justificou. E aos que justificou tambem os conduz á gloria" (Rm. 8,29 ss).

O Senhor conhece os seus. São estas as suas ovelhas. Estas, ás vezes, não se conhecem a si mesmas. O pastor, porém, as conhece, consoante aquela predeterminação, aquela preciencia, consoante a eleição das ovelhas "antes da criação do mundo" (Ef. 1,4).

Consoante esta preciencia, consoante esta predeterminação de Deus — quantas ovelhas não andarão "lá fora", e quantos lobos não estarão "cá dentro"? Que quer isto dizer: "Quantas ovelhas haverá lá fora"? E' isto: Quantos, que agora levam vida dissoluta, serão um dia castos! quantos, que agora blasfemam a Cristo, hão de um dia crer em Cristo! Quantos beberrões existem que um dia serão amigos da temperança! Quantos ra que agora roubam o alheio, e um dia darão o que é deles! Agora atendem a uma voz estranha, agora seguem um estranho. Da mesma forma, ha cá dentro homens que agora louvam — e hão de um dia blasfemar; ha castos — que serão devassos; ha sobrios — que serão beberrões; estão em pé — os que um dia cairão. Estas não são ovelhas — aquelas, sim. "Quem perserverar até ao fim será salvo" (Mt. 10,22) 11).

Porque é que, de dois pequenos nascidos no pecado original, um "é admitido, e o outro deixado de parte"? (Mt. 24,40). Porque é que, de dois homens que se acham longe de Deus, um é chamado e o outro não é chamado ou é chamado de modo a não seguir?

Inescrutaveis juizos de Deus!

E porque é que, de dois homens piedosos, a um é dada a perseverança até ao fim e ao outro não?

Juizos de Deus ainda mais inescrutaveis!

Entretanto, compadeça-se, consoante a sua bondade, o Deus onipotente de quem quiser; ou endureça, consoante a sua justiça, a quem quiser — não comete injustiça alguma, não faz nada sem a vontade, e faz tudo o que quer. Deus não faz a má vontade, mas serve-se dela como quer. Quem não glorifica a Deus praticando o bem que beatifica, glorifica-o sofrendo a miseria. Se não o glorificar praticando o que deve glorificá-lo-á sofrendo o que deve. Deus executa a sua propria lei para sua gloria, executa-a quer no castigo, quer no premio. Teve pelo melhor que tudo fosse assim como é; e toda a alma, seja no caminho do bem, seja no contrario, contribue, em qualquer hipotese, para a divina beleza e ordem do universo. 12)

"Entretanto — dizes — penaliza-me que este se perca enquanto aquele se salva. Penaliza-me como homem". Direi a verdade: tambem a mim me penaliza, porque tambem eu sou homem. Mas, se somos homens, ambos ouçamos aquele que disse: "Quem és tu, ó homem, para contenderes com Deus? pode acaso o artefato dizer ao artifice: Porque me fizeste assim?" (Rm. 9,20). Se o novilho dissesse a Deus: "Porque me fizeste animal e não homem?" — não sentirias em ti uma justa indignação e dirias: "Ó novilho, que és tu para pedires contas a Deus?" — Tu és homem, sim, mas aos olhos de Deus não passas dum novilho — oxalá, sejas novilho dele, ovelha do seu rebanho!

Meus irmãos, não nos enfatuemos por sermos alguma coisa — e por mais que sejamos, não nos enfatuemos, sob pena de, talvez, perdermos o que recebemos. Antes,

pelo contrario, demos a Deus gloria e ação de graças pelo que recebemos.

Perversos são aqueles que não teem coração reto, que se congregam para discutir como é que Deus devia ter feito as coisas. Verdade que nem sempre é facil renunciar ao proprio parecer. Mas lembra-te quem está acima de ti. Vai entre a vontade divina e a vontade humana a mesma distancia que vai de Deus ao homem. Quem se prostra aos pés de Deus Deus o levanta — mas quem se ergue contra Deus Deus o prostra em terra.

E' este o sentido do misterio: trata com reverencia o que ainda é oculto ao teu conhecimento. Sê tanto mais reverenes quanto mais espesso for o véu. 13)

Homens perversos que somos, quiseramos a Deus tão misericordioso que deixasse de ser justo. Outros talvez, confiando temerariamente na pretensa justiça pessoal, o quiseram tão justo que deixasse de ser misericordioso. Entretanto, Deus é isto e aquilo, e prova ambas as coisas: a sua misericordia, perdoando agora ao pecador e poupando o penitente — a sua justiça, no dia do juizo, que Deus adia, mas não deixa de parte, e, quando vier, retribuirá segundo o merecimento. Daria sorte igual aos perversos e aos conversos? Parece-vos justo, meus irmãos, que Judas seja nivelado a Pedro?

Premio e castigo são igualmente eternos. Não que ele tivesse prometido coisa eterna aos seus e cominado coisa temporaria aos impios, não; assim como aos santos prometeu vida eterna, beatitude, o reino, a herança sem fim, assim ameaçou com fogo eterno aos reprobos. Se é que ainda não amamos o que prometeu, temamos ao menos o que cominou.

"Misericordioso e verdadeiro é o Senhor" — assim é que está escrito (Sl. 101,8). Congratulam-se todos os pecadores e mundanos pelo fato de ser Deus "benigno e

misericordioso", pelo fato de ser "longanimo e cheio de misericordia". Mas, se te apraz essa benignidade — lê com terror que tambem está escrito: "e verdadeiro" (Sl. 85,15). Exultemos pela misericordia do Senhor — mas não deixemos de temer os seus juizos. Poupa enquanto cala — mas "não calará para sempre" (Is. 42,14).

Ha quem se iluda a si mesmo dizendo: Que Deus não nos ameace, que não nos avise por meio de seus profetas nem aterre os homens! que a todos conceda indulgencia antes que venha, que a todos perdoe para não condenar a ninguem quando vier!" Aí está: quem é injusto quisera ver a Deus tambem injusto. Deus, te quer á sua imagem — ao passo que tu quiseras fazer a Deus segundo a tua imagem. Compraze-te em Deus assim como ele é — e não como quiseras que fosse. 14).

*

* *

Encerra o coração humano misterios ocultos ao proprio homem. Na tentação é que se revelam esses misterios e surgem á luz do dia. O homem é para si mesmo um desconhecido — pois que aprenda a conhecer-se na tentação!

Se Deus deixa de tentar deixa o mestre de ensinar.

Com a tentação não pretende Deus saber algo que antes ignorasse, mas, sim, que por meio da tentação — que é uma interogação de Deus — apareça ás claras o que dentro do homem andava ás escuras.

Antes que adquirisses dinheiro eras humilde. Enriqueceste — e agora desprezas os pobres. Tornaste-te pior porque já eras mau. Não sabias que já eras mau. Ignoravas como é que o dinheiro te pudesse fazer pior, e por isso pedias riquezas. Deus deu — Deus provou. Tu achaste — e foste achado. O demonio não seduz nem conquista

homem algum no qual não encontre uma ou outra semelhança consigo. Encontra alguem desejoso? esse desejo abre-lhe a porta, e o demonio entra, segredando tentação. Encontra a outro timido, e logo o estimula para fugir de todo daquilo que teme — assim como impeliu aquel'outro a desejar o que ás ocultas já andava namorando. E' por estas duas hortas, o desejo e o temor, que o demonio entra.

Oh! quantos misterios se ocultam na alma humana! quantos recantos obscuros! 15)

Pedro foi interpelado pela criada e negou a Cristo, uma vez. Interrogado pela segunda vez, tornou a negá-lo E, pela terceira vez, da mesma forma. Graças a Deus que não continuaram as perguntas! Se não houvessem cessado, ainda por muito tempo teria ele negado. Quando Pedro dizia: "Estou pronto a dar a minha vida por ti" (Jo. 13,37), ufanava-se da sua força futura. Mas, ainda que o homem soubesse o que é no momento em que fala — como poderá saber o que será amanhã? Por isso, quando, mais tarde, Pedro foi perguntado pelo Senhor ("Amas-me mais do que esses?", olhou Pedro para seu proprio interior e de coração confiante respondeu o que via em si: "Senhor, tu sabes que te amo" — e não ousou dizer nada mais. (Jo. 21,15 ss). 15)

Não poucos daqueles que não abandonaram a igreja são perfeitamente assim como se estivessem de fora. Bem assim são os que se comprazem em dignidades dentro da igreja; bem assim são os que na igreja procuram os seus interesses mundanos — não passam de palha seca; falta apenas o vento, e por isso não voam da eira; digamo-lo sem ambages: falta a tentação, senão voariam longe da eira.

Assim diz o Senhor: "Fui eu que te conduzi para mim. Fui eu que te guardei para mim. Não te faltasse

o sedutor — e serias adultero. Faltou-te o sedutor — porque assim o dispus eu. Faltaram-te tempo e lugar — e fui eu que assim o dispus. Ou, por ventura, apareceu sedutor? não faltaram tempo e lugar? Então foi minha ameaça que impediu o teu consentimento. Reconhece, pois, a graça daquele a quem deves mesmo aquilo que não cometeste. A mim é que deves o haveres encontrado perdão daquilo que cometeste — a mim é que deves agradecer por aquilo que não cometeste." — Porque todo o pecado cometido por um homem podia ser cometido tambem por outro, se Deus não o socorresse. 17)

Já chegou — quem sabe? — a hora terrivel que te colocou diante da alternativa: ou cometer injustiça ou sofrer. Talvez que teu coração comece a trepidar: "Não nos deixes cair em tentação"...

No "Padre-nosso", quando rezado pelos santos, não se pede quase outra coisa senão a perseverança.

"Se permanecerdes na minha palavra sois discipulos meus" (Jo. 8,31). Oxalá fiquemos nele e que ele fique em nós! Se nele não ficarmos cairemos. Longe do homem ficar em si mesmo — ele que se perdeu a si mesmo! Nós ficamos nele pela nossa miseria — ele fica em nós pela sua misericordia. 18)

Meu querido irmão, será que serias soberbo se não estivesses vazio? Se estivesses cheio — não andarias tão inchado.

Melhor um temor humilde do que uma confiança soberba. Mais agrada a Deus a humildade no pecado do que a soberba na virtude. Melhor um pecador humilde do que um justo orgulhoso.

Ai do homem cujo carro é conduzido pelo orgulho! Força é que seja lançado á morte e perdição. No trato com homens corrutos temos de temer todos os vicios — e no trato com homens de que praticam o bem temos de temer

ainda mais o orgulho. Grava isto em teu coração: dentre os soberbos pode haver quem se perca — dentre os pequeninos, os humildes, nenhum. "Se não vos tornardes como esta criança — diz nosso Senhor — não entrareis no reino do céu" (Mt. 18,3) 19).

Ha um "temor casto" (Sl. 18,10), e ha um "temor servil"; aquele, quando temes desagradar a Deus; este, quando temes as chamas infernais. O servo teme prevaricar com medo do castigo; mas, quando se julga longe da vista de seu senhor e sem testemunhas, peca; é que teme apenas o castigo, sem amar a justiça. Se, todavia, temesse a Deus como testemunha e se poudesse ouvir a Deus dizer-lhe: "Vejo-te pecar; desagrada-me; mas não te quero condenar" — temeria desagradar aos olhos de seu Pai (não digo, de seu justo juiz) e desistiria de pecar — não para escapar á condenação, ao castigo, ao tormento, mas para não perder as boas graças de seu Pai e desagradar áquele a quem ama.

"O amor perfeito expele o temor" (1 Jo. 4,18). Quando entra o amor afugenta todo o temor (servil). Mas o amor não entra desacompanhado: conduz consigo o *seu* temor e introdú-lo ele mesmo — o "temor casto" que permanece eternamente.

De maneira que existe um temor que é expulso pelo amor perfeito — e um temor, temor casto, que fica por todo o sempre. Daquele primeiro temor, que no amor não existe, é que falava o apostolo quando dizia; "Não recebestes o espirito da servidão para tornardes a viver em temor" (Rm. 8,15); ao passo que se referia ao temor casto quando dizia: "Não te ensoberbeças, mas teme" (Rm. 11,20). Aquele temor é escravo — este é livre. Se o temor fez com que não pecasses, o amor faz com que não queiras pecar, mesmo que o pudesses impune. Foi necessario que primeiro vencesse o temor para que dominasse

o amor. O temor é educador, e tem de ceder lugar para conduzir ao amor, que é o soberano.

E' ésta, em sintese, a diferença entre os dois testamentos: temor e amor. Aquele é proprio do homem velho; este, do homem novo — mas tanto ao temor como ao amor compete, segundo o plano da divina economia, tanto a primazia como a colaboração. 20)

Atende bem ao teu coração, se ele pode dizer do intimo: "Pai!" Se podes esperar tranquilo o dia do juizo, então está em ti o fogo do verdadeiro amor. Se te alegras em Deus — porque temes? Ninguem te pode arrebatar o teu Deus, se tu mesmo não o abandonares. Deus, que, por um só "mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo" (1 Tm 2,5) deu saude ao enfermo e vida ao morto; ele, que "justifica o impio" (Rm 4,5), conduzindo-o á saude perfeita, isto é, á vida verdadeira e á justiça — este Deus não abandona, se não for primeiro abandonado. 21)

Adere a ele. Confia nele. Invoca-o. Seja ele a tua força. Dize-lhe: "Em ti, Senhor, está a minha força". É ele que dá justiça, fé, piedade, amor —eis a tua riqueza. Este tesouro está dentro de ti. Alí não penetra ladrão, a não ser que a má vontade lhe faculte ingresso. Fortifica o baluarte de tua alma: a tua conciencia. Quem tem boa conciencia dorme mais tranquilo sobre a terra nua do que o rico sobre almofada de veludo. Canta em face das ameaças dos homens; canta o cantico que o Senhor te ensinou: "Em Deus é que ponho a minha confiança; não temo o que fazer me possa um homem" (Sl. 55,2.11). E' ele teu protetor na vida presente — será ele teu repouso na vida futura.

Deus é bom — e Deus é justo. Não esperes o reino de Deus da tua justiça — não peques confiando na sua misericordia. Duas coisas há que matam a alma: o des-

espero e a temeridade. Mata a esperança a uns, mata a desesperança a outros. Ninguem se angustie com a idéia de que não possa ser perdoado — e ninguem se embale numa falsa segurança.

Ha uma confiança boa e verdadeira, que nos liberta — e ha uma confiança falsa, que nos ilude. 22)

c) *Oração para implorar o auxilio de Deus*

Senhor, Deus meu, unica esperança minha — conheça eu a ti! conheça eu a mim!

Tu me conheces. Tu é que me julgas. Pois, se "ninguem sabe o que no homem existe senão só o espirito do homem que nele está" — há no mundo o que ignora o proprio espirito que nele está. Tu, porém, Senhor, tu o conheces cabalmente, tu, que o criaste.

Tu sabes a que tentações valho resistir e a que não. Eu é que não sei. Toda a minha esperança está em que "tu és fiel e não permites sejamos tentados acima das nossas forças". Tu é que conheces o meu vigor e o meu desvigor — conserva aquele, cura este!

Só na tua misericordia é que repousa toda a minha esperança. Dá o que ordenas, e ordena o que quiseres. Dá o que eu te possa oferecer, porque "sou misero e pobre"; tu, porém, és "rico para todos os que te invocam".

Se tu és a nossa força ha força de verdade. Se confiarmos na propria força somos fracos. Tu é que és o nosso Bem eterno; porque te voltámos as costas por isso é que nos tornámos maus.

A ti, Senhor, só te pode perder quem te abandona. E quem te abandona — para onde vai? Para onde iria senão do benigno para o irado? Segundo a tua lei encontrará ele o seu castigo.

Quando eu pecava e desprezava a tua lei — que é que merecia eu? que seria senão castigo? Tu, porém,

concedeste perdão a mim, pecador, déste-me o espirito da justificação, o amor, á luz do qual queres que tudo faça; e ainda por cima me déste a vida eterna e a sociedade dos anjos — e tudo isto por pura misericordia. Nada devo confiar nos meus merecimentos, porquanto tambem eles são dadiva tua. "Fundaste em mim a tua lei". Tu me és mais intimo do que o meu proprio interior. Gravaste em meu coração a tua lei, com o teu espirito, com o teu dedo, por assim dizer — não para que eu a temesse sem amor, como um escravo, mas para que a amasse qual filho em casto temor e a temesse com casto amor.

Tenho certeza, Senhor, e não duvido de que vive em mim o teu amor. Feriste o meu coração com a tua palavra, e comecei a amar-te.

Mostra-nos, pois, Senhor "mostra-nos a tua misericordia". Bem-aventurado aquele a quem mostrares a tua misericordia. Então verá ele que tudo o que ele tem de bom vem de ti, que és todo o nosso Bem. Se o homem conhecer isto não se ensoberbece. E se não se ensoberbecer não se exalta. E se não se exaltar não cai. E se não cair fica em pé. E se ficar em pé adere a ti. E aderindo a ti permanece em ti. E, permanecendo em ti, te goza e rejubila em ti, o Senhor, seu Deus. 23).

8. — DA ORAÇÃO

a) Preparação da alma.

Só no recolhimento duma vida oculta é que poderei gozar e amar a beatitude da verdadeira felicidade. Acredita-me, amigo, que tenho necessidade de me distanciar da lufa-lufa dessa vida fugaz, para fugir duma aspereza que não é coragem, para não sucumbir ao orgulho e á superficialidade. No recolhimento, porém, me sobrevem aquela alegria genuina e profunda, que nada tem de comum com aquilo que, geralmente, se chama alegria.

E não seria essa vida um postulado da natureza humana? Como se explicaria, aliás, esse sentimento de serenidade e segurança? E porque é que ele cresce na razão direta da adoração que o homem faz a Deus no intimo recesso do seu espirito? E porque é que, mesmo depois de sair desse santuario para os negocios quotidianos, perdura dentro do homem essa paz da alma que aí saboreou?

Entra no teu intimo! Não vás para fora — entra em ti mesmo! No homem interior aí é que habita a verdade. E, se em ti mesmo encontrares mutabilidade, sobe para cima do proprio Eu, sobe para onde se acende a luz do espirito — lança-te para essa região. E, se tiveres fé, lá me encontrarás (diz o Senhor).

Ha alguem que atende — não hesites em suplicar. Eis que mora em teu interior aquele que atende. Não dirijas os teus olhos para um monte. Não levantes o semblante

ás estrelas, nem ao sol, nem á lua. Não cuides ser atendido pelo fato de orares sobre o mar. Não, foge desse modo de orar. Entretanto, "Deus se aproxima de todos os que teem o coração contrito" (Sl 33,19). Se te rebaixares se abaixará Deus até onde estás. Estava o publicano "ao longe" (Lc. 18,13) — e tanto mais perto dele estava Deus. Nem sequer ousava erguer os olhos ao céu — e já estava com ele quem o céu criou. Ama-o — e ele está perto de ti. Ama-o — e ele habita em ti.

No recesso da alma racional, bem no homem interior, aí é que deves procurar e implorar a Deus; é aqui que ele quis habitar. Os homens clamam — ele, porém, ensina no silencio. Os homens falam com palavras sonoras — ele, porém, fala com pensamentos de discreto misterio. Quais setas são as suas palavras; não sangram em dores, mas ateiam incendios de amor. 1)

No meio da multidão é dificil ver a Cristo. Faz-se mister certa solidão em nosso espirito. Numa como que visão oculta é que o contemplamos. A turba-multa profana impede-nos de ver a Jesus.

Solidão interior é a conciencia, solitude profunda, onde não pisa o pé nem penetram olhos humanos. Cheios de fé, habitemos nesta solidão. 2)

De muitos modos nos fala Deus. Ora fala por meio de feitura de mão humana, por exemplo, o livro das Sagradas Escrituras; ora fala mediante um sinal da criação, como falou aos magos por uma estrela. Fala por meio da sorte, como na eleição de Matias, quando ia ser sagrado em lugar do traidor; ou fala pelo espirito dum homem, como falou pelos profetas; ou fala pelos anjos, como sabemos ter falado a patriarcas, profetas e apostolos. Fala pelas vozes ou pelos sons de suas criaturas, pois lemos que ecoaram vozes do céu quando ninguem via coi-

sa alguma — e, finalmente, fala Deus ao espirito do homem, não exteriormente pelo ouvido e pela vista, mas interiormente no coração; fala de modos varios: em sonhos, como a Labão e Faraó; em extase do espirito, como a Pedro na oração, quando lhe foi revelado por um simbolo celeste o grande numero dos fieis vindos do paganismo — e, por fim, fala Deus sem meio algum, puramente ao espirito, quando o homem atinge a majestade e a vontade de Deus. Porquanto, tal coisa só acontece quando ecoa no interior do homem, por assim dizer, o silencioso clamor da propria verdade.

Por toda a parte chama Deus para a santificação, por toda a parte chama ele para a penitencia. Chama por beneficio terrestre, chama pelo prolongamento da vida, chama pela leitura, chama pela prédica, chama pelo pensamento mais secreto, chama por meio de aspera censura, chama por meio de celeste consolação, "longanimo e cheio de misericordia" (Sl. 102,8).

Não é com palavras, não é com letras que a verdade costuma falar; aos corações atentos ela fala no interior, ensinando sem ruido de som, iluminando com a luz do espirito — não pela sonoridade da lei e da doutrina, mas, sim, por uma potencia interna, oculta, maravilhosa, inefavel, é que Deus opera nas almas humanas. E não só opera verdadeiras revelações, mas tambem a boa vontade. 3)

b) *Calar e falar*

A oração é um clamor da alma, e não da voz ou dos labios. E' no intimo que soa este clamor — e Deus o ouve.

Pela fé, pela esperança, pela caridade é que oramos com incessante saudade. Em certos tempos e horas, é verdade, oramos tambem com palavras para que mais se in-
por assim dizer, as saudades das coisas celestes, e se volte

te dos outros negocios e cuidados que em nós arrefecem, por assim dizer, as saudades das coisas celestes e se volte para o negocio unico da prece. As palavras teem o fim de nos manter despertos para que não deixemos de fitar o alvo que demandamos, para que não esfrie o que começou a esquentar e não se apague o que de continuo tem de ser acendido.

De maneira que não é de forma alguma repreensivel ou inutil empregar muito tempo na oração, suposto que não sofram detrimento outros trabalhos obrigatorios — ainda que no proprio trabalho devamos "orar sempre", por meio de ardentes desejos da vida eterna.

Orar por largo tempo não quer dizer fazer "muito palavreado", como pensam alguns. Uma coisa é fazer muito palavreado, e outra coisa é viver em continua devoção. Do proprio Cristo diz a Escritura que passava noites em oração e nelas orava com especial fervor. 4)

Falar muito na oração é lembrar desnecessariamente o necessario — ao passo que *orar* muito é bater, com o espirito perenemente piedoso, á porta daquele ao qual oramos. E isto se faz antes suspirando do que discursando, antes chorando do que falando. Nosso Senhor não quer que rezemos com muito palavreado: "Vosso Pai celeste bem sabe de que haveis mister" (Mt. 6,8). Ele só quer a tua oração afim de poder dar em virtude do teu desejo o que dá, para que não te seja indiferente. O que lhe agrada é o teu desejo. Quanto mais intenso o anseio tanto mais abundante o seu cumprimento.

Lemos dos irmãos (monges) do Egito que rezavam assiduamente, mas com brevidade, como que atirando setas, para que o arco do espirito não afrouxasse por diuturna tensão. Ensinam-nos com isto que não se deve desgastar o ardor do coração, quando durar não pode, nem tão pouco interrompê-lo quando em plena atividade. Não de-

genere em palavrorio a prece, mas não faltem petições assiduas enquanto lavrar o ardor da alma. Procura, pois, orar com a maior brevidade e com a maior perfeição possivel. 5).

A saudade ora sem cessar, ainda que se cale a lingua. Perene saudade é oração perene. Se em ti ficar o amor, sempre orarás, terás saudade perene.

Quantos ha que clamam com a voz — e são mudos no coração! Mas tambem, quantos ha cujos labios calam e cujo coração brada com santa devoção — e Deus os ouve.

Muito amor, não muitas palavras — seja esta a tua oração.

Bondade, amor, piedade, inocencia do coração, modestia, dominio sobre ti mesmo — são coisas que deves possuir sempre: na vida publica e na solidão, no meio dos homens e a sós contigo em casa, na conversa e no silencio, no trabalho e no repouso, sempre deves conservar estas coisas — e tudo isto está por dentro. 6)

Tua oração é um hino — cuidado que não desentoes o cantico por uma vida má! "Cantai ao Senhor... Cantai-lhe um cantico novo" (Sl 149,1) — mas não contradiga a vida á confissão da lingua. Cantai com o coração, cantai com a boca, cantai tambem com os costumes. Vós mesmos deveis *ser* o que cantais: vós mesmos deveis ser o louvor de Deus, vivendo santamente. 7)

c) *Mendigos de Deus.*

Todos nós, quando oramos, somos mendigos de Deus.

Estamos diante da porta do grande pai de familia para receber algo.

E esse *algo* é Deus mesmo.

E' proprio do homem pedir ao Senhor toda a especie de coisas mundanas, em vez dele mesmo — como se maior felicidade pudesse dar aquilo que ele dá do que o proprio doador.

Pergunta a um rico: Invocas a Deus — porque? — "Para que me dê fortuna". Portanto, não invocas a Deus, mas, sim, a fortuna. Invocas o que amas. Se invocas a Deus para que alcances dinheiro, herança, dignidades profanas, são essas coisas que invocas. E, porque as não podes ter por meio de teu servo, teu administrador, teus empregados, amigos, auxiliares, por isso é que invocas a Deus — fazes a Deus servente de tua fortuna; ele mesmo pouco te interessa. 8)

E' bondade do Senhor negar-nos muitas vezes o que queremos, para que recebamos o que querer deveriamos. Por sinal que muitos se tornaram piores depois de receberem o que desejavam do que quando não o possuiam. Tambem os demonios foram atendidos segundo o seu desejo, foi-lhes concedido o que pediam: entrar nos porcos (Mt. 8,28 ss). Segundo o seu desejo foi tambem atendido o principe dos demonios: pediu permissão para tentar a Jó, e não lhe foi negada (Jó 1-2). Segundo o seu desejo foram atendidos os judeus: ainda estavam com a comida na boca, quando — sabes o que então aconteceu (Nm. 11, 33). Deus talvez na sua ira te concede o que pedes — ou na sua bondade te nega o o que alcançar quiseras.

Ha duas especies de bens: temporais e eternos. Dos bens temporais fazem parte saude, fortuna, honras, amigos, casa, esposa, filhos — e tudo o mais que encontramos na peregrinação da vida presente. Dos bens eternos fazem parte, antes de tudo a propria vida eterna; além disto, a transfiguração do corpo, a sociedade dos anjos, os foros de cidadãos do céu.

Anelemos, com todas as veras da nossa alma, pelos bens eternos! Com todas as nossas potencias procuremos

o que é eterno! Peçamos confiadamente o que é eterno! Bens eternos só podem fazer bem, nunca podem fazer mal. Os bens temporais, ás vezes fazem bem, ás vezes mal. A uns faz mal a pobreza, a outros a riqueza. Uns ganham com uma vida oculta e perdem com altas honrarias — ao passo que outros aproveitam com fortuna e dignidades. Os bens de fortuna redundam em proveito a quem deles fizer bom uso, e redundam em prejuizo a quem fizer mau uso. Podemos, por conseguinte, pedir bens temporais, porém com discreção: na convicção de que, se os recebermos, são dados por aquele que sabe o que nos convem. 9)

"Se ficardes em mim, e se minhas palavras ficarem em vós, pedi o que quiserdes, e ser-vos-á dado" (Jo. 15, 7). Pois, se ficarmos em Cristo, como poderiamos querer senão o quem harmoniza com Cristo? que poderiamos querer, se nele ficarmos, senão o que convem á nossa salvação?

A sua palavra, porém, fica naquela oração que ele nos ensinou, quando dizemos: "Pai nosso, que estás no céu..."

Das palavras e do espirito desta oração não nos distanciemos, quando orarmos, e tudo o que pedirmos nos será concedido. Temos a liberdade de pedir o mesmo com outras palavras; mas não peçamos outra coisa senão o que está nesta oração. Se, portanto, alguem, orando, dissesse, por exemplo: "Senhor, aumenta as minhas riquezas", ou: "Faze-me prosperar como fulano ou sicrano", ou ainda: "Faze-me conquistar honras, glorias e prestigio", e coisas quejandas — se assim falasse o homem, interesseiro e cobiçoso, e não com o desejo de agradar a Deus e ser util a seus semelhantes, esse, é certo, dificilmente, encontraria no "Padre-nosso" o que harmonizasse com os seus gostos. Envergonhar-se-ia se tal pedisse, se não se envergonhasse de desejar coisas dessas. 10)

Talvez que desejes saber por que razão diz o apostolo: "Não sabemos o que seja pedir ás direitas" (Rm. 8, 26). A minha opinião é esta: Sofrimentos e tribulações temporais redundam quase sempre em proveito nosso, seja para curar o inchamento do nosso orgulho, seja para provar a nossa paciencia, seja para castigar e extinguir quaisquer pecados. Nós, porém, que ignoramos quel seja a utilidade disto, desejariamos ver-nos livres de todos os sofrimentos. Mas nem o proprio apostolo estava livre dessa ignorancia: para que "não o ensobecesse a magnitude das revelações", foi-lhe posto "na carne um anjo de Satanás" para que o esbofeteasse. Tres vezes pediu ele ao Senhor que o libertasse — não sabia por que se devia pedir para orar ás direitas. Finalmente ouviu por que é que Deus não lhe atendia o desejo: "Basta-te a minha graça; porque a virtude se aperfeiçoa da fraqueza" (2 Cr. 12, 9). Nessas tentações, portanto, que tanto podem ser de proveito como de prejuizo, não sabemos o que pedir ás direitas, e uma vez que elas são duras e penosas, segundo a natural fraqueza da nossa vontade, delas quiseramos ser libertados. Entretanto, deve a nossa confiança em Deus nosso Senhor preservar-nos do pensamento de nos julgarmos dele abandonados no caso que ele não nos trate segundo a nossa vontade. Repletos de santa paciencia, deveriamos antes erguer a mente a ideais superiores, para que "a força se aperfeiçoe na fraqueza" (2 Cr. 12,9).

Pelo que, irmãos meus, rogo-vos e exorto-vos no Senhor: Nunca peçais algo determinado, em se tratando de coisas temporais; mas, sim, aquilo que, segundo a ciencia de Deus, vos é vantajoso. Ignorais em absoluto o que seja bom para vós.

Ha de o nosso amor libertar-nos do amor a este mundo, para que, desimpedidos, possamos correr a Deus. Aqui é nascemos e aqui morreremos — não é aqui a séde do nosso amor. Emigremos daqui, por amor, afim de ha-

bitarmos no amor lá de cima, naquele amor que vive no amplexo de Deus. Tesouros pereciveis, honras e poderes mundanos, bem-estar corporal, vida longa, formosura fisica — nada disto prometeu Deus. E' maior o que ele nos quer dar, imensamente grande. "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus preparou áqueles que o amam" (1 Cr. 2,9).

E esta coisa grande abraçá-la-emos tanto mais estreitamente quanto mais confiadamente nela crermos, quanto mais firmemente a esperarmos, quanto mais intimamente a desejarmos. 12)

d) Na atmosfera da Divindade

Uma vez chegada áquela fé "que opera pelo amor", deseja a alma tambem, mediante uma vida reta, chegar áquela visão em que a vida dos santos perfeitos encontra a sua beleza inefavel, lá onde o olhar se fixa, com indefectivel serenidade, no objeto da sua contemplação.

Na razão direta que morrermos para o mundo chegaremos á visão de Deus. Enquanto vivermos para o mundo não veremos a Deus. 13)

E' na solidão que brotam os mananciais do espirito. Fontes celestes jorram no coração do homem familiarizado com a palavra de Deus. Leste, escutaste, de mente nitida e piedosa a recebeste dentro de teu coração. No recesso do espirito, na boa conciencia, aí é que se encontra repouso sagrado... E então desperta em tua alma, mui de leve, uma recordação, a recordação da palavra de Deus, quel suave murmurio de fontes, qual vigoroso escachoar de torrentes... Quem te dera descansar, com teus irmãos, ás suas margens, repleto de doce esperança! "Deveras, aqui estou bem, aqui é a minha esperança, aqui é

a promessa de Deus. Ele não mente, disto estou bem certo"...

Como um sono á beira de aguas correntes, assim é essa silenciosa beatitude. Com que palavras descrever essa delicia, esse gozo profundo do supremo e verdadeiro Bem, essa serenidade, esse maravilhoso sopro da eternidade? Então conheceremos quão verdadeiro é aquilo que a principio fomos obrigado a crer, quão boa e salutar é a educação no seio da nossa mãe, a igreja, quão precioso é aquele "leite" que o apostolo Paulo dava de beber aos "pequeninos" (1 Cr. 3,2). Pela suave contemplação da verdade torna-se tão puro o coração e tão firme a fé que em face disto empalidece e desmaia totalmente o que até agora julgavamos saber, e a morte, que tanto nos aterrorizava, acaba por nos parecer como um bem mais alevantado, pois que nos liberta do corpo mortal.

Essa alegria que no coração infunde a luz da verdade, essa riqueza de sabedoria, esse gozo saboreado por uma alma humana nobre e pura — oh não, não ha prazer dos sentidos que com eles se possam sequer de longe comparar! São de ordem completamente diverso. São algo que não tem similar. Qual era o gozo de Maria? que é que ela bebia com todo ardor e anseio de seu coração? — Sacrosanta Verdade! Alegrava-se na verdade. Escutava a verdade. Abria os labios á verdade. Suspirava pela verdade. Saciava na verdade a sua fome e sêde, e sentia-se revigorada, sem que sofresse diminuição aquilo que a alimentava. 14)

Um dia, quando (a mãe de Agostinho e ele mesmo) nos entretinhamos e suspiravamos (pela visão da eterna verdade), eis que, num momento de supremo êxtase, a atingimos ao de leve... Suspirámos... e lá deixámos, encadeadas, as primicias do espirito (Rm. 8,23). E voltámos á terra, a palavras que nascem e morrem... Só

de vez em quando, ó Deus, pões o meu interior nesse estado de natureza extraordinaria, levando-me a inconcebivel beatitude, que, se chegasse á perfeição, seria algo indescritivel, deixando após si toda a vida — de vez em quando, apenas... E logo recaio sob o peso das coisas quotidianas, recaio neste viver terreno... Torna a engulir-me a banalidade do dia... Estou algemado... Rompem-me dos olhos as lagrimas... Debalde... Fortes demais são as algemas... Tão terrivel é o fardo do habito... Aqui tenho de estar — e não o quero... Ali quisera estar — e não o posso... Infeliz aqui e acolá... E, no entanto, és tu, ó Deus, a vida de minha alma, a vida de minha vida — tu, vivendo a ti mesmo, sem mutação, vida de minha alma. 15)

Se perdurasse esse estado, se desvanecessem todas as imagens terrenas, se tão sómente aquele Grande, aquele Unico emplogasse o vidente, o arrebatasse para dentro de si e, na delicia do coração, o identificasse consigo — parabola da vida eterna — não seria este o momento de que está escrito: "Entra no gozo de teu Senhor"? (Mt. 25. 21). Atingir a Deus, ao de leve, com o coração — grande felicidade é esta! Compreendê-lo? — impossivel de todo! De que modo compreenderia a vista do coração a Deus? Basta que o atinja, quando puro. Quem o atinge atinge-o como que de modo sobressensivel, espiritual — mas não o compreende — e mesmo isto, só quando for puro. Bem-aventurado o homem que, no coração, atinge aquele que fica sempre bem-aventurado! pois Ele mesmo é a eterna beatitude, da qual o homem tem a sua vida! pois Ele mesmo é a eterna sabedoria, pela qual se torna sabio o homem! a sabedoria perfeita, da qual é iluminado o homem — a "luz perpetua"...

Entretanto, ainda que muito mais suave e intenso fosse o fulgor dessa luz — não deixaria a nossa visão de ser uma visão "como que em espelho e enigma" (1 Cr. 13, 12).

Pois, enquanto peregrinarmos cá embaixo, andamos mais na fé do que na visão — sem excetuar aqueles cuja pátria é o céu" (Fp. 3,20).

Alguma coisa, é verdade, já recebem aqui os que "teem fome e sêde da justiça" (Mt. 5,6). Mas... uma coisa é o refrigerio dos peregrinos, e outra a satisfação dos bem-aventurados. Uma coisa é a consolação dos encarcerados, e outra a delicia dos libertados. Gotas de orvalho despertam em ti a saudade — as aguas da fonte hão de saciá-la...

Agora temos de gemer e de pedir...

Gemem os sobrecarregados — pedem os indigentes...

Passa a petição — e segue-se o cantico de louvor...

Passa o gemido — e segue-se o jubilo de alegria...

Agora é o tempo do esperar...

Irmão, esperemos aqui para que no além vejamos o cumprimento da nossa esperança. 6).

9. — A IGREJA DE CRISTO — VISIVEL E INVISIVEL

Os homens santos e crentes se tornam com o homem Cristo um só Cristo, Em todos os que por sua graça e em sua sociedade, com ele subirem ao céu, sobe ao céu o unico Cristo que do céu desceu. O apostolo chama "um só Cristo" ao conjunto da cabeça e do corpo: "Vós sois o corpo e os membros de Cristo" (1 Cr. 11,27) — corpo e membros de Cristo são todos juntos, não apenas num determinado lugar, mas no mundo inteiro; não apenas neste tempo, mas — como direi? — desde o justo Abel até ao fim do mundo, enquanto homens gerarem e homens forem gerados, enquanto um justo peergrinar através desta vida — o quer que viva, não neste lugar, mas nesta vida, e tudo quanto viver no futuro — esse todo é que é o corpo de Cristo, e cada um individualmente é membro de Cristo. Se, por conseguinte, o todo é o corpo de Cristo e os individuos são os membros, ha uma cabeça á qual pertence esse corpo: é Ele a cabeça do corpo, da igreja, Ele, o "Primogenito, que ocupa a primazia" (Cl. 1,18).

Quer seja cabeça ou corpo, quer seja esposo ou esposa — o sentido é um só. "Serão um numa só carne — grande é este misterio" (Ef 5,31),

Por isso é que o apostolo, ainda Saulo, ouviu uma voz: "Saulo, Saulo, porque me persegues? (Art. 9,4). Fala

o Cristo por seus membros. Não diz: Porque persegues os meus? mas: Porque me persegues a mim? Não fôra atingida a cabeça, mas fôra atingido o que á cabeça estava unido. O corpo tem união intima com a cabeça. E quando então o arauto de Cristo tinha de sofrer de outros o que ele fizera sofrer quando perseguidor, acontecia isto, como ele dizia, "para que se complete em minha carne o que falta na medida do sofrimento com Cristo" (Cl. 1,24). Faz parte da paixão de Cristo, quer ele dizer, o que eu sofro. Não se pode referir isto á cabeça, que no céu já não sofre, mas ao corpo, isto é, a igreja. Este corpo é com a sua cabeça um só Cristo. 1)

O corpo dessa cabeça é a igreja — não aqui ou acolá, mas aqui e em todo o orbe terraqueo; não hoje ou ontem, mas desde Abel até ao ultimo que abrir os olhos para a luz e crer em Cristo, até ao fim. O povo todo de todos os cidadãos da sociedade unica — e essa sociedade é o corpo de Cristo, e Cristo é a cabeça.

Todos os justos, desde o principio do mundo, tinham por cabeça a Cristo. Porquanto criam no seu advento futuro, assim como nós cremos no seu advento preterito. E pela fé em Cristo é que eles se salvaram, assim como nós. Quis Ele ser a cabeça de toda a cidade de Jerusalem, cabeça de todos os crentes, do principio até ao fim, sem excluir as legiões e exercitos dos anjos, para que houvesse uma só cidade sob um só rei, feliz em perene paz e salvação, louvando a Deus sem fim, ditosa sem intermitencia.

Precederam o advento de Cristo Senhor nosso, quando apareceu na humildade da carne, os justos que assim creram no Cristo vindouro como nós cremos no Cristo já vindo. Mudaram os tempos, não mudou a fé. Modificam-se as palavras segundo as praxes do tempo a que estão sujeitas; "virá" soa de outro modo do que "veio". Outro é o som, mas a mesma fé une ambas as partes, tan-

to os que o criam vindouro como os que o creem já vindo. Em tempos diversos, mas pela mesma porta, que é Cristo, vemos entrar os homens, razão por que foi dito: "Bebiam a mesma bebida espiritual" (1 Cr. 10,4). Pois, que é que eles bebiam? "Bebiam da pedra espiritual — a pedra, porém, era Cristo" (ibid.) *) Eis aí como perma-

---

(*) Afim de não sermos acusados por alguem de ocultar pensamentos caracteristicos de santo Agostinho, como se temessemos á luz da verdade, passaremos a reproduzir minuciosamente a opinião do grande pensador sobre o versiculo de São Mateus, 16, 18: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja".

Desde os primeiros tempos existem interpretações diversas dessas momentosas palavras de Jesus. O escritor catolico Launoy, depois de prolongados estudos, chegou a elaborar a seguinte estatistica: dos antigos Padres e escritores eclesiasticos, 17 consideram Pedro como a rocha; 44 consideram a confissão de Pedro como a rocha; 16 consideram Cristo como a rocha; enquanto 8 opinam que a igreja foi construida sobre todos os apostolos.

Deixando de parte a ultima opinião, que poucas simpatias encontrou, ficam as tres interpretações principais: 1) a pedra é Cristo, 2) a pedra é Pedro, 3) a pedra é a confissão de Pedro.

Santo Agostinho é, entre os catolicos, o principal advogado da primeira tese, como se depreende dos textos que vamos citar, embora, numerosos autores o deem como defensor da terceira tese, defendida, de preferencia, por São Crisostomo.

Muitos protestantes, maximé da atualidade, só admitem a interpretação de santo Agostinho, razão por que o consideram patrono da sua escola. Entretanto, falso seria pensar que esta seja a opinião exclusiva, ou mesmo precipua, da exegese evangelica. Eximios luminares do protestantismo — como Bengel, Barns, Schaff, Alford, Godet, Broadus, Bonnet, Bruce, Plummer, David Smith, Moffat, Cook. Farrar, Sunday, Hort, Otoniel Mota, e o principe dos eruditos comentadores reformados, Meyer — sustentam, com o grosso dos atuais exegetas catolico-romanos, que a pedra é Pedro, embora divirjam quanto ás conclusões que desta interpretação costumam tirar os teologos catolicos.

Ouçamos as palavras de santo Agostinho:

"Quia tu dixisti mihi: *Tu es Christus, Filius Dei vivi,* et ego dico tibi: *Tu es Petrus.* Simon quippe antea vocabatur. Hoc autem ei nomen, ut Petrus appellaretur, a Domino impositum est. Et hoc in ea figura, ut significaret Ecclesiam. Quia idem Christus petra, Petrus populus christianus. Petra enim principale nomen est. Ideo Petrus a petra, non petra a Petro — quomodo non a christiano Christus, sed a Christo christianus vocatur. *Tu es* ergo, inquit, *Petrus; et super hanc petram,* quam confessus es, *super hanc petram,* quam cognovisti, dicens: *Tu es Christus, Filius Dei vivi, aedificabo Ecclesiam meam* (Mt. 16, 13-18) — id est:

necia a mesma fé, enquanto mudavam os sinais: Então era Cristo a pedra — para nós é Cristo aquilo que se põe

---

Super me ipsum, Filium Dei vivi, aedificabo Ecclesiam meam. Super me aedificabo te, non me super te" (Migne, Paris 1877, vol. V, pg. 479 ss., sermo 76).

"Pedro, caminhando sobre as aguas, teme e titubeia. Desconfiado, submerge. Confessando, torna a emergir. Ensina este Evangelho que pelo mar devemos entender o presente seculo, e que Pedro é o tipo da igreja unica. Este mesmo Pedro, o primeiro na ordem dos apostolos, prontissimo no amor de Cristo, responde muitas vezes por todos, ele só. Quando o Senhor Jesus perguntou quem diziam os homens ser o Filho do homem, e, havendo os discipulos aduzido diversas opiniões de homens, tornou o Senhor a interrogar, dizendo: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Ao que Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". Ele só respondeu por muitos — unidade entre muitos.

Disse-lhe então o Senhor: "Bem-aventurado, Simão, Bar-Jona, porque não foi a carne e o sangue que t'o revelou, mas meu Pai que está no céu". E acrescentou: "E eu te digo..." Como se dissera: Porque tu me disseste: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo", tambem eu te digo: "Tu és Pedro..." Pois antes se chamava Simão.

Ora, este nome Pedro lhe foi imposto pelo Senhor. E vai nisto uma figura, para que significasse a Igreja. Porquanto, a pedra é Cristo; Pedro é o povo cristão. Pois, pedra é nome principal. Tanto assim que, Pedro vem de pedra, e não pedra de Pedro — assim como Cristo não vem de cristão, mas cristão vem de Cristo. Diz, portanto: Tu és Pedro, e sobre esta pedra, que acabas de confessar, sobre esta pedra, que conheceste dizendo: "Tu és Cristo, Filho de Deus vivo", edificarei a minha Igreja. Quer dizer: Sobre mim mesmo, o Filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja. Sobre mim é que te edificarei, e não a mim sobre ti".

E prossegue: "Pois quando os homens queriam edificar sobre homens, diziam: Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas — que é o mesmo que Pedro. Outros, porém, que não queriam edificar sobre Pedro, mas sobre a pedra, diziam: "Eu sou de Cristo". Ora, quando o apostolo viu que ele estava sendo eleito, e Cristo desprezado, disse: "Porventura, está Cristo dividido? então foi Paulo crucificado por vós? ou fostes batizados em nome de Paulo?" (1 Cr. 1, 12). Assim como não o foram em nome de Paulo, nem tão pouco em nome de Pedro, mas, sim, em nome de Cristo: para que Pedro fosse edificado sobre a pedra, e não a pedra sobre Pedro"...

"Perguntou Jesus: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu ele, dizendo: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas. Na pessoa unica de Pedro vinha figurada a unidade de todos os pastores, isto é, os bons, os que saibam apas-

sobre o altar. Como grandioso simbolo do unico Cristo bebiam aqueles a agua que da pedra jorrava — e o que nós bebemos sabem-no os fieis. Se olhares para o dadiva visivel, ha diferença; se olhares para o sentido espiritual, "bebiam eles a mesma bebida espiritual". Não tinham o batismo da agua, mas Deus nos ensinou que uma coisa é o sinal da salvação e outra coisa é a salvação mesma. Uma coisa é a forma da religião, e outra coisa é a religião mesma. 2)

A mesma religião verdadeira estava oculta a principio, depois manifesta. A principio anunciada e praticada por uns poucos, depois por muitos. No povo de Israel, de Adão a Moisés, não faltaram homens que nele cressem, antes que em carne aparecesse visivel. A religião salvadora, unica verdadeira e unica salvifica, nunca faltou a homem algum que dela fosse digno, e se faltou a alguem é porque esse não era digno dela. 3)

Mas, como é que aqueles sabiam o que era fé, quando a fé no Deus verdadeiro é o primeiro e mais necessário? Ora, porque não bastaria a virtude? Não é que na virtude está contida a fé? Mesmo a respeito daqueles que não foram justificados pela graça de Cristo nem possuem o verdadeiro e genuino culto de Deus, lemos, ouvimos e sabemos umas tantas coisas que, á luz da justiça, não só não podemos censurar, mas até temos de reconhecer com toda a razão. A imagem de Deus na alma humana não foi, pela contaminação das paixões terrenas, apagada a ponto de não ficarem contornos de forma alguma. Mesmo em se tratando duma vida sem Deus, pode-se dizer que muito sabem

---

centar para Cristo as ovelhas de Cristo, e não para si mesmos. Será que Pedro era mentiroso? será que era mentira dizer que amava o Senhor? Não, ele falava verdade ao dizer isto, porque respondia o que via em seu coração... A pedra fizera a Pedro verdadeiro. A pedra, porém, era Cristo" (1 Cr. 10, 4)."

e fazem os homens que é da lei. E' o que se entende com as palavras: "Os povos que não teem a lei fazem por natureza o que é da lei" (Rm. 2,14). Quando então a alma surgir de todo da sua vida profana e aderir a Deus, é justificada por ele. "Quem crer nele, que justifica o pecador, a esse lhe será a fé imputada como justiça" (Rm. 4,5). 4)

Portanto, tambem no tempo anterior ao Cristianismo teem havido entre os povos quem pertencesse á Jerusalem espiritual, quem segundo Deus vivesse e lhe fosse agradavel. A coisa em si, que agora se chama religião cristã, existia tambem entre os antigos, nem faltava desde os principios do genero humano, enquanto Cristo não aparecesse em carne. A partir daí começou a ser chamada cristã a religião verdadeira que desde sempre existia. Se Platão e Porfirio tivessem podido comunicar um ao outro os conhecimentos que cada um possuia individualmente, talvez que se tivessem tornado cristãos. E se os antigos filosofos tornassem á vida e vissem as numerosas igrejas e vissem os templos (pagãos) abandonados, e pudessem inteirar-se do fato de haver agora homens que da cobiça das coisas temporais e pereciveis são chamados á esperança da vida eterna, e atendem a esse chamamento — talvez confessariam: "Agora se tornou realidade o que nós nem ousavamos tentar! Não conseguimos convencer os povos, não fomos capazes de elevá-los á altura do nosso ideal — e, pior, nós mesmos capitulámos ante a prepotencia dos seus habitos". 5).

Pelo que, não queirais ver a igreja apenas naqueles que, depois do advento de Cristo e desde o seu nascimento, começaram a ser santos: todos os que, em qualquer epoca, foram santos pertencem propriamente á igreja. A totalidade dos justos, chamados segundo o designio de Deus, é que constitue a igreja. Ao numero destes pertencem

tambem aqueles que presentemente ainda vivem em pecado, os herejes ou os que ainda vivem iludidos pelo erro do paganismo — tambem entre esses "o Senhor conhece os seus" (2 Tm. 2,19). Assim como na igreja catolica ha tambem elementos não-catolicos, assim pode haver tambem elementos catolicos fora da igreja catolica. Segundo a preciencia e predestinação de Deus, muitos daqueles que abertamente estão fora da igreja e são apelidados herejes são melhores do que muitos catolicos. Vemos o que hoje somos, e ignoramos o que amanhã seremos. Para Deus, porém, a quem o futuro é presente, aqueles já são o que vão ser. 6)

Presentemente, é a igreja catolica o reino de Cristo e o reino de Deus. O homem só pode encontrar salvação na igreja catolica, porquanto só pode atingir a salvação e a vida eterna aquele que tem a Cristo por cabeça. Ora, ninguem pode ter a Cristo por cabeça quem não estiver no corpo dele, na igreja. Fora da igreja pode o homem ter tudo, menos a salvação. Pode ter dignidades, pode ter sacramentos, pode cantar aleluia, pode dizer Amen, pode possuir o Evangelho, pode ter fé e anunciá-la em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo — mas em parte alguma senão na igreja catolica pode ele encontrar a sua salvação. Quem do espirito de Cristo quiser viver, corpo de Cristo se deve fazer; porque do espirito de Cristo só vive o corpo de Cristo. Faze parte do corpo de Cristo, e assim vive para Deus e de Deus.

Por outro lado, nem todos os que estão no reino de Cristo pertencem ao reino dele. Ao reino de Cristo não pertencem de forma alguma os que nele estão, mas nesse reino "procuram os seus interesses e não a causa de Cristo Jesus" (Fp 2,21) 7).

10. — OS LIVROS SAGRADOS

Temos os quatro Evangelhos, ou melhor, temos quatro livros de um só Evangelho. E o de São João, que com razão é comparado á aguia, graças á sua visão espiritual, se eleva á mais sublime excelsitude, elevando tambem o nosso coração. Os outros tres evangelistas peregrinam, por assim dizer, com o Senhor, quais viajores, nesta terra; da sua divindade pouco disseram. Ao passo que João, como que aborrecido de andar na terra, alteia-se logo desde o principio, em arrojado e majestoso voo, até junto daquele que tudo fez, dizendo: "No principio era o Verbo".

Quanto ás epistolas do apostolo Paulo, são elas agora mais operantes no seio da igreja do que as de seus coapostolos; porque alguns deles não escreveram mesmo, limitando-se a pégar na igreja, outros não escreveram tanto quanto ele, ou não escreveram com o mesmo vigor da graça. 1)

Ha uma linguagem que só diz com a idade juvenil, e há outra para a idade senil. Nem esta nem aquela é realmente eloquente se não harmonizar com a personalidade do orador. Mas ha tambem uma eloquencia que só fica bem aos homens da mais alta e divina autoridade: é desta linguagem que eles se servem, e nenhuma outra lhes ficaria bem — nem outros fariam bem em dela se servir. Para aqueles, é propria, e, quanto mais comum

parece a outros, tanto mais excelente é essa linguagem, não em fraseologia, mas em vigor.

Com palavras claras, com a sua linguagem singela fala a Escritura a todos, apelando ao mesmo tempo para as luzes espirituais de abalisados pensadores. De tanto maior reverencia é credora, de tanto mais fé é digna a sua autoridade, quanto mais acessivel a todos, sem contudo revelar o sentido profundo dos seus misterios. Procuremos compreender o intimo quê das Escrituras, e não pensemos dever entender tudo ao pé da letra. Mostra a experiencia o que ha de bom nos misterios, o que há de significativo nas obscuridades enigmaticas, no sentido de avivar o anseio da verdade e de evitar o fastio. Saibamos que tanto mais excelente é o pensamento do que a palavra quanto a alma supera o corpo. 2)

Nas passagens cristalinas da Sagrada Escritura encontra-se tudo o que pertence á fé e á doutrina moral, isto é, á esperança e ao amor. Sirva-nos de alimento o que ha de claro — sirva-nos de estimulo e de escola o que ha de obscuro.

Tratando-se de topicos obscuros, deve o exegeta consultar a regra da fé, fornecida por outros topicos da Escritura mais claros, e pela autoridade da igreja. 3)

Só aos livros da sagrada Escritura reconhecidos como canonicos é que aprendi a demonstrar-lhes essa reverencia, e tenho por certo que nenhum dos seus autores, ao escrevê-los, tenha incorrido em erro. Quanto a escritores particulares, por mais excelentes pela santidade e erudição, leio-os com tal disposição que não os tome por verdadeiros pelo simples fato de sustentarem determinada idéia, mas na medida que, estribados na Escritura e por meio de outros argumentos plausiveis, consigam convencer-me de que suas idéias harmonizam com a verdade.

O homem perfeito possue tamanha pureza de vista e de coração que nada prefere nem iguale á verdade, nem o proximo nem o proprio Eu. O homem dotado dessa santidade possuirá tão apurada sensibilidade e rectidão de sentimentos que nem a consideração de favores humanos nem dificuldade alguma que procure embargar-lhe o passo, conseguirá desviá-lo da verdade. E' o homem divino. Eleva-se á mais alta sabedoria e goza-a com perfeita serenidade da alma.

Em materia de religião como em tudo que respeite ao serviço da religião, seja no estudo individual, seja na instrução ministrada a outros, é de absoluta necessidade que se exclua toda a inverdade. Nem se pode alegar motivo algum — convençamo-nos disto — que em assuntos desses justifique a inverdade, nem mesmo o desejo de obter mais facil assentimento nos deve levar a faltar á verdade. Tudo se torna incerto quando se destroi ou mesmo fere de leve o prestigio da verdade. Porquanto, o que leva o homem a abraçar decididamente a verdade é unicamente a confiança que nela deposita. 4)

No que concerne á Escritura, é possivel que se nos deparem questões obscuras e palavras que, sem detrimento da fé, permitam interpretações diversas. Em casos desses, não convem que nos aferremos precipitadamente a determinada opinião; porquanto, bem pode ser que uma analise mais acurada da verdade a torne incerta e nos faça sucumbir — não na defesa das idéias da sagrada Escritura, mas das nossas proprias idéias. Não queiramos que a nossa opinião seja a da Escritura, mas, pelo contrario, que o senso da Escritura seja tambem nosso.

Diz um: "Vigiemos e oremos, porque o Senhor virá *em breve*". Outro diz: "Vigiemos e oremos, porque breve e incerta é esta vida, ainda que o Senhor *tarde a vir*". Se a mensagem daquele é mais suave e consoladora, mais seguro é crer nest'ultimo. Quem, todavia, confessa que não

sabe nem isto nem aquilo, quem deseja aquilo e tolera pacientemente isto, este não cairá vitima de erro, uma vez que neste ponto não afirma nem nega coisa alguma. E dá-lhe razão o Evangelho quando diz: "Vêde, orai e vigiai, porque não sabeis quando virá o tempo" (cf. Mt. 24,42; Mc. 13,35). 5)

Ignoro, confesso, que eras passaram antes que o genero humano aparecesse á face da terra. Uma só coisa sei, e disto tenho certeza, que não ha nada eterno como o Criador. Em materia de geologia, de astronomia, de quimica, do movimento, trajetoria, tamanho e distancia dos astros; sobre certos fenomenos no sol e na lua, sobre o ciclo dos anos e das estações; sobre as propriedades dos animais, das plantas, dos minerais, etc. — tambem o não-cristão possue muitas vezes conhecimentos e experiencia. Em assuntos desses, é vergonhoso e funesto, e devia ser rigorosamente evitado que um cristão apelasse para a sagrada Escritura afim de defender a sua opinião. O que com isto consegue é tornar ridiculas aos ouvidos dos incredulos as suas erradas declamações.

Pergunta-se, não raro, qual a forma do espaço cosmico, segundo a Escritura. Mas os nossos autores não falaz disto, uma vez que é indiferente para a vida bemaventurada. Que interessa á minha alma saber se a abobada celeste circunda a terra de todos os lados ficando esta suspensa no centro do universo, ou se sobre ela se recurva só por um lado, como sobre um prato?

Em resumo, diremos que os nossos autores bem deviam saber da disposição do universo; mas o espirito de Deus que por meio deles falava não queria esclarecer os homens sobre coisas desta natureza, sem importancia para o fator religioso. 6)

Quando se trata de passagens expositivas, é essencial a pergunta se tudo se deva entender apenas em sentido figurado, ou se tambem se deva sustentar e defender o sen-

tido historico das palavras Excluir toda e qualquer linguagem figurada, nenhum cristão o conseguirá, tanto assim que o proprio apostolo a defende (1 Cr. 10,11; Ef. 5,32). Assim, tambem não devemos esquecer o que se diz do "hexaemeron" (obra dos seis dias): "O Eterno criou tudo de uma véz" (Ecl. 17,1). O universo é comparavel a uma grande arvore, cuja beleza jaz desdobrada aos nossos olhos, no tronco, nos ramos, nas folhas e nos frutos. Não foi num apice que tal organismo nasceu. Bem lhe conhecemos a evolução: originou-se da raiz que o germe lançou terra adentro, e desta origem se desenvolveram todas as formas. De modo analogo, teremos de conceber o universo: Se está escrito que Deus "criou tudo de uma vez", quer dizer que tudo quanto existe no universo estava encerado naquele unico ato criador — não sómente o céu com o sol, a lua e as estrelas, não sómente a terra e os abismos da terra, mas tambem tudo quanto se ocultava na força germinadora dos elementos, antes que, no decurso dos periodos cosmicos, se desenvolvesse, assim como está visivel diante de nós nas obras que Deus cria até ao presente dia. Por conseguinte, a "obra dos seis dias" não significa uma sucessão *cronologica*, mas representa uma disposição *logica*. *) Tambem o homem faz parte daquela criação em germe: Deus o "criou", assim como "criou" a erva da terra antes que ela existisse. "Criou-os como varão

(*) Diz textualmente esse genial precursor cristão do evolucionismo pagão de Darwin: "Sicut in ipso grano invisibiliter erant omnia simul quae per tempora in arborem surgerent, ita ipse mundus cogitandus est, cum Deus simul omnia creavit, harbuisse simul omnia quae in illo et cum illo facto sunt, quando factus est dies; non solum coelum cum sole et luna et sideribus, quorum species manet motu rotabili, et terram et abyssos, quae velut inconstantes motus patiuntur, atque inferius adjuncta partem alteram mundo conferunt; sed etiam illa quae aqua et terra produxit potentialiter atque causaliter, priusquam per temporum moras ita exorirentur, quomodo nobis jam nota sunt in eis operibus, quae Deus usque nunc operatur." (*De Genesi al litteram*, lib. V, cap. XXIII).

e mulher e abençoou-os" — criou-os segundo a força que a palavra de Deus, no unico ato criador, depositou em germe no seio do mundo, força que, no decurso cronologico da evolução, leva tudo sucessivamente ao desdobramento — fazendo aparecer, a seu tempo, tambem Adão, "do elemento da terra", e sua mulher "do lado" do varão. Porque, do mesmo modo que a Escritura faz surgir o homem "do elemento da terra", faz originar-se tambem da terra os animais do campo (Gn. 1,25). Se, pois, Deus formou da terra tanto o homem como o animal — que vantagem tem então o homem sobre o animal segundo a sua origem corporea? O que o distingue é sómente isto: que foi criado "segundo a imagem de Deus". Mas isto é, o homem, não segundo o corpo, senão apenas segundo a alma. (*Segue-se uma serie de tentativas para explicar a criação da alma*). Entretanto, se alguem tiver para o todo solução melhor, não sómente não me oponho á mesma, mas aceito-a com prazer. Uma só coisa me interessa nesta exposição do meu parecer: que o leitor veja por este exemplo como se pode tentar, sem avançar afirmações temerarias, descobrir solução para coisas de que a Escritura não nos dá esclarecimento positivo — ou então, se não lhe agradar a minha solução, que o leitor veja ao menos quanto me esforço por uma solução, e me instrua benevolamente, enquanto puder, e, se não puder, procure solução, em minha companhia, na escola d'Aquele na qual ambos temos de aprender. 7)

Quanto ao mais, se não te sobrar tempo e ocio para folhear todos os livros sacros, para desdobrar todos os involucros das palavras e penetrar todos os misterios das Escrituras: tem amor, do qual tudo depende. Com ele possues tudo quanto aprendeste ou o que ainda aprender poderias. Pois, se "estamos em Deus" pensando ás direitas — "estará Deus em nós", se vivermos ás direitas.

Por isso, quando por vezes ouço que um irmão em Cristo defende idéias que revelam ignorancia ou ilusão, contemplo com paciencia esse homem e suas idéias; sei que não lhe fazem mal, enquanto não tiver do Criador de todas as coisas idéia indigna. Só levará prejuizo se considerar as suas idéias como verdades da salvação e tanto mais persistir nas suas afirmativas quanto mais exigua for a sua compreensão. Entretanto, mesmo essas fraquezas perdoa-as, no berço da fé, a boa mãe Caridade, até que o homem novo atinja a "perfeita virilidade, a plenitude da idade de Cristo" (Ef. 4,13). Pois ha tambem um erro bom, que não sómente não faz mal, mas até faz bem — verdade é que, se sobre este fato refletirmos maduramente, revela-se esta nossa vida uma vida bem miseravel, ao ponto de ter ás vezes necessidade dum erro para não perecer. 8)

A ti, porém, Senhor, dirijo a minha suplica, pobre que sou. Faze com que as tuas Escrituras sejam a minha santa alegria; que nelas não me engane a mim mesmo, nem por elas engane a outros. "Olha-me e tem piedade de mim" (Sl. 85,16). Senhor, meu Deus, tu, que és a luz dos videntes e a força dos fortes — não nos ocultes o misterio da tua lei, quando batermos á porta. Conduze-me á perfeição e revela-me os teus misterios. Dá-me o que amo — pois que tenho amor dentro de mim — e tambem isto é presente teu. Por isso te suplico, por Jesus Cristo, Senhor nosso, teu Filho, o Homem da tua dextra, o Filho do homem que puseste como Medianeiro, pelo qual nos procuraste quando não te procuravamos, e nos procuraste para que se procurassemos. Por ele é que peço, ele, que está sentado á tua direita como intercessor, ele, que encerra todos os tesouros da sabedoria e ciencia — a ele é que eu procuro nos teus livros sagrados. 9)

11. — TRADIÇÃO

Quem julga poder compreender, sem preceitos externos, só pelo dom divino, as obscuridades da sagrada Escritura — esse tem uma fé boa enquanto não atribue a si mesmo esse dom, mas o considera dadiva divina. Entretanto, uma vez que ele, pela leitura individual e sem auxilio humano, chegou á compreensão — com que direito se mete a querer dar explicações a outros em vez de encaminhá-los tambem para Deus, afim de que tambem eles cheguem á compreensão, não por intermediarios humanos, mas pela interna inspiração de Deus?

Francamente, força é que todo o homem aceite ensinamento. E quem a outros ensina deve, sem enfatuado orgulho nem ciumes, passar adiante o que ele mesmo recebeu. Não tentemos a Deus, no qual temos fé. Não menosprezemos a frequencia da igreja, a leitura e a prégação pelos homens, na imaginação de vermos pessoalmente a Jesus Cristo e dele ouvirmos o Evangelho, diretamente e sem intermediario humano. Longe de nós esse orgulho e tão perigosa tentação! O apostolo Paulo, apesar de ser prostrado em terra e instruido pela voz de Deus a falar do céu — foi contudo enviado a um homem afim de receber os sagrados misterios e ser incorporado á igreja. Um anjo anunciou ao comandante Cornelio que fôra ouvida a sua oração e foram aceitas as suas esmolas — e contudo foi

enviado ao apostolo Pedro para receber instrução; dele devia receber, não sómente os sagrados misterios, mas tambem ouvir o que devia crer, esperar e amar. Deus, é certo, podia fazer tudo isto por meio de anjos; mas destarte comprometeria a dignidade humana, se aparentasse não querer anunciar aos homens por meio de homens a sua palavra. Alem disto, perderia o amor, que une os homens, a possibilidade de movimentar entre si os espiritos e fundi-los uns nos outros. 1)

Heresias e doutrinas erroneas, que enredam e levam ao abismo as almas, só nasceram do fato de não serem bem entendidas as sagradas Escrituras, que em si são boas, e, apesar de não bem entendidas, serem interpretadas arbitraria e ousadamente. Pelo que, meus queridos, devemos perceber com prudencia o que, por sermos pequenos, não pudermos compreender. De coração piedoso e "com tremor", como está escrito (Tb. 13, 6; Fp. 2,12) sigamos esta norma sadia: que, qual manjar, saboreemos aquilo que á luz da fé compreendemos interiormente, e que desterremos a duvida daquilo que, segundo a norma sadia da fé, ainda não pudermos compreender, e tenhamos paciencia até compreendê-lo; com outras palavras: ainda que ignoremos o *como* da coisa, nos convençamos de que ela é verdadeira e boa. Assim é que compreenderás o sentido da palavra: "Na paciencia salvareis as vossas almas" (Lc. 21,19). Uma vez que somos crianças, diante de Deus, ampare-nos Deus á sombra das suas asas. E, mesmo que sejamos adultos, bom é que mesmo então nos ampare, que á sombra dele, o eternamente Grande, sejamos humildes infantes. Pois, ele sempre é maior, por mais que nós cresçamos — e só seremos grandes nele se debaixo dele formos infantes.

Tambem ao se tratar da minha pessoa, irmãos meus, não deixeis de considerar quem sou eu que tão ousada-

mente vos falo; quem é que a tanto se atreve: sou homem, e trato de coisas divinas; sou carnal, e trato de coisas espirituais; sou mortal, e trato de coisas eternas. Longe tambem de mim, queridos meus, seja a presunção — se é que quero habitar como homem são na casa de Deus, na igreja do Deus vivo, que é "coluna e alicerce da verdade" (1 Tm. 3,15). Confesso de mim mesmo: não daria fé ao Evangelho, se a tal não me movesse a autoridade da igreja catolica. 2)

Ha homens incapazes de guardar a justa medida, homens que numa cega impetuosidade, só sabem considerar as coisas por um lado, sem atender aos testemunhos da Escritura do lado contrario, testemunhos que bem seriam de molde a curá-los da sua visão unilateral e manter o equilibrio da verdade, que sóe pairar entre dois extremos. Tal acontece em mais de um ponto. Houve quem, com os olhos na Escritura, só visse o elogio da virgindade — e condenasse o matrimonio. Outros, pelo contrario, só encaravam as passagens que cantam o louvor do casto conubio — e igualavam o matrimonio á virgindade. Liam alguns: "Convem, meus irmãos, não comer carne nem beber vinho" (Rm. 14,21) — e arbitrariamente declararam impuros esses dons de Deus e outros manjares. Outros, ao envez, liam as palavras: "Tudo o que foi criado é bom, e nada ha condenavel, desde que se tome com ação de graças" (1 Tm. 4,4) — e se entregaram ao excesso em comida e bebida até ao vicio. Outros ha que não fazem senão fitar os olhos na disciplina eclesiastica, nos preceitos do rigor, que mandam repreender os desordeiros, não lançar as coisas santas aos cães, igualar a pagãos os desprezadores da igreja, expulsar membros escandalosos; estes fazem questão cerrada de arrancar a erva daninha antes do tempo, mesmo com o sacrificio da unidade cristã. Outros, porém, só enxergam a mes-

cla real do bem e do mal, e frisam unicamente a necessidade da paciencia, o que não tardaria a solapar a disciplina eclesiastica e embalar numa falsa segurança os pastores espirituais. 3)

Verdade é aquilo que, desde a antiguidade, foi prégado e crido em toda a igreja, com pura fé catolica, mesmo que nenhuma razão o valha provar e exposição alguma o possa esclarecer — digo, a fé catolica, que provem da doutrina dos apostolos e que, transmitida pela cadeia de seus sucessores, nos foi implantada, afim de ser transmitida tambem, com toda a pureza, aos nossos filhos.

Nem a igreja no seu conjunto, nem alguma das suas parcelas reclama para si adoração em lugar de Deus. Entretanto, a igreja em sua totalidade, é, no céu e na terra, o templo de Deus, o Altissimo, a Trindade. 4)

Dentre as coisas humanas ha muitas supersticiosas, outras não. Temos, por exemplo, as sábias doutrinas da escola platonica. O que nelas ha de verdade, nós, os cristãos, longe de o rejeitar por andar nas mãos de "administradores injustos", por assim dizer, o devemos aceitar como nosso. Temos aí as belas artes, que podem prestar grande serviço á causa da verdade. Temos aí não poucas doutrinas eticas excelentes, e mesmo sobre a veneração de Deus se encontra, aqui e acolá, muita verdade. E' ouro e prata, que os gentios não acharam por si mesmos: tiraram-no das minas ocultas que a providencia divina deixou no mundo inteiro, muitas vezes adulterado, é verdade, e posto a serviço dos demonios, mas nem por isso, quando purificado, de real proveito ao cristianismo, no serviço do Evangelho.

O que, portanto, não contrariar a fé e a moral e der estimulo etico, isto, longe de ser por nós criticado, deve ser imitado e aproveitado, e isto com maioria de razão quando

tem fundamento na Escritura, como, por exemplo, o que concerne ao cantico de hinos e salmos. 5)

Se, porém, certa gente quer introduzir coisas extraordinarias e dá-las como sagradas, não aprovo isto. Contra muitas dessas coisas não ouso protestar com toda a energia, afim de evitar que certas pessoas santas ou hiper-piedosas se escandalizem. Mas nem por isso deixo de sentir dolorosamente que, assim, muitas coisas sabiamente previstas na Sagrada Escritura, sejam tratadas com pouco caso. Temos abundancia, super-abundancia de exercicios particulares — e, se alguem, em uma novena, não se guiar meticulosamente pelas normas prescritas, causa maior escandalo do que quando alguem se embriaga até perder o juizo. Praxes dessa natureza, que não encontram base no uso das letras sacras nem nos costumes da igreja universal, deviam, a meu ver, ser abolidas, onde quer que seja possivel. Pois, embora não se possa afirmar que ofendam a fé, não deixam contudo de imprimir á religião algo de servil e de degradante. Segundo a vontade de Deus, deve a religião gozar de liberdade e ter bem poucos exercicios de culto, mas estes devem ser para a universalidade. Em face dessa especie de piedade, parece-me ainda, mais suportavel a sorte dos judeus; pois eles, embora não tenham atingido a "libertação", estão sujeitos sómente ao peso da lei, e não ainda por cima a inovações humanas. 6)

12. — OS IRMÃOS DISSIDENTES

Uma vez que ignoramos quais sejam os que pertencem ao numero dos eleitos, devemos encher-nos de tanta força de amor que a cada um desejemos a eterna felicidade e ajudá-lo para que a alcance. O que nos leva a compreender os homens é unicamente a carinhosa participação da sua vida. E' o amor que nos dá conhecimento mais perfeito.

Nossos pais tinham o excelente e salutar costume de não rejeitar, mas reconhecer o que de bom e divino encontrassem, incontaminado, em alguma heresia, ao passo que expunham e retificavam devidamente o que o erro ou cisma contivesse de estranhavel e peculiar. Aos dissidentes devemos nós, os cristãos, demonstrar benevolencia catolica. Trata-se de curá-los. Estão com os olhos inflamados; só mui de leve os podemos tocar. Ninguem arme controversias com eles. Ninguem se meta a altercar, nem mesmo para defender a sua fé, para que não venha acender-se alguma faisca, e para que aos que procuram oportunidade (para aprender) seja dada essa oportunidade. "Antes de tudo, procurai a paz e a santificação; porque sem elas ninguem pode contemplar a Deus" (Hb. 12,14).

Quão estultos não seriam dois homens que, aguardando o nascer do sol, entrassem a brigar um com outro sobre o ponto onde despontaria, sobre a possibilidade de o ver, etc. — e, altercando, se ferissem mutuamente e a

tal ponto lesassem o orgão visual que lhes fosse impossivel enxergarem coisa alguma. Para que possamos ver a Deus, purifiquemos o coração pela fé, curemo-lo pelo amor, firmemo-lo pela paz. O amor com que nos amamos já é daquele que desejamos contemplar. 1)

Quem defende a fé é, nesta qualidade, um erudito, mas não um crente. Quem sabe defender a fé é necessario ao vacilante, não ao crente. A piedade procura a Deus pela fé, a vaidade procura-o pela controversia.

São dignos de louvor os que procuram a paz. Os que a odeiam devem ser antes apaziguados por meio de doutrina e de silencio do que irritados pela censura.

Quem ama a paz ama tambem os inimigos da paz.

Quem ama a luz não se irrita contra o cego, mas tem pena dele. Antes de condenar o cego, correria a curar o infeliz, se estivesse ao seu alcance.

Ouves uma injuria? Tolera, cala, esquece. Lembrate de que deves curar.

Mas, injuriam a Deus? Tu o percebes — e Deus não o perceberia? Tu o sabes — e Deus não o saberia? E, no entanto, "deixa ele nascer o seu sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos" (Mt. 5,45).

Mas.. que farei? Eu to direi: fora com toda a contenda! Entrega-te á oração. Não refutes com injurias ao injuriador — ora por ele.

Quiseras falar com ele? — Fala com Deus por ele.

Não digo que te cales, mas reflete: onde é que deves falar? com ele has de falar com o silencio — de labios fechados. Deixa falar o coração.

Mas se alguem fizer questão fechada de não aceitar a paz, se a todo o transe quiser brigar — responde-lhe pacificamente: "Dize o que quiseres; odeia quanto quiseres; despreza á vontade — nem por isso deixas de ser meu irmão; irmão mau, irmão briguento, sim, mas sempre irmão. Olha, tambem tu rezas como eu: Pai nosso que estás

no céu. Dizemos o mesmo, e porque não somos o mesmo? Rogo-te, irmão, reconhece o que falas comigo, e abre mão do que fazer contra mim. Ouve as palavras que te brotam dos labios; não ouças a mim, ouve a ti mesmo"... Assim lhe falarás. Fala com alma, fala com suavidade, fala ardente de amor, e não inchado de despeito — e então oremos por ele e façamos penitencia. 2)

Ai de nós! andam por aí tantos palradores, mui corretos na fé. Nada mais facil do que afirmar, ou pelo menos persuadir-se a si mesmo, haver encontrado a verdade — e quão dificil é isto na realidade! Queira Deus conceder-nos sentimentos de paz e um espirito tranquilo que antes procure sanar do que aniquilar! Vociferar contra homens de outro credo é proprio daqueles que não sabem quão trabalhoso é achar a verdade, e quão dificil preservar-se do erro. Vociferem contra eles os que ignoram como é raro e penoso suplantar as complicadas imaginações humanas pela clareza duma mente piedosa. Vociferem contra eles os que desconhecem a dificuldade que ha em purificar a vista do homem interior, para que se capacite de enxergar o seu sol, o sol da justiça. Vociferem contra eles os que não sabem quantos gemidos e suspiros custa apanhar ao menos um debil clarão do conhecimento divino. E, finalmente, vociferem contra eles os que nunca sucumbiram á ilusão do erro. Eu, francamente, sou incapaz disto. 3)

"Forçoso é que haja dissensões" (1 Cr. 11,19) Com demasiada indolencia procurariamos a verdade se ela não tivesse adversarios. Muitas coisas que fazem parte da fé catolica devem primeiramente ser impugnadas pelas paixões irrequietas dos herejes, para que depois, para sua apologia, sejam consideradas com maior diligencia, apreendidas com maior clareza e realçadas com maior precisão.

A questão focada pelo adversario vem a tornar-se estimulo para mais profunda compreensão.

Assim é que os herejes, pela sua atitude hostil, dão proveito ao membros verdadeiramente catolicos do corpo de Cristo. Deus se serve tambem dos maus e "faz com que tudo resulte pelo bem aos que o amam" (Rm. 8,28).

Destarte trilha a igreja o seu caminho até ao termo das coisas, por entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus. O aguilhão do temor, o tormento das dores, o peso dos trabalhos, o perigo das tentações — tudo isto lhe redunda, no mundo presente, em educação e purificação.

Ninguem extinguirá do céu o plano de Deus — e ninguem extinguirá da terra a igreja de Deus. Deus lhe prometeu o orbe terraqueo — e ela encheu o orbe terraqueo. Leva no seio bons e maus. Na terra, só perde os maus — para o céu só manda os bons. 4)

Amemos ao Senhor, nosso Deus — amemos a igreja! A ele como nosso pai — a ela como nossa mãe. A ele como ao Senhor — a ela como a serva do Senhor. Pois que somos "filhos de sua serva" (Sl. 115,16). Entretanto, longe está a sincera piedade de labios altissonantes. Muitos traçam na fronte o sinal da cruz, sem fazer caso do sentido — Deus, porém, quer cumpridores dos seus sinais, e não pintores. Se na fronte levas o sinal da humildade de Cristo, leva no coração a imitação da humildade de Cristo. 5)

13. — COMUNHÃO DO AMOR

As linguas que apareceram no Pentecostes indicavam que entre todos os povos de linguas diversas devia haver uma só igreja.

Depois do diluvio, edificou a orgulhosa impiedade uma torre, e a multiplicação da lingua cindiu o genero humano, de maneira que cada povo falava uma lingua e não era entendido pelos outros. Mas a humilde piedade dos crentes tornou a harmonizar essa multiplicidade das diversas linguas, e o amor estreitou o vinculo; uniram-se sob a cabeça unica, Cristo, os membros dispersos do mesmo corpo; e o fogo da caridade fundiu-os todos numa unidade.

E' o amor que coaduna em sagrada aliança todos os bons espiritos e todos os servos de Deus, estabelecendo harmonia entre nós e eles, e entre eles reciprocamente.

O que a torre de Babel dispersou isto congrega a igreja. Duma só lingua se fizeram muitas — não te admires! é obra do orgulho. De muitas linguas se faz uma — não te admires! é obra do amor. Seja embora diverso o som das linguas — no coração se venera um só Deus, guarda-se uma só paz. 1)

Muitos podem dizer: "Meu Deus". Ele, que a todos conjuntamente se dá como manjar, é todo em tudo,

e todo a cada um em particular. Pois, os que dizem: "Meu Deus", não o dividem entre si. Ele, onipresente, enchendo tudo, não é mais nitido quando perto, nem mais vago quando longe; mas abrange tudo de uma a outra extremidade, empolgando tudo com vigor, reinando com suavidade — Deus se dá a todos da mesma forma.

Assim como esta luz, meus irmãos, esta luz fisica que do céu resplandece, se move duma a outra parte, despontando, girando, descendo — e, no entanto, se voltam para ela os olhos de todos, contemplam-na e possuem-na do mesmo modo, sem a repartir entre si; nenhum ricaço lhe põe barreiras nem a rouba aos outros, cerrando ou estreitando a vista do pobre — assim pode tambem todo o homem dizer: "Meu Deus"; pode dizê-lo o pobre, pode dizê-lo o rico: "Meu Deus". Será que aquele tem menos? será que este tem mais; Mais ouro, sim — mais Deus, não!

Afim de chegar a Deus, deu Zaqueu, o ricaço, metade de sua fortuna. Deixou Pedro rêde e barco. Deu a viuva o vintemzinho. Dá o pobre um copo de agua fria. Dá o pauperrimo a sua boa vontade. Coisas diversas dão eles, e chegam a um só; mas não é diverso o que amam.

Assim tambem nós, ovelhas de Deus, ovelhas do seu rebanho. Não vos perturbe a diversidade externa que entre vós exista: que uns sejam honrados e outros não; que uns possuam fortuna e outros não; que uns tenham formosura e outros menos; que uns sejam anciãos fatigados e outros jovens, meninos, homens, mulheres — Deus está com todos da mesma forma. Quem é que o possue mais? Não aquele que tem maior soma de bens terrenos, mas, sim, aquele que tem mais fé. 2)

Uma vez por todas, atende a este preceito brevissimo: Ama — e faze o que quiseres! Se calares, cala por amor. Se falares, fala por amor. Se poupares, poupa por amor.

Esteja em teu coração a raiz do amor; desta raiz só pode brotar coisa boa. 3)

Muitos se absteem do vinho, por causa dos irmãos mais fracos e por causa da liberdade propria. Mas tudo deve ser feito conforme o amor: o modo de viver, a palavra, a atitude externa, os gestos.

Se o espirito de Deus habitar em ti, não suplantará o teu espirito — não temas. Dê cada um daquilo que tem. Um tem dinheiro — que alimente os pobres, vista os nús, levante igrejas e faça com o seu dinheiro todo o bem que puder. Outro possue o dom do conselho — que seja um bom guia para o proximo, afugente com luz amena as sombras da duvida. Outro ainda tem inteligencia e erudição — que sirva do celeiro as iguarias do Senhor e ofereça bons manjares a seus semelhanees, fortaleça os crentes, reconduza os errantes, vá em busca dos extraviados e faça tudo que estiver em seu poder. Tambem os pobres podem prestar beneficios. Dificilmente se encontrará quem não possa prestar socorro a ninguem. O ultimo — porém não o menor — vem nesta palavra do apostolo: "Suporte o fardo um do outro, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl. 6,2). 4)

O amor dentro de nós não sofre solução de continuidade, ao passo que os deveres externos da caridade teem o seu tempo e sua oportunidade.

Deve a caridade assemelhar-se ao fogo, apoderando-se primeiro do que fica mais proximo, para depois estender-se ao mais distante. Teus irmãos te são mais proximos do que quaisquer amigos. Um desconhecido te é mais proximo do que teu inimigo que te guerreia. São, pois, em primeiro lugar os teus parentes a que deves estender o teu amor — se é que nesse "estender" cabe o amor dos paren-

tes, e não apenas o amor-proprio. Daí, deve a caridade estender-se mais além. 5)

Dar com amor nunca quer dizer perder. Dar é lucro. Não se perde o que se dá, mas possue-se ainda mais intensamente. E, assim como não se pode dar amor quando não se tem, assim, só se tem amor quando se dá. Cresce todas as vezes que se dá, e tanto mais amor se adquire quanto mais homens se tornarem felizes por ele. Assim é o amor: só ele conhece o segredo de enriquecer cada vez mais a si mesmo dando aos outros. 6)

14. — HOMEM E MULHER

No principio foi criado um homem. Mas não convinha ficasse só. Porquanto, nenhuma especie de seres vivos necessita tanto da sociedade como o genero humano, dissociativo em consequencia das suas faltas. "Deixará o varão pai e mão e aderirá a sua mulher, e serão os dois uma só carne" (Gn.2,24).

Tanto o castidade matrimonial como a castidade virginal teem valor aos olhos de Deus. Mais valiosa é esta, menos valiosa aquela, mas ambas são agradaveis a Deus, ambas são presente de Deus, ambas chegarão á vida eterna.

Ha quem tanto exalte a virgindade que chega quase a desprezar o matrimonio como algo de mau. Outros, pelo contrario, advogados do matrimônio, negam á virgindade excelencia superior á pudicicia conjugal — como se o bem que havia em Susana fosse humilhação para Maria, como se o bem superior que havia em Maria fosse condenação para Susana!

Aos não casados impôs o amor maior fardo. Recusaram gozar até o licito afim de agradar tanto mais áquele ao qual se consagraram. A tal ponto abraçaram o preceito que tambem cumpriram o conselho. A *coisa*, é fora de dúvida, supera a outra; mas a *pessoa*, o celibatario em particular, piedoso e temente a Deus, não se deve atrever a julgar-se melhor do que o casado, piedoso e temente a

Deus. Erro completo seria traçar um paralelo entre os homens tomando por base apenas *uma* boa qualidade. Pode ser que este não possua o que o outro tem, mas, em compensação, pode possuir algo que tenha maior valor ainda. Melhor o matrimonio em humildade do que a virgindade com orgulho. Ouso afirmar que o casado, quando humilde, é preferivel ao asceta, quando orgulhoso. Pensais que Deus, no juizo, vá acusar o demonio de adulterio ou de luxuria? O que o lançou ao fogo eterno foram unicamente o orgulho e a inveja. Do matrimonio nascem os homens — pelo orgulho cairam os anjos. 1)

Por conseguinte, tambem a vida matrimonial merece um lugar no corpo mistico de Cristo. Tomando em conta a importancia que ele tem para o genero humano, é a união entre o homem e a mulher, por assim dizer, a celula-mater do Estado. A benção que Deus lançou ao matrimonio, dizendo ao homem e á mulher: "Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra" (Gn. 1,28), continua a vigorar tambem depois do pecado original; foi proferida antes dele, por sinal que a paternidade e a maternidade pertencem á gloria do matrimonio, e não são castigo do pecado.

Entretanto, o valor do matrimonio, ao meu ver, não está apenas na procriação dos filhos, senão tambem na comunhão natural dos sexos. Provam-no os casais que ficaram ou vieram a ser estereis. Num matrimonio bom e diuturno, continua firme a comunhão entre esposo e esposa, mesmo depois de extinta a paixão entre varão e mulher. Ha outro bem no matrimonio, que está na repressão da concupiscencia; transmuda-se a paixão em algo de respeitavel, mitigada pelo afeto paterno, uma vez que os esposos, no uso do matrimonio, se sabem pai e mãe. Por outro lado, deixa o matrimonio de merecer este nome quando a esposa é impedida de ser mãe. Quem a trata desta

forma, rouba-lhe o carater de esposa para reduzi-la a uma meretriz. 2)

Amor fiel, prole, vinculo indissoluvel — eis aí o triplice bem do matrimonio.

Amor — que outra coisa é senão uma vida em que dois se unem ou desejam ser um? Assim vivo eu a minha alma e a alma de meu amigo como uma só alma em duas vidas.

Ora, todo o amor tende a fazer o bem. Não á guisa do glutão que diz: "Amo esta ou aquela iguaria", não, não deve ser assim o amor. Esse homem mata, devora o que "ama". Será que destarte devemos amar os homens, devorando-os em interesse proprio? Não, o amor genuino tem sempre um quê de amizade, que quer fazer doação ao amado, e, se outra coisa não tenha que doar, basta o amor em si mesmo.

Não tem amor á sua mulher quem a ama por causa do dote. Nem é puro o amor que a mulher tem ao marido pelo fato de este lhe dar presentes maiores ou menores. Entretanto, quantos homens ha que, só depois de votados ao ostracismo, é que experimentaram de verdade o amor duma mulher desinteressada e pura! No infortunio dum dos conjuges se tem revelado a beleza de muitos casamentos. Então é que muita esposa provou que o seu amor pertencia de fato ao esposo; não se abandonaram, mas estreitaram ainda mais o vinculo da fidelidade. 3)

Entre homens que se amam deve reinar harmonia tambem em assuntos religiosos. Do contrario, nem pode haver amor pleno e genuino nas coisas humanas. Ama deveres ao homem quem ama a Deus no homem, ou porque Deus esteja nele ou para que nele esteja.

Caro cristão, se alguma te é querida ama-a em Deus; porque tambem ela está sujeita á mutabilidade e só tem firmeza em Deus, sem o qual ela desertaria e pereceria.

Ama-a, pois, em Deus, leva-a para Deus e dize: "Amemos ao Senhor".

Ama teus filhos, ama tua esposa — com amor profano, se quiseres. Mas é desejo meu que os ames tambem religiosamente, que deles tenhas solicitude segundo Deus, que na pessoa deles ames a Cristo, e só odeies o que seja puramente terreno. Isto é que é amar divinamente. Pois, que proveito lhes traria o teu amor puramente mundano, mortal? E, mesmo que só os ames humanamente, ama ainda mais a Cristo. Ama teu pai, porém não mais que a Deus. Ama tua mãe, porém não mais que a igreja, que te deu á luz para a vida eterna. 4)

15. — OS POBRES

Digna-se Jesus sofrer fome na pessoa dos pobres para que algo possamos fazer por ele. Ele é indigente, aqui, na pessoa dos seus pobres. Está lá no alto, e está cá embaixo — lá no alto, ele mesmo; cá embaixo, na pessoa dos seus; lá no alto, com o Pai; cá embaixo, conosco. Respeita a Cristo, assim como está encima. Reconhece-o, assim como está embaixo. Considera a Cristo lá encima como doador, contempla-o cá embaixo como indigente.

Todos olham a Cristo sentado no trono celeste — olha tu a Cristo deitado aí á porta, contempla-o viajor, sofrendo sêde, frio, fome.

Por causa de nós quis Jesus ser pobre. Todos os pobres que por aí vês, Cristo os poderia alimentar, assim como alimentou a Elias por meio do corvo. E contudo tirou o corvo até a Elias para que o profeta fosse alimentado pela viuva. Não o fez por causa de Elias, mas por causa da viuva. 1)

Muitos a quem a natureza comum não valeu levar á compaixão, foram levados á compaixão pela comum desgraça. Como é facil condoer-se do escravo quem mesmo foi escravo um dia! Do pai a chorar o filho tem cordial compaixão quem um dia chorou um filho tambem.

Preste benefício cada qual na medida das suas posses — não de modo a sofrer penuria ele mesmo; não é

esta a nossa doutrina — mas o que te abunda a ti é necessario aos outros. E temos abundancia quando nos contentamos com o necessario. Se procurarmos o superfluo, nada é suficiente. Melhor necessitar pouco do que possuir muito. 2)

Não te proíbo gozar a tua abundancia — mas não negues aos pobres o necessario. Serve-te do precioso — mas não deixes de dar aos pobres o menos valioso. Fiquem os ricos com o que suficiente, e mesmo com mais do que hão mister — mas dêem de esmola ao menos uma parcela. Bem sei que deve ser razoavel a vossa previdencia: granjeai, pois, tesouros para o céu, e adquiri tambem o que vós e vossos filhos hão mister para a vida — para que, no fim das contas, não se riam os outros e sofrais necessidade vós mesmos. Presta beneficios, sem prejuizo teu e de ontrem, á luz da prudencia humana. Se, por motivo justo, tiveres de negar um pedido a alguem, procura fazer-lhe compreender o motivo, para que não se retire sem nada. Pois que, muitas vezes, dás coisa melhor quando dás uma lição a quem te pede coisa impropria. 3)

E' do coração que deve vir a esmola. Se estenderes a mão, mas fechares o coração, nada fizeste. Mas, se abrires o coração, ainda que nada tenhas a estender a outrem, Deus aceita a tua esmola. Não é da sacola que se tira o amor.

Quando fizeres o bem, Deus não olha a quem o fazes, mas com que intenção. Dupla caridade pratica quem aos pobres dá de tal modo que ele mesmo chegue a dar-se tambem. Associe-se á bondade do doador a humildade do servidor. Não sei porque, irmãos meus, mas parece que só então se torna conciente a solidariedade da humana sorte quando a mão do doador se coloca na mão do indigente. 4)

Tira a vaidade, e todos não passam de simples homens. O verme da riqueza é o orgulho. Dificil é que um rico não seja orgulhoso. Tira o orgulho, e a riqueza não faz mal. O que Jesus censurava no rico não era a riqueza, e o que no pobre louvava não era a pobreza — o que ele condenava naquele era o coração descaridoso, e o que louvava neste era a mente piedosa.

Dinheiro, honras, poder temporal, posição, saude, são bens comuns aos bons e aos maus. São bens, mas exigem tambem homens de bem. Homens maus servem-se deles para o mal; homens de bem, para o bem.

Grande é o rico que não se considera grande por ser rico. Espirito superior é o homem que no meio da riqueza não é contaminado pela molestia do orgulho. Porquanto, bem mais admiravel é não nos deixarmos possuir pelas coisas terrenas que possuimos do que não as possuir de forma alguma. 5)

Deus não olha para a fortuna que alguem possue, mas, sim, para a cobiça. Tambem julgará ao mendigo segundo a cobiça com que foi á caça de bens temporais, e não segundo a fortuna que não foi capaz de conquistar. Muito abandona aquele que não só abandona o que possuia, mas tambem o que desejava possuir.

Quem não tiver riquezas terrenas não procure adquiri-las com meios ilicitos; quem as possue guarde-as para o céu por meio de boas obras. Uma alma cristã ás direitas não se ensoberbece quando afluem riquezas, nem desespera quando faltam. Antes se lembra da palavra do Senhor: "Onde está o teu tesouro aí está tambem o teu coração" (Mt. 6,21),

Vós, que sois pobres, ouvi a minha pergunta: Que é que não tendes quando tendes a Deus?

E vós, que sois ricos, ouvi a minha pergunta: Que é que tendes quando não tendes a Deus? 6)

16. — NOSSOS DEFUNTOS

E' natural que fiquemos tristes quando os nossos queridos nos abandonam, arrebatados pela morte. Pois, embora saibamos que não nos deixam para sempre, mas apenas nos precedem por breve tempo, contudo a morte, que nos enche de pavor, envolve num como véu de saudades o nosso natural sentimento de amor, quando um ente dileto nos é tirado. Pelo que tambem o apostolo nos admoesta, não que não sejamos tristes, mas que a nossa tristeza não seja como "a dos outros que não teem esperança" (1 Ts, 4,12). Entristece-nos a perda dos nossos queridos, mas connsola-nos a esperança de os rehavermos. Se aquela nos é fonte de dores, esta nos é manancial de consolo. Se alí nos fere a fraqueza, cura-nos aqui a fé. Se ali nos acabrunha o destino humano, aqui nos eleva a promessa divina.

Não chorar a morte de entes queridos — talvez que o consiga o coração humano; entretanto, melhor lhe é convalescer humanamente da dor do que tornar-se deshumano não sentindo a dor. Se "indiferença" equivalesse a insensibilidade da alma, não seria esta obtusidade espiritual pior que todas as fraquezas e pecados? E' com razão que a alma cristã tambem conhece sentimentos de temor e de tristeza, de amor e de alegria. Tanto mais enferma, desesperadamente enferma, é a alma dum homem quanto mais tenha perdido o sentimento da dor. 1)

Exequias pomposas, grande acompanhamento, toda a especie de aparato junto ao tumulo, mausoléus esplendidos — pode tudo isto ser tal ou qual consolação para os sobreviventes, mas não é auxilio para os mortos. Mas, pelas orações da igreja, pelo sacrificio salutar, pelas esmolas dadas em prol das almas, é certo que socorremos aos defuntos, de maneira que o Senhor usará para com eles de maior misericordia do que mereceriam os seus pecados. E' esta a tradição dos maiores, e por isso é de praxe em toda a igreja comemorar, na oração, em determinado ponto do santo sacrificio, aqueles que, na comunhão do corpo e sangue de Cristo, faleceram. Pois, as almas dos extintos não estão separadas da igreja, que agora representa o reino de Cristo.

Chorem, pois, por algum tempo, os corações piedosos a morte de seus queridos, derramando lagrimas lenitivas, consoante a lei da humana natureza, mas não tardem a enxugar essas lagrimas sob o influxo da fé, que dá a certeza de que os fieis, na morte, só por um pouco de nós se separam, para entrar num mundo melhor. Nem deixem de colher lenitivo tambem na compaixão que os irmãos lhes manifestam á sepultura, procurando minorar o sofrimento, de maneira que ninguem possa dizer com razão: "Esperei por quem chorasse comigo, e não houve; esperei por quem me consolasse, e não achei". (Sl. 68,21). Haja solicitude, quanto possivel, em torno de sepultura e monumento, uma vez que a sagrada Escritura enumera isto entre as boas obras e lhe tece elogios em se tratando do sepultamento de nosso Senhor; prestem os sobreviventes aos seus esta ultima homenagem, e para suavizar o sofrimento proprio — mas, o que reverte em auxilio real aos defuntos são: o sacrificio, a oração, as esmolas; pelo que procurem pôr nisto ainda muito maior solicitude, se é que eles amam tambem segundo o espirito,

e não só segundo a carne, os seus, que segundo a carne morreram, mas não segundo o espirito.

Bem-aventurado o homem que ama a Deus, e ama em Deus os seus queridos!

Não perde os seus queridos quem ama a todos naquele que não se pode perder. 9)

ORAÇÃO FINAL

Senhor nosso Deus! tu, que nos chamaste, nós te chamamos! Ouvimos a tua vocação — atende á nossa invocação! Conduze-nos para lá aonde prometeste conduzir-nos! Leva, Senhor, a termo final o que iniciaste! Não desampares os teus! Amem (Santo Agostinho).

TITULOS DAS OBRAS COMPLETAS DE SANTO AGOSTINHO

Edição Migne, Paris 1877

1 — Retractationes
2 — Confessiones
3 — Soliloquia
4 — Contra Academicos
5 — De beata vita
6 — De Ordine
7 — De immortalitate animae
8 — De quantitate animae
9 — De Musica
10 — De magistro
11 — De libero arbitrio
12 — De moribus Ecclesiae catholicae, et de moribus Manichaeorum
13 — Regula ad servos Dei
14 — Epistolae
15 — De doctrina christiana
16 — De vera Religione
17 — De Genesi contra Manichaeos
18 — De Genesi ad litteram imperfectus
19 — De Genesi ad litteram
20 — Scripturae sacrae locutiones
21 — Quaestiones in Pentateuchum
22 — Annotationes in Job
23 — De Scriptura sacra speculum
24 — De consensu Evangelistarum
25 — De Sermone Domini in monte
26 — Questiones Evangeliorum
27 — Questiones septemdecim in Evangelium secundum Matthaeu
28 — In Joannis Evangelium
29 — Expositio quarumdam propositionum ex Epistola ad Romanos
30 — Epistolae ad Romanos inchoata expositio
31 — Expositio Epistolae ad Galatas
32 —.Enarrationes in Psalmos
33 — Sermones de Scripturis
34 — Sermones de Tempore
35 — Sermones de Sanctis

36 — De diversis quaestionibus
37 — De diversis questionibus ad Simplicianum
38 — De octo Dulcitii quaestionibus
39 — De fide rerum quae non videntur
40 — De fide et Symbolo
41 — De Fide et Operibus
42 — Enchiridion de Fide, Spe et Caritate
43 — De Agone Christiano
44 — De catechizandis rudibus
45 — De continentia
46 — De bono conjugali
47 — De sancta virginitate
48 — De bono viduitatis
49 — De conjugiis adulterinis
50 — De mendacio
51 — Contra mendacium
52 — De opere Monachorum
53 — De divinatione daemonum
54 — De cura pro mortuis gerenda
55 — De patientia
56 — De Symbolo ad Catechumenos
57 — De disciplina christiana
58 — De cantico novo
59 — De quarta feria
60 — De cataclysmo
61 — De Tempore Barbarico
62 — De utilitate jejunii
63 — De Urbis excidio
64 — De civitate Dei
65 — De Haeresibus ad Quodvultdeum
66 — Tractatus adversus Judaeos
67 — De utilitate credendi ad Honoratum
68 — De duabus animabus contra Manichaeum
69 — Acta seu disputatio contra Fortunatum Manichaeum
70 — Contra Adimantum Manichaei discipulum
71 — Contra Epistolam Manichaei quam vocant Fundamenti
72 — Contra Faustum Manichaeum
73 — De Actis cum Felice Manichaeo
74 — De Natura boni contra Manichaeos
75 — Contra Secundinum Manichaeum
76 — Contra Adversarium Legis et Prophetarum
77 — Ad Orosium contra Priscillianistas et Origenistas
78 — Sermonem Arianorum
79 — Collatio cum Maximinum Arianum
80 — De Trinitate
81 — Psalmus contra partem Donati
82 — Contra Epistolam Parmeniani
83 — De Baptismo contra Donatistas
84 — Contra Litteras Petiliani
85 — Epistola ad Catholicos contra Donatistas, vulgo de Unitate Ecclesiae
86 — Contra Cresconium Grammaticum Donatistam

87 — De unico Baptismo contra Petilianum
88 — Breviculus Collationis cum Donatistis
89 — Post Collationem ad Donatistas
90 — Sermo ad Caesareensis Ecclesiae plebem Emerito praesente habitus
91 — De peccatorum meritis et remissione
92 — De Spiritu et Littera
93 — De Natura et Gratia
94 — De Perfectione justitiae hominis
95 — De Gestis Pelagii
96 — De Gratia Christi et de peccato originali
97 — De nuptiis et concupiscentia
98 — De anima et ejus origine
99 — Contra duas Epistolas Pelagianorum, ad Bonifacium
100 — Contra Julianum
101 — De gratia et libero arbitrio
102 — De correptione et gratia
103 — De praedestinatione Sanctorum

INDICE DAS OBRAS DE SANTO AGOSTINHO CITADAS NA ANTOLOGIA

SANTIFICAÇÃO

A GRAÇA

DA ORAÇÃO

IGREJA DE CRISTO, VISIVEL E INVISIVEL.

OS LIVROS SAGRADOS.

TRADIÇÃO.

IRMÃOS DISSIDENTES.

BORSOI — imprimiu
Senado, 267/269

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Lutas e vitorias de Agostinho



SEGUNDA PARTE

BORSOI — imprimiu
Senado, 267/269




Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01311 2125